

Revista NERA

n. 30



NERA - Núcleo de Estudos, Pesquisas e Projetos de Reforma Agrária

DISCUSIONES ONTOLÓGICAS SOBRE UNA TIPOLOGÍA DE TERRITORIOS
Maximiliano Piedracueva

LA DESCONSTRUCCIÓN DEL DESARROLLO DESDE EL GIRO EPISTÉMICO DES-COLONIZADOR
Gabriel Rodrigues Lopes

**(DE)SECUTIRITIZING COLLECTIVES OF THE BRAZILIAN CERRADO AND
THE IMPLEMENTATION OF AN AGRIBUSINESS COMPLEX**
Matheus Hoffmann Pfrimer e Ricardo César Barbosa Júnior

**ENTRE O AVANÇO DO AGRONEGÓCIO E A POLÍTICA DE ASSENTAMENTOS RURAIS:
A INTERVENÇÃO PÚBLICA NA QUESTÃO AGRÁRIA E FUNDIÁRIA PIAUIENSE**
Patrícia Soares de Andrade e Masilene Rocha Viana

INDICADORES DE SUSTENTABILIDADE CULTURAL DE ASSENTAMENTO RURAIS EM TERESINA-PI
Alyne Maria Sousa Oliveira, Maria do Socorro Lira Monteiro,
Maria Dione Carvalho Moraes e Clarrissa Flávia Santos Araújo

OS MOVIMENTOS SOCIOTERRITORIAIS: ENTRE AS CLASSES E OS MOVIMENTOS POPULARES
David Vásquez Cardona e José Sobreiro Filho

**A REPRODUÇÃO CONTRADITÓRIA DO CAMPESINATO NO CENTRO-SUL DO PARANÁ FRENTE
À TERRITORIALIDADE DO AGRONEGÓCIO: SUBORDINAÇÕES E RESISTÊNCIAS**
Djoni Ross

EDUCAÇÃO DO/NO CAMPO, UM TERRITÓRIO EM DISPUTA: AVANÇOS E CONQUISTAS
Maria Isabel Farias

O ESTUDO DO LUGAR NA ESCOLA DO CAMPO
Franciele Druzian, Ane Carine Meurer,
Angelita Zimmermann e Aline Freitas Dezotti

Jan./Abr
2016



Revista NERA nº. 30

<http://revista.fct.unesp.br/index.php/nera>

EDITORES

**Estevan Leopoldo de Freitas Coca
Camila Ferracini Origuéla
Lorena Izá Pereira
Eduardo Paulon Girardi
Bernardo Mançano Fernandes
Wendy Wolford
Hannah Wittman**

**NERA
Núcleo de Estudos,
Pesquisas e Projetos de Reforma Agrária
Jan/Abr de 2016**

Revista NERA (RNERA) nº. 30

EDITORES

Estevan Leopoldo de Freitas Coca
Camila Ferracini Origuéla
Lorena Izá Pereira
Eduardo Paulon Girardi
Bernardo Maçano Fernandes
Wendy Wolford
Hannah Wittman

CORPO EDITORIAL

Lucas Pauli
Leandro Ribeiro Nieves
José Sobreiro Filho
Luis Felipe Rincón
Hellen Charlot Cristancho Garrido
Hellen Mesquita

CONSELHO CIENTÍFICO

Adriano Rodrigues de Oliveira – UFG (Goiânia, GO, Brasil)
Ana Domínguez Sandoval – UDELAR (Montevidéu, Uruguai)
Anderson Antônio da Silva – FATEC (Presidente Prudente, SP, Brasil)
Antonio Thomaz Júnior – UNESP (Presidente Prudente, SP, Brasil)
Ariovaldo Umbelino de Oliveira – USP (São Paulo, SP, Brasil)
Bernardo Maçano Fernandes – UNESP (Presidente Prudente, SP, Brasil)
Camila Ferracini Origuéla - UNESP (Presidente Prudente, SP, Brasil)
Carlos Alberto Feliciano – UNESP (Presidente Prudente, SP, Brasil)
Ciro de Oliveira Bezerra – UFAL (Maceió, AL, Brasil)
Clifford Andrew Welch – UNIFESP (São Paulo, SP, Brasil)
Djoni Roos – UNIOESTE (Mal. Cândido Rondon, PR, Brasil)
Douglas Cristian Coelho – UNIOESTE (Mal. Cândido Rondon, PR, Brasil)
Eduardo Paulon Girardi – UNESP (Presidente Prudente, SP, Brasil)
Eliane Tomiasi Paulino – UEL (Londrina, PR, Brasil)
Emilia de Rodat Fernandes Moreira – UFPB (João Pessoa, PB, Brasil)
Eraldo da Silva Ramos Filho – UFS (Aracaju, SE, Brasil)
Estevan Leopoldo de Freitas Coca – UNESP (Presidente Prudente, SP, Brasil)
Fernando Mendonça Heck – UNESP (Presidente Prudente, SP, Brasil)
Flavio Bladimir Rodríguez Muñoz – Universidad Externado de Colômbia (Bogotá, Cundinamarca, Colômbia)
Francilane Eulália de Souza – UEG (Formosa, GO, Brasil);
Francisco Hidalgo Flor – Universidad Central del Ecuador (Quito, Pichincha, Equador)
Gláucio Marafon – UERJ (Rio de Janeiro, RJ, Brasil)
Hannah Wittman – UBC (Vancouver, British Columbia, Canadá)
Hellen Charlot Cristancho Garrido – UNESP (Presidente Prudente, SP, Brasil)
Hervé Théry – USP (São Paulo, SP, Brasil) e CNRS (França)
Isaías Tobasura Acuña – Universidad de Caldas (Manizales, Caldas, Colômbia)
Jacob Binsztok – UFF (Niterói, RJ, Brasil)
Janaina Francisca de Souza Campos Vinha – UNESP (Presidente Prudente, SP, Brasil)
João Cleps Júnior – UFU (Uberlândia, MG, Brasil)
João Edmilson Fabrini – UNIOESTE (Mal. Cândido Rondon, PR, Brasil)
João Márcio Mendes Pereira – UFRRJ (Seropédica, RJ, Brasil)
João Rua – UERJ (Rio de Janeiro, RJ, Brasil)
Jorge Ramón Montenegro Gómez – UFPR (Curitiba, PR, Brasil)
José Antonio Segrelles Serrano – Universidad de Alicante (Alicante, Espanha)
José Sobreiro Filho – UNESP (Presidente Prudente, SP, Brasil)
Juliana Grasiéli Bueno Mota – UNESP (Presidente Prudente, SP, Brasil)
Julio Cesar Suzuki – USP (São Paulo, SP, Brasil)
Juscelino Eudâmidas Bezerra – UPE (Petrolina, PE, Brasil)
Luciano Concheiro Borquez – UAM-X (Cidade do México, Distrito Federal, México)
Luis Daniel Hocsman - Universidad Nacional de Córdoba (Córdoba, Argentina)
Luis Felipe Rincón Manrique – UNESP (Presidente Prudente, SP, Brasil)
Manoel Calaça – UFG (Goiânia, GO, Brasil)
Mara Edilara Batista de Oliveira – UFPR (Curitiba, PR, Brasil)
Márcio Freitas Eduardo – UFFS (Erechim, RS, Brasil)
Marta Beatriz Chiappe Hernández – UDELAR (Montevidéu, Uruguai)
Matías Carámbula Pareja – UDELAR (Montevidéu, Uruguai)
Munir Jorge Felício – UNOESTE (Presidente Prudente, SP, Brasil)

Neli Aparecida de Mello – USP (São Paulo, SP, Brasil)
 Nelson Rodrigo Pedon – UNESP (Ourinhos, SP, Brasil)
 Noemia Ramos Vieira – UNESP (Marília, SP, Brasil)
 Omar Angel Arach – Universidad Nacional de Córdoba (Córdoba, Argentina)
 Onélia Carmem Rossetto – UFMT (Cuiabá, MT, Brasil)
 Oscar Bazoberry Chali – UMSA (La Paz, Bolívia)
 Paulo Roberto Alentejano – UERJ (São Gonçalo, RJ, Brasil)
 Renato Emerson Nascimento dos Santos – UERJ (Rio de Janeiro, RJ, Brasil)
 Ricardo Pires de Paula – UNESP (Presidente Prudente, SP, Brasil)
 Roberto Aparecido Mancuzo Silva Junior – UNESP (Presidente Prudente, SP, Brasil)
 Rodrigo Simão Camacho – UNESP (Presidente Prudente, SP, Brasil)
 Rosa Maria Vieira Medeiros – UFRGS (Porto Alegre, RS, Brasil)
 Rosemeire Aparecida de Almeida – UFMS (Três Lagoas, MS, Brasil)
 Samuel Frederico – UNESP (Rio Claro, SP, Brasil)
 Sedeval Nardoque – UFMS (Três Lagoas, MS, Brasil)
 Silvio Simione da Silva – UFAC (Rio Branco, AC, Brasil)
 Tiago Egídio Avanço Cubas – UNESP (Presidente Prudente, SP, Brasil)
 Valéria de Marcos – USP (São Paulo, SP, Brasil)
 Valmir José Valério (Presidente Prudente, SP, Brasil)
 Víctor Martín Martín – Universidad de La Laguna (Espanha)
 Virgínia Marina Rossi Rodriguez – UDELAR (Paysandú, Uruguai)
 Wendy Wolford – Cornell University (Ithaca, New York, Estados Unidos da América)
 Wilder Robles – University of Manitoba (Winnipeg, Canadá)

Revista NERA

Distribuída por



Indexada por



Ficha Catalográfica

Revista NERA. A.1, n. 1, 1998. Presidente Prudente: Núcleo de Estudos, Pesquisas e Projetos de Reforma Agrária – FCT/UNESP.

1998 – ano 1, nº. 1, nº. 2	2010 – ano 13, nº. 16
1999 – interrompida	2010 – ano 13, nº. 17
2000 – ano 3, nº. 3	2011 – ano 14, nº. 18
2001 – interrompida	2011 – ano 14, nº. 19
2002 – interrompida	2012 – ano 15, nº. 20
2003 – interrompida	2012 – ano 15, Edição Especial
2004 – ano 7, nº. 4	2012 – ano 15, nº. 21
2004 – ano 7, nº. 5	2013 – ano 16, nº. 22
2005 – ano 8, nº. 6	2013 – ano 16, nº. 23
2005 – ano 8, nº. 7	2014 – ano 17, nº. 24
2006 – ano 9, nº. 8	2014 – ano 17, nº. 25
2006 – ano 9, nº. 9	2015 – ano 18, nº. 26, Edição Especial
2007 – ano 10, nº. 10	2015 – ano 18, nº. 27
2007 – ano 10, nº. 11	2015 – ano 18, nº. 28, Edição Especial
2008 – ano 11, nº. 12	2015 – ano 18, nº. 29
2008 – ano 11, nº. 13	
2009 – ano 12, nº. 14	Semestral
2009 – ano 12, nº. 15	ISSN 1806-6755

1. Geografia - Periódicos - Grupo de Estudos, Pesquisas e Projetos de Reforma Agrária - FCT/Unesp

ENDEREÇO

Rua Roberto Simonsen, 305, Centro Educacional, 19.060-900, Presidente Prudente, São Paulo, Brasil
 FCT/UNESP – Bloco Docente I – Sala 19

Fone: (18) 3229-5388 – Ramal: 5552

Site: <http://revista.fct.unesp.br/index.php/nera> - e-mail: revistanera@fct.unesp.br

Sumário

- 07** **APRESENTAÇÃO**
PRESENTACIÓN
PRESENTATION

Lorena Izá Pereira

- 10** **DISCUSIONES ONTOLÓGICAS SOBRE UNA TIPOLOGÍA DE TERRITORIOS**
DISCUSSÕES ONTOLÓGICAS SOBRE UMA TIPOLOGIA DE TERRITÓRIOS
ONTOLOGICAL DISCUSSIONS ON THE TERRITORIES' TYPOLOGY

Maximiliano Piedracueva

- 31** **“¡ESE DESARROLLO QUIERE ACABAR CON NOSOTROS/AS!”: DEL HORIZONTE COLONIAL AL GIRO EPISTÉMICO DES-COLONIZADOR**
“ESSE DESENVOLVIMENTO QUER ACABAR COM A GENTE!”: DO HORIZONTE COLONIAL AO GIRO EPISTÉMICO DES-COLONIZADOR
“WE DON'T WANT THAT OFFER 'DEVELOPMENT!": OF THE HORIZON COLONIAL TO THE EPISTEMIC SHIFT DECOLONIZING

Gabriel Rodrigues Lopes

- 58** **(DE)SECURITIZING COLLECTIVES OF THE BRAZILIAN CERRADO AND THE IMPLEMENTATION OF AN AGRIBUSINESS COMPLEX**
COLETIVOS (DE)SECURITIZANTES DO CERRADO BRASILEIRO E A IMPLEMENTAÇÃO DE UM COMPLEXO DO AGRONEGOCIO
COLECTIVOS (DE)SECURITIZANTES DEL CERRADO BRASILÑO E LA IMPLEMENTACIÓN DE UN COMPLEJO DEL AGRONEGOCIO

Matheus Hoffmann Pfrimer e Ricardo César Barbosa Júnior

- 80** **ENTRE O AVANÇO DO AGRONEGÓCIO E A POLÍTICA DE ASSENTAMENTOS RURAIS: A INTERVENÇÃO PÚBLICA NA QUESTÃO AGRÁRIA E FUNDIÁRIA PIAUIENSE**
AMONG THE AGRIBUSINESS ADVANCE AND THE RURAL SETTLEMENTS: THE PUBLIC INTERVENTION IN AGRARIAN AND LAND ISSUES AT STATE OF PIAUÍ
ENTRE EL AVANCE DE LOS AGRONEGOCIOS Y LA POLITICA DE ASENTAMIENTOS RURALES: LAS INTERVENCIONES PÚBLICAS EN CUESTIONES DE LA TIERRA Y LA CUESTIÓN FUNDIARIA DE LO ESTADO DEL PIAUÍ

Patrícia Soares de Andrade e Masilene Rocha Viana

INDICADORES DE SUSTENTABILIDADE CULTURAL DE ASSENTAMENTO RURAIS EM TERESINA-PI

98

CULTURAL SUSTAINABILITY INDICATORS ON RURAL SETTLEMENTS IN TERESINA-PI

INDICADORES DE SOSTENIBILIDADE CULTURAL DE ASENTAMIENTOS RURALES EN TERESINA-PI

Alyne Maria Sousa Oliveira, Maria do Socorro Lira Monteiro, Maria Dione Carvalho Moraes e Clarrissa Flávia Santos Araújo

OS MOVIMENTOS SOCIOTERRITORIAIS: ENTRE AS CLASSES E OS MOVIMENTOS POPULARES

148

THE SOCIOTERRIAL MOVEMENTS: BETWEEN CLASSES AND POPULAR MOVEMENTS

LOS MOVIMIENTOS SOCIOTERRITORIALES: ENTRE LAS CLASES Y LOS MOVIMIENTOS POPULARES

David Vásquez Cardona e José Sobreiro Filho

A REPRODUÇÃO CONTRADITÓRIA DO CAMPESINATO FRENTE A TERRITORIALIDADE DO AGRONEGÓCIO: SUBORDINAÇÕES E RESISTÊNCIAS EM ASSENTAMENTOS RURAIS NO CENTRO-SUL DO PARANÁ

169

THE CONTRADICTION REPRODUCTION OF THE PEASANTRY FRONT OF AGRIBUSINESS TERRITORIALITY: SUBORDINATION AND RESISTANCE IN RURAL SETTLEMENTS IN THE SOUTH-CENTRAL PARANÁ

LA REPRODUCCIÓN CONTRADICTORIA DEL CAMPESINADO FRENTE LA TERRITORIALIDAD DEL AGRONEGOCIO: SUBORDINACIÓN Y RESISTENCIA EN LOS ASENTAMIENTOS RURALES EN EL CENTRO-SUR DEL PARANÁ

Djoni Ross

EDUCAÇÃO DO/NO CAMPO, UM TERRITÓRIO EM DISPUTA: AVANÇOS E CONQUISTAS

188

THE EDUCATION OF THE COUNTRYSIDE, A TERRITORY IN DISPUTE: PROGRESS AND ACHIEVEMENTS

EDUCACIÓN DEL/EN EL CAMPO, UN TERRITORIO EN DISPUTA: LOGROS Y AVANZOS

Maria Isabel Farias

O ESTUDO DO LUGAR NA ESCOLA DO CAMPO

205

THE STUDY OF PLACE ON THE SCHOOL OF THE COUNTRYSIDE

EL ESTUDIO DEL LUGAR EN LA ESCUELA DEL CAMPO

Franciele Druzian, Ane Carine Meurer, Angelita Zimmermann e Aline Freitas Dezotti

COMPÊNDIO DE AUTORES

229

COMPENDIUM AUTHORS

COMPENDIO AUTORES

COMPÊNDIO DE EDIÇÕES

245

COMPENDIO EDITIONS

COMPENDIO EDICIONES

APRESENTAÇÃO

A Revista NERA no ano de 2016 possui uma novidade: as publicações deixaram de ser semestrais para se tornarem quadrimestrais. A trigésima edição da Revista NERA é composta por nove artigos que abordam diversas temáticas tais como teoria dos territórios, desenvolvimento territorial, avanço do agronegócio no Cerrado, assentamentos rurais, movimentos socioterritoriais, educação do campo, entre outras. Diante da variedade das temáticas apresentadas nesta edição podemos afirmar que a Revista NERA cada vez mais se destaca nas discussões acerca da questão agrária em diversas escalas e em diversos territórios, enfatizando os elementos mais atuais para a discussão da questão agrária em escala global.

No primeiro artigo desta edição sob o título “Discusiones ontológicas sobre una tipología de territorio”, o autor Maximiliano Piedracueva explora o conceito de território como categoria analítica das ciências humanas, trazendo para o debate a tipologia dos territórios com base no material e no imaterial. Para realizar este debate Piedracueva primeiramente abordou a ideia de matéria e essência para assim chegar a uma discussão de imaterialidade. Posteriormente o autor analisa as esferas do material e do imaterial, sempre enfatizando o papel analítico destas duas categorias. Por fim, realiza um debate sobre o conceito de território apresentando o seguinte questionamento: o território é material e imaterial ou são dois tipos de territórios distintos?

No artigo intitulado “¡Ese desarrollo quiere acabar con nosotros/as!”: del horizonte colonial al giro epistémico des-colonizador, o autor Gabriel Rodrigues Lopes apresenta como objetivo a compreender como a ideia de desenvolvimento se estabelece em um novo modelo de poder colonial. Para isso Lopes desconstrói criticamente o conceito de desenvolvimento desde suas premissas básicas até a sua prática cotidiana, através dos dispositivos de poder, os imaginários e mitos que sustentam o desenvolvimento imposto pelos colonizadores na América Latina, sobretudo na Argentina, Brasil e México. O artigo está dividido em duas partes, a primeira na qual o autor apresenta o contexto político em que se configura desde a colonização europeia na América Latina, que é a base para a conformação da ideia de desenvolvimento. Em um segundo momento apresenta uma crítica ao enfoque do pós-desenvolvimento como uma construção social e histórica do desenvolvimento.

No terceiro artigo intitulado (De) Securitizing collectives of the Brazilian Cerrado and the implementation of na agribusiness complex, os autores Matheus Hoffmann Pfrimer e Ricardo César Barbosa Júnior a partir da Teoria do Ator Rede (ANT) apresentam o Cerrado brasileiro como um espaço de (in)segurança o que permitiu a implantação de um complexo agroindustrial e expansão da fronteira agrícola na região, modificando intensamente a

paisagem. Deste modo, os autores discutem através da geopolítica os atores-rede presentes na disputa securitizante/desecuritizante pelo espaço no Cerrado, com o objetivo de garantir a implantação do agronegócio desta região tão disputada atualmente.

As autoras Patricia Soares de Andrade e Masilene Rocha Viana em seu artigo “Entre o avanço do agronegócio e a política de assentamentos rurais: a intervenção pública na questão agrária e fundiária piauiense” analisam a intervenção do Estado na questão agrária do Piauí, sobretudo no que diz respeito ao processo de formação de assentamentos rurais no estado frente a uma negligência do Estado, que apoia um modelo de desenvolvimento cada vez mais pautado no avanço do agronegócio. Para realizar tal discussão Soares e Viana abordam primeiramente a questão agrária e fundiária do Piauí, em que evidenciam a concentração de terras uma vez que 82.200 minifúndios totalizam uma área de 1.902.754,39 hectares enquanto 2.872 latifúndios correspondem a 10.603.094 hectares. Posteriormente apresentam o processo de formação de assentamentos rurais no Piauí, expondo e questionando os números do Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária (INCRA) a respeito da população assentada no estado. Por fim abordam a territorialização do agronegócio e os incentivos do Estado na produção de grãos no Piauí.

O artigo “Indicadores de sustentabilidade cultural de assentamentos rurais em Teresina-PI”, as autoras Alyne Sousa Oliveira, Maria do Socorro Lira Monteiro, Maria Dione Carvalho Moraes e Clarissa Flávia Santos Araújo analisam as condições de vida nos assentamentos rurais de Teresina a partir da dimensão cultural de seus habitantes como um indicador de sustentabilidade. Para realizar esta análise as autoras formularam proposta metodológica de indicadores culturais orientada dos projetos de reforma agrária a partir de resultados verificados em três assentamentos rurais no município de Teresina. As autoras concluem que esta perspectiva é negligenciada na política de reforma agrária.

O sexto artigo desta edição com o título “Os movimentos socioterritoriais: entre as classes e os movimentos populares”, os autores David Vásquez e José Sobreiro Filho realizam uma reflexão a respeito dos movimentos socioterritoriais com o intuito de destacar a importância da leitura sobre as classes sociais, os movimentos populares e o território. Em um primeiro momento os autores apresentam uma leitura sobre a composição da subjetividade das classes populares a partir da leitura de Gramsci. Posteriormente apresentam a discussão de constituição dos movimentos populares. Por fim, analisam os movimentos populares como movimentos socioterritoriais, afirmando que o território é um elemento indispensável para a compreensão de lutas e resistências.

No artigo “A reprodução contraditória do campesinato frente a territorialidade do agronegócio: subordinações e resistências em assentamentos rurais no Centro-Sul do Paraná”, o autor Djoní Roos a partir do estudo de quatro assentamentos localizados na mesorregião Centro-Sul do Paraná problematiza a territorialidade do agronegócio no interior

destes assentamentos rurais com o objetivo de compreender as conflitualidades, contradições e resistências geradas nesse processo. Roos inicia com a discussão das contradições da territorialidade do agronegócio no território camponês através da análise da relação dialética contida na territorialidade do agronegócio em território camponês, representadas nos assentamentos estudados através da fumicultura e do sistema agrícola do agronegócio. Por fim, o autor traz para o debate a agroecologia como resistência frente a territorialidade do agronegócio em território camponês.

A autora Maria Isabel Farias em seu artigo intitulado “Educação do/no campo, um território em disputas: avanços e conquistas” analisa o processo de territorialização da educação no campo no Paraná, ressaltando que esta territorialização ocorreu de diversas formas e considerando distintos aspectos como no Estado, nas escolas, nas universidades e até mesmo da produção teórica. Farias destaca que a solução não é apenas manter o estudante na escola do campo, mas que é necessária uma estrutura física e pedagógica para garantir ao estudante o acesso a educação. Deste modo a autora entende que a educação do campo compreende a escola como um dos espaços de construção e formação que precisa ser assumida por todos aqueles que entendem que o campo é um lugar onde há conhecimento e relações sociais.

No último artigo da trigésima edição, com o título “O estudo do lugar na Escola do Campo”, as autoras Franciele Druzian, Ane Carine Meurer, Angelita Zimmermann e Aline Freitas Dezotti apresentam uma investigação sobre o lugar na educação do campo, abordando do lugar como uma categoria significativa para contextualização sócio histórica do espaço Para isso as autoras centraram suas análises na Educação Infantil através da Escola Municipal de Ensino Fundamental Major Tancredo Penna de Moraes, no município de Santa Maria (RS). Para atingir seus objetivos as autoras analisam os significados do lugar, os sujeitos e as experiências na escola do campo. Por fim, concluem que a concepção de lugar está extremamente vinculada com o processo de conhecimento.

Desejo a todos uma ótima leitura!

Lorena Izá Pereira
Editora da Revista NERA

Discusiones ontológicas sobre una tipología de territorios¹

Maximiliano Piedracueva

Licenciado en Ciencias Sociales por FCS. Universidad de la República.

Maestrando en Ciencias Agrarias en Facultad de Agronomía, UdelaR.

Docente e investigador en UdelaR.

e-mail: maxipc85@gmail.com

Resumen

El presente escrito se adentra en la discusión sobre el concepto de territorio como categoría analítica en el área de las ciencias sociales y humanas. En concreto, se discute la posibilidad de una tipología de territorios con base en su esencia material e inmaterial. En primer término entonces se abordará la idea de materia y esencia logrando con ello acercarse a la idea de inmaterialidad. Posteriormente se analiza la ontología de lo social discutiendo las esferas de lo material y de lo inmaterial con especial énfasis en el rol analítico de este tipo de categorías. Finalmente se realiza un acercamiento al debate ya establecido sobre la concepción de territorio y de si este es material e inmaterial o si son dos tipos distintos de territorios.

Palabras claves: Territorio; tipología; inmaterial.

Discussões ontológicas sobre uma tipologia de territórios.

Resumo

O presente artigo explora a discussão sobre o conceito de território como categoria analítica na área de ciências sociais e humanas. Em particular, é discutida a possibilidade de uma tipologia de territórios com base em sua essência materiais e imateriais. Em primeiro lugar, então, a ideia de matéria e substância serão abordadas conseguindo assim aproximar a ideia de imaterialidade. Posteriormente ontologia do social é analisada pra discutir as esferas do material e do imaterial, com especial ênfase sobre o papel analítico dessas categorias. Finalmente uma abordagem para o debate já estabelecido com o conceito de território e se for material e imaterial ou são dois tipos diferentes de territórios.

Palavras-chave: Território; tipologia; imaterial.

Ontological discussions on the territories' typology

Abstract

The present paper explores the discussion on the concept of territory as an analytical category in the area of social and human sciences. In particular, the possibility of a typology of territories based on their material and immaterial essence is discussed. First, then, the idea of matter and substance will be addressed thereby achieving approach the idea of immateriality. Subsequently ontology is analyzed discussing social spheres of the material

¹ "Trabajo presentado como criterio de evaluación final del curso "Territorios inmateriales, Educación del Campo y Desarrollo Rural: el Caso de los Territorios da Ciudadanía en Brasil", dictado por las profesoras Drs. Janaina de Souza Campos y Noemia Ramos Vieira en el Programa de Posgrados de la Facultad de Agronomía, Maestría en Ciencias Agrarias y Diploma y Maestría en Desarrollo Rural Sustentable, en 2014. Artículo producido en el marco del Proyecto CAPES 014/2011 – UNESP/UEDELAR, Questão Agrária e Desenvolvimento Territorial Rural no Brasil e Uruguai".

and the immaterial with special emphasis on the analytical role of such categories. Finally an approach to the debate already established on the concept of territory and if it is material and immaterial or are two different types of territories.

Key words: Territory; typology; immaterial

Introducción

El presente escrito se adentra en la discusión sobre el concepto de territorio como categoría analítica en el área de las ciencias sociales y humanas. En concreto, se discute la posibilidad de una tipología de territorios con base en su esencia material e inmaterial. En primer término entonces se abordará la idea de materia y esencia logrando con ello acercarse a la idea de inmaterialidad. Posteriormente se analiza la ontología de lo social discutiendo las esferas de lo material y de lo inmaterial con especial énfasis en el rol analítico de este tipo de categorías. Finalmente se realiza un acercamiento al debate ya establecido sobre la concepción de territorio y de si este es material e inmaterial o si son dos tipos distintos de territorios.

Se intenta argumentar en este trabajo que los territorios, como espacios físico-sociales, son en primer término una abstracción, un constructo del pensamiento humano. En este sentido se entiende que un determinado territorio es producto de determinado enfoque de pensamiento, de determinado paradigma. Incluso el no reconocimiento de la existencia de territorios físico-sociales es también producto de un paradigma. Esto es así a tal punto que podemos entender junto con Mançano Fernandes que los paradigmas son en sí mismos territorios inmateriales.

Tras esta lógica de razonamiento un paradigma es un territorio inmaterial y éste, a su vez, determina la existencia o no de territorios, al menos como categoría analítica; por tanto, todo territorio contiene en su génesis un componente inmaterial vinculado al paradigma que lo crea. Esta afirmación toma aquí una forma de tesis en tanto que el producto del artículo se construye con el argumento que la sostiene.

El trabajo se estructura desde una visión teórica y epistemológica. Esto se fundamenta en que el ejercicio lógico-analítico sobre las formas materiales e inmateriales del territorio se enfrenta a dos grandes problemáticas. En un primer término a la discusión teórica de estructura y acción y de esencia y existencia. Esta problemática refiere a la discusión de si la esencia precede a la existencia o si por el contrario la existencia precede a la esencia, y junto con ello, si los sujetos existimos consciente e independientemente de lo que somos y del rol que ocupamos, o si por el contrario somos sujetos pasivos condicionados por determinantes estructurales.

Una segunda problemática, consecuente de la primera, recae en la dificultad de percibir la posibilidad de conocimiento de una estructura o de una acción, de una esencia o de una existencia, pero por sobre todo, en la dificultad de conocer cómo se relacionan ambas. De esta manera el presente artículo se encamina en una senda empedrada y con pocas luces intentando discutir la potencialidad de análisis de una categoría de territorio bajo una óptica de transformación social.

Como recomendación al lector debe señalarse que el artículo es un todo y no una suma de apartados, en este sentido los capítulos no son auto-contenidos sino que cobran sentidos en relación al texto completo.

Materia, esencia y existencia

Pues bien, nosotros hemos dicho que el alma es una idea, que existe en la cosa pensante y que procede de la existencia de una cosa que existe en la naturaleza (BARUCH SPINOZA).

El ser existe a medida que toma decisiones. Esta frase, que podría tomarse como referente del existencialismo filosófico, abre un debate acerca de la materialidad y de la inmaterialidad, pero por sobre todas las cosas, sobre la preeminencia de cada una de las esferas en la sociedad. La idea de esencia y de materia ha sido discutida y fundamentada desde distintas vertientes filosóficas pero principalmente desde el idealismo objetivo y desde el materialismo. Para estas corrientes la esencia forma parte inherente del ser, es lo que somos más allá de nuestro pensamiento y de nuestra consciencia. Particularmente el materialismo expande esta idea a una estructura social, lo material determina el ser, por tanto, el ser es inmutable, esto es, la esencia es inmutable pues se debe a las condiciones materiales de existencia. Si bien se reconoce un factor subjetivo en la interpretación del ser, este factor es entendido como *apariencia*, como algo alejado de la realidad aunque sea producto de la misma.

Por otra parte, la existencia, es aquel concepto que fue utilizado para explicar y reivindicar el margen de acción del sujeto más allá de las condiciones materiales de existencia. Siguiendo a Copleston (1948) lo que “*todos los existencialistas tienen en común es la doctrina fundamental de que la existencia precede a la esencia.*” La idea de existencia es que el ser es un sujeto consciente y responsable, y que por tanto, toma decisiones independientemente de su contexto material, negando entonces la idea de esencia.

Con motivo del presente artículo conviene señalar un par de elementos. Admitir que el territorio es un constructo del pensamiento humano implica aceptar la afirmación de que la realidad no es objetiva sino que es construida tanto subjetiva como intersubjetivamente. La afirmación de que el territorio es un constructo humano se fundamenta con el simple hecho

de que no todos aceptamos la existencia de *territorios*, ni como facto ni como categoría analítica. En segundo lugar, la referencia físico-espacial del concepto de territorio nos obliga a aceptar un componente objetivo, esto es, que existe en tanto objeto más allá de la interpretación humana que lo medie. Ante esta posible contradicción podríamos plantearnos junto con Berkeley la siguiente pregunta: ¿qué son los objetos sino las cosas que nosotros percibimos por nuestros sentidos, y qué otra cosa percibimos aparte de nuestras propias ideas o sensaciones? (BERKELEY, 1710)²

La idea de territorio, entonces, es en primer lugar una idea, un concepto, con base en algo material, pero que esa base material es interpretada de manera *ideal*. Esta *manera ideal* le llamaremos aquí paradigma con fines conmensurables, aunque en realidad nos referimos a un *estilo de pensamiento* en el sentido otorgado por Fleck (1986) De esta manera el hecho de que nuestro paradigma admita ontológicamente la existencia de la materia o de las ideas se vuelve un factor clave en qué entenderemos por territorio, y principalmente en cómo entenderemos ese territorio.

Esta discusión filosófica quizás parezca por demás abstracta y su vínculo con el concepto de territorio débil, sin embargo, el argumento es que la ontología del territorio es un factor central al momento de utilizarlo como categoría analítica. La ontología del territorio es, precisamente, si este existe o no existe, si es o no es una entidad, si es o no es inteligible, si es o no es más allá de nuestras percepciones. Seguidamente discutiremos cuál ha sido el alcance de estas discusiones filosóficas en el área de las ciencias sociales con especial ahínco en la sociología.

Lo inmaterial, lo subjetivo y lo intersubjetivo en las ciencias sociales

Si tratamos de contemplar el espejo en sí no encontramos más que los objetos que se reflejan en él. Si deseamos coger estas cosas no encontramos más que el espejo. Aquí está la historia general del conocimiento. (FRIEDRICH NIETZSCHE)

En este apartado se abordan algunas cuestiones claves en el ámbito de las ciencias sociales. Se parte de la discusión crítica entre los abordajes ontológicos y epistemológicos vinculados al conocimiento de las relaciones sociales. Como primer punto debe señalarse que la discusión entre ser y conocer refiere a que históricamente la epistemología ha centrado sus debates sobre objetos dados. Singularmente las discusiones epistemológicas vinculadas a las ciencias naturales debaten sobre la posibilidad y fiabilidad de conocer la naturaleza sin cuestionarse la existencia de tal naturaleza.

² Berkeley fue un empirista que negaba la idea de abstracción así como también la *realidad* de la materia. Todo objeto material es producto de nuestras sensaciones y nuestras sensaciones son ideas.

El debate ontológico, considerado entonces previo, entiende que no existe per se una naturaleza dada. Ante la pregunta ¿es posible conocer el funcionamiento del clima?, una mirada ontológica se preguntaría ¿existe tal cosa? La mirada ontológica siempre está implícita en la construcción de conocimiento, esto es que antes de conocer, el sujeto ya determinó la existencia de su objeto. Según sea la ontología del sujeto será la discusión epistemológica y metodológica, tanto a nivel de conocimiento científico como de cualquier otro modo de construir conocimiento. Retomando el ejemplo de la pregunta anterior, ante la escasez de lluvias en un determinado espacio, un meteorólogo no lograría acordar un método explicativo con un indígena debido a sus diferencias ontológicas. Mientras uno asume la existencia de seres no terrenales que afectan al clima el otro solamente admite la existencia de factores terrenales y naturales. En este sentido dado, la validez del conocimiento en uno y otro caso no es motivo de discusión porque el meteorólogo no puede acordar una manera de conocer algo que no existe.

La discusión ontológica en las ciencias sociales es producto directo de la filosofía y de su abordaje de lo social. Se toman aquí algunos de los aportes de la fenomenología y en concreto de la incorporación de su método a la sociología por parte de Alfred Schütz. El sociólogo austríaco elaboró una teoría social con base en la fenomenología de Husserl y la sociología weberiana; para él, la realidad social sólo existe en relación al sujeto que la percibe, y esta percepción es producto de las interacciones sociales. Cada sujeto existe en relación a una estructura determinada pero dicha estructura es percibida e interpretada según una significación determinada. “Para Schutz, el significado es intersubjetivo; es decir, se construye considerando al otro y en interacción con el otro, lo que ocurre en el mundo de la vida cotidiana”. (HERNÁNDEZ; GALINDO, 2007, p 234) Esto es así porque el significado de las acciones no es propio de quien las ejecuta sino que es también producto de quien las percibe. Junto con Schütz y Weber, pueden citarse personajes tales como Dewey, Berger y Luckman, Mead, Garfinkel, entre otros, quienes, si bien con significativas diferencias, comparten el vector hermenéutico de la sociología. Este vector hermenéutico considera que la sociedad se construye a partir de acciones cargadas de significados e intencionalidades y que, por tanto, entender el funcionamiento de la sociedad implica comprender esos significados.

Situándonos en el otro extremo encontramos que “en la producción social de su vida los hombres establecen determinadas relaciones necesarias e independientes de su voluntad” (MARX, K, 1859) Las corrientes materialistas y estructuralistas de las ciencias sociales niegan la autonomía del sujeto quien para ellos está directamente ligado a las condiciones materiales de existencia. Para estas corrientes existe una realidad objetiva, por fuera del sujeto y de sus interpretaciones, que condiciona la cotidianidad de las personas. De seguro las principales referencias son Marx para el materialismo, Durkheim para el

funcionalismo y Parsons para el estructuralismo, sin embargo existen muchas corrientes sociológicas, económicas y antropológicas que parten desde esta visión al momento de entender la vida en sociedad; Henri Lefebvre, por ejemplo, realiza un aporte sustancial desde una sociología materialista a la construcción del pensamiento geográfico sobre el espacio.

Más allá de las diferencias teóricas entre estas dos grandes corrientes, subyacen dos diferencias sustanciales: una ontológica y una epistemológica. Con respecto a esta última debe señalarse que las corrientes materialistas asumen una realidad objetiva y por tanto entienden la posibilidad de conocimiento desde una postura de sustracción, esto es, que el conocimiento de la realidad debe ser sustraído de ella, el conocimiento ya existe y debe ser adquirido. Así entendida, la doctrina materialista sostiene que “lo que media los hechos no es tanto el mecanismo subjetivo que los preforma y concibe, como la objetividad heterónoma al sujeto tras lo que éste puede experimentar.” (ADORNO, 1975, p173) Si bien existen varias doctrinas materialistas todas comparten que lo primordial es la materia, y respecto a la construcción de conocimiento, a las ciencias sociales ha llegado con mayor énfasis la doctrina del materialismo metodológico referenciado por Hobbes y Leibniz, y luego tomado en parte por Marx y Engels. El materialismo metodológico en su fase más radical establece que todo objeto de conocimiento debe ser material, y en su fase más común, establece que para entender a los procesos sociales debe explicarse la base material sobre la cual se producen las ideas (DESANTI, 1975).

Por su parte las corrientes interpretativas niegan la existencia de un conocimiento objetivo pues en coherencia con el hecho de que la realidad es construida a partir de significados, el conocimiento de la misma cumple los mismos requisitos. En este sentido el investigador es un sujeto activo en la generación de conocimiento tomando, en la discusión objeto-sujeto, una posición opuesta a los materialistas. Las corrientes interpretativas o hermenéuticas postulan que el individuo de ciencia “intentará el ordenamiento del mundo sensible convirtiéndolo en objeto a partir de las categorías subjetivas de su entendimiento.” (ALFARO, s/d, p 132) En posturas radicales las corrientes interpretativas pueden fundirse con el subjetivismo entendido este como aquella doctrina que entiende que toda verdad está directamente vinculada a la percepción del sujeto y por tanto, existen verdades singulares, individuales negando la posibilidad de verdades generales y absolutas. La frase que inicia este apartado es de uno de los principales exponentes del subjetivismo como doctrina filosófica.

Las discusiones teóricas y epistemológicas sobre sujeto-objeto en ciencias sociales aún mantienen su vigencia y, al entender de algunos, es adecuado que tal discusión se mantenga, mientras que otros, piensan que la discusión no tiene sentido. Rorty, Feyerabend y Foucault, a modo de ejemplo planteaban que el conocimiento no puede reducirse a un *tipo*

de conocimiento y defendían la postura del *todo conocimiento es válido*. No obstante estas propuestas, la mayor parte de los científicos sociales mantiene la imagen de una teoría *todo explicativa* al estilo positivista, aún cuando se opongan a dicha corriente, y por tanto siguen en la búsqueda de teorías y corrientes que le permitan explicar todos y cada uno de los fenómenos y hechos que se dan en sociedad.

Por detrás de los debates clásicos de orden epistemológicos existe, como se insiste en este trabajo, un debate ontológico que no ha tenido suficiente profundidad en los ámbitos académicos. Quizás uno de los primeros intentos de ruptura ontológica en las ciencias sociales sea el realizado por Marx en sus Tesis contra Feuerbach y quizás el más ilustrativo sea la obra *El Suicidio* de Durkheim en la cual da cuenta de que el hasta entonces hecho psicológico del suicidio se explicaba más por razones sociales que por razones psíquicas. Estos trabajos, más allá de sus aportes teóricos, dan fundamento a la existencia de lo social como *cosa*, como *ser*. El filósofo John Searle se plantea de este modo el debate ontológico:

"he aquí, pues, el esqueleto de nuestra ontología; vivimos en un mundo compuesto enteramente de partículas físicas en campos de fuerza. Algunas de ellas están organizadas en sistemas. Algunos de esos sistemas son sistemas vivos, y algunos de esos sistemas han adquirido evolucionariamente conciencia. Con la conciencia viene la intencionalidad, la capacidad del organismo para representarse objetos y estados de cosas mundanos. La cuestión es ahora: ¿cómo podemos dar cuenta de la existencia de hechos sociales dentro de esta ontología?" (SEARLE, 1997, p. 26-27).

Estos intentos se han focalizado en la ontología de lo social, esto es, dar cuenta de que hay algo que podemos llamar *lo social*. Donde menos se ha enfocado el debate en las diferencias teóricas dentro de las ciencias sociales que tienen, según se entiende en este artículo, una base ontológica. No todas las corrientes y doctrinas de las humanidades comparten los mismos supuestos ontológicos, si bien comparten la idea de que existe una *cosa social* no hay acuerdo sobre cómo se conforma tal *cosa*; y si bien ese debate puede ser teórico contiene muchas implicancias ontológicas. Tal es el caso de la categoría de *territorio*, la cual se discute en este artículo.

Al momento de determinar qué es lo que existe se puede determinar cómo conocerlo. El debate de las ciencias sociales iniciado en la década del '60 del siglo pasado, introdujo la necesidad de articular dos posturas extremas que no daban cuenta por sí mismas de la realidad social. Ni acción ni estructura eran por sí un fiel reflejo de la vida en sociedad. Esta necesaria articulación es producto en sí de una visión ontológica y epistemológica determinada, parte del supuesto de que existe algo acordado a ser explicado, y que este algo puede ser explicado por un modo de conocimiento en específico, el científico. Estos supuestos promueven entonces un desarrollo científico y teórico en busca de una explicación total, esto es, una teoría *todo explicativa*.

Los debates en este sentido han generado distintas propuestas tanto epistemológicas como teóricas. El constructivismo del sociólogo francés Bourdieu tanto como la teoría de la estructuración del británico Giddens son quizás las expresiones principales de estos intentos mediadores. Para uno y para otro, con diferentes énfasis, las relaciones sociales son el objeto de estudio, y por tanto, la definición ontológica de lo que existe. Estas relaciones sociales están inmersas en determinada estructura objetiva y los sujetos se mueven dentro de ella con la libertad de poder recurrir a diferentes recursos (Giddens) o capitales (Bourdieu). La estandarización de distintas relaciones sociales tiene la capacidad en el largo plazo de modificar la estructura. Esta estructura está dada por elementos materiales e inmateriales, y según sea el autor, estas características cobran mayor o menor relevancia. La estructura material está dada por las condiciones materiales de existencia y de ellas surge una estructura inmaterial: clases sociales y relaciones de clases, y reglas, o campos. Los conceptos entre los autores no son homólogos, sino que son constructos teóricos distintos para explicar objetos similares, en este caso, las relaciones sociales.

Esta caracterización se presenta en este trabajo pues se perciben similitudes con la conceptualización de espacio y territorio realizada por el Prof Mançano Fernandes, que es la conceptualización aquí analizada. Según Fernandes los territorios son estructuras estructuralizantes, son producto y productores de determinadas relaciones sociales y, al mismo tiempo, cuentan con componentes estructurales y de acción tanto como por elementos materiales e inmateriales. Esta condición de retroalimentación es en sí una postura mediadora entre el debate de estructura y acción. Según esta postura los territorios son espacios apropiados por las relaciones sociales, “o território é o espaço apropriado por uma determinada relação social que o produz e o mantém a partir de uma forma de poder” (FERNANDES, 2005, p. 27). Si bien, entonces, el territorio es producto de determinadas relaciones sociales las cuales pueden estar determinadas por componentes materiales, el Prof. Fernandes agrega en su afirmación que las relaciones sociales producen el territorio a partir de una forma de poder.

En esta lectura las relaciones sociales de interés son, precisamente, las relaciones de poder. ¿De qué poder? Según la lectura de los trabajos de Fernandes, este poder puede ser un poder económico, un poder simbólico, un poder militar, etc. La relación de poder, en concreto, la lucha de poder entre los sujetos que habitan el espacio, determinará que sea tal o cual territorio.

Junto con lo anterior, y ya asumiendo que tales afirmaciones presentan un debate al menos ontológico, se entiende que los territorios son creados por un componente inmaterial (FERNANDES, 2009, p. 18) En este contexto la materialidad y la inmaterialidad de los territorios puede entenderse como dos partes de un territorio o como dos formas de

un territorio. Según sea la opción escogida, juegan un rol distintivo los componentes analíticos de objetividad y subjetividad. Si un territorio tiene un componente material e inmaterial el rol analítico de la subjetividad pasa a ocupar un lugar de intersubjetividad y la teoría puede catalogarse como mediadora en la discusión estructura y acción, esto es que se entendería que el territorio es un constructo compuesto por elementos materiales y simbólicos y que por tanto existe una estructura objetiva y un margen de acción hacia los sujetos.

En caso de que se entienda que los territorios pueden tomar dos formas, una material y otra inmaterial, el análisis se divide en dos naturalezas distintas, si bien conectadas. Admitir que existe un territorio material implica reconocer que existen condiciones materiales de existencia por fuera de los sujetos, y por tanto, el análisis de ese territorio material debe poner el foco en las condiciones objetivas que determinan la esencia de los sujetos. Paralelamente se analizaría el territorio inmaterial atendiendo a cuestiones simbólicas y subjetivas de los sujetos. Esta opción analítica se enfrenta a un desafío epistemológico y metodológico al momento de dar cuenta de las relaciones entre un territorio y otro, aún, y a pesar, de la afirmación de que los territorios materiales e inmateriales se encuentran interconectados.

Tipos y formas de territorios

En los apartados anteriores se han esbozado algunas ideas y discusiones en torno a la naturaleza analítica de lo material y lo inmaterial de manera un tanto abstracta. En este apartado se aborda una conceptualización concreta de territorio y cómo esa conceptualización está atravesada por definiciones ontológicas sobre lo material y lo inmaterial.

Los territorios son espacios determinados y delimitados por relaciones de poder.

El concepto de territorio puede significar el espacio físico en diversas escalas: desde el espacio geográfico de una nación, de una región, de un estado, de una microregión, de un municipio, de un barrio, de una calle, de una propiedad, de partes de una vivienda. Ese es su sentido absoluto, objetivo, concreto, material y localizado. El concepto de territorio puede significar también espacios sociales en sus diversas dimensiones: culturales, políticas, económicas, históricas, o sea, las relaciones sociales en su complejidad, espacialidad y temporalidad. Inclusive en el plano de las ideas, de la construcción de conocimientos y sus diferentes lecturas de las realidades, del sentido y del significado, de las divergencias y convergencias, del diálogo y del conflicto. Ese es su sentido relacional, subjetivo, abstracto, representable e indeterminado. Por lo tanto, tenemos territorios en movimiento (FERNANDES, 2004, p. 28).

Entender al territorio como un espacio de relaciones, más aún, como un espacio transformado por relaciones de poder, implica reconocer ante todo la existencia de un espacio físico sobre el cual las personas interactúan transformándolo. Estas relaciones son relaciones de poder, relaciones de dominio en las cuales surgen constantemente dominadores y dominados. Las herramientas y recursos utilizados en estas luchas de poder dependerán del tipo de territorio que estemos analizando.

Fernandes (2009) propone que los tipos de territorio pueden clasificarse según su forma, su orden y su tipo. Su forma puede ser material o inmaterial, a su vez pueden ser estos de gobernanza, de propiedad privada y de espacios relacionales. La escala de los territorios refiere a la dimensión de este en un espacio físico, esto es, un país, una región, un barrio, etc.

Dentro de los territorios materiales Fernandes reconoce tres tipos de territorios: “los territorios fijos y fluidos son los espacios de gobernanza, las propiedades privadas y los espacios relacionales.” (FERNANDES, 2009, p10) Estos tipos, a su vez, cuentan con características de ser fijos y/o fluidos. El primer territorio es entendido como el espacio de gobernanza, como el espacio político-administrativo de un Estado. Dentro de este territorio se mueven los otros dos territorios materiales. Cada sociedad forja determinado vínculo de propiedad privada dentro del territorio de gobernanza, y a su vez, los grupos y clases utilizan de distintas maneras este segundo territorio generando territorialidades distintas.

Los territorios inmateriales refieren principalmente a la generación y construcción del conocimiento, en concreto, a las relaciones de poder que forjan la construcción de conocimiento. Esta categoría de territorio está directamente vinculada a los territorios materiales al punto de que

La producción material no se hace por, pero sí en relación directa con la producción inmaterial. Asimismo, la producción inmaterial sólo tiene sentido en la realización y la comprensión de la producción inmaterial. Estas producciones son construidas en las formaciones socio-espaciales y socio-territoriales. Los territorios materiales son producidos por territorios inmateriales (FERNANDES, 2009, p. 16).

El territorio inmaterial es entendido como un campo de lucha, como un campo de poder en el sentido dado por Bourdieu. En este campo simbólico los agentes utilizan determinados recursos por generar un discurso hegemónico, una posición totalizadora que someta a sus oponentes. De manera lógica, esta idea de inmaterialidad se vincula directamente con la idea de paradigma y de cómo estos paradigmas se construyen. Los paradigmas son esquemas de pensamiento que logran hegemonizar determinada área de pensamiento y por tanto, logran que su visión del mundo sea la predominante al momento de interpretar y construir la vida en sociedad.

Dado este sentido, el territorio inmaterial es fuente, es causa y no consecuencia. Siendo que el territorio inmaterial se encuentra en el área de las ideas podemos vincularlo ontológicamente a la corriente de la existencia más que a la de la esencia, y a su vez vincularlo a las corrientes interpretativas más que a las materialistas. Establecer esta relación es producto arbitrario del presente escrito y resultado de una lectura lógica que se retrae a las discusiones ontológicas presentadas anteriormente. No se fundan en expresiones explícitas de ningún tipo de quienes generalmente se vinculan a las teorías de los territorios.

No obstante esa observación, se insiste aquí que la tipología de los territorios presentada a través de territorios materiales e inmateriales presume implícitamente una visión ontológica con preeminencia de lo simbólico, ideal y discursivo sobre lo material. En este sentido se discute aquí la afirmación de que existen dos formas de territorios, una material y una inmaterial, sosteniendo en cambio que todo territorio es (in)material en el sentido dado por De Souza Campos “O território (i)material é caracterizado pelas relações de *poder explicativo* dos paradigmas que os grupos tomam para si.” (DE SOUZA CAMPOS, 2013, p32) El poder explicativo de los paradigmas es aquel espacio de lucha a partir del cual se crearán nuevos territorios materiales, siempre a la luz del esquema de pensamiento hegemónico.

Esencia de una tipología territorial

Nada es evidente. Nada está dado. Todo es construido (GASTÓN BACHELARD).

Según lo visto hasta aquí los aportes analíticos de la categoría territorio se enfrentan a un debate, quizás implícito, sobre la ontología de los territorios. Esto es que al momento de hablar de territorio no siempre se explicita sobre cuál territorio se habla pero por sobre todo no se explicita sobre cómo se construye conceptualmente ese territorio.

Los territorios inmateriales son la base de sustentación de todos los territorios, son construidos y disputados colectivamente, donde las disputas territoriales son alimentadas por sus organizaciones. Es imposible, pensar en los diferentes territorios sin pensar en los territorios inmateriales y las personas y los grupos que piensan y forman esos territorios (FERNANDES, 2009, p. 18).

Afirmar que los territorios inmateriales son la base de sustento de todos los territorios debe entenderse como que son parte del mismo organismo. Si bien la esfera inmaterial de un territorio tiene lógicas distintas a las que se encuentran en su esfera

material, siguen siendo parte del mismo territorio puesto que lo material es producto de lo inmaterial.

En este sentido, y a modo de ejemplo, el territorio material del agronegocio es producto del territorio inmaterial del agronegocio, y no de otro tipo de territorio. El esfuerzo analítico recae en señalar e identificar cuáles son las lógicas inmateriales del territorio del agronegocio. Así como el agribusiness cuenta con una larga cadena de valor dentro de la cual se coloca la generación de tecnologías, del mismo modo debe pensarse que el territorio del agronegocio incluye dentro de sí un espacio inmaterial de generación de conocimiento científico, técnico, tecnológico y popular que lo crea y lo sostiene. Las relaciones de poder que se dan en un espacio físico determinado y que construyen un territorio material están directamente vinculadas a las relaciones de poder que se dan en la construcción de un discurso hegemónico con base en el conocimiento. La territorialización de los cultivos transgénicos en el mundo crea un territorio material con base en argumentos técnicos y científicos de eficiencia, de productividad y de cuidado del recurso suelo, léase, lo crea con un discurso producto de la dimensión inmaterial del territorio del agronegocio. De manera coloquial puede decirse que el territorio del agronegocio juega en dos canchas; por un lado en la construcción de un discurso con sustento científico sobre las potencialidades de la transgénesis aplicada a los alimentos, y por otro lado en la puesta en práctica de acuerdos público-privados que permitan la potencialización del factor *business* del agronegocio. Los agentes que intervienen son distintos y las lógicas de poder son distintas, pero ambas se dan en un mismo territorio.

Siguiendo a De Souza Campos, entendemos que “O conhecimento, a produção das ideias e o pensamento, elementos que fazem parte da imaterialidade, estão intimamente conectados à realidade material contida nos modelos de desenvolvimento para o campo.” (SOUZA CAMPOS, 2013, p27) Con mayor precisión, diremos que el conocimiento y la producción de ideas construyen los modelos de desarrollo del campo. Estos modelos de desarrollo, por ejemplo el modelo del agronegocio, integra en sí una esfera inmaterial de producción de ideas y una esfera material de transformación física. En este sentido

“A disputa territorial não pode ser compreendida apenas com foco na materialidade, isto é, enquanto espaço físico, mas deve ser concebida desde a natureza do território, em que a existência de paradigmas distintos conforma territórios (i)materiais” (SOUZA CAMPOS, 2013, p. 32).

Quizás deba explicitarse lo siguiente; la tipología de territorios es en sí producto de un territorio inmaterial. Definir o entender que existen formas materiales e inmateriales, o que existen escalas territoriales, o que existen tipos de territorios, es producto de una lucha académica por la construcción de conocimiento. Tal como señala Souza Campos para el ámbito de la geografía, la conformación de una disciplina puede ser entendida como un

territorio dado que existen diferentes paradigmas que intentan construir discursos hegemónicos. El paradigma de la cuestión agraria en la geografía genera un discurso determinado sobre una concepción de territorio que disputa su lugar con una geografía tradicional y más directamente con un paradigma del capitalismo agrario. El producto de esta lucha inmaterial tiene una manifestación material, según sea el paradigma hegemónico será la manifestación material de transformación y apropiación del espacio.

Haesbaert (1997) clasifica al uso de la expresión *territorio* en tres grandes ramas: una como categoría político-jurídica que refiere al territorio del Estado, al territorio como el espacio físico delimitado por el poder administrativo y jurídico del Estado. Esta noción se asienta en la geografía a partir de Ratzel quien fuera contemporáneo de Weber que definió al Estado como “aquella comunidad humana que, dentro de un territorio, (el territorio es elemento distintivo) reclama con éxito el monopolio de la violencia física legítima” (WEBER, M, 2005) Otro de los usos de la expresión *territorio* responde a un componente simbólico y subjetivo, sobre cómo las personas se apropian de un territorio a partir de ciertos imaginarios colectivos, es como una construcción cultural del territorio. Un tercer uso es de corte económico-político, refiere al territorio como producto de la lucha de clases sociales y como producto de la relación capital trabajo (BUSTOS, C, 2009)

Según esta clasificación puede afirmarse que la conceptualización de territorio de Mançano Fernandes se ubica en todas y cada una de ellas. La tipología de territorios con base en el poder político, en la lucha de clases y en el relacionamiento da cuenta de los tres enfoques presentados por Haesbaert en relación a la expresión territorio. Quizás la clave en la propuesta de Fernandes es avanzar en la relación de esas distintas esferas y por sobre todo en la inclusión sistémica de las mismas. Abordar los tres componentes implica reconocer que existe una multiescalaridad de territorios al tiempo que una multiterritorialidad.

La cita del trabajo de Haesbaert responde a la claridad que aporta su lectura de la corriente simbólica. Quizás esta postura pueda camuflarse en la idea de territorialidad, es decir, en la manera en que las personas se apropian del territorio, sin embargo refiere a algo previo. La dimensión simbólica del territorio da cuenta de una construcción imaginaria y cultural, una construcción discursiva del territorio. La expresión *territorio* de los campesinos, por ejemplo, da cuenta de una construcción simbólica y cultural diferente sobre la *tierra* si la comparamos con la expresión territorio utilizada en los ámbitos del Estado. Esta dimensión simbólica del territorio la entendemos como parte integrante del territorio en sí y no como un tipo previo o distinto de territorio, es entonces una esfera inmaterial del territorio del campesinado.

Ante esas afirmaciones quizás convenga realizarse algunas preguntas: ¿es auténtico un territorio? ¿Podemos hablar de dos territorios cuando la existencia de uno es

preeminente sobre la del otro? ¿Podemos concebir un territorio material si pensamos que es producto de uno inmaterial? He ahí la dificultad ontológica del concepto de territorio.

Conclusiones: La inmaterialidad del concepto de territorio y sus implicancias analíticas

Dime cuál es tu epistemología y te diré qué macanas dirás y harás respecto de la ciencia y de la técnica. Pero nunca podré predecir qué descubrirás o inventarás. Porque, para bien o para mal, los investigadores y técnicos creadores suelen profesar una epistemología y practicar otra. O sea, no suelen poner su credo epistemológico a prueba experimental. Esta es tarea del epistemólogo (MARIO BUNGE).

En otro trabajo (PIEDRACUEVA, 2012) se ha presentado y analizado la masificación del uso de la expresión *territorio* con distintos fines y desde distintos ámbitos. En particular se ha analizado la debilidad de la categoría utilizada desde de las ciencias sociales como categoría política y como dimensión de las políticas públicas. En el mismo trabajo se argumentó la potencialidad de la conceptualización realizada desde la geografía en tanto herramienta metodológica.

En el presente escrito se optó por analizar al territorio como categoría analítica, esto es, como una categoría que permite observar determinada realidad. Claro está que muchas veces se utiliza la expresión *territorio* sin dar cuenta ni explicitar a *qué territorio* se refiere, y por tanto, tal uso de la expresión resulta débil en términos analíticos. Para levantar estas restricciones algunos estudiosos de la geografía se han encaminado en un trabajo de profundización conceptual que hemos intentado señalar en el presente escrito y que consideramos extremadamente útil. No obstante este intento, o mejor aún, a partir de este intento conceptualizador, surgen algunas interrogantes respecto a las dimensiones ontológicas y epistemológicas del concepto de territorio.

Como se ha señalado a lo largo del trabajo, el concepto de territorio inmaterial presenta dificultades analíticas que son propias de las ciencias sociales y que datan desde las primeras escuelas filosóficas. Concebir la existencia de algo inmaterial y entender su rol con respecto a lo material ha ocupado varias páginas de la historia de las ciencias sociales. Conjuntamente con tal debate, surge la interrogante de si, en caso de que exista algo inmaterial es posible dar cuenta de ello a través de un método fiable, esto es, si puede ser construido un conocimiento válido sobre lo inmaterial y su vínculo con lo material. Estas cuestiones atañen a la conceptualización de los territorios inmateriales y a continuación se presentan algunas primeras conclusiones.

La dificultad señalada ha intentado ser resuelta no sólo en referencia al concepto de territorio sino que en distintos ámbitos académicos y en múltiples disciplinas. En muchas

ocasiones se han elaborado propuestas intermedias que intentan conciliar dos posturas ontológicas y epistemológicas inconmensurables. Se asume que la realidad no está ni en un extremo ideal ni en un extremo material, no obstante al momento de elaborar fundamentos teóricos se recae siempre en la misma problemática: ¿qué precede a qué? ¿Qué causa qué?

La explicación de que los territorios son producidos y productores suena lógica y sobre todo, suena bien. Es necesaria una respuesta y al decir de Bachelard, cualquier respuesta es mejor que ninguna. Quizás a modo de orientación podamos retomar la pregunta planteada por Giddens

¿Somos actores que consciente y creativamente reproducimos y transformamos las estructuras sociales o, por el contrario, nuestras acciones son, en gran parte, el resultado de fuerzas anónimas que escapan a nuestro control? (GIDDENS: 1998, p. 714).

Realizando una traducción al tema de este trabajo: ¿es el territorio una construcción simbólica con expresión material o es un conjunto de procesos ideales y materiales que se retroalimentan? Y a partir de ello ¿es posible concebir la existencia de una retroalimentación entre lo material y lo inmaterial? ¿Es posible conocer su funcionamiento?

Estas preguntas exceden la teoría concreta del territorio y pasan a ser preguntas ontológicas y epistemológicas: ¿existe tal fenómeno? ¿Podemos dar cuenta de él? Tras estas preguntas debemos remontarnos a las páginas iniciales de este trabajo y retomar al menos algunas cuestiones que hacen a la filosofía y sociología del conocimiento.

Como no sucede en muchas otras teorías, la propuesta conceptual de territorio aquí expuesta incluye dentro de sí una postura epistemológica de manera explícita. En el concepto de territorio se incluye a los paradigmas, de hecho estos son considerados una forma de territorio. Esta inclusión pone de manifiesto una postura epistemológica, una intencionalidad ideológica concreta.

Muchas corrientes de la epistemología basan sus análisis en los métodos lógicos y objetivos, esto es, una ciencia sin sujeto cognoscente. Los positivistas, los positivistas lógicos, Popper, Bunge, entre otros, son corrientes y pensadores que dedicaron su vida académica a teorizar sobre la posibilidad de conocimiento científico y en cómo este debiera ser generado. Comparten la postura de analizar la generación de conocimiento sin incluir en dicho análisis la existencia de un sujeto conocedor.

Otros autores como Bachelard, Merton, Fleck, Kuhn y Feyerabend rompieron las barreras epistemológicas incorporando el factor humano y social dentro de la ciencia. Incluir a las relaciones sociales dentro del estudio de la ciencia no sólo tuvo impactos a nivel de la institución *ciencia* sino que también impactó en la disciplina. Desde los obstáculos

epistemológicos de Bachelard hasta la *anarquía epistemológica* de Feyerabend, estos pensadores analizaron y mostraron de qué manera las relaciones sociales y las interacciones entre sujetos influyen en el tipo de conocimiento que se crea, en cuál es válido y en cómo se genera.

Quizás dentro de estas corrientes la expresión de mayor alcance sea la de Thomas Kuhn. La innovación de la propuesta de Kuhn se inserta en una discusión sobre la generación del conocimiento que puede rastrearse en pensadores de la modernidad como Nietzsche y Bachelard; Nietzsche cuestionaba la posibilidad de conocimiento científico en términos de objetividad puesto que no existían elementos objetivos que pudieran conocerse; Bachelard por su parte, en una concepción psicologista, planteaba que la generación de conocimiento científico debía pensarse desde los obstáculos que se presentaban en la misma construcción del conocimiento; decía: “es en el acto mismo de conocer, íntimamente, donde aparecen, por una especie necesidad funcional, los entorpecimientos y las confusiones.” (BACHELARD, 2004: 17) Al mismo tiempo se pueden rastrear antecedentes en la sociología del conocimiento, en los aportes de Dilthey sobre las características ontológicas de la realidad y su modo de conocerla, y junto con Fleck, la idea de construcción de conocimiento en colectivo. Es de este modo que la propuesta de Thomas Kuhn no es del todo novedosa, quizás su particularidad haya sido la sistematización de distintos elementos brindados por diversas corrientes que, poco a poco, fueron cobrando fuerza en los debates epistemológicos.

Junto con Kuhn, autores como Robert Merton y Pierre Bourdieu se han aproximado a un debate epistemológico desde la sociología. Si bien parte de sus ejes de análisis son estrictamente epistemológicos en tanto generación de conocimiento válido, sus dimensiones de análisis toman postura desde la ciencia como una institución social y cómo las relaciones sociales influyen directamente en los aspectos considerados estrictamente epistémicos. La versión más extremista de la influencia de las relaciones sociales en la generación de conocimiento puede rastrearse en Nietzsche, sin embargo la elaboración más ajustada es la de Paul Feyerabend. Feyerabend, si bien tenía un enfoque fuertemente epistémico, plantea la discusión sobre la validez del conocimiento científico como único conocimiento válido. Para ello argumenta que la construcción del conocimiento y su validación forman parte del mismo proceso; en otras palabras, une los contextos de descubrimiento y justificación, refuta la idea de que un conocimiento es válido solamente a través de la aplicación del método científico; tal método no existe. Bajo este argumento, entonces, la generación de conocimiento está moldeada no sólo por la cientificidad del mismo sino por distintos arreglos institucionales, *paradigmáticos*, sociales, etc. La lucha de Feyerabend hacia el cientificismo se basa en la idea de que la ciencia, al igual que la religión o la magia, es una ideología. Como parte de su argumento sostiene, a nivel cognitivo, el hecho de que las teorías

científicas sólo cobran sentido en referencia a otras teorías, y al mismo tiempo, siguiendo a Mill, que las teorías pueden acomodar y reacomodar los hechos. En este sentido la realidad es moldeada por los intereses del colectivo científico.

Entendemos que la postura epistemológica implícita en el concepto de territorio se enmarca en esta última corriente. Esto implica afirmar que el conocimiento científico es producto de determinadas relaciones sociales y no es producto de una realidad objetiva. Bajo esta postura se entiende también que la misión del conocimiento científico es transformar y no conocer. El conocimiento por sí mismo no es válido puesto que es una construcción social producto de determinadas relaciones de poder, y por tanto, puede haber tantos conocimientos científicos según espacios de poder existan. Si analizamos la postura de Popper sobre la cual debe perseguirse en vano la verdad dado que aún cuando la encontremos no podremos asegurarnos de haberla encontrado, en esta postura epistemológica existen tantas verdades como colectivos y arreglos institucionales de la ciencia.

El hecho de que el paradigma sea un territorio inmaterial, una lucha de poder, establece que el conocimiento generado desde ese paradigma es producto no del avance de la ciencia sino precisamente de las relaciones de poder.

Retrayéndonos a nuestras preguntas: *¿es el territorio una construcción simbólica con expresión material o es un conjunto de procesos ideales y materiales que se retroalimentan? Y a partir de ello ¿es posible concebir la existencia de una retroalimentación entre lo material y lo inmaterial? ¿Es posible conocer su funcionamiento?*

La respuesta ante estas preguntas y según lo versado a lo largo de este escrito debe ser que la existencia de tal fenómeno depende directamente de nuestra posibilidad de conocerlo, en este sentido el territorio es una categoría fenomenológica. Y sobre la posibilidad de conocerlo debemos entender que no existe una única manera de dar cuenta de ese fenómeno dado que la propia búsqueda de la respuesta conforma un territorio en sí.

Cada noción de territorio es, entonces, producto de una lucha de poder a nivel simbólico y discursivo. Esta noción puede tomar como parte de sí a la afirmación de que existe un componente inmaterial en cada territorio, de que existen dos tipos de territorios (uno material o uno inmaterial), o de que existe solamente un territorio material. Al momento de enfrentarnos analíticamente con determinada realidad surgirá ante nosotros nuestra postura ontológica sea de manera implícita o explícita. La ontología del territorio determinará cuáles son los elementos que lo componen, si son estos materiales o inmateriales, y en base a ellos, se podrá llegar a tales o cuales conclusiones. El siguiente fragmento puede resultar ilustrativo:

El territorio se concibe como más que una base material para la reproducción de la comunidad humana y sus prácticas (...) Para poder

captar ese algo más, es crucial atender a las diferencias ontológicas. Cuando se está hablando de la montaña como ancestro o como entidad sintiente, se está referenciando una relación social, no una relación de sujeto a objeto. Cada relación social con no-humanos puede tener sus protocolos específicos, pero no son (o no son solo) relaciones instrumentales y de uso. Así, el concepto de *comunidad*, en principio centrado en los humanos, se expande para incluir a no-humanos (que pueden ir desde animales a montañas, pasando por espíritus, todo dependiendo de los territorios específicos). Consecuentemente, el terreno de la política se abre a los no-humanos. ¿Qué impacto tiene para la concepción moderna de la política cuando esta no queda restringida a los humanos? (ESCOBAR, 2012, p. 08).

En términos de capacidad analítica nos encontramos ante un panorama complejo. Al preguntarnos sobre la posibilidad de retroalimentación de las formas de territorio entendimos que es prioritario atender a sus facetas ontológicas y epistemológicas ante que a las teóricas. Esto es así porque se entiende que cualquier intento de propuesta teórica está delimitado por su visión sobre la generación de conocimiento, y ésta, sobre una determinada visión de la existencia o no de las cosas o fenómenos. El fundamento teórico esbozado es que los territorios son (in)materiales, que cuentan con dos esferas dentro de un mismo organismo distanciándonos de la idea de que son dos formas distintas de territorios. Esta afirmación se sustenta en que si los territorios materiales son producto de un esquema de pensamiento, sin importar cuál precede a quién, forman parte de la misma cosa. La debilidad de este argumento recae en el análisis de estas dos esferas, en cómo interactúan y ello nos lleva a cuestiones epistemológicas: ¿hasta qué punto debemos pretender conocer y explicar? ¿Es todo cognoscible y explicable? ¿Bajo qué postura epistemológica nos paramos?

Entendemos, en fin, que analizar al territorio en sus dos esferas como parte del mismo organismo aporta elementos ricos a las diferentes lecturas, no obstante reconocemos las limitantes (propias también de otros enfoques) al momento de dar cuenta de las relaciones causales entre lo material y lo inmaterial. Dado que todo conocimiento es una ideología, incluso el conocimiento científico, y que por tanto tiene fines de transformación, la debilidad de interpretación y explicación en las relaciones de lo material y lo inmaterial son un debe, una dificultad al momento de pensar por dónde empezamos la transformación; si priorizamos la generación de conocimiento y la de un discurso contrahegemónico o si por el contrario intentamos transformar las bases materiales de los territorios.

Finalmente

Se plantean finalmente algunas líneas en lo que refiere a un desafío ontológico y epistemológico del concepto de territorio. En primer lugar se subraya la idea de que el territorio como categoría analítica tiene un componente material e inmaterial negando la idea

de que son dos tipos o formas de territorios. En segundo lugar, esta afirmación nace de la postura de que los territorios materiales son construidos sobre una base inmaterial, sobre un conjunto de nociones y percepciones producto de las ideas. En tercer lugar, que la partición del territorio en material e inmaterial responde a una postura epistemológica que admite la existencia de teorías *todo explicativas* y que por tanto, admiten intentos teóricos de mediación entre las posturas extremas de materialidad e inmaterialidad, de acción y estructura. En cuarto lugar, que tal postura asume de facto la existencia de algo llamado territorio y junto con ello asume la existencia de algo material e inmaterial en las relaciones sociales. En quinto lugar, y como producto de lo anterior, se asume también no sólo la existencia de algo (in)material sino que al mismo tiempo se asume la posibilidad de conocerlo, entenderlo y explicarlo. En sexto lugar, se entiende que existe una dificultad ontológica al momento de analizar las relaciones entre la esfera material e inmaterial, dificultad propia de las ciencias sociales al momento de dar cuenta de la realidad.

Colocar el énfasis de los debates en una fase ontológica aporta luz en algunos aspectos. En un primer término pues las posturas teóricas amparadas bajo un determinado paradigma que confrontan entre sí son inconmensurables en tanto no reconozcan sus diferencias ontológicas. La discusión o lucha entre el paradigma de la cuestión agraria y el paradigma del capitalismo agrario es inconmensurable en tanto el primero admite la existencia de un territorio campesino (y con ello la inmaterialidad de ese territorio) mientras que el segundo admite solamente el territorio del agronegocio pues, aunque haga referencia al campesinado, no admite la inmaterialidad del mismo, por ejemplo, el componente social de lo no-humano.

En un segundo término, visualizar la fase ontológica de los territorios brinda elementos de discusión dentro de una misma corriente dando lugar a debatir sobre la composición material e inmaterial del territorio. No es suficiente el acuerdo ontológico de que el *territorio es*, sino que es necesario dar cuenta de cómo se compone ese *ser*. La discusión entre las distintas corrientes de la geografía sobre la categoría de territorio da cuenta de diferencias ontológicas aún bajo el acuerdo esencial de que el territorio existe.

En tercer lugar, centrar el análisis en la posibilidad del *ser* y en la composición del mismo, nos lleva a un debate epistemológico distinto. Afirmar la inmaterialidad de los territorios y entender a estos como espacios sociales de lucha de poder nos lleva, como se ha visto, a entender al conocimiento como el componente inmaterial de todo territorio. Este conocimiento, entendido como un territorio, es producto de luchas sociales y por tanto tiene tanto de ideología como cualquier construcción cognitiva que surja de una lucha de poder. De esto se sigue que, tal como señalan Feyerabend (2001) y Merton (1977), el conocido avance de la ciencia tiene más de dominación que de método y por lo tanto, siguiendo aquí a Feyerabend (2001) y a Rorty (1995) cualquier tipo de conocimiento sea cual sea su origen

y método se vuelve válido. En estos términos pareciera lógico argumentar que la concepción inmaterial del territorio como categoría analítica trae consigo implicancias epistemológicas concretas que se enfrentan a la idea de una ciencia moderna con base en métodos y técnicas objetivas o intersubjetivas, y dan lugar a una postura epistemológica abierta y coherente con el hecho de que si quien se para en el lugar de analista (léase científico) puede estudiar el mundo inmaterial atendiendo a las dimensiones propias y subjetivas de los sujetos, debe también reconocer su propia subjetividad y por tanto la carga subjetiva e intersubjetiva del conocimiento que genera.

Referencias

- ADORNO, T. **Dialéctica negativa**. Madrid: Taurus, 1975.
- BARRIGA, O. y HENRÍQUEZ, G. “Una Ontología del Espacio Social” **Cinta Moebio** Nº 28, p. 67-71. 2007.
- BACHELARD, G. **La formación del espíritu científico**. Vigésimoquinta edición. México, Siglo XXI Editores. 2004.
- BERKELEY, G. “Tratado sobre los principios del conocimiento humano” Disponible en webdelprofesor.ula.ve/humanidades/elicap/es/.../Berkeley_TreatiseEC.pdf.
- BOURDIEU, P. Espacio social y poder simbólico In: Bourdieu, Pierre. **Cosas Dichas**, Barcelona: Editorial Gedisa, 2007 [1987], p. 127-142.
- BUSTOS, C. “Apuntes para una crítica de la geografía política: territorio, formación territorial, y modo de producción estatista.” 2009. Disponible en observatoriageograficoamericatrina.org.mx/egal12/.../03.pdf.
- COPLESTON, F. Philosophy. **The Royal Institute of Philosophy**. Volume N23, nº 84, 1948, pp 19-37. 1948
- DESANTI, J. **La Philosophie Silencieuse ou critique des philosophies de la science**. Paris, Editions du Seuil, 1975. Traducción de Víctor Florián.
- DE SOUZA SANTOS, J. “Território (i)material e Geografia Agrária: paradigmas em questão” **Revista NERA**, Año 16, Nº 23, pp 27-42, 2013.
- ESCOBAR, A. “Cultura y diferencia: la ontología política del campo de Cultura y Desarrollo” **Wale’keru. Revista de investigación en cultura y desarrollo**, núm. 2. 2012.
- FALERO, A. “Patrón de poder neoliberal y una alternativa social.” **Política y Cultura**, núm. 24, pp. 97-119. 2005.
- FELICIO, M. O território imaterial do campesinato. Disponible en www.fct.unesp.br/nera
- FEYERABEND, P. “Cómo defender a la sociedad de la ciencia.” **Polis. Revista de la Universidad Bolivariana**. Año/vol. 1. Número 001. Santiago. Chile. 2001.
- FLECK, I. **La génesis y el desarrollo de un hecho científico**. Introducción a la teoría del estilo de pensamiento y del colectivo de pensamiento. Madrid: Alianza Editoria, 1986
- GIDDENS, A. **“Sociología”**. Madrid: Alianza, 1998.

HERNÁNDEZ ROMERO, Y; GALINDO, R. “El concepto de intersubjetividade em Alfred Schütz.” **Espacios Públicos**, año/vol. 10, número 020, Universidad Autónoma del Estado de México, Toluca, México, 2007.

KUNH, T. **La estructura de las revoluciones científicas**. Octava reimpressão, Argentina. FCE. 2004.

MANÇANO FERNANDES, B. Território, teoria y política. Disponible em: www.fct.unesp.br/nera .

MANÇANO FERNANDES, B. Questão agrária: conflitualidade e desenvolvimento territorial. In: BUAINAIN, A. M. (org.). **Luta pela terra, reforma agrária e gestão de conflitos no Brasil**. Campinas: Unicamp, 2005.

MANÇANO FERNANDES, B. Sobre la tipología de los territorios. Disponible en www.fct.unesp.br/nera. 2009

MERTON, R. **La sociología de la ciencia 2**. Madrid Alianza Universidad. 1977

PIEDRACUEVA, M. “Aportes metodológicos de la teoría del desarrollo territorial” **Revista NERA**, Año 15, Nº 21, pp 69-78, 2012.

SEARLE, J. **La construcción de la realidad social**. Barcelona: Paidós. 1997

WEBER, M. **El político y el científico**. Madrid, Alianza Editorial, 2005.

Recebido para publicação em 07 de março de 2015.

Devolvido para a revisão em 19 de janeiro de 2015.

Aceito para a publicação em 27 de fevereiro de 2016.

“¡Ese desarrollo quiere acabar con nosotros/as!”: del horizonte colonial al giro epistémico des-colonizador¹

Gabriel Rodrigues Lopes

Doutorando em Antropologia, Universidad de Buenos Aires (ICA/UBA), Bolsista de doutorado do Conselho Nacional de Investigações Científicas y Técnicas (Conicet, Argentina).

e-mail: bieleosamigos@hotmail.com

Resumen

En la historia contemporánea, América Latina ha sido escenario de muchos sacrificios materiales, políticos, culturales y humanos en nombre del desarrollo. Frente a ello, es común escuchar exclamaciones como “ese desarrollo quiere acabar con nosotros!”, lo que significa poner en jaque la estructura moderno/colonial/norte-eurocéntrica/patriarcal que lo sostiene. En este trabajo, desde un giro epistémico des-colonizador, se ha invertido la situación de invisibilidad a que goza la modernidad/colonialidad en el desarrollo, o sea, hemos desmontado los dispositivos de poder, los imaginarios y los mitos que lo sostienen a fin de enfrentar su horizonte colonial de dominación que aún logra silenciar (colonialmente), inferiorizar (epistemológicamente) y subestimar (políticamente) las voces críticas que generan conocimientos y mundos otros. La investigación está orientada por una metodología cualitativa teórico-explicativa, con una extensa revisión bibliográfica (tesis, libros, artículos y documentales) y reflexiones a partir de vivencias en comunidades campesinas e indígenas en Brasil, Argentina y México. Esperamos liberar el espacio semántico, epistémico y discursivo a fin de identificar el “todavía no”, las alternativas posibles al desarrollo.

Palabras-clave: Desarrollo; colonialidad del poder; decolonialidad; red heterárquica del poder; giro epistémico des-colonizador.

Resumo

“Esse desenvolvimento quer acabar com a gente!”: do horizonte colonial ao giro epistêmico des-colonizador

Na história contemporânea, América Latina tem sido o palco de muitos sacrifícios materiais, políticos, culturais e humanos em nome do desenvolvimento. Diante disso, é comum escutar exclamações como “esse desenvolvimento quer acabar com a gente”, o que significa por em xeque a estrutura moderno/colonial/norte-eurocêntrica/patriarcal que o sustenta. Neste trabalho, desde um giro epistêmico des-colonizador, invertemos a situação de invisibilidade que gozava a modernidade/colonialidade no desenvolvimento, ou seja, desmontamos os dispositivos de poder, os imaginários e os mitos que o sustentam, a fim de enfrentar seu horizonte colonial de dominação que ainda logra silenciar (colonialmente), inferiorizar (epistemologicamente) e subestimar (politicamente) as vozes críticas que geram conhecimentos e mundos outros. A investigação está orientada por uma metodologia qualitativa teórica-explicativa, com um extensa revisão bibliográfica (teses, livros, artigos e

¹ La exclamación en el título del artículo fue recuperada de mi tesis de maestría, presentada a la Universidad Nacional de San Martín (UNSAM) en *doble titulación* con la Universidad Autónoma de Madrid (UAM), en el año 2014.

documentais) e reflexões a partir de vivências em comunidades camponesas e indígenas no Brasil, Argentina e México. Esperamos liberar o espaço semântico, epistêmico e discursivo a fim de identificar o “ainda não”, as alternativas possíveis ao desenvolvimento.

Palavras-chave: Desenvolvimento; colonialidade do poder; decolonialidade; rede heterárquica del poder; giro epistêmico des-colonizador.

Abstract

“We don't want that offer 'development!'”: of the horizon colonial to the epistemic shift decolonizing

In the contemporary history, Latin America has been the scene of many materials, political, cultural and human sacrifices in the name of development. Therefore, it is common to hear exclamations like " This 'development' wants to put an end to us ", which means put on checkmate the structure modern/colonial/North-Eurocentric/patriarchy that sustains it. In this work, from an decolonizing epistemic turn, reversed the situation of invisibility which enjoyed modernity / coloniality development, that is, we disassemble the devices of power, the imaginary and the myths that sustain, to confront its colonial horizon of domination that still manages to mute (colonially), to belittle (epistemologically) and underestimate (politically) critical voices that generate knowledge and other worlds. The research is guided by a qualitative methodology, theoretical-explanatory, with an extensive literature review (theses, books, articles and documentaries) and reflections from experiences in peasant and indigenous communities in Brazil, Argentina and Mexico. We hope to release the semantic, epistemic and discursive space to identify the "not yet", the possible alternatives to development.

Keywords: Development; power coloniality; decolonial; heterarchical net of power; decolonizing epistemic turn.

Introducción

El año es 2012, en pleno invierno en el norte de Argentina. En medio del monte santiagueño (provincia de Santiago del Estero), salimos a recorrer en busca de maderas secas para prender una fogata a fin de calentar el agua para el mate y sacarnos un poco la sensación de frío que nos azotaba el cuero. Me dijo Marcos, un campesino que vive en un paraje en Pinto, que antes de la soja el viento no levantaba tanta tierra, la sensación de frío era más amena y el pelo no se quedaba tan duro. En el tercer mate empezó a comentar acerca de los desmontes y desalojos que ha vivido toda la comunidad campesina desde hace años y le parecía que en verdad ese tal *desarrollo* quería acabar con todos ellos y ellas. Dicha exclamación se clavó en mi cuerpo y no la pude más sacar de mis entrañas.

Por ende, es desde otra localización epistémica que iremos abordar el *desarrollo*. En ese marco, no lo tomamos como algo natural, presente en la esencia de la sociedad y necesario dentro de la dinámica social. Sino que lo observamos como una idea-fuerza que, construida históricamente, de acuerdo a condiciones concretas de posibilidad, legitimado por discursos y habilitado por ‘expertos’ e instituciones, debe ser cuestionada y criticada en su racionalidad moderna/colonial si queremos liberar el espacio semántico y discursivo para visibilizar e impulsar otras perspectivas de concebir la vida y el futuro (emancipado del *desarrollo*).

El objetivo de este artículo se dirige entonces a: comprender cómo la idea *desarrollo* se estableció como un nuevo patrón de poder colonial, a describir el contexto epistémico y

socio-histórico de su conformación y sus sutiles y efectivos controles sociales, fundamentales para la manutención y reproducción del orden social vigente. Este objetivo está subordinado a una estrategia mayor de descolonización epistémica y de deconstrucción del concepto de *desarrollo* a fin de liberar el espacio semántico necesario para visualizar las alter(n)-ativas actualmente en construcción y pensarlas junto y con los/as que las construyen cotidianamente. No es demás señalar que la investigación está orientada por una metodología cualitativa teórico-explicativa, en que las reflexiones que presentaremos a seguir surgen del dialogo entre una extensa revisión bibliográfica (tesis, libros, artículos y documentales) y las vivencias en comunidades campesinas en Brasil (semiárido de Bahia y Sergipe), campesinas-indígenas en Argentina (territorio *sanaviron*, Pinto, Santiago del Estero), pueblos indígenas en México (*zoques* y *diidxazá* en Oaxaca, *tzotziles* y *tzeltales* en las montañas de Chiapas) y en Perú (*quechuas*, Pucará, Puno), distribuidos entre los años 2012 y 2015, que permitieron observar y sentir el colonialismo encubierto en el *desarrollo*.

Orientado a dichos objetivos, estaremos situados desde el paradigma de la *decolonialidad* para analizar críticamente la propia idea *desarrollo*, desde sus premisas básicas hasta su práctica cotidiana. Nos servimos para tanto de las obras de algunos teóricos de la red modernidad/colonialidad, como Dussel (1994; 2001; 2007; 2011[2000]; 2011a[1977]), Mignolo (2011[2000]), Grosfoguel (2006; 2008; 2010; 2011; 2013), Castro-Gómez (2005; 2007; 2010; 2011[2000]), Maldonado-Torres (2007) y Quijano (2011[2000]), agregando a la discusión las contribuciones valiosas de Silvia Rivera Cusicanqui (2010; 2010a). La corriente teórica del post-desarrollo, íntimamente relacionada con la anterior, también nos orientará en dicho ejercicio el trabajo de Esteva (1996[1992]), el libro de Escobar (2007[1996]) y la tesis doctoral del geógrafo crítico Gómez (2006)².

Es importante señalar que la lectura crítica que buscamos presentar desde dichos enfoques, no propone *otro desarrollo* sino que va hacia una emancipación epistémico-política para pensar una alternativa misma al *desarrollo* convencional. Para ello, es necesario ubicarse en otro *locus* de enunciación a fin de promover un debate en torno al eurocentrismo y la modernidad, y develar así su reverso, la *colonialidad*.

El artículo se divide entonces en dos partes, empezamos por *decir* desde donde estamos parados para ver y analizar la cuestión *desarrollo*, es decir, presentaremos el contexto epistémico-político que se configura desde la invasión europea en 1492, base para la conformación de la idea-fuerza *desarrollo* siglos después. Creemos que sea un paso hacia la construcción de un dialogo horizontal libertador que vaya más allá de la versión eurocéntrica de la modernidad. En la segunda parte nos detenemos en la construcción socio-histórica del *desarrollo*, presentando la crítica del enfoque del post-desarrollo hacia el discurso del *desarrollo*; luego las consideraciones finales.

Cabe aclarar que el presente artículo es el resultado de tres años de investigaciones para la elaboración de una tesis de maestría, en que recopilamos apenas su parte teórica. De modo que, por cuestiones objetivas y de espacio dejamos, para un trabajo futuro, las reflexiones elaboradas (y en proceso– tesis doctoral) junto con algunos/as campesino/as e indígenas sobre la cuestión *desarrollo* desde las ontologías políticas amerindias (multinaturalismo), puesto que éste *otro* actúa en y asume un *mundo* diferente al de la ontología moderna (multiculturalismo).

Dialogar desde la decolonialidad

“1492 fue el inicio de la Modernidad; de la mundialidad como “Centro” de Europa; de la constitución como “periferia” de América Latina, África y Asia. Ese acontecimiento histórico (1492) fue, sin embargo, interpretado de manera no-europea en los mundos periféricos”.

² Agradezco a Jorge Montenegro por sus textos inspiradores y por los buenos momentos de conversas sobre el tema en la Ciudad de México, DF (Alasru 2014), y en Buenos Aires, al lado de Norma Giarraca, Carlos W. Porto-Gonçalves y el Grupo de Estudios Rurales (IIGG/UBA).

Enrique Dussel (1994) en “1492: el encubrimiento del Otro.”

El giro de-colonial o des-colonizador involucra fundamentalmente un cambio de perspectiva y de actitud profundos en las prácticas y formas de conocimiento de sujetos colonizados y el paso de la idea al proyecto de des-colonización. Las primeras raíces del giro de-colonial se encuentran en la misma colonización moderna, como respuesta muy profunda de los sujetos conquistados (como el pensamiento indígena, afro-caribeño) delante de la carga violenta de la conquista que además invalidaba e invisibilizaba sus conocimientos, su modo de ser y estar en el mundo y su propia humanidad (Maldonado-Torres, 2007).

Se trata así de la emergencia de una nueva actitud des-colonial, dejando de lado la actitud natural colonial y la dialéctica de reconocimiento imperial, es decir, “aquella que presupone que todo sujeto debe obtener reconocimiento del hombre blanco para adquirir sentido completo de su humanidad” (p.158). Como todos/as nosotros/as siempre hablamos desde un lugar epistémico, desde un *locus* de enunciación, desde una geopolítica y cuerpo-política del conocimiento, el hecho de reflexionar sobre la cuestión del desarrollo desde un giro epistémico des-colonizador implica echar luz, re-interpretar y resignificar (sobre) las experiencias con el *desarrollo*.

Por ello, en el sentido común y en buena parte de los discursos académicos y políticos pareciera que vivimos, en el contexto latinoamericano, en una era descolonizada y/o postcolonial, ya que se encuentran superados el Pacto Colonial, las administraciones coloniales y se han consolidado los Estados-Nación independientes en términos político-institucionales. Sin embargo, trascendiendo dicha suposición a partir del giro decolonial, del concepto de *decolonialidad*, se nos permite visualizar más bien un proceso de “transición del colonialismo moderno a la colonialidad global” (CASTRO-GÓMEZ y GROSFOGUEL, 2007, p. 13). En ese sentido, las estructuras de poder formadas durante siglos de expansión colonial europea, como la división internacional del trabajo entre centro y periferias y la jerarquización étnico-racial de las poblaciones, no se han transformado significativamente con el fin del colonialismo ni con la formación de los Estados-Nación en la periferia (CASTRO-GÓMEZ y GROSFOGUEL, 2007; PORTO-GONÇALVES, 2006).

Hablamos entonces de un horizonte colonial de dominación de larga duración (CUSICANQUI, 2010) del *desarrollo* que reconstituye y refuncionaliza continuamente las estructuras de dominación coloniales de larga duración, elaboradas desde la conquista. Estas pasan a funcionar como modalidades de colonialismo interno por medio de diversas cadenas de dominación que explican el hecho de que cada estrato se va afirmando sobre la negación de “los de abajo” y a su vez anhelando gozar del nivel de consumo de bienes de los de arriba.

Desde ese concepto, la dominación y explotación del Norte sobre el Sur Global no se orienta exclusivamente por el ámbito de la ‘superestructura’, derivada de las estructuras económicas, como se interpreta desde el paradigma marxista. Sino que se funda en una estructura de larga duración, que se conforma en el siglo XVI por una jerarquía europeo *versus* no europeo. En ese sentido, el ámbito discursivo/simbólico que define la separación entre poblaciones blancas y no-blancas es *constitutiva* de la acumulación de capital a escala mundial, desde el siglo XVI, y no se reduce a las categorías de superestructura-infraestructura o esferas autónomas. Más bien, se forma una red compleja y enredada de múltiples regímenes de poder, como plantea el pensamiento *heterárquico* del sociólogo griego Kontopoulos (en CASTRO-GÓMEZ y GROSFOGUEL, 2007).

Luego, el capitalismo no puede ser entendido sólo como un sistema económico, como lo interpreta el paradigma de la economía política, tampoco apenas un sistema cultural, como lo ve el paradigma de los estudios culturales/postcoloniales anglosajones. Más bien puede comprenderse como una *red global de poder* conformada por procesos políticos, económicos, culturales, donde esas múltiples relaciones de poder (raciales, étnicas, espirituales, económicas, epistémicas, sexuales y de género) mantienen y reproducen el sistema a escala local y global (CASTRO-GÓMEZ y GROSFOGUEL, 2007).

El concepto de colonialidad no es otra cosa que identificar las relaciones de poder a escala global que nacen de la expansión del colonialismo, de la expansión colonial. Esas relaciones de poder, si bien nacen de esa historia de expansión colonial se autonomizan ya de las administraciones coloniales, se internalizan en la subjetividad de los individuos, en los cuerpos, en las estructuras sociales, en las instituciones y luego, una vez desaparecen las administraciones coloniales, esa multiplicidad de jerarquías de poder globales –que es la colonialidad del poder– no desaparecen, se quedan intactas (GROSFOGUEL, 2010, p. 36-37).

Como bien sintetiza Maldonado-Torres (2007, p. 131), “el colonialismo precede a la colonialidad, la colonialidad sobrevive al colonialismo”. Ello porque, el colonialismo se refiere a una relación formal de poder político y económico establecida entre un pueblo y otro, en donde la soberanía de uno reside en el poder del otro, configurando así una relación de dominación de uno sobre el otro. Entonces, ahora la *colonialidad* es más un patrón de poder originado a partir del colonialismo moderno, que se expresa en las formas como el conocimiento, la autoridad, el trabajo y las relaciones intersubjetivas se articulan en torno de las relaciones sociales de producción capitalistas y de la idea de *raza* (2007).

La *colonialidad*, en ese sentido,

se mantiene viva en manuales de aprendizaje, en el criterio para el buen trabajo académico, en la cultura, el sentido común, en la auto-imagen de los pueblos, en las aspiraciones de los sujetos (...) respiramos la colonialidad en la modernidad cotidianamente (MALDONADO-TORRES, 2007, p. 131).

De ese modo, es a partir de la conquista de lo que se vendría a llamar “América” que una particular relación económico y social (capitalismo) pudo correlacionarse con otra forma de dominación y subordinación (*raza*), logrando mantener y justificar el control sobre los pueblos, ahora colonizados. La empresa colonial y su explotación sólo pudo entonces ser legitimada a través del imaginario que introduce una *diferencia natural* entre colonizador y colonizado y autoriza al primero a ejercer un poder disciplinar sobre el último (CASTRO-GÓMEZ, 2011[2000]).

La idea de raza como categoría fundante de las relaciones sociales de dominación

Para que América se constituyese como la primera “id-entidad” de la modernidad, primer espacio/tiempo de un nuevo patrón de poder mundial, fue necesario que dos procesos históricos convergiesen y se asociasen como ejes fundamentales: por un lado, la articulación, en torno del capital-trabajo asalariado y del mercado mundial, de todos los modos históricos de control y explotación del trabajo, del control de la producción-apropiación-distribución de productos y recursos. O sea, la servidumbre, la esclavitud, la pequeña producción mercantil, el salario y la reciprocidad, aunque existían de modo simultáneo en el mismo espacio/tiempo, se articulaban y se constituían en torno a y en función del capital, puesto que fueron intencionadamente fundadas y ordenadas a fin de producir mercaderías para el mercado mundial (QUIJANO, 2011[2000]).

En la medida en que aquella estructura de control del trabajo, de recursos y de productos, consistía en la articulación conjunta de todas las respectivas formas históricamente conocidas, se establecía, por primera vez en la historia conocida, un patrón global de control del trabajo, de sus recursos y de sus productos (...) Se establecía una nueva, original y singular estructura de relaciones de producción en la experiencia histórica del mundo: el capitalismo mundial (QUIJANO, 2011[2000], p. 222).

De otra parte, la *idea de raza*, un invento que ha permitido establecer una diferencia entre grupos sociales a partir de codificaciones binarias (superior/inferior), que logran poner a unos en una localización natural de superioridad sobre los otros. En otras palabras, la idea de *raza* es un dispositivo de poder, un instrumento eficaz y duradero de clasificación social de la población. Fundamental entonces para asociar las nuevas relaciones sociales, que se configuraban como relaciones de dominación colonial, con las nuevas identidades (indios, mestizos, negros, europeo, blanco) que se correlacionaban a diferentes jerarquías, lugares y roles sociales en la estructura de poder de la nueva sociedad. Además, fue un modo, primero, de conceder legitimidad a las relaciones de dominación que imponía la conquista y luego, de naturalizar dichas relaciones coloniales entre europeos y no-europeos (QUIJANO, 2011[2000]).

Esa idea fue asumida por los conquistadores como el principal elemento constitutivo, fundante, de las relaciones de dominación que la conquista imponía. Sobre esa base, en consecuencia, fue clasificada la población de América, y del mundo después, en dicho nuevo patrón de poder (...) Los pueblos conquistados y dominados fueron situados en una posición natural de inferioridad y, en consecuencia, también sus rasgos fenotípicos, así como sus descubrimientos mentales y culturales (QUIJANO, 2011[2000], p. 220-221).

Siendo así, las nuevas identidades sociales producidas sobre el abrigo de la idea de raza fueron combinadas/asociadas de modo estructural con la división racista del trabajo y de formas de explotación del capitalismo colonial, reforzándose mutuamente. Surge así una nueva tecnología de dominación/explotación (raza/trabajo) que se articula de modo que queden como naturalmente relacionadas. Vemos entonces, la temprana percepción/asociación de que el trabajo asalariado era privilegio de la blancura social, bien como los puestos de mando en las administraciones coloniales, plasmada hoy día, en el menor sueldo que cobran las dichas *razas inferiores* por igual trabajo que el de los *blancos* (QUIJANO, 2011[2000]). En ese sentido, “el capitalismo mundial fue, desde la partida, colonial/moderno y eurocentrado” (Ibid, p. 226).

De ahí surge una cuestión, cómo fue posible entonces que los europeos, además de sentirse superiores a todos los otros pueblos del mundo, se sintieran *naturalmente* superiores. Para suponerse como tal, inicialmente se hizo necesario posicionarse en la condición de centro del capitalismo mundial a través de la imposición, a los demás países del mundo, de nuevas identidades. Esto se logró mediante la expropiación de las poblaciones colonizadas más aptas para beneficiar el desarrollo del capitalismo europeo, la represión violenta de los modos de producción de conocimiento, de los sentidos y del universo simbólico de los colonizados, etc.; y forzando a los colonizados a absorber la cultura de los colonizadores; ya sea desde la actividad tecnológica y material hasta la subjetiva, como la religiosidad judeo-cristiana (QUIJANO, 2011[2000]).

Todo ese accidentado proceso implicó a largo plazo una colonización de las perspectivas cognitivas, de los modos de producir u otorgar sentido a los resultados de la experiencia material o intersubjetiva, del imaginario, del universo de relaciones intersubjetivas del mundo, de la cultura en suma (QUIJANO, 2011[2000], p. 228).

La “centralidad” de Europa ha permitido el nacimiento de la subjetividad, de un ‘yo’ constituyente que se sirve de la razón. De ese modo, se desplaza a Dios, y su voluntad divina, como determinador de los acontecimientos terrenales, individuales y sociales. Ahora es el hombre mismo que es capaz de interpretar toda la complejidad de la naturaleza, mediante la *ciencia* y la *técnica*, a fin de dominarla y ponerla a su servicio. La inseguridad del hombre delante de la imponente y misteriosa naturaleza es combatida cuando se la toma

como 'enemiga, adversaria' y se usa la razón para domesticarla (CASTRO-GÓMEZ, 2011 [2000]).

El papel de la razón científico-técnica es precisamente acceder a los secretos más ocultos y remotos de la naturaleza con el fin de obligarla a obedecer nuestros imperativos de control. La inseguridad ontológica sólo podrá ser eliminada en la medida en que se aumenten los mecanismos de control sobre las fuerzas mágicas o misteriosas de la naturaleza y sobre todo aquello que no podemos reducir a lo calculable (CASTRO-GÓMEZ, 2011 [2000], p. 164-165).

Por lo tanto, los europeos, desde un *locus* de enunciación hegemónico y privilegiado, inauguran una nueva perspectiva temporal de la historia cuando generan el proceso de re-identificación histórica de los pueblos colonizados, de sus respectivas historias y culturas como representativas de un *pasado* de un camino histórico cuyo fin era *Europa* (DUSSEL, 1994; QUIJANO, 2011[2000]).

La crítica al eurocentrismo

En base a las discusiones anteriores, es desde esa geopolítica y cuerpo política del conocimiento que la modernidad y la racionalidad son imaginadas como experiencias y productos exclusivos de Europa Occidental. Luego, las relaciones intersubjetivas y culturales de ésta con el resto del mundo pasan a ser codificadas desde nuevas categorías, desde una perspectiva dualista, binaria, dicotómica (Oriente-Occidente, mágico-mítico, primitivo-civilizado, tradicional-moderno, irracional-racional, subdesarrollado-desarrollado), como plantean Dussel, 2011[2000] y Quijano, 2011[2000]).

Así, el *eurocentrismo* –fundamentalismo del conocimiento que no admite otras epistemologías ni el acceso a la racionalidad por el no-europeo– idealiza los mitos: i). de que la historia de la civilización humana es una trayectoria que se inicia en un estado de naturaleza y va hacia Europa (ver Dussel acerca de Hegel) y ii). de que las diferencias entre Europa y no-Europa son *diferencias de naturaleza* (raza) y no de la historia de poder. El eurocentrismo así se espacializa mundialmente con la expansión del colonialismo europeo y territorializa el evolucionismo y el dualismo (cartesiano) como sus elementos nucleares (QUIJANO, 2011[2000]).

Eurocentrismo es el nombre de una perspectiva de conocimiento cuya elaboración sistemática comenzó en Europa Occidental antes de mediados del siglo XVII, aunque algunas de sus raíces son sin duda más viejas (...) y que se hizo mundialmente hegemónica recorriendo el mismo cauce del dominio de la Europa burguesa. Su constitución ocurrió asociada a la (...) experiencia y las necesidades del patrón mundial de poder capitalista, colonial/moderno, eurocentrado, establecido a partir de América (QUIJANO, 2011[2000], p. 236).

Al imaginarse representar la culminación de la trayectoria de la civilización humana, que parte de la naturaleza como inicio del curso civilizatorio (el mito fundacional de la versión eurocéntrica de la modernidad), se otorgan la posibilidad los europeos de considerarse a sí mismos como los *modernos, lo nuevo y lo más avanzado* de la historia de la humanidad. Al mismo tiempo, categorizaban a los no-europeos como pertenecientes a una categoría *naturalmente* inferior y así anterior, por ello se concebían no sólo como los portadores de la modernidad sino como sus creadores y protagonistas. Lo nuevo en este sentido, no es el sentirse o concebirse como superior y racionales sino el hecho de que lograron difundir y establecer esta perspectiva histórica como hegemónica en el sistema-mundo capitalista moderno/colonial (QUIJANO, 2011[2000]).

El eurocentrismo es entonces una actitud colonial en relación al conocimiento, articulado de modo simultáneo con el proceso de las relaciones sociales de poder centro-

periferia y las jerarquías étnico-raciales. Así, la superioridad concedida al conocimiento europeo, que en contrapartida excluía, negaba, omitía, silenciaba e invisibilizaba los conocimientos subalternos, es un aspecto relevante de la colonialidad del poder en el sistema-mundo capitalista (CASTRO-GÓMEZ y GROSFOGUEL, 2007).

Como nos cuenta Castro-Gómez (2005), entre fines del siglo XVII y comienzo del XVIII, en la llamada Ilustración, dicho proceso de invisibilización y silenciamiento se legitimaba en base a la idea de que los conocimientos del *Otro* representaban una etapa inferior, mítica, pre-moderna y pre-científica del conocimiento humano. El conocimiento 'verdadero' era solamente proveniente de la élite científica y filosófica de Europa, puesto que "eran capaces de hacer abstracción de sus condicionamientos espacio-temporales para ubicarse en una plataforma neutra de observación" (CASTRO-GÓMEZ y GROSFOGUEL, 2007:20). El 'punto cero', como un punto de vista neutro, fue privilegiado así como el ideal final del conocimiento científico.

Un 'punto cero' se convierte así en un 'punto ciego', desde el punto de vista político, de la izquierda latinoamericana, y en particular la marxista, que se mueve, como sostiene Dussel (2007), desde una posición eurocéntrica sin cuestionar el lugar del cual hablan, generando conocimiento y orientando su accionar (GROSFOGUEL, 2008). En otras palabras,

lo que Marx mantiene en común con la tradición filosófica occidental es que su universalismo a pesar de que surge desde una localización particular, en este caso el proletariado, no problematiza el hecho de que dicho sujeto sea europeo, masculino, heterosexual, blanco, judeo-cristiano, etc. (GROSFOGUEL, 2008, p. 207).

La implicación socio-política de ello es que Marx reprodujo el racismo epistémico, como otrora lo había hecho Hegel, al plantear que los pueblos y sociedades no-europeas no tenían capacidad de producir pensamiento y conocimiento digno de figurar como legado filosófico de la humanidad o historia mundial (GROSFOGUEL, 2008). Dichos pueblos y sociedades no-europeas

no habían alcanzado el desarrollo de las fuerzas productivas ni los niveles de evolución social de la civilización europea. De ahí que a nombre de civilizarlos y de sacarlos del estancamiento a-histórico de los modos de producción pre-capitalistas, Marx apoyó la invasión británica de la India en el siglo XVIII y la invasión estadounidense del norte de México en el siglo XIX (GROSFOGUEL, 2008, p. 208).

La "hybris de punto cero", evolucionismo y dualismo cartesiano

El proyecto de la modernidad sería entonces el gran intento de poner bajo la guía segura del conocimiento toda la vida, a su vez controlada por el hombre occidental, el único que haría uso de la razón. Luego, se demanda poner como centro epistémico del mundo el hombre / blanco / heterosexual / europeo / cristiano / capitalista / militar / patriarcal / urbano (GROSFOGUEL, 2006), al "rango de principio ordenador de todas las cosas" (Blumemberg citado por Castro-Gómez, 2011 [2000]).

Se hace necesario detenernos brevemente para entender lo que propone Castro-Gómez (2005) con el concepto de "*hybris de punto cero*". Entre 1492 y 1700 es la época en que las ciencias empezaron a pensarse a sí mismas y cuando emerge el paradigma epistémico aun hegemónico en la universidades occidentalizadas de concebir el mundo como una máquina. Es decir, luego de la expansión colonial europea en 1492 y la formación del sistema-mundo se subalterniza la visión orgánica del mundo, predominante hasta entonces, donde la naturaleza, el ser humano y el conocimiento formaban parte de una totalidad interrelacionada (CASTRO-GÓMEZ, 2007).

Es justo en esa época que emerge el antropocentrismo, la actitud objetivante frente a la naturaleza, la imposición de la idea dicotómica de que la naturaleza y el ser humano son ámbitos ontológicamente separados y que éste debería ejercer una dominación sobre la otra y un control racional del mundo. Por ello, “el conocimiento ya no tiene como fin último la comprensión de las ‘conexiones ocultas’ entre todas las cosas, sino la descomposición de la realidad en fragmentos con el fin de dominarla” (CASTRO-GÓMEZ, 2007, p. 82).

Es Descartes entonces que formula filosóficamente el dualismo entre mente y cuerpo / entre mente y naturaleza, ya que la certeza del conocimiento se lograría a partir de la distancia entre el sujeto conocedor y el objeto conocido, o sea, siendo mayor la distancia entre el sujeto y el objeto mayor sería la objetividad (GROSFOGUEL, 2006; CASTRO-GÓMEZ, 2007).

Descartes pensaba que los sentidos constituyen un obstáculo epistemológico para la certeza del conocimiento y que, por tanto, esa certeza solamente podía obtenerse en la medida en que la ciencia pudiera fundamentarse en un ámbito incontaminado por lo empírico y situado fuera de toda duda (CASTRO-GÓMEZ, 2007, p. 82).

Para Descartes, como luego para Newton, el universo material es como una máquina en la que no hay vida, ni *telos*, ni mensaje moral de ningún tipo, sino tan sólo movimientos y ensamblajes que pueden explicarse de acuerdo con la disposición lógica de sus partes. No sólo la naturaleza física, sino también el hombre, las plantas, los animales, son vistos como meros autómatas, regidos por una lógica maquinica. Un hombre enfermo equivale simplemente a un reloj descompuesto, y el grito de un animal herido no significa más que el crujido de una rueda sin aceite (CASTRO-GÓMEZ, 2007, p. 82-83).

El conocimiento verdadero (episteme) debería fundamentarse por ende en un ámbito incorpóreo, que sería el *cogito*, lejos de toda la sabiduría práctica y cotidiana de los seres humanos (CASTRO-GÓMEZ, 2007). Descartes logra entonces reclamar un conocimiento no localizado, de visión omnipresente, universal (GROSFOGUEL, 2006), puesto que la certidumbre del conocimiento sólo puede ser lograda si se asienta en un "punto de observación inobservado" (CASTRO-GÓMEZ, 2007, p. 82). De ese modo, el "*ego cogito*" cartesiano (pienso, luego existo), previo a la experiencia (meta-empírica), incuestionable por su estructura matemática, se configura como la base de las ciencias sociales modernas (GROSFOGUEL, 2006; CASTRO-GÓMEZ, 2007).

Como nos relata Dussel en su *Filosofía de la liberación* (2011a [1977]), el despliegue del pensar cartesiano del *ego cogito* ha necesitado siglos de un “yo” que conquista (*ego conquiro*) el mundo Azteca, Inca y toda América (primer genocidio de la modernidad). De un “yo” que esclaviza a los negros del África secuestrados, contrabandeados y vendidos por el oro y plata conseguidos con la muerte, en el fondo de las minas, de los nativos indios (segundo genocidio de la modernidad). De un “yo” que quema a las mujeres indo-europeas consideradas brujas por el Santo Oficio por acumular conocimientos ancestrales *otros* y a los miles de libros de los musulmanes (GROSFOGUEL, 2006).

De un “yo” que vence las guerras realizadas contra los judíos-musulmanes, otras en India y China (hasta la guerra del opio). Todo ello ha permitido al hombre occidental construir un autorrelato histórico que lo concebía a él y a sus instituciones como el centro epistémico del mundo, configurando así la *modernidad* en Europa al mismo tiempo que la *colonialidad* en el resto del mundo (MIGNOLO, 2011[2000]).

Dussel nos orienta a no perder de vista que el rol de la ontología eurocéntrica en situar al *otro* como ente interpretable, como idea conocida, en donde “la lengua hegemónica los bautiza con sus propios nombres al ‘des-cubrirlos’ y explotarlos” (p.19), no surge de la nada. Es decir, el ‘pienso luego existo’ de Descartes estuvo entonces precedido por siglos de un “yo conquisto y extermino, luego existo”:

La filosofía moderna eurocéntrica desde el *ego conquiro*, situando a los otros pueblos, a las otras culturas, y con ello a sus mujeres y sus hijos, los dominó dentro de sus propias fronteras como cosas o útiles manipulables bajo el imperio de la razón instrumental (...) [Esa ontología] surge de la experiencia práctica de dominación sobre otros pueblos, de la opresión cultural sobre otros mundos. Antes del *ego cogito* hay un *ego conquiro* (el “yo conquisto” es el fundamento práctico del “yo pienso”, DUSSEL, 2011a [1977], p. 19).

En ese sentido, la "hybris del punto cero" es un modelo epistémico, un punto de vista que pretende observar el mundo desde un *no-lugar*, a fin de lograr una observación fuera de cualquier duda, una conciencia universal, como un Dios omnipresente. Buscando una mirada orgánica sobre el mundo, apenas logra una mirada analítica. Por ende, dicho razonamiento analítico, divide el objeto analizado en partes, lo desmecha, lo reduce a otros fragmentos y luego lo recompone mediante un orden lógico-matemático (CASTRO-GÓMEZ, 2007).

El punto cero sería, entonces, la *dimensión epistémica* del colonialismo, lo cual no debe entenderse como una simple prolongación ideológica o “superestructural” del mismo, como quiso el marxismo, sino como un elemento perteneciente a su “infraestructura”, es decir, como algo *constitutivo* (CASTRO-GÓMEZ, 2007, p. 88. Cursivas en el original).

Según Grosfoguel (2006), la "hybris del punto cero", como la visión desde los "ojos de Dios", esconde, disfraza, escamotea su localización epistémica, su geopolítica y cuerpo-política del conocimiento bajo un abstracto universalismo. Ello, históricamente, ha permitido al hombre occidental legitimar su conocimiento como el único con conciencia universal y verdadero y al mismo tiempo desechar, negar y desprestigiar el conocimiento no occidental nombrándolo de particular y, por ello, incapaz de ser universal. El ‘punto cero’, una idea eurocéntrica, obedece entonces a una estrategia de control y dominio político, económico y cognitivo sobre el mundo (CASTRO-GÓMEZ y GROSFOGUEL, 2007).

La puesta en discusión de toda esa compleja red de relaciones de poder en torno a cinco siglos de imposición del centro sobre la periferia en el sistema-mundo moderno/colonial se hace fundamental para comprender desde otro lugar epistémico y cuerpo-político la cuestión del *desarrollo*. En los discursos desarrollistas de los últimos 60 años, anclados en un discurso occidentalista se privilegia a la cultura occidental sobre las demás, el ‘Occidente’ así se configura como el modelo de *desarrollo*. En otras palabras, el discurso desarrollista, como una forma de conocimiento ‘científico’, ofrece una receta colonial sobre cómo imitar a ‘Occidente’ (CASTRO-GÓMEZ y GROSFOGUEL, 2007; ESCOBAR, 2007[1996]).

Dussel plantea que el desarrollismo debe ser analizado como una categoría filosófica fundamental, más que sociológica o económica, puesto que su posición ontológica concibe como *desarrollo* la estructura económico-tecnológica de Europa, en un tiempo-espacio, ‘estadio’ este que, además, debe ser seguido por otros países de modo unilineal, como un proceso de evolución. Es decir, el *desarrollo* es dialécticamente lineal, tiene una dirección en el espacio, un “movimiento necesario” del Ser que va desde Oriente hacia al Occidente, recorriendo el camino que llevaría al Saber Absoluto de la *Lógica*. En las palabras de Hegel, “la historia universal va del Oriente al Occidente. Europa es absolutamente el Fin de la Historia Universal. Asia es el comienzo” (HEGEL *apud* DUSSEL, 1994, p. 15).

La idea *desarrollo* tiene así su cuna en el estado de ánimo de Europa a principios del siglo XIX, como en el caso de la ontología hegeliana que borra del análisis de la historia mundial a América Latina y a África y sitúa a Asia en un estado de ‘niñez’, de “inmadurez”. Dicho desarrollo de la historia del *Este* hacia el *Occidente* es claramente ideológico, el momento constitutivo del ‘eurocentrismo’ que luego se impone a las universidades, a los programas nacionales-populares, a las revoluciones socialistas de América Latina (DUSSEL, 1994).

El mundo se divide en el Viejo Mundo y en el Nuevo Mundo. El nombre del Nuevo Mundo proviene del hecho de que América [...] no ha sido conocida hasta hace poco para los europeos. Pero no se crea que esta distinción es puramente externa. Aquí la división es esencial. Este mundo es nuevo no sólo relativamente sino absolutamente; lo es con respecto a todos sus caracteres propios, físicos y políticos [...] El mar de las islas, que se extiende entre América del Sur y Asia, revela cierta inmadurez por lo que toca también a su origen [...] No menos presenta la Nueva Holanda caracteres de juventud geográfica, pues si partiendo de las posesiones inglesas nos adentramos en el territorio, descubrimos enormes ríos que todavía no han llegado a fabricarse un lecho [...] De América y de su grado de civilización, especialmente en México y Perú, tenemos información de su desarrollo, pero como una cultura enteramente particular, que expira el momento en que el Espíritu se le aproxima (*sowie der Geist sich ihr näherte*) [...] La inferioridad de estos individuos en todo respecto, es enteramente evidente (HEGEL *apud* DUSSEL, 1994, p. 15-16).

En lo que se refiere a sus elementos, América no ha terminado aún su formación [...] [Latino-] América es, por consiguiente, la tierra del futuro. En tiempos futuros se mostrará su importancia histórica [...] Pero como país del futuro América no nos interesa, pues el filósofo no hace profecías (HEGEL *apud* DUSSEL, 1994, p. 16).

Vemos así que el contexto epistémico-político que ha permitido el surgimiento del *desarrollo*— como una posición (cartesiana) de centralidad en el sistema-mundo capitalista, que demanda ciertas políticas de intervención capaces de transitar un país o región de un punto a otro en una escala evolutiva— es la culminación absurda de una ideología racista, con un sentido de superioridad y soberbia que sólo ha sido posible sustentar a través de inúmeros genocidios y epistemicidios a lo largo de siglos.

Para Dussel (1994) la mejor definición no sólo del ‘eurocentrismo’ más también de la sacralización del poder imperial del Norte, o del centro, sobre el Sur, la periferia, el antiguo mundo colonial y dependiente, se lo da Hegel. Éste afirma que el pueblo, Norte —la Europa (en particular Alemania e Inglaterra)— posee el “Derecho Absoluto” por ser el “portador” del Espíritu en este “momento de su Desarrollo”, y los demás pueblos, los *otros pueblos*, no tienen derecho alguno (p.20). La “periferia” de Europa es considerada un “espacio libre” para que los empobrecidos por el capitalismo de entonces puedan constituirse como propietarios capitalistas en las colonias,

Por una dialéctica que le es propia, a sobrepasarse, en primer lugar, tal sociedad es llevada a buscar fuera de ella misma, a nuevos consumidores, y por ello busca medios para subsistir entre otros pueblos que le son inferiores en cuanto a los recursos que ella tiene en exceso, o, en general, la industria (HEGEL *apud* DUSSEL, 1994, p. 20).

Como la Historia Mundial se mueve [según Hegel] del Oriente al Occidente, era necesario descartar primero América Latina y al África (el Sur bárbaro, inmaduro, antropófago, bestial) [...] La experiencia no sólo del “Descubrimiento”, sino especialmente de la “Conquista” será *esencial* en la constitución del “ego” moderno, pero no sólo como subjetividad, sino como subjetividad “centro” y “fin” de la historia (DUSSEL, 1994, p. 17-21).

Como vimos, la interpretación de que la civilización europea occidental es el fin de la historia de la humanidad, que se inicia en el estado de naturaleza —por ello la búsqueda de diferenciarse de ésta última— es el mito que funda la versión eurocéntrica de la modernidad. Es justamente a partir de ese mito que se origina la perspectiva *evolucionista*, específicamente eurocéntrica, de que la historia de la humanidad persigue una dirección

unilineal y unidireccional (QUIJANO, 2011[2000]). Amalgamada al mito está la idea de raza como criterio de clasificación de la población mundial, dicha asociación permite la fusión entre evolucionismo y dualismo, tan relevante para nuestra comprensión de la otra nort-eurocéntrica idea *desarrollo*.

Esa visión sólo adquiere sentido como expresión del exacerbado etnocentrismo de la recién constituida Europa, por su lugar central y dominante en el capitalismo mundial colonial/moderno, de la vigencia nueva de las ideas mitificadas de humanidad y de progreso, entrañables productos de la Ilustración, y de la vigencia de la idea de raza como criterio básico de clasificación social universal de la población del mundo (QUIJANO, 2011[2000], p. 238).

Como interpreta Quijano (2011[2000]), hay dos implicaciones centrales originadas por la historia del poder colonial: i). todos aquellos pueblos que nos cuenta la historia (y no la perspectiva eurocéntrica de conocimiento), cada uno con su propia cultura, historia, lenguaje, descubrimientos técnicos, científicos, con su memoria, identidad y productos culturales, tuvieron sus singulares y propias identidades sustraídas –como los *mayas*, *aché*, *aymaras*, *pataxós*, *abipones*, etc., en lo que se llamó América y los *ashantis*, *yorubas*, *congós*, *bacongós*, *zulús*, etc., en lo que se llamó África–, y se quedaron todos/as reunidos en una sola identidad racial, colonial y negativa: indios y negros, respectivamente, y luego, *subdesarrollados*.

Además, ii). esa nueva identidad involucraba “el despojo de su lugar en la historia de la producción cultural de la humanidad” (p.239), lo que presuponía que dichos pueblos sólo tenían la capacidad de producir culturas inferiores puesto que eran *razas inferiores*. Ello significaba, por otro lado, una reubicación en el nuevo tiempo histórico lineal que se conformaba con *América* y luego con *Europa*, donde esos pueblos no eran más que *el pasado*. Es decir, “el patrón de poder fundado en la colonialidad implicaba también un patrón cognitivo, una nueva perspectiva de conocimiento dentro de la cual lo no-europeo era el pasado y de ese modo inferior, siempre primitivo” (p.239).

Las zonas del ser y no-ser: la racialización en el *desarrollo*

Para el sociólogo puerto-riqueño Ramón Grosfoguel (2011), estudioso de la obra del pensador antillano Frantz Fanon, éste entendía el racismo con una jerarquía global de poder políticamente producida y reproducida a lo largo de siglos por el sistema-mundo moderno/colonial. Su función es separar y otorgar superioridad o inferioridad a los seres humanos a partir de la “línea de lo humano”, inventada a partir de la idea moderna de *raza*. En otras palabras, algunas personas son reconocidas en su humanidad como seres humanos con derechos y acceso a la razón, a derechos ciudadanos, laborales, humanos, civiles, etc., y a otras se les cuestiona su humanidad y pasan a ser consideradas subhumanas o no-humanas, y es justamente la “línea de lo humano” que los diferencia.

La racialización se desarrolla entonces marcando *cuerpos*, algunos son racializados como superiores y otros como inferiores, por ende, los sujetos localizados en la parte superior de dicha línea de lo humano estarían en lo que Fanon llamó *zonas del ser* y los ubicados en la parte inferior de la línea vivirían en la *zona del no-ser*. Las zonas del ser y no-ser no significan un lugar geográfico determinado sino una posicionalidad en una red enmarañada de relaciones raciales de poder que se entremezclan en la escala global (entre centros y periferias), en la escala nacional y local (GROSFOGUEL, 2011).

A fin de aportar a la discusión sobre la diferencia entre las zonas, Grosfoguel (2011) añade a la discusión la lectura de Souza Santos (2010) acerca de la idea de “línea abismal”, lo que contribuye a observar que las opresiones de clase, sexualidad, género, epistémicas, etc. son distintas dentro de cada zona. Es decir,

la manera como se gestionan los conflictos en la zona del ser (encima de la línea abismal) es a través de lo que él llama mecanismo de regulación y emancipación. Existen códigos de derecho civiles/humanos/laborales (...) que son reconocidas al “Otro” oprimido en su conflicto con el “Yo” dentro de la zona del ser. Por el contrario, en la zona del no-ser, de la línea abismal, donde las poblaciones son deshumanizadas en el sentido de ser consideradas por debajo de la línea de lo humano, los métodos usados por el “Yo” imperial/capitalista/masculino/heterosexual y su sistema institucional para gestionar y administrar los conflictos es por medio de la violencia y apropiación abierta y descarada (GROSFOGUEL, 2011, p. 100).

De ese modo, no es lo mismo ser considerado el “Otro humano” en la zona del ser y ser el “no-humano Otro” en la zona del no-ser, del punto de vista del acceso a derechos, a discursos emancipatorios, de los conflictos, opresiones y administración y resolución de los mismos (GROSFOGUEL, 2011). Ello es fundamental para nuestro estudio pues nos permite comprender que es a partir del racismo epistémico, fuertemente arraigado en las ciencias sociales eurocéntricas, que los conocimientos, saberes y las experiencias histórico-sociales del “otro” dentro de la zona del no-ser (*subdesarrollados*) son descalificados e inferiorizados.

Por ende, la *modernidad*, como una máquina de generar alteridades, excluye de su imaginario la hibridez, la multiplicidad, la ambigüedad en nombre de la razón y el humanismo (CASTRO-GÓMEZ, 2011[2000]:163). Desde el racismo epistemológico se considera automáticamente, como universalmente válidos, los conocimientos producidos por los sujetos pertenecientes a la zona del ser; sus conocimientos serían superiores a los producidos por los sujetos coloniales no-occidentales ubicados en la zona del no-ser (GROSFOGUEL, 2011). El racismo se enreda así en una red compleja que va desde la estética, la espiritualidad, la epistemología, el género y sexualidad, la pedagogía, la economía política, etc. influenciando profundamente otras formas de relaciones sociales (GROSFOGUEL, 2010).

Por lo tanto, el *desarrollo* que aparenta hablar desde un “punto cero”, como universal abstracto, utiliza el mecanismo de tildar a los demás como particularistas/inferiores/ignorantes con la finalidad de desautorizar a los pensamientos críticos surgidos de localizaciones epistémicas diversas. Con el discurso del hombre/heterosexual/eurocéntrico/cristiano se inauguran dos tipos de universalismos: *i*). de los enunciados –lo que se dice en la zona del ser supuestamente puede ser aplicable en todos los lugares, no se toma en consideración a toda la heterogeneidad histórico-temporal-estructural del mundo (GROSFOGUEL, 2010). En otras palabras, parafraseando al autor, lo que digo [*desarrollo*] es universal porque es válido para cualquier tiempo y espacio y (aplicable) a cualquier particularidad del mundo [subdesarrollados, Tercer Mundo, en vías de desarrollo].

Y, *ii*). de los sujetos de enunciación –desde este *locus* de enunciación se pone en cuestión “quién es el ser universal”, “quién puede producir conocimiento”, “cuáles son los autorizados a producir un conocimiento universal”. Es decir, solamente el sujeto transcendental, hombre/blanco/europeo de la zona del ser tiene acceso a la racionalidad, la madurez de la modernidad. Como hemos visto, la culminación de la civilización estaría solamente al norte de los pirineos, al restante del mundo les queda la narrativa de ‘zonas del no-ser’ (GROSFOGUEL, 2010).

En ese sentido, el *desarrollo* se hace cómplice de la invisibilización de toda una multiplicidad de jerarquías de poder al idear que el problema central de los países del Sur global era el subdesarrollo. Por consecuencia, presupone que la manera de combatir dicho problema debe ser por el crecimiento económico, el progreso material y que otros problemas se arreglarán automáticamente, ya que las demás relaciones de poder son secundarias (GROSFOGUEL, 2010).

El *desarrollo*, al presentarse como a-histórico, a-temporal, universal, global, natural, des-localizado, deja claro que sí está situado en un lugar en el mundo, en el tiempo-espacio de una jerarquía de poder global. Para situarse en un universalismo abstracto (hablar desde

un particularismo hegemónico), fue necesario la construcción de una ego-política del conocimiento, un camuflaje a fin de encubrir/esconder su localización epistémica, cosmopolítica y geopolítica en la creación de conocimiento (GROSFOGUEL, 2013). Ha sido central para los proyectos coloniales ese movimiento epistémico típico de las epistemologías eurocéntricas del *punto cero* (GROSFOGUEL, 2006).

La colonialidad del poder, del saber y del ser (re)encubiertas en el desarrollo

Pasamos del siglo XVI cristianízate o te mato, al siglo XIX civilízate o te mato, a finales del siglo XX desarróllate o te mato y ahora al principios del XXI democratízate o te mato. Todos diseños globales coloniales universales del hombre occidental/capitalista/patriarcal (GROSFOGUEL, 2006, p. 211).

Como hemos planteado anteriormente, el *desarrollo* está completamente inmerso en el patrón de poder del sistema-mundo moderno/colonial. Es fundamental por lo tanto, movernos hacia otra geografía de la razón³ a fin de develar y visualizar que el *desarrollo* omite la localización epistémica de su lugar de enunciación geo-política y cuerpo-política del conocimiento, lo que le permite hablar desde un “punto cero”, desde un universalismo *abstracto* que subsume, diluye y asimila la particularidad en su supuesta universalidad, como discute Grosfoguel (2006). Observaremos en este apartado qué función cumple en *desarrollo* en el sistema-mundo moderno/colonial.

El filósofo colombiano Castro-Gómez (2011[2000]), citando a Dussel, Mignolo y Wallerstein, afirma que se debe mirar al Estado moderno no como una unidad abstracta, aislada del sistema de relaciones mundiales que se configuran a partir de la conquista en 1492, más bien como una función al interior de dicho sistema internacional de poder. Lo mismo podríamos afirmar acerca del *desarrollo*, ya que inventado en las entrañas del Estado moderno cumple la función de reproducir estructuralmente dentro de cada sociedad el dispositivo de poder creado por el sistema-mundo capitalista moderno/colonial: la colonialidad del poder.

El concepto de “colonialidad del poder” termina por ampliar y corregir el concepto de “poder disciplinario” de Foucault cuando demuestra que los dispositivos panópticos establecidos por el Estado moderno se registran en una estructura mucho más extensa, de carácter mundial, configurada por la relación colonial entre centros y periferias, como consecuencia de la expansión colonial europea al redor del mundo. Desde esa comprensión, desde ese lugar geopolítico-epistémico el autor afirma que la modernidad debe ser entendida como una serie de prácticas orientadas hacia el control racional de la vida humana (organización capitalista de la economía, institucionalización de las ciencias sociales y la configuración jurídico-territorial de los estados nacionales, Castro-Gómez, 2011[2000]).

La modernidad es entonces un “proyecto”, puesto que dicho control racional sobre la vida humana se ejerce hacia dentro y hacia fuera desde el Estado-Nación, o sea, sus dispositivos disciplinarios se aferran en una doble *gubernamentalidad*.

Con ésta terminología Foucault se refería al “tipo de reflexividad y de tecnologías que hacen posible la conducción de la conducta.” (Castro-Gómez, 2010:44).

Por gubernamentalidad entiendo el conjunto constituido por las instituciones, los procedimientos, análisis y reflexiones, los cálculos y las tácticas que permiten ejercer esta forma tan específica, tan compleja, de poder, que tiene como meta principal la población, como forma primordial de saber, la economía política, y como instrumento técnico esencial, los

³ En nuestra tesis de maestría profundizamos acerca de las prácticas des-colonizadoras desde las experiencias campesinas en el semiárido de Brasil y Argentina, desde una mirada *ch'xi*, sin embargo, por cuestiones de espacio hemos elegido omitir dicha discusión.

dispositivos de seguridad. (FOUCAULT, 1999 *apud* CASTRO-GÓMEZ, 2010, p. 61).

Una *gubernamentalidad* desempeñada hacia dentro por los estados nacionales con la finalidad de homogeneizar identidades por medio de políticas de subjetivación; y otra practicada hacia afuera vía los centros hegemónicos del sistema-mundo moderno/colonial, dado su objetivo de garantizar la circulación de materias-primas desde la periferia en dirección al centro. Dos procesos que configuran una misma dinámica estructural (CASTRO-GÓMEZ, 2011[2000]).

Defendemos la tesis de que el *desarrollo*, que se hegemoniza a partir del discurso de Truman en 1949 –cuyo “núcleo duro” se mantiene hasta los días de hoy– se constituye, mucho tiempo antes, en el espacio de poder moderno/colonial y en los saberes ideológicos ahí generados, o sea, el imaginario colonial se asimiló a todo su sistema conceptual, desde su origen. La construcción del imaginario de la “civilización” (siglos después del *desarrollado*) demandaba inexorablemente la producción de su contrario, el imaginario de la “barbarie” (y luego del subdesarrollado), como bien nos caracteriza Castro-Gómez (2011[2000]).

El colonizado (antes ‘bárbaro’, hoy ‘subdesarrollado’) aparece como “lo otro de la razón”. Clasificación que justifica el ejercicio de un poder disciplinar por parte del colonizador. Relación ésta, entre los sujetos, claramente vertical ya que algunas identidades expresarían superioridad sobre otras. La barbarie, el vicio, la maldad fueron las marcas “identitarias” del colonizado; tiempos después, el arcaísmo, el atraso serían las del subdesarrollado, al paso que la bondad, la civilización, la racionalidad eran inherentes al colonizador, y permaneció al desarrollado (CASTRO-GÓMEZ, 2011[2000]; MALDONADO-TORRES, 2007).

Se trata de algo más que representaciones mentales. Son imaginarios que poseen una materialidad concreta, en el sentido de que se hallan anclados en sistemas abstractos de carácter disciplinario como la escuela, la ley, el Estado, las cárceles, los hospitales y las ciencias sociales. Es precisamente este vínculo entre conocimiento y disciplina el que nos permite hablar del proyecto de la modernidad como el ejercicio de una “violencia epistémica” (CASTRO-GÓMEZ, 2011[2000], p. 169).

Como vimos en los anteriores apartados, la superioridad se evidenciaría por los grados de humanidad atribuidos a las identidades en cuestión. Ello lleva, de un lado, a una diversidad de formas de sub-alternización orientadas por la idea de raza y de otro lado, a configurar EUA y Europa como las autoridades que marcarán el camino civilizatorio (*desarrollo*) por donde deberían recorrer todas las naciones del planeta. Se establece de ese modo una diferencia colonial entre colonizadores y colonizados (CASTRO-GÓMEZ, 2011[2000]; MALDONADO-TORRES, 2007).

Para entender el *desarrollo* desde otra localización cuerpo-política y epistémica que no sea la eurocéntrica moderno/colonial, fue necesario observar que la conquista de América (la expropiación de los bienes comunes y la explotación del trabajo humano) ha otorgado las condiciones de posibilidad necesarias para que el capitalismo mercantil se mundializara abarcando y suplantando las antiguas formaciones socio-económicas bajo un mismo patrón de poder –ordenado desde ligazones estructurales entre “raza”-trabajo y “genero”-trabajo, aunque, no exclusivamente vertical y jerárquico. Asociaciones que van a conformar sistemas de explotaciones sostenedores del capitalismo y base para la formación de la futura economía europea y de su esplendor, tan valorado por la filósofos de la Ilustración (CASTRO-GÓMEZ, 2011[2000]; QUINTERO, 2013).

De ese modo, si el colonialismo es una *relación económica y política* fundamental para posibilitar un saqueo de recursos sostenido y asegurar la asimetría global, la colonialidad es un *patrón de poder* que estructura las sociedades sobre la base de una matriz colonial, aunque se haya terminado el colonialismo. El *desarrollo* se configura en un

espacio central dentro de los procesos de reconfiguración global, cumpliendo el rol de tanto garantizar la continuidad de la acumulación de capital como de clasificar socialmente a la población mundial a partir de los parámetros de la económica liberal (QUINTERO, 2013). Como afirma el autor,

esto no va a disolver las antiguas segmentaciones basadas en las ideas de raza, género y clase, pero sí articulará a ellas la categoría de ‘subdesarrollado’ como mote que inferiorizará a una extensa y diversa gama poblacional (...) De esta forma se configurará una imagen del planeta que lo divide geográficamente en torno a distinciones ontológicas según los supuestos “niveles de desarrollo” alcanzados en cada uno de los territorios (QUINTERO, 2013, p. 77).

Por lo tanto, el *desarrollo* desempeña una función relevante en el sistema-mundo moderno/colonial: el de ser una maquina homogeneizadora que, desde un ojo eurocentrado, pone bajo la estampa de subdesarrollado todo un vasto territorio y todo lo que allí habite. Toda su construcción socio-histórica como idea/fuerza está fundamentalmente e intrínsecamente cruzada por la colonialidad del poder, del saber y del ser. Sobre ello, el antropólogo venezolano Fernando Coronil (1999) decía, “estas imágenes ontológicas [refiriéndose al desarrollado *versus* subdesarrollado] han alcanzado tal grado de aceptación que parecen ineluctables al grado de establecerse como una especie de segunda naturaleza” (QUINTERO, 2013:78).

Castro-Gómez (2010), en una interesante investigación sobre el modo en que Foucault reflexiona sobre el colonialismo y racismo y su relación con la *cuero-política*, *bio-política* y *geo-política* en sus lecciones en el *Collège de France*, entre 1975 y 1979, nos da una contribución novedosa para discutir el *desarrollo*. La novedad es que dicha reflexión abandona la analítica asentada en un parámetro jerárquico de poder sino que funciona a partir de múltiples regímenes de poder que se ejercen en diversos niveles de generalidad, en lo que se llama *heterarquía* de poder.

Foucault propuso que hay una diferencia entre tres niveles de generalidad en el ejercicio del poder, el microfísico, mesofísico y macrofísico. En el primer nivel se busca la producción autónoma de subjetividad a través de tecnologías disciplinarias y de producción de sujetos, es el nivel de la *cuero-política*. El segundo hace posible la *gubernamentalidad* del Estado moderno y su control social sobre las poblaciones por medio de dispositivos internos de seguridad, es el nivel de la *bio-política*.

El tercer nivel se refiere al favorecimiento de la ‘libre competencia’ por los recursos naturales y humanos de todo el planeta vía dispositivos supraestatales de seguridad, configurando el nivel de la *geo-política*. Ésta analítica del poder desarrollada por Foucault es conceptualizada como una analítica *heterárquica* del poder por Castro-Gómez (2010), a partir de las reflexiones avanzadas del sociólogo griego Kontopoulos sobre la heterarquía del poder. Aparece entonces como una alternativa de lectura frente a las teorías jerárquicas del poder comúnmente utilizadas para pensar el sistema-mundo moderno/colonial.

Pues bien, como reflexiona Castro-Gómez (2010), desde una analítica heterárquica el poder funciona en cadena configurando una red compleja que se equilibra a través de diferentes cadenas de poder. En ese sentido, algunas cadenas funcionan a nivel micro y otras a nivel macro no siendo posible pensar la red sin los niveles moleculares y molares. Por ende, las articulaciones entre unas redes de poder con otras son siempre parciales pero no siempre necesarias, por ello su análisis parte metodológicamente de los niveles menos complejos hacia los más complejos (CASTRO-GÓMEZ, 2010). A fin de graficar mejor, veamos la diferencia entre un análisis jerárquico y heterárquico del poder.

Las teorías jerárquicas del poder afirman que los niveles micro estarían sometidos al control de los niveles macro y muy difícilmente podrían escaparse de esa estructura, es decir, las relaciones más globales de poder (*geo-política*) estructurarían a las menos globales (*bio-política* y *cuero-política*), creando así las condiciones para que los niveles inferiores permanezcan sometidos a la lógica más abarcadora, de los niveles superiores.

Por ejemplo, desde ese análisis el capital cumple el rol de principio estructurante que subordina con su lógica todos los meandros de la vida social (CASTRO-GÓMEZ, 2010):

la lógica del capitalismo se juega por entero en el nivel global del sistema-mundo y todas las demás instancias (el Estado, la familia, la sexualidad, las prácticas de subjetivación, etc.) son tenidas como “momentos” al servicio de una totalidad mayor. (...) [Así] la geo-política, la bio-política y la cuerpo-política forman parte de *una sola red* que funciona con *una sola lógica* (CASTRO-GÓMEZ, 2010, p. 285. Cursivas del original).

Al contrario, en una teoría heterárquica del poder la vida social es comprendida por una composición de diversos ensamblajes o dispositivos que funcionan con lógicas diferentes y que se encuentran parcialmente interconectados (CASTRO-GÓMEZ, 2010). De ese modo, como plantea Grosfoguel (2006), el poder colonial se articula de modo imbricado a través de múltiples jerarquías heterogéneas y complejas donde la subjetividad y el imaginario social son constitutivos y no derivativos del sistema-mundo moderno/colonial. Es decir, raza, género, sexualidad, epistemología, espiritualidad, etc. no pueden ser determinadas por el paradigma infraestructura-superestructura, no se expresan ‘en última instancia’ por la relación trabajo-capital, sino que son “una parte constitutiva integral e imbricada del amplio y entramado ‘paquete’ llamado sistema-mundo europeo / euro-norteamericano capitalista / patriarcal moderno/colonial” (GROSFOGUEL, 2006, p. 210).

Por ello, dicho ‘paquete enredado y múltiple de relaciones de poder’ significa, desde la perspectiva heterárquica, que la interpretación sobre la colonialidad debe ir más allá de la analítica jerárquica que la reduce al dominio instaurado por los países hegemónicos del sistema-mundo sobre los territorios de la periferia. Debe, más bien, observar que dicha categoría se relaciona, principalmente, a nivel bio-político y cuerpo-político, con los dispositivos de regulación de las poblaciones. No hay así una sola ‘colonialidad del poder’ sino que hay variadas y su análisis debe tener en cuenta el nivel de generalidad (micro, meso o macro) bien como su ámbito específico de acción (CASTRO-GÓMEZ, 2010).

Desde luego que esto no significa invertir la tortilla y postular que los niveles microfísicos son el ‘origen’ de los niveles macrofísicos. La cuestión es algo más compleja, ya que, como señala Kontopoulos, la lógica de los niveles globales puede, en virtud de su hegemonía, *afectar* (mas no determinar) el funcionamiento de los niveles menos globales, de tal modo que resulta imposible saber qué fue primero y qué fue después (CASTRO-GÓMEZ, 2010, p. 288).

Para nuestra investigación esta discusión es fundamental pues nos ofrece otra mirada acerca de las alternativas al *desarrollo* o experiencias des-colonizadoras. Es decir, la analítica heterárquica del poder trabajada por Foucault deja claro que el análisis del sistema-mundo tiene razón en plantear que todos los regímenes de poder se encuentran encajados, pero al mismo tiempo demuestra que ese ‘enredamiento’ no es total sino parcial (CASTRO-GÓMEZ, 2010). En ese sentido, una alternativa al *desarrollo* no es derivada automáticamente de un cambio estructural en el sistema-mundo (en la geo-política) sino que se construye cotidianamente en cadenas microfísicas.

Los territorios así mal-llamados *subdesarrollados* no se encuentran completamente subsumidos, encajados ni enredados en los regímenes de poder globales, semiglobales o locales del *desarrollo*, o sea, subordinados absolutamente en sus temporalidades. Sino que ese enredamiento es parcial, donde esos territorios permanecen en una *exterioridad relativa* (DUSSEL, 2001) frente al sistema-mundo y a la idea/fuerza *desarrollo*. En esa experiencia, desde la *cuerpo-política*, existe una “heterogeneidad temporal” (CASTRO-GÓMEZ, 2010, p. 291), una situación tallada por la existencia simultánea de diferentes experiencias del tiempo (relaciones sociales humanas, diálogos no-humanos) que van a proponer las respuestas a sus problemas.

Por lo tanto, reflexionar críticamente acerca del *desarrollo* desde el paradigma de la colonialidad del poder y, en ésta, desde una perspectiva heterárquica del poder nos permite reconocer que la colonialidad es múltiple y que las lógicas/prácticas des-colonizadoras o decoloniales se dan en una diversidad de niveles, vinculándose muchas veces de modo residual con el sistema-mundo. Es decir, los cambios posibles en éste régimen local de poder no están únicamente orientados o reducidos a la relación molar capital-trabajo, además, las lógicas decoloniales se vinculan mucho más a cadenas microfísicas que poseen una influencia directa en los cuerpos, formación y producción de subjetividades, de deseos (CASTRO-GÓMEZ, 2010).

Por ello,

cuando pensamos el sistema-mundo moderno/colonial como una jerarquía terminamos sacralizándolo, pensándolo como poder constituido (...). Por eso, quizás la mejor enseñanza que puede ofrecer Michel Foucault a la teoría decolonial haya sido mostrar que los análisis molares, si bien necesarios, corren el peligro de terminar en una suerte de "platonismo metodológico" al ignorar los microagenciamientos que se dan a nivel del cuerpo y los afectos, privilegiando en cambio las "tendencias seculares" y los cambios de "larga duración" (CASTRO-GÓMEZ, 2010, p. 292).

Se hace necesario hacer un *giro des-colonizador*, lo que significa cambiar de perspectiva para tener en cuenta las prácticas y formas de conocimiento de los sujetos que son afectados de modos variados por la colonialidad del poder, del saber y del ser (MALDONADO-TORRES, 2007). Esto es así porque vimos que las relaciones modernas de poder asumen un carácter dualista y excluyente surgido de la propia modernidad. En ese sentido, cualquier intento de estudiar el *desarrollo* sin tener en cuenta los impactos de la experiencia colonial en la propia formación de las relaciones modernas de poder y de esta propia *idea*, es tanto incompleto como también ideológico (CASTRO-GÓMEZ y GROSFOGUEL, 2007).

De la crítica del post-desarrollo a la deconstrucción del *desarrollo*⁴

Teniendo en cuenta todo lo discutido anteriormente, la hegemonía del *desarrollo* "sólo ha podido establecerse gracias a una forma de ilusionismo semántico: el establecimiento y la difusión de la idea de 'subdesarrollo'" (RIST, 2002, p. 273). Como nos recomienda Gómez (2006), las críticas del post-desarrollo hacia el *desarrollo* desde sus motivos, premisas, discursos y prácticas no deben ser comprendidos como intentos de reformularlo con la finalidad de que sea más popular, participativo, humano, etc. En la realidad, las profundas críticas lo rechazan en toda su amplitud, absolutamente.

Los análisis críticos acerca del *desarrollo* nos alertan para la posibilidad de visualizar, también en la dinámica de su discurso, la colonialidad que se disfraza en el imaginario positivo creado en torno a este concepto. La colonización del saber que instituciones y 'expertos' detienen sobre las 'certezas' incuestionables del *desarrollo* moldea una hábil red de control social capaz de construir una representación 'inventada' de la vida. Luego, el discurso proclamado por los 'expertos' como verdades absolutas es una manera de (re)crear al mundo y de pensar políticas para intervenir en él y en el conjunto de la sociedad (ESCOBAR, 2007[1996]).

Desmembramos el análisis del discurso como nos recomienda la investigación doctoral de Gómez (2006, p. 123-124), a la que agregamos nuevos aportes: i) el análisis del discurso del *desarrollo* de modo específico; ii) el *desarrollo* como campo teórico y práctico construido socio-históricamente; iii) la centralidad del economicismo en el *desarrollo* y la mercantilización de la vida.

⁴Para un análisis profundo acerca de la invención del *desarrollo* ver ESCOBAR, 2007 [1996], op.cit.

Análisis del discurso del *desarrollo*

Es el análisis del discurso trabajado por Michel Foucault, en *Verdad y Poder* que sirve de base para buena parte de los análisis realizados por los teóricos del post-desarrollo acerca del desarrollo y por ello es “un análisis que no pierde de vista su materialidad, en los objetos y acciones en los cuales se fija y que le dan sentido” (GÓMEZ, 2006, p. 122). Ello explica la atención puesta siempre en preguntarse “qué efectos de poder circulan entre los enunciados científicos; cuál es de algún modo su régimen interior de poder; cómo y por qué en ciertos momentos dicho régimen se modifica de forma global”. Lo que a su vez nos posibilitaría preguntar cómo “una modificación en las reglas de formación de los enunciados (...) son aceptados como científicamente verdaderos” (FOUCAULT, 1992[1979], p. 178).

Foucault sostiene entonces que la cuestión central, el problema político, sería i). tanto descifrar y criticar la creación de una ‘verdad’ imbuida en el discurso, claramente vinculada a los regímenes de poder que la producen y la mantienen, o sea, “los efectos de poder que induce y la acompañan” (p.189), teniendo en cuenta que estos circulan de modo continuo, ininterrumpido, adaptado e individualizado en todo el cuerpo social (p.183). Como, ii). separar el poder de la verdad de las distintas formas de hegemonía, en cuyo interior funcionan, sean hegemonías sociales, económicas y culturales (p.189), para que así se pueda pensar en alternativas.

En base a eso, Escobar (2007[1996]) sostiene que la columna vertebral del discurso del *desarrollo* es la economía del desarrollo, o sea, el campo de estudios de las ciencias económicas dirigidos al ‘Tercer Mundo’, a la problematización de su pobreza y a los múltiples diseños de intervención que buscaban materializar el *desarrollo* en las áreas entendidas como atrasadas y subdesarrolladas. Esta clasificación se elabora por medio de extensos estudios con el objetivo de buscar soluciones para los problemas existentes (supuestos), se organiza y se sostiene en un conjunto de saberes científicos previamente discriminados por el sistema de poder, como teorías, paradigmas, modelos, metodologías, experiencias, prácticas, etc.

La economía del desarrollo se sostiene también por un conjunto de fábulas, de ‘formas naturales de ser de las cosas’, como el mercado, la producción, el empleo, la economía, el crecimiento, el progreso, etc. difíciles de ser cuestionadas por la red de efectos de poder que producen, distribuyen y blindan sus enunciados, concibiéndolas como “formas normales y naturales de ver la vida” (ESCOBAR, 2007[1996], p. 108). Es decir, un “régimen político, económico e institucional de producción de la verdad” (FOUCAULT, 1992[1979], p. 189), pero que fácilmente podrían ser develadas su historia, su genealogía, sus mecanismos de verdad y poder a través de la perspectiva de la antropología de la modernidad (ESCOBAR, 2007[1996]:108).

Como presenta el autor,

aunque el discurso [del desarrollo] ha sufrido una serie de cambios estructurales, la arquitectura de la formación discursiva establecida en el período 1945-1955 [núcleo duro] ha permanecido igual, permitiendo que el discurso se adapte a nuevas condiciones. El resultado ha sido la sucesión de estrategias y sub-estrategias de desarrollo hasta la actualidad, siempre dentro de los límites del mismo espacio discursivo (ESCOBAR, 2007[1996], p. 83).

De ese modo, como apunta Gómez (2006), Escobar se detiene sobre los mecanismos que hacen uso los discursos (del desarrollo) para aparecer como verdadero o falso, sobre cómo se construye, se organiza y se sostiene el ‘poder de la verdad’ sobre el discurso del desarrollo. Éste a su vez se condensa en la figura de los ‘expertos’ y sus respectivas instituciones de saber, como sobre los efectos de poder y saber que dichos discursos reúnen y van conformando redes sutiles de control social.

‘Certezas’ (re)inventadas que consolidarán el discurso del desarrollo desde los años 40 hasta los días de hoy, permitiendo mantener la confianza en el rol de la modernización para acabar con las supersticiones y limar las relaciones arcaicas; identificar y eliminar los ‘nudos’ que impedían el despliegue del desarrollo -por ello la fuerza desmesurada en el papel de la industrialización como “vía segura para esa modernización” (GÓMEZ, 2006, p. 125)-, bien como en las conquistas materiales, sociales y políticas entendidas como símbolo de progreso y este como camino seguro al *desarrollo*.

En ese sentido, el capital juega un rol fundamental para lograr el crecimiento económico y a luego el *desarrollo*. Una inversión de capital adquirida por medio de préstamos, de ayudas externas suministradas por países ya “desarrollados” que buscan generalizar el *desarrollo* a quienes lo deseen. En un movimiento más parecido al viejo Pacto Colonial entre las metrópolis ibéricas y las colonias americanas, los países hegemónicos transfieren ideologías disfrazadas de saber y conocimiento técnico, y prestan dinero para promoción del *desarrollo*; en contraparte los países subalternos aceptan la intervención externa, pagan la deuda e intereses del préstamo y terminan aceptando los grandes sacrificios demandados para lograr ser “desarrollado”.

Sobre ello Celso Furtado, en su libro *El mito del desarrollo económico* ya alertaba que:

... el estilo de vida creado por el capitalismo industrial siempre será el privilegio de una minoría. Los costos en términos de depredación del mundo físico, de este estilo de vida es de tal forma elevado que cualquier tentativa de generalizarlo conduciría inexorablemente al colapso de toda una civilización, poniendo en riesgo la supervivencia de la especie humana. Tenemos así la prueba definitiva de que el desarrollo económico –la idea de que los pueblos pobres pueden algún día disfrutar de las formas de vida de los actuales pueblos ricos– es simplemente irrealizable. Sabemos ahora de forma irrefutable que las económicas de la periferia nunca serán desarrolladas, en el sentido de similares a las economías que forman el actual centro del sistema capitalista. Sin embargo, ¿cómo no tener en cuenta que esta idea ha sido de gran utilidad para movilizar a los pueblos de la periferia y llevarlos a aceptar enormes sacrificios para legitimar la destrucción de formas de culturas arcaicas, para explicar y hacer comprender la necesidad de destruir el medio físico, para justificar formas de dependencia que refuerzan el carácter predatorio del sistema productivo? Cabe, por tanto, afirmar que la idea de desarrollo económico es un simple mito (FURTADO, 1974, p. 75).

De acuerdo a la síntesis presentada por Gómez (2006, p. 125), Escobar revela los principales elementos que sostienen la teoría que fundamenta el discurso del *desarrollo*: factores relacionados a la formación de capital (tecnología, recursos, política fiscal y monetaria, intercambio, industrialización, comercio, desarrollo agrícola, etc.); factores culturales (educación y cultura orientadas a asimilar como suyas los valores de la cultura moderna); y creación de instituciones para gestionar todo el proceso y hacer diagnósticos de necesidades y orientar las acciones (FMI, BM, otras agencias técnicas de la ONU y despachos gubernamentales y técnicas variadas). Hay que notar que otros discursos han dado forma y contenido al discurso del *desarrollo* a partir de su cuestionamiento, siendo por él adoptados o deglutidos como el caso del feminismo, el comunismo, el ambientalismo, el anti-colonialismo.

El poder del discurso del *desarrollo* es tal, ya que estructurada por “expertos” provenientes de una amplitud de corrientes políticas, que sus fracasos y críticas a lo largo del tiempo suscitaban solamente el perfeccionamiento de sus mecanismos de control, el surgimiento de nuevas técnicas y métodos y la ampliación de su alcance físico y subjetivo. Como sostiene Gómez (2006), la ‘materialidad’ del *desarrollo* es presentada de una manera que las soluciones dadas por él serían las únicas posibles para sus propios problemas.

Como discurso, el desarrollo es, por lo tanto, una formación histórica muy real, pero articulada alrededor de una construcción artificial (“subdesarrollo”) y sobre una cierta materialidad (las condiciones denominadas como “subdesarrollo”), que deben ser conceptualizadas en forma distinta si se quiere cuestionar el discurso. (...) quienes buscan entender el Tercer Mundo a través del desarrollo han perdido de vista su materialidad, edificando sobre ella una realidad que, como un castillo en el aire, nos ha rondado durante décadas. (...) [Así], la coherencia de los efectos logrados por el discurso del desarrollo es la clave de su éxito como forma hegemónica de representación (ESCOBAR, 2007[1996], p. 99).

En ese sentido, la crítica del post-desarrollo al discurso del *desarrollo* gira en torno de la invención de los ‘pobres’ y ‘subdesarrollados’ como sujetos pre-constituidos, naturales, que ya estaban ahí. Se produce desde la mirada eurocéntrica, occidental y moderna, siendo refrendada por distintos teóricos “tercermundistas” que, en el ejercicio de poder sobre esta nueva construcción artificial (colonialismo interno), terminan logrando una homogeneización discursiva capaz de eliminar la diversidad y la complejidad de los distintos pueblos de las regiones.

La neo-colonización y dominación de las ecologías humanas, naturales, así como de las economías del llamado Tercer Mundo son identificadas como las bases del éxito de la hegemonía del *desarrollo* como forma de representación (ESCOBAR, 2007[1996]). Por lo tanto, la crítica del post-desarrollo niega el carácter a-histórico y esencial de su discurso a la vez que revela su construcción socio-histórica (ESTEVA, 1996[1992]; ESCOBAR, 2007[1996]).

Desarrollo: una construcción socio-histórica

Como nos alerta Gómez (2006), la idea *desarrollo* fue concebida en una coyuntura real y por actores determinados, por lo tanto, está impregnada por las características de una época y de los intereses particulares de una clase dominante que le da forma y sentido. Su hegemonía no sería posible sin la construcción de un discurso. Analizaremos cómo fue posible, a partir del espacio discursivo, la definición, identificación y el diseño de variadas intervenciones a los llamados países subdesarrollados.

Retomando a Escobar (2007[1996]) y Gómez (2006), el *desarrollo* es una creación reciente que nace en un contexto histórico determinado: i). la lucha contra el comunismo comandada por EE.UU. y la débil estabilidad mundial de la Guerra Fría; ii). la necesidad de materias primas baratas para la reconstrucción del post-guerra y para un nuevo ciclo de expansión de la industria en EUA y Europa; iii). la idea del crecimiento poblacional de los países subdesarrollados como peligro para el equilibrio mundial y; iv). la creencia en la racionalidad científica, en el desempeño tecnológico y en los países ricos como capaces de promover el progreso de todos los demás.

Agrega Escobar (2007[1996]) que la *idea* fue concebida como

un sistema de intervenciones técnicas aplicables más o menos universalmente con el objetivo de llevar algunos bienes “indispensables” a una población ‘objetivo’. (...) El desarrollo fue una respuesta a la problematización de la pobreza que tuvo lugar en los años posteriores a la Segunda Guerra Mundial, y no un proceso natural de descubrimiento y tratamiento gradual de los problemas por parte de las ciencias e instituciones modernas (ESCOBAR, 2007[1996], p. 86).

Escobar (2007[1996], p. 74) señala que es solamente en los años de la segunda guerra mundial que el Tercer Mundo pasa a ser considerado importante para la economía y política mundial, en especial América Latina. Entonces, como pase de magia, la región se convierte en un centro de atracción de científicos, estudiosos, profesores y representantes gubernamentales con la finalidad de obtener conocimientos más exactos sobre él.

En ese marco, pensar el *desarrollo* para América Latina requería una base que lo sostuviese, demandaba producir conocimientos. La base requería un mapeo científico de los problemas socioeconómicos y recursos de determinado país, lo que demandaba la creación de instituciones que generaran y legitimaran dichos conocimientos. En ese momento, América Latina era considerada un vaso vacío listo para llenarse de conocimiento, "el terreno estaba abonado para el surgimiento del desarrollo económico como proyecto teórico legítimo" (ESCOBAR, 2007 [1996], p. 75).

En ese sentido, el aparentemente sencillo discurso de Harry S. Truman cuando toma posesión de su segundo mandato como presidente de los EUA, fue capaz de re-encubrir la colonialidad que divide al mundo entre países desarrollados y subdesarrollados, reafirmando la hegemonía de Estados Unidos. Así proclamó Truman el 20 de enero de 1949⁵: "*debemos emprender un nuevo programa audaz que permita que los beneficios de nuestros avances científicos y nuestro progreso industrial estén disponibles para la mejoría y el crecimiento de las áreas subdesarrolladas*".

El subdesarrollo comenzó, por tanto, el 20 de enero de 1949. Ese día, dos mil millones de personas se volvieron subdesarrolladas. (...) Desde entonces, el desarrollo connota por lo menos una cosa: escapar de una condición indigna llamada subdesarrollo (ESTEVA, 1996 [1992], p. 53).

El término mismo *desarrollo* está cargado con las palabras que le dieron origen (crecimiento, evolución, maduración) y no puede dissociarse de ella. Ello implica estar inmerso en el proceso cartesiano de transición de un estadio simple a uno complejo, del arcaico al avanzado, del inferior al superior (ESTEVA, 1996[1992]). Sin embargo, para la mayoría de la población del mundo, la carga positiva que lleva el *desarrollo*, dada su construcción social que lleva al menos dos siglos, "es un recordatorio de *lo que no son*. Les recuerda una condición indeseable e indigna. Para escapar de ella, necesitan hacerse esclavos de las experiencias y sueños de los otros" (p.58. cursiva del original).

De acuerdo con Esteva (1996[1992]), si pensamos en una poderosa constelación semántica, el *desarrollo* allí se ubica en un lugar central, pues, como metáfora, transitó de la esfera biológica a la esfera social. Evoluciona así "de una noción de transformación que supone un avance hacia la forma *apropiada* de ser a una concepción de cambio que implica encaminarse hacia una forma *cada vez más perfecta*" (p.55. cursivas del original).

En ese sentido, el término *desarrollo* fue empleado para i). explicar el crecimiento natural de seres vivos, como plantas y animales; ii). como un proceso histórico gradual de cambios políticos y sociales, cosmos-naturaleza-historia; y bien como iii). la autonomía del ser humano en auto-desarrollarse. Sin embargo, "cuando la metáfora regresó al terreno vernáculo, adquirió un virulento poder colonizador", la sociedad industrial se convirtió así en el "destino necesario e inevitable" (p.56).

El nombrar 'pobres', 'periférico', 'subdesarrollado', etc., pone automáticamente al territorio y a todos que allí hacen su existencia a tiempos inmemorables a "sacar turno" y esperar en una cola por su momento de 'desarrollarse' (ESTEVA, 1996 [1992]). Es decir, el territorio deja de ser lo que era, en toda su complejidad, diversidad, identidad, para ser solamente un depositario de una visión de mundo colonialista que homogeniza el mundo a la luz de una minoría hegemónica.

Como alerta Escobar,

detrás del interés humanitario y de la apariencia positiva de la nueva estrategia comenzaron a operar nuevas formas de control, más sutiles y refinadas (...) Los pobres del mundo se convirtieron en el blanco de prácticas cada vez más sofisticadas y de una multiplicidad de programas aparentemente ineludibles (ESCOBAR, 2007 [1996], p. 77).

⁵ Fourth, we must embark on a bold new program for making the benefits of our scientific advances and industrial progress available for the improvement and growth of underdeveloped areas". El discurso original está disponible en: <http://avalon.law.yale.edu/20th_century/truman.asp>

De ese modo, "la metáfora del desarrollo dio hegemonía global a una genealogía de la historia puramente occidental, privando a los pueblos de culturas diferentes de la oportunidad de definir las formas de su vida social" (Esteva, 1996 [1992]:56). Por haber nacido en el orden de la modernidad/colonialidad occidental, el *desarrollo* se apega entonces a un régimen de saberes cartesianos, se orienta por una historia temporalmente lineal y profundiza el antropocentrismo. Su rol es ser una herramienta de manutención de las relaciones sociales de producción y reproducción del capital e instrumento para universalizar la modernidad/colonialidad como modelo (GÓMEZ, 2006; GUDYNAS, 2011).

Mercantilización de la vida por el economicismo

No perdamos de vista que el poder ha ingresado en la historia de la economía occidental a partir del momento en que la institucionalización del sistema de mercado demandó un cambio profundo del individuo, regulando las poblaciones a la medida de los movimientos del capital, en lo que llama Foucault de 'cuerpos dóciles'. Ello da como fruto un *Homo economicus* disciplinado y normalizado, capaz de producir según un ordenamiento y ciertas condiciones culturales y físicas; luego se inventa la 'economía' como un saber autónomo, regido por sus propias leyes y expresada mediante adecuada ciencia (ESCOBAR, 2007 [1996]).

El discurso y la práctica del *desarrollo* prolongan, profundizan y diseminan, principalmente a partir de la segunda mitad del siglo XX, el tipo de colonización del mundo que esta economía "autonomizada" inicia, en el final del siglo XVIII. El discurso y la práctica del desarrollo, con su rápida institucionalización y profesionalización, se transforma en patrón para pensar y transformar el mundo, siguiendo las reglas de la economía capitalista (GÓMEZ, 2006, p. 145).

Empezaron a caminar entonces, lado a lado, conceptos como 'focalización', 'necesidades básicas' y 'productividad', en un encadenamiento conceptual y político que han posibilitado el surgimiento de organizaciones especializadas en 'ayudar' a los pobres a aumentar su renta. Bien como de bancos y de la cooperación internacional que exigen, como condición para los préstamos, 'combatir la pobreza' con políticas focalizadas basadas en conceptos que ellos mismos inventaron (GALEANO, 2010[1971]).

En ese sentido, de acuerdo con Zibechi (2011), los intelectuales y técnicos referentes de las clases dominantes, en su labor de interpretar y categorizar la realidad social, definieron la pobreza y diseñaron las políticas públicas para salir de ella, negando, obviamente, a los que llamaron 'pobres' la posibilidad de definir su propia realidad. Por ello, en las propuestas de *desarrollo* está la búsqueda de 'superación' de la pobreza por medio de la vinculación y elevación de la productividad de los pobres –una vez que 'pobres' son los que no están insertos en la producción relacionada al mercado.

Como bien afirma Gustavo Esteva, la centralidad de los valores económicos exige la desvalorización de todas las otras formas de vida social, o sea,

[ese] desvalor produce una metamorfosis grotesca de las destrezas en carencias, de los ámbitos de comunidad en recursos, de los hombres y mujeres en mano de obra comercializable, de la tradición en carga, de la sabiduría en ignorancia, de la autonomía en dependencia. Metamorfosea grotescamente las actividades autónomas de la gente que encarnan deseos, destrezas, esperanzas e interacciones entre sí y con el ambiente, en necesidades cuya satisfacción requiere la intermediación del mercado (ESTEVA, 1996 [1992], p. 67).

Luego, la solidaridad, reciprocidad, cooperación, redistribución, subsistencia..., relaciones tan conocidas por sinnúmero de pueblos son marginalizadas por los discursos y prácticas de una economía que se presenta como autónoma, sostenida por un mercado que desea ser auto-regulado (GÓMEZ, 2006). En ese proceso de colonización del mundo por la economía, el *desarrollo* termina por potencializarlo a una dimensión no imaginada. Como dice Galeano en *Las venas abiertas...*, es como si [el *desarrollo*] fuera la morfina de cada día que, aplicada en pequeñas y continuas porciones, permite transfigurar la opresión y violencia de su estructura de clases sobre otras como el 'estilo occidental de vida'.

Consideraciones finales

“En el colonialismo hay una determinada función para las palabras: ellas no sirven para designar sino para encubrir” (CUSICANQUI, 2010, p. 19). Como sigue Silvia, las palabras se convirtieron en un registro ficcional, cargado de eufemismos que nos hacen percibir lo cuan maleables y esponjosas son ellas, que al contrario de revelar la realidad, la vela.

Lo que intentamos hacer en este trabajo fue demostrar lo que la palabra encubre y explicar la capacidad de resiliencia de la noción *desarrollo*. Esto es, retomando a Silvia Cusicanqui (2010a), “echamos luz” al horizonte colonial del *desarrollo* que reconstituye y refuncionaliza continuamente las estructuras de dominación coloniales de larga duración, elaboradas desde la conquista. Estas pasan a funcionar como modalidades de colonialismo interno por medio de diversas cadenas de dominación que explican el hecho de que cada estrato se va afirmando sobre la negación de “los de abajo” y a su vez anhelando gozar del nivel de consumo de bienes de los de arriba.

Y es justamente ahí donde está la resiliencia o el carácter *zombi* del *desarrollo*, como plantea Eduardo Gudynas⁶, pues cuando creemos que va a ser superado retorna con más vigor y energía. Es decir, desde el liberalismo y el neoliberalismo operan tecnologías políticas que producen modos de existencias que subjetivan a los individuos a autorregularse y hacer coincidir sus propios deseos con los patrones de consumo de la clase dominante que los oprime (CASTRO-GÓMEZ, 2010) – claramente asociados al modelo de *desarrollo* hegemónico. Se ha logrado, por lo tanto, como apunta Svampa (2012), instaurar imaginarios comunes y colectivos que se alimentan de la idea moderna y convencional de progreso y de lo que hoy día se entiende como “calidad de vida” y vivir bien. Vivir mejor aparece entonces asociado al consumo, algo que en el actual contexto de los gobiernos neo-desarrollistas de sudamérica y su “consenso de *commodities*” (SVAMPA, 2012) se hizo posible.

Referencias

CASTRO-GÓMEZ, Santiago. Michel Foucault: colonialismo y geopolítica. **Tabula Rasa**, Bogotá, n.6, p. 271-292. 2010. Disponible en: <http://www.revistatabularasa.org/numero-6/castro.pdf> Ultimo acceso en 15 feb 2014

_____. y Grosfoguel, Ramón. Prólogo. Giro decolonial, teoría crítica y pensamiento heterárquico. In: _____. **El giro decolonial**: reflexiones para una diversidad epistémica más allá del capitalismo global. Bogotá: Siglo del Hombre Editores; Universidad Central,

⁶ Dicha expresión la escuché decir Eduardo en la presentación del libro “Alternativas al capitalismo y al colonialismo”, autoría conjunta del Grupo Permanente de Trabajo sobre *Alternativas al Desarrollo*/Fundación Rosa Luxemburgo, en la ciudad de Buenos Aires, en el año 2013.

Instituto de Estudios Sociales Contemporáneos y Pontificia Universidad Javeriana, Instituto Pensar. 2010, p.09-24.

_____. **La Hybris del Punto Cero**: ciencia, raza e Ilustración en la Nueva Granada (1750-1816). Bogotá: Editorial Pontificia Universidad Javeriana. 2005

_____. Decolonizar la universidad. *La hybris del punto cero* y el diálogo de saberes. In: Castro-Gómez, Santiago y Grosfoguel, Ramón (Comp.). **El giro decolonial**: reflexiones para una diversidad epistémica más allá del capitalismo global. Bogotá: Siglo del Hombre Editores; Universidad Central, Instituto de Estudios Sociales Contemporáneos y Pontificia Universidad Javeriana, Instituto Pensar. 2007, p. 79-91.

_____. Ciencias Sociales, violencia epistémica y el problema de la ‘invención del otro’. In: Lander, Edgard. (Comp.). **La colonialidad del saber**: eurocentrismo y ciencias sociales. Perspectivas latinoamericanas. Buenos Aires: CICCUS; CLACSO [2000]. 2011, p.163-179.

CUSICANQUI, Silvia R. **Ch’ixinakax utxiwa**. Una reflexión sobre prácticas y discursos descolonizadores. Buenos Aires: Tinta Limón Ediciones. 2010, 1ed.

_____. **Violencia (re)encubiertas en Bolivia**. La Paz: Mirada Salvaje: Editorial Piedra Rota. 2010a

_____. **Sociología de la imagen**. Miradas ch’ixi desde la historia andina. Buenos Aires: Tinta Limón Ediciones. 2015.

DUSSEL, Enrique. **1492**. El encubrimiento del Otro. Hacia el origen del “mito de la modernidad”. *Colección Academia*. La Paz: Plural Editores, Facultad de Humanidades y Ciencias de la Educación – UMSA. 1994, 177f.

_____. Sistema-Mundo y ‘Transmodernidad’. In: _____. **Hacia una filosofía política crítica**. Bilbao: Editorial Desclée de Brouwer. 2001, p. 387-408.

_____. **Política de la liberación I**. Historia mundial y crítica. Madrid: Editorial Trotta. 2007, 534f.

_____. Transmodernidad e interculturalidad. (Interpretación desde la Filosofía de la Liberación). In: Lander, Edgard. (Comp.). **La colonialidad del saber**: eurocentrismo y ciencias sociales. Perspectivas latinoamericanas. Buenos Aires: CICCUS; CLACSO [2000]. 2011, p.45-71.

_____. **Filosofía de la liberación**. México: Fondo de Cultura Económica. [1977]. 2011^a.

ESCOBAR, Arturo. **La invención del Tercer Mundo**. Construcción y deconstrucción del desarrollo. Caracas: Fundación Editorial el Perro y la rana [1996]. 2007.

ESTEVA, Gustavo. Desarrollo. En: Sachs, Wolfrang (Editor). **Diccionario del desarrollo**. Una guía del conocimiento como poder, PRATEC: Perú (primera edición en inglés en 1992). 1996, p. 52-79.

FOUCAULT, Michel. Verdad y poder. In _____. **Microfísica del poder**. Madrid: La Piqueta. [1979]. 1992.

FURTADO, Celso. **O mito do desenvolvimento econômico**. Rio de Janeiro: Paz e Terra. 1974.

GALEANO, Eduardo. **Las venas abiertas de América Latina**. Buenos Aires: Siglo XXI. [1970]. 2010.

GÓMEZ, Jorge R.M. **Desenvolvimento em (des) construção**: narrativas escalares sobre o desenvolvimento territorial rural. 2006. 439f. Tese. (Doutorado em Geografia) – Faculdade de Ciências e Tecnologia, Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita”: Campus Presidente Prudente.

GROSFOGUEL, Ramón. La descolonización de la economía política y los estudios postcoloniales: transmodernidad, pensamiento fronterizo y colonialidad global. **Tabula Rasa**. Bogotá, n.4, p.17-48, 2006

_____. Hacia un pluriversalismo transmoderno decolonial. **Tabula Rasa**, Bogotá, n. 9, p. 199-215, jul-dic. 2008. Disponible en <http://www.revistatabularasa.org/numero-9/10grosfoguel.pdf> Acceso em: 20 jul. 2014.

_____. La descolonización de la Economía Política. **Conversatorio transcrito por estudiantes línea de Derecho, Sociedad y Estudios Internacionales**, Centro de Investigaciones Socio-Jurídicas. Universidad Libre. 2010. Disponible en: http://www.dilaac.una.ac.cr/index.php?option=com_remository&Itemid=&func=fileinfo&id=7 Acceso em: 05 fev. 2014.

_____. La descolonización del conocimiento: diálogo crítico entre la visión descolonial de Frantz Fanon y la sociología descolonial de Boaventura de Sousa Santos. **Formas-Otras. Saber, nombrar, narrar, hacer**. Barcelona: CIDOB Ediciones. 2011. Disponible en: <http://www.boaventuradesousasantos.pt/media/RAMON%20GROSFOGUEL%20SOBRE%20BOAVENTURA%20Y%20FANON.pdf> Último acceso: 05 feb 2014

_____. Genealogía del racismo: cartesianismo y la génesis del racismo-sexismo epistemológico. **Clases impartidas en el Doctorado de Letras**, Universidad Nacional de Costa Rica. 2013. Disponible en: <http://www.dilaac.una.ac.cr/>

MALDONADO-TORRES, Nelson. Sobre la colonialidad del ser: contribuciones al desarrollo de un concepto. In Castro-Gómez, Santiago y Grosfoguel, Ramón (Comp.). **El giro decolonial**: reflexiones para una diversidad epistémica más allá del capitalismo global. Bogotá: Siglo del Hombre Editores; Universidad Central, Instituto de Estudios Sociales Contemporáneos y Pontificia Universidad Javeriana, Instituto Pensar. 2007. p. 127-168.

MIGNOLO, Walter. La colonialidad a lo largo y a lo ancho: el hemisferio occidental en el horizonte colonial de la modernidad. In: Lander, Edgard. (Comp.). **La colonialidad del saber**: eurocentrismo y ciencias sociales. Perspectivas latinoamericanas. Buenos Aires: CICCUS; CLACSO [2000]. 2011. p.73-104.

PORTO-GONÇALVES, Carlos-Walter. A Reinvenção dos territórios: a experiência latino-americana e caribenha. In: Ceceña, Ana Esther. **Los desafíos de las emancipaciones en um contexto militarizado**. Buenos Aires: CLACSO – Consejo Latinoamericano de Ciencias Sociales. 2006. p. 151-197.

QUIJANO, Aníbal. Colonialidad del Poder, Eurocentrismo y América Latina. In: Lander, Edgard. (Comp.). **La colonialidad del saber**: eurocentrismo y ciencias sociales. Perspectivas latinoamericanas. Buenos Aires: CICCUS; CLACSO [2000]. 2011. p. 219-264.

QUINTERO, Pablo. Desarrollo, modernidad, colonialidad. **Revista de antropología experimental**, Jaén, n.13., p.67-83, 2013. Disponible en: <http://www.ujaen.es/huesped/rae/articulos2013/05quintero13.pdf> Último acceso en 15 feb 2014.

RIST, Gilbert. **El desarrollo**: historia de una creencia occidental. Madrid: Los libros de la Catarata. 2002.

SVAMPA, Maristella. Pensar el desarrollo desde América Latina. In: Massuh, Gabriela (ed.). **Renunciar al Bien Común**. Extractivismo y (pos)desarrollo en América Latina. Mardulce, Buenos Aires. 2012.

_____. Consenso de los commodities, giro ecoterritorial y pensamiento crítico en América Latina. In: OSAL (Buenos Aires: CLACSO) Año XIII, Nº 32, noviembre. 2012a.

ZIBECHI, Raúl. **Política & Miseria**. La relación entre el modelo extractivo, los planes sociales y los gobiernos progresistas. Buenos Aires: La Vaca editora. 2011, 200f.

De)Securitizing collectives of the Brazilian Cerrado and the implementation of an agribusiness complex*

Matheus Hoffmann Pfrimer

Research Coordinator at the Center for Global Studies (NEG), Adjunct Professor of Geopolitics & Security Studies at Faculty of Social Sciences, Federal University of Goiás
e-mail: matheuspfrimer@hotmail.com

Ricardo César Barbosa Júnior

Research Assistant at Center for Global Studies (NEG), Faculty of Social Sciences, Federal University of Goiás.
e-mail: ribarbosajr@gmail.com

Abstract

The Cerrado biome has been intentionally unregulated. For this reason we understand it as a space of (in)security, this has allowed for the implementation of an agribusiness complex that has resulted in the rapid expansion of the agricultural frontier at the cost of devastating its native landscape. Yet, the academic literature is lacking in a geopolitical appraisal of the biome. In this paper, we discuss the actor-networks present within the securitizing/desecuritizing dispute for space in the Cerrado, through a more-than-huma-geopolitics. For this we make use of the Actor-Network-Theory (ANT) as a way to contemplate both human and non-human actants. In order to present a historical construction of the Brazilian Cerrado as a space of security and (in)security; seeking to understand how different actor-networks strive to (de)securitize it as a means to establish agribusiness in the region. Thus arriving at the understanding that the contention to (re)frame the Cerrado articulates traditional and capitalist production with a plethora of non-humans, therefore, the agency of collectives of humans and non-humans involves a semiology and practices that stabilize or destabilize this collective.

Keywords: Cerrado; geopolitics; agribusiness; ANT; securitization.

Coletivos (de)securitizantes do Cerrado Brasileiro e a implementação de um complexo do agronegócio

Resumo

O bioma do Cerrado tem sido intencionalmente não regulado. Por essa razão, nós o entendemos como um espaço de (in)segurança, o que permitiu a implantação de um complexo agroindustrial que resultou na rápida expansão da fronteira agrícola às custas da devastação da sua paisagem nativa. A literatura acadêmica ainda é ausente em relação à apreciação da geopolítica do bioma. Neste artigo, discutimos por meio da geopolítica mais-do-que-humana os atores-rede presentes na disputa securitizante /desecuritizante pelo espaço no Cerrado. Usando a Teoria-do-Ator-Rede (ANT), como forma de contemplar atuantes humanos e não-humanos, nós apresentamos uma construção histórica do Cerrado brasileiro como um espaço de segurança e de (in)segurança a fim de compreender como diferentes atores-redes esforçam-

*These findings are part of the results uncovered while studying the place of genetic resources in the Cerrado biome. Situated within NEG's International Security research group within the project "Cerrado between the space of (in)security and National Integration" funded by the Goiás Research Foundation (FAPEG).

se para (de)securitizá-lo como um meio de estabelecer o agronegócio na região. Assim, ao alcançarmos o entendimento de que a disputa para (re)enquadrar o Cerrado articula a produção tradicional e capitalista com uma infinidade de não-humanos, portanto, a agência de coletivos de humanos e não-humanos envolve uma semiologia e práticas que estabiliza ou desestabiliza esse coletivo.

Palavras-chave: Cerrado; geopolítica; agronegócio; ANT; securitização.

Colectivos (de)securitizantes del Cerrado Brasileño e la implementación de un complejo del agronegocio

Resumen

El bioma Cerrado ha sido intencionalmente no regulado. Por lo tanto, lo entendemos como un espacio de (in)seguridad, lo que permitió la construcción de un complejo del agronegocio que dio lugar a la rápida expansión de la frontera agrícola a expensas de la devastación de su paisaje nativo. En la literatura académica hace falta una evaluación geopolítica de este bioma. En este artículo, se discuten por medio de la geopolítica más-que-humana los actores-rede presentes en la disputa securitizante/desecuritizante por espacio en el Cerrado. Utilizando la Teoría-del-Actor-Red (ANT) como una forma de contemplar la agencia de humanos y no-humanos, presentamos una construcción histórica del Cerrado brasileño como un espacio de seguridad y (in)seguridad con el fin de entender cómo los diferentes actores-rede se esfuerzan para (de)securitizar-lo como un medio para establecer la agroindustria en la región. Por lo tanto, para llegar a la comprensión de que la controversia a (re)enmarcar el Cerrado articula la producción tradicional y capitalista con una multitud de no-humanos, una vez que la agencia de los colectivos humana y no-humanos implica una semiótica y prácticas que se estabiliza o desestabiliza este colectivo.

Palabras-clave: Cerrado; geopolítica; agronegocio; ANT; securitización.

Introduction

Food is understood as one of the most relevant issues of the contemporary international agenda; however, only the surface of its human dimensions have been explored; with many questions surrounding its political aspects remaining to be answered. In the last two decades, free trade has greatly impacted food systems altering the way we comprehend food, and thus how we produce and consequently consume it (BARBOSA JÚNIOR; COCA, 2015b). Capitalist agriculture has been responsible for transitioning our perception of food from a social good to a merchandise that can be mass-produced and traded as any other (DE SCHUTTER, 2015).

It is known that the expansion of industrial agriculture is responsible for the devastation of the Brazilian Cerrado (FERREIRA et al., 2013), the second largest biome in the country and one of the most diverse in the planet (RATTER; RIBEIRO; BRIDGEWATER, 1997). Little

explored, however, is what strategic framework has become implemented that allows this to take place, as well as which practices allows this process to be perceived as legitimate. In this paper, we present and explore the concept that the Cerrado is strategically a space of (in)security and discuss the genetic resource dispute that is situated with it.

When it comes to food, it all starts in the seed. They are the initial source of transferable genetic knowledge that has existed since long before biotechnology turned them into something that could become hybrid or genetically modified (GM). Since the beginning of agriculture, native food plants were adapted, enhanced and bred, their seeds representing the traditional ancient knowledges that compose them (MAZOYER; ROUDART, 2006). Nevertheless, these seeds are disappearing, as modern farming has largely become about the resulting profits and not about the sustenance of those who live off the land.

This problem pertains to International Relations (IR) (LIMA, 2014), and is better explored through the international lens of securitization. It is important to be looked at by IR because, globalization, as a process and its internationalized market, does not accommodate difference, variety, non-uniformity, or non-conformity. It is the homonizing project, of an already hegemonic market, that dictates acceptable practices. Hence, the study of how food is produced and consumed allows us to shine light upon a somewhat neglected circumstance.

Inayatullah and Blaney (2004) proposes a re-imagining of IR, understanding that the discipline is situated in a unique position that allows for the study of differences. For them, these are organized explicitly around the exploration of the relation of wholes and parts and sameness and difference – and always the one in relation to the other. While some recent efforts have been giving to this approach by studying the difference of humans, there have been scarce attempts at discussing the difference of non-humans or how this pertains to human culture. For that reason, in this work we explore the verity of agrifood and describe how this diversity is under treat, specifically we look at seeds as non-human actants. For example, the current diet in Brazil – currently the second largest food exporter in the world, soon to be number one (OECD; FAO, 2015) – is based primarily on food items that are not originally from the region. The space given to these items are at the cost of traditional local food varieties, whose place has become even more restricted with the preference given the production of commodities. Soy for instance is the most abundant culture in the Cerrado, much of which ends up being exported to China, the country where it is originally from.

As can be seen, locally varied food systems are under threat, including the traditional knowledge, culture and skills that surround them; this is a danger to genetic variability. As variability promotes more resilience and food is an indispensable necessity, this is a question of

international security. The United Nations' Food and Agriculture Organization (FAO) (2004) identifies two causes for the genetic erosion of agrobiodiversity: i) the rapid expansion of industrial and Green Revolution agriculture and ii) globalization of the food system and marketing. Based on these indications, the perspective IR offers and its multidimensional methodology becomes essential to analyse the Cerrado. Making it ideal to research the dynamics that occur within while simultaneously understanding how it pertains to what goes on externally.

Thus, it becomes evident that studying food through IR is not only contemporary, but also indispensable. As states are not black boxes, but situated within a dense and complex web that connects its many actors, reason for applying the Actor-Network-Theory (ANT) approach. In turn, the associations of models of production and consumption that occurs within Brazil, as in other countries, being a reflection of what occurs internationally. Before, the actors within the studies of IR were set, with states as protagonist; nonetheless, the recent literature clearly demonstrates the emergence and centrality of new actors, such as social movements (FOMINAYA, 2014).

Early agriculture was the element that enabled us to settle down and evolve as a species (ACEMOGLU; ROBINSON, 2012; MAZOYER; ROUDART, 2006). This practice is closely linked to genetic markers, and it is this, that allows us to conceptualize future food production. However, since the process of industrialization the new capitalist agriculture has begun to alter genetic traits in a way that has had many negative impacts, namely the standardization of diets (STÉDILE, 2013), the farmers loss of sovereignty (SHIVA, 2001), health concerns (MAGHARI; ARDEKANI, 2011), the loss of biodiversity (TOURANGEAU; SMITH, 2015), amongst others (ETC GROUP, 2014; MOTTA, 2014). Nevertheless, there are initiatives that have been working towards giving new emphasis to the use of native seeds, drawing attention to the idea that there is need for an alternative model that differs GM monocrops, and proposing a means to do so.

We aim to understand how security and insecurity collectives were mobilized in order to render the Brazilian Cerrado as a space for an agribusiness complex. The answer to this question offers a subsidy to comprehend the current processes and actors involved in the genetic resources dispute in the Cerrado, and how this implies in a dispute over the manipulation of life amongst various actor networks that assemble human and non-human global and local actants. That is to say, we will depart from a more-than-human-geopolitics approach (MÜLLER, 2012, 2015).

Our main objective, consist in mapping out the actants joined in the actor networks involved in this dispute. Secondly, we wish to i) analyse the historical construction of the Brazilian Cerrado as a space of security and (in)security; in order to ii) understand how different actor-networks strive to securitize and (de)securitize it as a means to establish agribusiness in the region.

There are two different development models for the Brazilian countryside, understood generally as agribusiness and family farming. This paper describes the two groups of actor networks that articulates within the Cerrado situated within these models, specifically as it pertains to the natural resource of life. We built upon works that have identified the substitution of a diversity of food crops with monocrops that are not meant to be eaten, by analysing the way the Cerrado has become a space of (in)security allowing this to take place.

This paper is sectioned into three parts, along with this introduction and final considerations. Initially we establish a framework for the genetic resources dispute in the Cerrado. Then, we demonstrate how the Brazilian Cerrado was strategically (de)securitized as a way to establish an agribusiness complex. Lastly, we map out the actants involved in the controversy over the co-construction of the Central Brazil's capitalist agriculture.

A framework for the genetic resource dispute in the Cerrado

The dispute between capitalist and traditional agriculture plays out on all levels, international, national, regional and local. While the polarities are clearly established, the dynamics of each dispute are distinct and alters in accordance with the particularity of the scale in question. Internationally, it positions itself as a neoliberal-WTO regulated corporate-controlled global food system, with the transnational social movement *La Via Campesina*, and its food sovereignty flag offering opposition (BARBOSA JÚNIOR; COCA, 2015b). When it comes to the national level, in Brazil this dispute is a multifaceted, nonetheless, it can be generally understood based on the distinction between agribusiness and family farming, the two development models for the countryside. This distinction materializes even as a ministerial peculiarity within Brazil, being the only country to have two ministries to promote rural development represented respectively as *Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento* (MAPA) and *Ministério do Desenvolvimento Agrário* (MDA) (BARBOSA JÚNIOR; COCA, 2015a).

As our purpose in this paper is to analyse the Cerrado biome, we will continue to explore the dynamic of this dispute on the regional level. To do this, however, there is need for a multilevel approach considering the before mentioned arrangements. To be more direct, we will

approach the regional level as a consequence of the relation between the national and a the collective of localities situated within – see Chart 01.

Chart 01 – Levels established

Level	Overview
International	corporate regulated food regime vs. food sovereignty movement
National	agribusiness / monocrop / GM
Regional	dispute between national and local
Local	family farming / agroecology / the use of traditional seeds

Pfimer and Barbosa Júnior (2016)

Today the global food system as a whole – as well as the specific food systems around the world that together compose it – are largely privatised, but the actual farming is still done mainly by family farmers who occupy over 98% of farms globally (GRAEUB et al., 2015). Therefore, even in the context of farming, that is not directly under the control of a large corporation, these still control the most basic resource of food production, the genetic material, in a significant way. Genetic resource is the basis of all agriculture, placing it amongst the most vital of all our resources. FAO (1999) estimated that from 1990 to 2000 75 percent of plant genetic diversity had been lost, as farmers worldwide left their multiple local varieties for genetically uniform cash crops. By directing the international market and by stimulating global food consumption trends these corporations have simplified consumer diets, paving way for monocrop production.

As capitalist agriculture expanded, it needed to incorporate the rural population into its dynamic. This was carried out by promoting a process that transformed sustenance farming to a sales oriented production model. While today we understand organic as an alternative type of production, it was originally the only one. However, when farmers started to wholesale, the need to meet new parameters was put in place. The market established constraints, and to see to its demands, farmers had to adhere to a model of production that offered more predictability and uniformity. The understanding was that the rising urban population, that was no longer growing their own food, demanded consistency in their food items. Regardless the authenticity of this argument one thing is very true, the diets of urban dwellers became significantly more standardized (STÉDILE, 2013). Consequently, this meant less agrifood diversity for both food consumers and producers.

This represented the establishment of what we now understand as conventional agriculture, and the bases of what latter became industrial agriculture. The first, uses technology and produces for the market, and the second is even more technologically intense – particularly with mechanisation – and the production is oriented towards the demands of the global market. Accordingly, this created a need for larger extensions of land to accommodate these production models. A context that removed many of the tradition occupants of small rural properties intensifying the problems relating to land holdings that date back to the colonial period (GUIMARÃES, 1981; MARTINS, 1979, 1995).

This transition also occurs in relation to the distance between where food is produced and consumed (KNEEN, 1995). At first these were indistinguishable within sustenance farming, as very little of what was produced was commercialised and most properties were self-sustaining. In a second moment, urban centers started to be maintained by local agricultural production, but these distances still remained relatively short. However, in the current logic of international neoliberal free trade, this process is planned based on the lowest cost of production, which ultimately means that food is grown where the conditions to produce – especially labor – is cheapest as well as least regulated. Occasioning in both large trajectories amid where food is grown and eaten and the consequent resulting distancing between those who grow and eat it (CLAPP, 2014).

The directive elements established in these distinct paradigms is a result of the motivational factors behind them. While the original occupants who worked the land had their own livelihoods and the biological metabolism of their family and themselves as a primary concern, the arduous appetite of the global market was much greater. The principal motivation of corporations in agriculture being profit and their *modus operandi* a direct result of this device. With such a simplistic objective, modern agriculture has a limited value perspective, different from traditional agriculture, and the new alternative models that are concerned not only with the economic aspect but also the social and environmental ones (KORTHALS, 2015).

Industrialization allowed manufactures to be mass-produced in urban centers the same way it enabled food to be produced industrially in the countryside. Via an intensified process that extracted added value from labor with the use of technology, reducing production time. In other words, this is what Castree (2009) calls the time of the clock where time is thought of as time of production, to be manipulated and reduced to render larger output. This is in contradiction with the temporality of the traditional farmers' agriculture, which takes longer; for it is based on natural processes and a result by lived factors (e.g. the workday being determined by the available sunlight).

This distinction in production model ultimately resulted in a dissimilarity of the resulting yield, while agricultural outputs mass-produced for the international markets are seen as merchandise and offered in limited variety and great uniformity, thus called commodities. Small-scale farmers consider the food they grow to be much more than that, while it can also be a tradable good it holds further significance as a social good. In addition to shaping the predestined consumer market, with the former being projected for export and the latter intended towards satisfying the national supply (LOTTI, 2010).

Capitalist agriculture is much more than the mere growing of food, with this economic dimension present not only in the commercialization of the end product, but also in the way it's produced. Thus, the whole cost of production is high as there are many market oriented actants present in its production chain, reason for the use of the term agribusiness. The notion of agribusiness was conceptualized originally by Davis and Goldberg (1957) that coined the term to describe the complex systems relating agriculture, industry, market, capital and labor. This was used to characterize the way capitalism took control of agriculture in the 1950s in the United States. Nevertheless, capitalism has impacted in the same manner even the traditional farmers whom have this system imposed upon them, reason for the term family farmers to be primordially used to describe a type of farming that was once called peasant¹. In general terms, these are the issues of contention in the dispute between agribusiness and family farming – see Chart 02.

Chart 02 – Issues of contention within the agribusiness and family farming dispute

Characteristic	Agribusiness	Family Farming
Protagonist	corporations	family farmers
Diversity	monocrop (homogenous)	agrobiodiversity (diverse)
Agricultural Model	industrial/conventional	conventional/agroecological
Land Holdings	large	small
Distances	long	short
Primary Value	profit	substance
Temporality	clock/production/short	lived/natural/long
Resulting Production	commodities (tradable good)	food (social good)
Output Destination	international market	national supply

¹ It is important to note that there are those who use the term for political-ideological reasons, as it reminds to the struggle of those who resist the neoliberal model of agriculture that created large masses of dispossessed in the countryside (CARVALHO, 2012).

Production Cost	high	low
-----------------	------	-----

Pfrimer and Barbosa Júnior (2016)

These points are essential to be able to apprehend the key aspects of the genetic resource dispute that occurs in the Cerrado and the networks situated amongst them. The constitution of a pluriversal world involves multiple articulations and the mobilization of various non-humans, symbols and places. As even family farming has been entangled with science and technological objects and knowledges, both actants propose different versions of the process of co-constituting the Brazilian Cerrado as a space of (de)securitization practices, a fact that ends up becoming a strategy for fostering multiple interests as the network advances in multiple circumstances and articulations among actants. For a further understanding of this process, in the next session we explore the precarious construction of this biome as a *security dispositif*.

The (de)securitization of the Brazilian Cerrado as a strategy to establish an agribusiness complex

In this second part of the exert we intend to appraise the historical construction of the Brazilian Cerrado as a space of (in)security and how the rationale of security was mobilized to render this biome a space for the implementation and expansion of an agribusiness complex (WOLFORD, 2008). If in the context of securitization, the purpose was to establish control over the territory and the construction of a territorial grid and partition, in the following context of (de)securitization the resolve was that of a controlled liberalization. In order to allow the logistic of flows to open avenues that connects the region with the international commodity market, it was not by mere chance that agriculture production in the Brazilian Cerrado became one of the most yielding in the world.

The idea to consider the Brazilian Cerrado as a space of (in)security is foregrounded in the precarious construction of declaring spaces, places, subjects and even bodies as issues of security or insecurity. As such, the Brazilian Cerrado went through different entitlements, in the mid-fifties as a space of security and after the downturn of the Brazilian military regime as desecuritized space that was to become private. This initial discussion intends to contextualize the power relations amongst different actor-networks during the process of securitizing and desecuritizing the Brazilian Cerrado.

As highlighted by Wæver (1998), security is a discursive practice. The process of securitization encompasses the very act of turning an issue of *normal politics* into one of *high politics*. Hence, becomes a theme to be treated upon the basis of secrecy, urgency and

cautiousness. It is the authoritative position socially occupied by some securitizing actors that allows them to characterize a subject as so while dealing with the security agenda. However, this process is not mechanically given, since the performativity of the securitizing actors turns a subject into a securitized issue.

The Brazilian Cerrado was characterized in geomorphological terms as an area of transition. Located in the Midwest plateaus of Brazilian territory, it was envisioned, since the 30's, as an ideal area to foster national integration. As most of the Brazilian geopolitical tradition stands out for the use of organic analogy grounded on physiographic characteristics, this biome was seen as the axis of national integration.

The strategy of occupying lands in the far west region of Brazil was a concern since the colonial times. Particularly, due to the quest of legalizing most of the countries national borders, Brazilian geopoliticians turned their focus towards the matter of occupying and prizing the areas not well connected to the more dynamic regions of the country. In this perspective, Brazil's Midwest domains were of the utmost importance in order to carry out the plans to integrate the Brazilian Amazon to the rest of the country.

Departing from this perspective, most of the Brazilian geopolitical thought envisioned the “march to the west” and the Brazilian Cerrado as an endeavor to establish a *de facto* maneuver to guarantee a legal status to the national border on the premise of the principle of *utti possedetis* (RICARDO, 1970). It is worthy of note that in this period there was intent to recreate and apply a national project of (re)founding the Brazilian state. In this scheme, the geopolitical method was amongst the main rationale for proposing such a plot, reason that most of the geopoliticians have a background in the Armed Forces. At that moment, the Vargas Regime, better well known as *Estado Novo* was already in place.

According to the postulates of this national project, Brazilian territorial integration would be achieved through the colonization of vast areas in the Midwest region, which would be turned into a strategic center in a scramble for the Amazon. Following the tenets of this plot, the Brazilian Cerrado was seen as a space of security during a 50 years span. The symbols of these imaginaries were: i) the geopolitical discourses based on the national security doctrine; ii) the construction of the new capital in the Midwest region in addition to the consequent reconfiguration of the territorial grid; and; iii) the assembly of a set of infrastructure networks turning the Brazilian Cerrado as the bulk of the national infrastructure.

The Brazilian military doctrines assert that areas of the Brazilian Cerrado located in the States of Mato Grosso and Mato Grosso do Sul were part of the South American Heartland, a strategic area allowing for the control over the whole South American Subcontinent (PFRIMER,

2011). This geopolitical imaginary was initially created by General Mario Travassos, followed by influential military officers and political figures such as Golbery do Couto e Silva and Carlos de Meira Matos.

As envisioned by General Golbery do Couto e Silva (1955); the States of Mato Grosso and Mato Grosso do Sul along with the Paraguayan territory constituted what he so-called the South American Welding Zone. In other words, a strategic area for integrating the whole set of South American regions and therefore guaranteeing the political supremacy over the subcontinent (COUTO E SILVA, 1955; KELLY, 1997). Another relevant event was the upsurge of a socialist guerilla on the riverbank of the Araguaia River, which entailed a long and bloody conflict between the guerrillas and the military forces (CAMPOS FILHO, 2014). This juncture was the precedent for creating a plethora of National Security Areas in the Brazilian Cerrado. In other words, this meant the construction of various spaces that would be under direct jurisdiction of Central Government and treated as strategic spaces.

Amongst the important measures that corroborated these discourses were the transfer of the National Capital from Rio de Janeiro to the newly built city of Brasilia. This measure entangled the relocation of a whole set of new bodies to the Midwest of Brazil, such as the Armed Forces, think tanks, embassies and science and technology research institutes. Furthermore, in a normative perspective, these procedures gave way to the transformation of the territorial organization, since thousands of districts and municipalities were created in a matter of years (MONNIER; CLAVAL, 2006; VESENTINI, 1986). For instance, the increase in the number of municipalities in the state of Goiás and Mato Grosso were respectively 289% and 189%, from 1946 to 1964 (IBGE, various years *apud* Cataia 2006). Another meaningful action was the creation of the Central Brazil Foundation with the aim of financing new settlements and expeditions in the Midwest territory, one of the better known were the ones carried out by the Villas Boas brothers.

After 1964 and during most of the dictatorship in Brazil, the new territorial grid was administrated under the jurisdiction of the military regime. Therefore, in a certain manner, this territorial maneuver was a way to transform the national territorial arrangements in order to create a new space of security, centralized under the control of the military regime. Once the national capital was relocated, the new spatiality of power changed and its focus was set on replenishing the central areas surrounding the new city with a completely new set of bodies. In this sense, the national security and geopolitical gaze was diverted to the Brazilian Midwest.

On one hand, if the securitization of the Midwest territory meant the creation of new municipalities under the direct control of the military government, since local administrators were

directly select by the regime (CATAIA, 2006); on the other hand, the process of securitization allowed a diverse collective of actor networks to expand their territorialities to previously unoccupied regions. This was mostly done through the incentives offered by the government at the time, specially by offering rural subsidies and credits such as POLOCENTRO (Cerrado Development Program) which accounted for 467 million dollars from 1975 to 1982. Out of which 94% were deployed in the Midwest region of Brazil (GALINDO; SANTOS, 1995; MACHADO, 1995).

From 1975 on, incentives for the establishment of big transnational companies were offered, within a perspective of developing agribusiness enterprises in the region. At that time, the military regime was in retreat and the national (re)democratization process was already underway. Institutionally, this meant the alteration of many laws and norms, whereas economically, the process of (re)democratization led to implementation of neoliberal reforms, both of which set the stage for the advance of agribusiness in the Brazilian Cerrado.

First and foremost, there was the approval of the new Constitution in 1988, which in its article 225, paragraph 4, does not mention the Brazilian Cerrado as a biome of national heritage. Interestingly, all other Brazilian biomes were protected by the same constitutional passage except the Caatinga and Pampas (BRASIL, 1988). As highlighted during the Earth Summit, biological resources were declared as national heritage of the state, which (re)states the sovereign right of the countries to explore their own resources (Becker 2009). However, such an account cannot be applied to the resources in the Brazilian Cerrado, given that the constitutional text portrayed what could be seemingly understood as a lack of interest. Henceforth, in a certain respect expressing the idea that that biome had less to offer – when compared to others such as the Amazon Forest, for example – which entitled it to be exploited by the agribusiness sector.

One important feature of this episode is that at the time, there was an enormous concern with the devastation of the Amazon Forest already in course, only possible due to the demographic expansion to the Midwest area. On one hand, there was paramount international pressure over the Brazilian State grounded on the idea that the Amazon Forest was “the world’s lungs”. On the other hand, there was an astounding political maneuver set by an actor-network composed by transnational companies, large landholders, and conservative political parties, among others. The main aim of this network was to reframe new territorialities for the expansion of agribusiness. In order to settle this dilemma, the government at the time decided to preserve the Amazon Forest at the behest of the Brazilian Cerrado, which was blatantly claimed to be a space for agribusiness expansion. A process where one was politicized and thus securitized, at the cost of the other, that was not politically recognized and thus desecuritized.

This process of (de)securitization and economic liberalization was remarked upon by Bertha Becker (2007) while analyzing the occupation and expansion of large agribusiness corporation in Midwest areas of the Brazilian Cerrado. According to her, the period between 1979 and 1985 was the founding stage for the implantation of the corporate transnational capital in the agribusiness sector of the Midwest regions. The opening of a pioneer fringes under the interests of corporations such as Cargyll, Ceval, Seabra and Sadia was the cornerstone for the modernization of the countryside by situating agroindustrial districts in a posterior process of intensive modernization (Becker 2007, p. 120). In the following years, the expansion of agribusiness attracted many other economic sectors to the region which culminated in a posterior effort to aggregate value to the agriculture storage (COSTA, 2007). As highlighted by Arrais (2013), if in the 70's the idea of national integration was associated with a center-periphery relation regarding the expansion towards the Midwest, nowadays the economic liberalization made a direct articulation of interior regions with the international market possible.

In this perspective, the establishing of various techno-scientific objects during the process of the modernization of the countryside also gave way to a greater range of possibilities for alternative movements of resistance. It is noticeable that a substantial part of the communicational and logistical infrastructure also allowed for the construction of new relationships among these networks, which ensues high territorial density formations. Since the family farmers' – as well as other traditional farmers' – resistance movements, are well organized and articulated with other global networks of resistance, e.g. *La Via Campesina*. This, in turn, constitutes a complex set of articulations that can be realized by an intricate spatial dispute and encounters among various divergent actors.

In an upshot of the process appraised up to this point, the Brazilian Cerrado was considered in a first moment as a securitized space. In other words, we are referring to the fact that the region was considered as a question to be treated only by a restrict group of individuals pertaining to the core of the military regime, wherefrom most of the strategic decisions were taken. The authoritative position to perform a securitizing movement was hence held by the military leaders at those circumstances.

In a posterior context, during the process of (re)democratization, the primacy of this decision was conceded to actors pertaining to the political realm, that is to say, to the political representatives elected by the citizens. However, a network of multiple actors aligning conservative political parties, large landholders, international conservationists movements and NGO's were able to approve a Constitution not mentioning the Brazilian Cerrado as a place of national heritage, and therefore, not as a subject of the public domain. Consequently, this

situation ends up transforming the biome into a private domain, forgotten by the public sphere, and therefore as Shiva (2001) puts it as a *terra nullius*. In other words, the discursive approach of not naming it as national heritage encompasses not only linguistic consequences, but, more significantly, practical ones. Since, the politics of naming render words into action by upholding interests and opening avenues for legitimating projects and actions. In this respect, not naming this biome as public property constructs the scheme of note, drawing attention to an area of disputes amongst multifarious networks (LACLAU; MOUFFE, 1985; MÜLLER, 2008). Concluding, this gave way for the establishment of an area to become an exerting power, and not only territorial power but also other domains of power, such as the control of time and life.

The process described afore set the stage for the implementation of Agribusiness in the Brazilian Cerrado, which attracted foreign investments in areas such as biotechnology, science and technology. In a matter of years, large extensions of land were occupied by transnational corporations and were turned into spaces of intensive agriculture. With subsidies and fiscal incentives being offered by the government. Biotechnology was one of the key factors of this plot, since this expertise was the main tool for adapting life of seeds to the environment of Brazilian Cerrado. Science and technology research has been carried out by public agricultural research institutions, in this case mostly by The Brazilian Agricultural Research Corporation (Embrapa) (NEHRING, 2016). The Biotechnological revolution thus was one of the main mechanisms for manipulating the vitality of seeds in order to allow the commodification of life. This historical process engendered a contentious encounter among traditional farmers and agribusiness enterprises, which will be further explored in the following session.

To be or not to be securitized: the space for an agribusiness collective in Central Brazil

While considering the controversy over the co-constitution of the Brazilian Cerrado as a space desecuritized for agriculture purpose, it is essential to map out the actor-networks involved in the process of stabilizing it as a collective. As we have emphasized earlier, it is a precarious construction whether some actants will be able to stabilize this biome as a securitized or desecuritized space. This political maneuver of ontological politics involves multiple performativities, discourses, practices. That are in play with an objective of maintaining the Cerrado as a space designated, or not, for agribusiness practices. Therefore, the exercise of securitizing, or not, translates the conception of a space destined either for agribusiness or for

small landholders into reality. In this sense, a state managerial process involves a geography of humans and non-humans.

Originally, the Cerrado was constituted as a space occupied by settlers and small landholders. The main national plot for that region was of occupying it, so as not to lose part of the territory to other countries. For this range, mobilizing flows of humans and non-humans was in the very nature of statecraft. In this scheme, even foreign settlers received incentives to move towards the central region of the country. Diverting migrant flows to particular places implies in mobilizing multiple objects such as the building of infra-structures, creating institutions and offering various supply chains. From this perspective, the Cerrado was not simply a space covered with a particular vegetation and physiography, but rather a set of networks articulating humans and non-humans.

In a more recent moment of Brazilian political history, the move towards the desecuritization of Brazilian Cerrado was a process of rearranging the grid and networks conformed by various set of humans, such as migration flows, a labor force, engineers, scientists, farmers, foreign investors; and non-humans, such as grain stores, technology, biotechnology, investment flows and laws. This rearrangement of the collective web entailed a “wired geopolitics” between actor-networks. In this session of the article, we wish to understand the co-constitution of the Brazilian Cerrado’s changing nature and its relation with technology as material to force that interpellates multiple process and events. This relation implies in a range of disputes.

The introduction of the Green Revolution and particularly of the Biotechnological Revolution in Cerrado was a major breakthrough. The implementation of a number of laboratories, institutions and investments set alignment of actants in order to transform a space considered undeveloped into a new area for large-scale agricultural production. In this respect, technical devices such as biotechnology, GM seeds and institutional bodies were articulated, resulting the creation of Embrapa (NEHRING, 2016). The infusion of biotechnological practices in the Cerrado involved a series of foreign investments, which induced the taxation of agricultural exports in 2% at the time in order to support The Brazilian Agricultural Research Corporation (CABRAL, 2005).

The infusion of assemblages of production systems in Central Brazil established a new program of action for the collective, since the possibility of high yielding agriculture production, which instigated the agency of foreign investor and transnational corporations to install their activities in such biome. Hence, the articulation of land, fertilizers, pest/herbicides, economic incentives, agribusiness transnational corporations and government bodies created this new

dynamic concerning the changing of the Cerrado's nature. However, the articulation of this collective was still not completely aligned, since the norms and laws were not yet desecuritizing the Cerrado biome. On the other side of the controversy it is possible to see that family farmers, traditional communities, laws, creole seeds, among others were in contention with the idea of the introduction of an agribusiness complex.

After the Federal Constitution was approved, the Brazilian Cerrado was thus formally desecuritized, becoming tacitly considered as a biome not worthy of the national heritage status (BRASIL, 1988), setting the stage for the expansion of the agribusiness industry. The adaptation of the legal position regarding the environmental protection expressed a biome of neglect. This process is represented by intentionally leaving the Cerrado out of the legislation in a way that converted it into “a blank space” allowing for it to be privatized. If on one hand, even while the biome was presented in some of the inscription (maps, environmental tables, geographical archives), it was still not mentioned in the legislation and lacked normative protections. Therefore, in a jurisdictional sense, the afore-mentioned biome did not gain expression, but was represented by exclusion as an area not to be preserved. The collective of agribusiness industry, large farmers, biotechnology, ranchers, lobbyists, and others, thus mobilized the new Constitution. Hence, its approval was able to subvert most of the understanding of humans on the nature of that biome.

However, the fabrication of the Cerrado as a territory to be exploited is a precarious construction. The initial stabilization of the collective was not straightforwardly followed. In 1995, a Constitutional Amendment Proposal (PEC) number 115/95 was sent to the Congress and since then, there has been several unsuccessful attempts to modify the Constitution in a way that incorporates the Cerrado. The most recent one, the PEC number. 504/10 is at the present time still halted in Congress (NASCIMENTO, 2015). In 1995, the articulation among settlers and labor unionists reinforced the stakes in the struggle for access to land. Massive manifestations on the countryside drew attention to the agrarian question in Brazil. Even abroad, protests were organized demanding measures to curb violence and impunity on the Brazilian countryside (ASSIS, 2009; PEREIRA, 2009). This move called attention to the transformation of the Brazilian Cerrado into a space of (in)security since conflicts were on the rise over privatization of the huge extensions of land.

Furthermore, an effort to destabilize the Brazilian Cerrado as a collective is also carried out by the political practices of statecraft. If the law had already passed, the strategy thus should change in order to affect the execution of government policies, agencies and bodies. In this respect ministries are, as Latour (1999) entitles, centers of calculations. In 1996, the Eldorado

dos Carajás, massacre of the members of the Landless Workers Movement (MST), impinged on the government a response to that event. The official report based a video tape recorded with multiple frames of the conflict showed, contrary to initial allegations, that members of the Police force were the first to fire against the landless workers and ultimately the ones responsible for perpetuating the massacre. In this sense, a single videotape enabled the agency of humans, particularly the prosecutors and the media. Soon a collective articulating the media, prosecutors, guns and even a videotape in an official report infringed a response of the Brazilian government (SIMAS FILHO; RODRIGUES, 2000).

At the time, the government restored the deactivated Ministry of Agrarian Reform and Development (MIRADE), and thus the MDA we know today came to be. Thus, objects such as events, facts and relations contain scripts that articulates the human program of action (LATOUR, 1999). In this perspective, a single fact, or the use of guns in armed violence against the MST, changed the government's previous course of action regarding the agrarian question. Particularly, by realizing that MAPA was created in 1860 and from the discussed event continuously, had to deal with its re-established counterpart.

The MDA's creation represented the articulation of small farmers, landless workers, creole seeds and traditional agriculture practices to the collective of the previous stabilized actor-network. The Cerrado, as the main productive area for agribusiness investments, is also a space for the development of small farmers and traditional communities. This assertion does not mean that the networks are plainly stabilized once more, since the contention among actants is remarkable. In the last year MDA had a budget of 28,9 billion *reais* whereas MAPA received 187,7 billion *reais*, which in absolute terms means that it has a budget 6.5 times larger (BARBOSA JÚNIOR; COCA, 2015a). Both Ministries articulate with Embrapa, the technological supplier of both bodies. In this perspective, the constitution of the Brazilian Cerrado as an area of preservation is expressed not in jurisdictional terms, but rather inscribed in budgetary terms. This contention is also being inscribed in the realm of biotechnology, since creole seeds are seen as a symbol of seed sovereignty whereas GM's seeds assembled in Embrapa's labs are being mobilized as a way to produce capitalist agriculture practices in order to export following the standards of the international market. Interestingly, Embrapa is also responsible for the storage of many creole seeds in its seed banks. Nevertheless, here these are not valued for the use in promoting a culture of food but rather as containing future commercial value.

In summary, the contention to constitute the Cerrado, whether as a biome or as a blank space, articulates traditional and agribusiness production with a plethora of non-humans, such as biotechnology, storages containers, seeds, the Constitutional text, logistical systems,

institutional bodies, budgets, maps, numbers and even the use of guns. Therefore, the agency of collectives of humans and non-humans involves a dimension of semiology and practice that stabilizes or destabilizes this collective. In this sense, the objects also instigates action while articulated with humans.

Final considerations

As we have argued, non-humans are key to understanding the multifaceted dynamics of social relations. This is particularly true when it comes to the study of genetic resources in agriculture (BUSCH; JUSKA, 1997). As the agency of these are not only in themselves expressed as the key factor in the culture, but also the series of collectives that mobilize in order to modify it in accordance to capitalist rationale through biotechnology (CLAPP; DESMARAIS; MARGULIS, 2015), along with the discourses, processes and performativities that go into framing the commodification of life as legitimate (MOTTA, 2014).

While agribusiness is external, based on GM crops and backed by big business, family farming is established as traditional offering opposition to this process. In our work we characterize the dispute between a hegemonic privatized agrifood corporations that operates on an international level present in the region and how local groups have been contesting this order that largely impacted their livelihoods by utilizing traditional seeds as an act of resistance.

Interestingly, the network was completely modified and transformed during the contentious context in which agribusiness and traditional farmers compete in the politics of ontological construction. Small farmers, social movements, NGOs, academics and others as actants have been making an effort in order to avoid the expansion of agribusiness production in the Brazilian Cerrado. This effort is grounded on the assumption that acts, such as the altering of the Constitution for example, would allow for that course of action.

This work has two general purposes. First, we wish to address the gap in scholarly literature that does not analyze the Cerrado geopolitically, and second to act as a platform from which further works that explores a similar dimension can build off of. Thus, we ascertain the following themes to be explored by posterior research: i) on the geopolitics of the Cerrado or agriculture generally; ii) that wishes to explore how the control over biotechnology and genetic resources effect agricultural practices; and iii) with the aim of mapping out the ever-growing initiatives surrounding the use of creole seeds. With hopes that a more-than-human-geopolitics will become more widely contemplated, we also intend to stimulate the debate over this theme, particularly in Brazil.

References

ACEMOGLU, D.; ROBINSON, J. A. **Why Nations Fail: The Origins of Power, Prosperity, and Poverty**. 1. ed. New York: Crown Publishers, 2012.

ARRAIS, T. A. **A produção do território goiano: economia, urbanização, metropolização**. 1. ed. Goiânia: Editora UFG, 2013.

ASSIS, W. S. DE. Mobilização camponesa no sudeste paraense e luta pela reforma agrária. In: FERNANDES, B. M.; MEDEIROS, L. S. DE; PAULILO, M. I. (Eds.). **Lutas camponesas contemporâneas: condições, dilemas e conquistas**. 2. ed. São Paulo: Editora Unesp, 2009. p. 113–137.

BARBOSA JÚNIOR, R. C.; COCA, E. L. DE F. Conflitos entre o campesinato e o agronegócio no Brasil: os planos-safra 2015-2016. **Eutopia: Revista de Desarrollo Económico Territorial**, v. 8, p. 13–27, 2015a.

BARBOSA JÚNIOR, R. C.; COCA, E. L. F. The WTO 's international multilateral trade system and its effects on the production and consumption of food. **Boletim Meridiano 47**, v. 16, n. 150, p. 42–49, 2015b.

BECKER, B. K. Reflexões sobre a Geopolítica e a Logística da Soja na Amazônia. In: BECKER, B. K.; ALVES, D.; COSTA, W. DA (Eds.). **Dimensões Humanas da Biosfera-Atmosfera na Amazônia**. 1. ed. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2007. p. 113–128.

BECKER, B. K. **Amazônia: Geopolítica na virada do III milênio**. 1. ed. Rio de Janeiro: Garamond, 2009.

BRASIL. **Constituição Federal de 1988**. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/ConstituicaoCompilado.htm>. Acesso em: 1 mar. 2016.

BUSCH, L.; JUSKA, A. Beyond political economy: actor networks and the globalization of agriculture. **Review of International Political Economy**, v. 4, n. 4, p. 688–708, 1997.

CABRAL, J. I. **Sol da Manhã: memória da Embrapa**. Brasília: UNESCO, 2005.

CAMPOS FILHO, R. P. Os militares, a ideologia de segurança nacional e a ação guerrilheira no Araguaia. **Princípios (São Paulo)**, v. 129, p. 45, 2014.

CARVALHO, H. M. **O campesinato contemporâneo como modo de produção e como classe social**. [s.l.] MPA Brasil, 2012.

CASTREE, N. The Spatio-temporality of Capitalism. **Time & Society**, v. 18, n. 1, p. 26–61, 2009.

CATAIA, M. A. A geopolítica das fronteiras internas na constituição do território: o caso da criação de novos municípios na região centro-oeste do Brasil durante o regime militar. **Scripta Nova**, v. 10, n. 22, p. 1–14, 2006.

CLAPP, J. Financialization, distance and global food politics. **Journal of Peasant Studies**, v. 41, n. 5, p. 797–814, 2014.

CLAPP, J.; DESMARAIS, A.; MARGULIS, M. Genetic resources and agricultural biotechnology. **Canadian Food Studies / La Revue canadienne des études sur l'alimentation**, v. 2, n. 2, p. 192, 2015.

COSTA, F. DE A. A Questão Agrária na Amazônia e os Desafios Estratégicos de um novo Desenvolvimento. In: BECKER, B. K.; ALVES, D.; COSTA, W. DA (Eds.). . **Dimensões Humanas da Biosfera-Atmosfera na Amazônia**. 1. ed. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2007. p. 129–166.

COUTO E SILVA, G. DO. **Geopolítica do Brasil**. Rio de Janeiro: Livraria José Olympio, 1955.

DAVIS, J.; GOLDBERG, A. **A concept of agribusiness**. Boston: Division of Research, Graduate School of Business Administration, Harvard University, 1957.

DE SCHUTTER, O. **Starving for Answers: Don't Let Food Be the Problem**. Disponível em: <<http://foreignpolicy.com/2015/07/20/starving-for-answers-food-water-united-nations/>>. Acesso em: 1 dez. 2015.

ETC GROUP. **Why Genetically Modified Crops Pose a Threat to Peasants , Food Sovereignty , Health , and Biodiversity on the Planet**. Ottawa: [s.n.].

FAO. **Women – users, preservers and managers of agrobiodiversity**. Rome: [s.n.].

FAO. **Building on Gender, Agrobiodiversity and Local Knowledge: What is Agrobiodiversity?** Rome: [s.n.].

FERREIRA, M. E. et al. Modeling landscape dynamics in the central Brazilian savanna biome: future scenarios and perspectives for conservation. **Journal of Land Use Science**, v. 8, n. 4, p. 403–421, 2013.

FOMINAYA, C. F. **Social Movements and Globalization: how protests, occupations and uprisings are changing the world**. New York: Pallgrave McMillan, 2014.

GALINDO, O.; SANTOS, V. M. DOS. Centro-Oeste: evolução recente da economia regional. In: AFFONSO, R. DE B. A.; SILVA, P. L. B. (Eds.). . **Federalismo no Brasil: Desigualdades regionais e desenvolvimento**. São Paulo: Fundap/Unesp, 1995.

GRAEUB, B. E. et al. The State of Family Farms in the World. **World Development**, v. xx, 2015.

GUIMARÃES, A. P. **Quatro séculos de latifúndio**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1981.

INAYATULLAH, N.; BLANEY, D. L. **International Relations and the Problem of Difference**. 1. ed. New York: Routledge, 2004.

KELLY, P. **Checkerboards and Shatterbelts: the geopolitics of South America**. Austin: Texas University Press, 1997.

KNEEN, B. **From land to mouth: Understanding the food system**. Toronto: NC Press, 1995.

KORTHALS, M. Ethics of food production and consumption. In: HERRING, R. J. (Ed.). . **The Oxford Handbook of Food, Politics, and Society**. Oxford: Oxford University Press, 2015. p. 1–15.

LACLAU, E.; MOUFFE, C. **Hegemony and socialist strategy: Towards a radical democratic**

politics. London: Verso, 1985.

LATOUR, B. **Pandora's Hope: Essays on the Reality of Science Studies**. 1. ed. Cambridge: Harvard University Press, 1999.

LIMA, T. Fome e Relações Internacionais: uma agenda oportuna para o Brasil. **Carta Internacional**, v. 9, n. 1, p. 94–104, 2014.

LOTTI, A. The commoditization of products and taste: Slow food and the conservation of agrobiodiversity. **Agriculture and Human Values**, v. 27, n. 1, p. 71–83, 2010.

MACHADO, L. O. A fronteira agrícola na Amazônia. In: BECKER, B.; AL, E. (Eds.). **Geografia e meio ambiente no Brasil**. São Paulo/Rio de Janeiro: Hucitec/Comissão Nacional do Brasil da UGI, 1995.

MAGHARI, B. M.; ARDEKANI, A. M. **Genetically modified foods and social concerns** *Avicenna Journal of Medical Biotechnology*, 2011.

MARTINS, J. DE S. **O cativo da terra**. São Paulo: Ciências Humanas, 1979.

MARTINS, J. DE S. **Os camponeses e a política no Brasil**. Petrópolis: Vozes, 1995.

MAZOYER, M.; ROUDART, L. **A History of World Agriculture: From the Neolithic Age to the Current Crisis**. New York: Monthly Press Review, 2006.

MONNIER, G.; CLAVAL, P. **Brasília: L'épanouissement d'une capitale**. Paris: A&J Picard, 2006.

MOTTA, R. Social Disputes over GMOs: An Overview. **Sociology Compass**, v. 8, n. 12, p. 1360–1376, 2014.

MÜLLER, M. Reconsidering the concept of discourse for the field of critical geopolitics: Towards discourse as language and practice. **Political Geography**, v. 27, n. 3, p. 322–338, 2008.

MÜLLER, M. Opening the black box of the organization: Socio-material practices of geopolitical ordering. **Political Geography**, v. 31, n. 6, p. 379–388, 2012.

MÜLLER, M. Assemblages and Actor-networks: Socio-material Power, Politics and Space. **Geography Compass**, v. 9, n. 1, p. 27–41, 2015.

NASCIMENTO, G. **PEC do Cerrado: desde 1995 sem sair do papel**. Disponível em: <<http://www.ecodebate.com.br/2015/09/18/pec-do-cerrado-desde-1995-sem-sair-do-papel/>>. Acesso em: 1 mar. 2016.

NEHRING, R. **Yields of Dreams: State Building and the Politics of Scientific Knowledge in the Brazilian Agricultural Research Corporation (Embrapa)**: An international colloquium - Global governance/politics, climate justice & agrarian/social justice: linkages and challenges. The Hague: [s.n.].

OECD; FAO. **OECD-FAO Agricultural Outlook 2015**. Paris: OECD Publishing, 2015.

PEREIRA, J. M. M. Neoliberalismo e lutas camponesas no Brasil: contestação e resistência à reforma agrária de mercado do Banco Mundial durante o governo FHC. In: FERNANDES, B. M.; MEDEIROS, L. S. DE; PAULILO, M. I. (Eds.). **Lutas camponesas contemporâneas**:

condições, dilemas e conquistas. 2. ed. São Paulo: Editora Unesp, 2009. p. 279–302.

PFRIMER, M. H. Heartland Sul-americano ? Dos discursos geopolíticos à territorialização de um novo triângulo estratégico boliviano. **GEOUSP - Espaço e Tempo**, v. 29, p. 131–144, 2011.

RATTER, J. A.; RIBEIRO, J. F.; BRIDGEWATER, S. The Brazilian Cerrado Vegetation and Threats to its Biodiversity. **Annals of Botany**, v. 80, p. 223–230, 1997.

RICARDO, C. **Marcha para oeste: volumes I e II**. 4. ed. Rio de Janeiro: Editôra da Universidade de São Paulo, 1970.

SHIVA, V. **Protect or Plunder: Understanding Intellectual Property Rights**. London: Zed Books Ltd., 2001.

SIMAS FILHO, M.; RODRIGUES, A. **O fim da farsa: Laudo da Unicamp prova em vídeo que a PM atirou primeiro no massacre de Eldorado dos Carajás**. Disponível em: <http://www.istoe.com.br/reportagens/39243_O+FIM+DA+FARSA>. Acesso em: 1 mar. 2016.

STÉDILE, J. P. Capitalismo e política alimentar: o mundo não pode ser um grande supermercado. **envolverde: Jornalismo & Sustentabilidade**, p. 1–3, out. 2013.

TOURANGEAU, W.; SMITH, C. The valorization of GMOs and the de-valorization of farmers' contributions to biodiversity—Synthesis paper. **Canadian Food Studies / La Revue canadienne des études sur l'alimentation**, v. 2, n. 2, p. 217, 2015.

VESENTINI, J. W. **A Capital Geopolítica**. São Paulo: Editora Ática, 1986.

WÆVER, O. Securitization and Desecuritization. In: LIPSCHUTZ, R. D. (Ed.). **On Secutiry**. New York: Columbia University Press, 1998. p. 46–86.

WOLFORD, W. Environmental Justice and the Construction of Scale in Brazilian Agriculture. **Society & Natural Resources: An International Journal**, v. 21, n. 7, p. 641, 2008.

Recebido para publicação em 06 de março de 2016.

Devolvido para a revisão em 14 de março de 2016.

Aceito para a publicação em 14 de março de 2016.

Entre o avanço do agronegócio e a política de assentamentos rurais: a intervenção pública na questão agrária e fundiária piauiense¹

Patricia Soares de Andrade

Professora de Sociologia do Instituto Federal de Educação do Piauí
e-mail: patriciassociologa@gmail.com

Masilene Rocha Viana

Professora de Serviço Social do Instituto Federal de Educação do Piauí
e-mail: masilene@uol.com.br

Resumo

Análise da intervenção pública na questão agrária e fundiária piauiense, com destaque para a retração do processo de formação de assentamentos rurais nos últimos governos, que, negligenciando a temática da reforma agrária na agenda governamental, aprimoraram suas intervenções com vistas a um modelo de desenvolvimento que pautou o avanço do agronegócio, sobretudo da produção de grãos no bioma cerrado, o que vem revelando a direção do Estado em um processo de confluência de interesses entre Estado e agronegócio, visíveis nos reduzidos números dos assentamentos rurais e em atos diversos de natureza política e administrativa.

Palavras-chave: Questão agrária; reforma agrária; assentamentos rurais; cerrado; agronegócio.

Among the agribusiness advance and the rural settlements: the public intervention in agrarian and land issues in the State of Piauí

Abstract

Analysis of public interventions in land issues and land Piauí, highlighting the retraction of the process of formation of rural settlements in recent governments, which, neglecting the issue of land reform in the government agenda, enhanced their interventions aimed at a development model that guided the advance of agribusiness, especially of grain production in the cerrado biome, which has revealed the direction of the state in a process of convergence of interests visible in reduced numbers of rural settlements and various acts of political and administrative nature.

Keywords: Agrarian question; land reform; rural settlements; cerrado; agribusiness.

Entre el avance de los agronegocios y la política de asentamientos rurales: las intervenciones públicas en cuestiones de la tierra y la la cuestión fundiaria en el Estado del Piauí

Resumen

¹ O artigo faz parte dos resultados da pesquisa de doutorado desenvolvida no Programa Pós-graduação de Políticas Públicas da UFPI, no período de 2011 a 2015, com auxílio financeiro da CAPES.

Análisis de las intervenciones públicas em las cuestiones de la tierra y la cuestión fundiaria em el estado del Piauí, destacando la retracción del proceso de formación de los asentamientos rurales en los últimos gobiernos, que, dejando de lado la cuestión de la reforma agraria en la agenda del gobierno, el aumento de sus intervenciones dirigidas a un modelo de que guiar el desarrollo de la agroindustria antelación, especialmente de la producción de granos en el bioma cerrado, lo que ha puesto de manifiesto la dirección del Estado en un proceso de convergencia de intereses entre el Estado y la agroindustria, visible en un pequeño número de asentamientos rurales y diversos actos de la naturaleza política y administrativa.

Palabras clave: Cuestión agraria; reforma agraria; los asentamientos rurales; cerrado; agronegocios.

Introdução

A questão agrária e fundiária em um Estado de forte marca da pobreza no campo constitui a temática geral de interesse na presente reflexão. No esforço de refletir sobre aspectos da questão agrária piauiense em tempos de agronegócio globalizado partimos da compreensão de que o modelo produtivo hegemônico no campo mantém relações diretas com a forma como vem se conduzindo o Estado frente a questão agrária e fundiária.

Os estudos que tratam da nossa formação sócio histórica têm sido férteis em evidenciar que os problemas do mundo agrário brasileiro, sobretudo, aqueles relacionados à desigual forma de apropriação da terra, geradora de uma estrutura fundiária altamente concentrada, tendo suas raízes no século XVI, no processo de colonização, no contexto atual está fortemente vinculada ao processo de internacionalização da economia brasileira.

Entendendo ser demasiado complexo o conjunto dos aspectos que nucleiam a questão agrária e fundiária no Piauí recente – o que remeteria inclusive a um enfoque da problemática ambiental² –, optamos por conferir especial centralidade a uma reflexão em torno da ação do Estado na implantação e implementação de assentamentos rurais no Piauí como face de uma opção política de “desenvolvimento” que direciona a política pública para outro horizonte de interesses, em especial o que se refere ao avanço do agronegócio no Sudoeste do Estado, com particular atenção para a produção de grãos para a exportação. Ou seja, encaminha as ações dos dirigentes públicos para uma intervenção tímida quanto aos assentamentos rurais e de forma ainda mais lenta na parte do Piauí onde estão concentrados os investidores na produção de grãos para o mercado externo.

Nesse esforço, recorreremos a dados de instituições públicas como o Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária (INCRA), o Instituto de Terras do Piauí (INTERPI) e o Programa Crédito Fundiário para analisar o que indicam os números do Estado do Piauí quanto à política que deveria visa desconcentrar a terra e assentar

² Que, embora parte ineliminável da questão aqui abordada, por razões meramente de recorte e delimitação, não aparecem aprofundadas no presente texto.

agricultores pauperizados e, também os números da produção e da concentração da terra em áreas em que novos sujeitos se forjam, apresentando suas ações e interesses como a face moderna do grande capital no campo e na defesa de uma concepção particular de “desenvolvimento” para o Estado.

Mudanças e permanências na questão agrária e fundiária piauiense

No Piauí, a problemática fundiária e a luta pela terra tem suas raízes no processo de colonização. A estrutura fundiária piauiense, marcada pela concentração de terras, resultou do processo de intensas disputas entre populações nativas e o colonizador. Os primeiros posseiros exerceram o domínio de extensas áreas de terras visando à implantação dos currais de gado e cavalo. O passo seguinte, consistiu na solicitação de concessões e confirmações de sesmarias visando a legalização das posses e passando conseqüentemente da condição de posseiros a de sesmeiros. Assim, como asseveram Nunes e Abreu (1995), os latifúndios piauienses têm origem no processo de concessão de terras aos sesmeiros absenteeístas, ou seja, à pessoas que não se estabeleciam nas terras solicitadas à Coroa Portuguesa e que eram concedidas a partir de uma relação de bases autoritárias onde o prestígio social e as relações que o fazendeiro estabelecia com a administração da colônia era o que determinava tal concessão.

A pecuária extensiva de gado e o fornecimento de índios escravizados para os centros mais prósperos da colônia foram as atividades produtivas que promoveram a ocupação do território piauiense e a integração econômica local à América Portuguesa (Martins *et al.* 2003). A instalação das fazendas de gado no sertão, diferentemente dos engenhos de açúcar do litoral, exigia pouco investimento inicial, geralmente algumas cabeças de gado e poucos escravos formavam o efetivo das fazendas. O vaqueiro, figura emblemática do sertão piauiense, representava a mão-de-obra livre utilizada nos currais.

Do processo de colonização, no século XVII, à estruturação da Capitania de São José do Piauí em 1758, a sociedade piauiense encontrava-se isolada dos centros administrativos, sendo formada basicamente por uma pequena elite detentora da posse da terra e por uma parcela considerável da população de (agregados, vaqueiros, pequenos posseiros, escravos) que não tinha poder para fazer frente aos fazendeiros, que utilizavam o poder e a força para impor seus interesses nas pendências do cotidiano (NUNES; ABREU, 1995). Esse quadro de predomínio econômico da pecuária prossegue até o fim do século XIX quando, com o seu declínio, o Piauí se integra ao mercado externo por meio da produção de algodão e do extrativismo vegetal, especialmente o da borracha, da cera de carnaúba e do coco babaçu, aspectos da vida econômica piauiense que perduram até a segunda metade do século XX (NUNES; ABREU, 1995).

No plano político, no período anterior aos acontecimentos que levaram a revolução de 1930, a conjuntura piauiense era marcada pela presença do coronel local, que assumia uma posição estratégica na construção das hegemonias de poder, sobretudo por ser detentor de terras. Os governadores que almejavam assumir o poder só o conseguiam, na medida em que assegurassem o apoio da maioria dos proprietários de terras.

As primeiras incursões do poder público no Piauí, no que diz respeito a questão fundiária foram de iniciativa do governo federal, por meio de ações de colonização, como a criação, em 1932, do Núcleo Colonial de David Caldas (350 famílias) e, em 1959, do Núcleo Colonial do Gurgueia (260 famílias). Todavia, foram ações foram descontínuas e não provocaram alteração na estrutura fundiária (PIAUÍ, PRRA, 2005).

Martins *et. al.* (2003), destacam que em 1946 a União transferiu oficialmente para o Estado do Piauí cerca de 8 (oito) milhões de hectares de terras devolutas ou de ausentes. Esse patrimônio fazia parte das fazendas nacionais e passaram para a condição de fazendas estaduais. Conforme Martins *et. al.* (2003, p.222), o Piauí teria autonomia suficiente para “traçar diretrizes próprias, pelo menos para o uso daquelas terras que constituem patrimônio do Estado”. Contudo, os dirigentes do Estado não criaram as condições para o estabelecimento de políticas orientadas para a reforma da estrutura fundiária, não revelando domínio sobre seu próprio patrimônio.

Na década de 1970, por meio da Lei Estadual nº 3.271/73 as terras devolutas foram incorporadas ao “patrimônio da Companhia de Desenvolvimento do Piauí (COMDEPI), que foi autorizado por força da referida lei a realizar a alienação de terras públicas a empresários interessados em investir no Piauí, mediante a apresentação de projetos de desenvolvimento” (PIAUÍ, 2005, p. 18). Além da COMDEPI, o governo do Estado, em 1980, criou o INTERPI tendo por finalidade o desenvolvimento de ações de reforma agrária.

Na década de 1970 o país experimenta o processo de modernização de agricultura tendo o poder público desempenhado um papel importante como indutor desse processo. E, embora no Piauí as mudanças na base técnica da produção agrícola, entre as décadas de 1970 e 1980, tenha seguido um ritmo lento (VELOSO FILHO, 1998), como assevera Nogueira (1997), a modernização da agricultura piauiense alterou as relações sociais e estimulou a emergência de tensões no campo. Nogueira (1997, p. 106), chama atenção para a natureza dos conflitos agrários e para a dinâmica das questões e dos sujeitos que protagonizam as disputas nesse período, como muitos de trabalhadores rurais diante de uma situação que apresentava como possibilidade, a resistência diante das investidas do capital no campo, ou o êxodo, visto que muitas famílias foram expulsas de seus locais de moradia e trabalho, tendo que migrarem para as cidades.

A realidade do campo piauiense traz, portanto, a marca de relações de resistência e disputas em torno da terra para a garantia da reprodução social dos segmentos

subalternizados em função da existência de uma estrutura fundiária do Piauí concentrada. A tabela a seguir, com dados do INCRA, apresenta a estrutura fundiária do Piauí.

Tabela 1 – Estrutura Fundiária Piauiense – 2011

Grupo de área (ha)	Nº de Imóveis	%	Área Total (ha)	%
Minifúndio	82.220	67,11	1.902.754,39	9,77
Pequena propriedade	29.281	23,89	3.277.455,00	16,83
Média Propriedade	8.142	6,6	3.694.316,30	19,00
Grande propriedade	2.872	2,4	10.603.094,00	54,40
Total	122.515	100,00	19.477.620,70	100,00

Fonte: BRASIL, INCRA. Sistema Nacional de Cadastro Rural, 2011.

Como pode ser observado, as 2.872 grandes propriedades rurais representam 2,4% dos imóveis, e ocupam uma área equivalente a 54,40% do total de hectares cadastrados pelo INCRA, e, desse total apenas 237 são classificados como produtivos, ou seja, 2.635 não atingem os índices de produtividade. Em contrapartida, os imóveis cadastrados como minifúndios representam 67,11% dos estabelecimentos rurais, ocupando apenas 9,77% do total dos hectares cadastrados. Frente a essa realidade, diversos movimentos sociais do campo têm utilizado as ocupações de terra como forma de denunciar sua concentração em poucas mãos, colaborando assim, com significativa pressão política para a implantação dos assentamentos rurais.

A demanda por terra no Piauí é uma das faces da questão social no campo. O relatório da ouvidoria agrária do INCRA, referente ao ano de 2013, apresenta a existência de 60 ocupações de terras, envolvendo 2.415 famílias, localizadas em diferentes regiões do Estado. Cabe destacar também que boa parte dessas ocupações são posses tradicionais que estão sendo reivindicadas por moradores antigos das áreas em conflito. Há casos em que as famílias estão há décadas reivindicando a desapropriação de terras.

Os dados evidenciam (conforme tabela abaixo) a existência de 60 ocupações de terras envolvendo 2.415 famílias demandantes da reforma agrária e estas são organizadas por diferentes movimentos sociais ou organizações com atuação no campo, dentre eles, a Federação dos Trabalhadores na Agricultura do Piauí (FETAG), com 47 acampamentos e que organiza mais de 74% dessas ocupações³.

³ Dessas 60 ocupações, somente 9 (nove) estão localizadas em municípios do Cerrado, ou seja, não somente os assentamentos rurais não apresentam significativa presença no cerrado, mas também a luta social dos sem-terra se encontra territorialmente concentrada em territórios mais ao meio norte e litoral do Estado.

TABELA 2 – Ocupações de Terras no Piauí

Associação ou movimento social	Nº de acampamentos	Nº de Famílias Acampadas
FETAG	47	1.581
FETRAF	01	55
CPT	04	207
Sindicato de Trabalhadores Rurais	01	100
MTL	01	54
MST	04	198
Congregação Redentorista	02	220
Total	60	2.415

Fonte: Adaptado do Relatório da Ouvidoria Agrária Regional – INCRA/PI, 2013.

Assim, o campo piauiense pode ser caracterizado pela existência de vastas extensões de terras e pela presença de médias e grandes fazendas dos complexos do agronegócio de grãos, instalados principalmente na região dos Cerrados e, a grande parte da população do campo encontra-se em pequenas propriedades, na condição de posseiros, moradores ou agregados de grandes propriedades, produzindo, geralmente, para a sobrevivência. Para completar esse quadro, há que se registrar ainda o contingente da população do campo que encontra-se em acampamentos de sem terra cobrando do poder a realização da reforma agrária.

O processo de formação de assentamentos rurais no Piauí

No Piauí, na conjuntura de redemocratização política na segunda metade da década de 1980, e principalmente na década de 1990, a luta pela terra é fortalecida e impulsionada por movimentos sociais do campo, que ocuparam a cena pública denunciando a injusta face da concentração de terra, que colocava as populações pobres do campo em condições de subalternidade, bem como dirigiam para os governos, tanto da esfera estadual e federal, a cobrança de uma política de reforma agrária. Assim, nessa conjuntura de lutas e disputas pela terra, envolvendo de um lado as populações pobres do campo e do outro, grandes proprietários de terras, diferentes órgãos e programas passaram a responder à pressão social por reforma agrária, com a política de implantação de assentamentos rurais. Esses assentamentos foram criados por órgãos da esfera estadual, como o INTERPI, e no âmbito federal, o INCRA. Também foram implantados projetos de assentamentos originários de ações de prefeituras, principalmente os assentamentos criados por meio do *projeto Casulo*.

Cabe destacar ainda que no final da década de 1990 passou a operar no campo piauiense o programa Banco da Terra, que criava assentamentos rurais por meio da relação de compra e venda, ação que ficou conhecida como reforma agrária de mercado. No governo Lula (2003-2010), essa metodologia de constituição de assentamentos rurais não foi abandonada, ao contrário, foi até reforçada com a criação do Programa Crédito Fundiário⁴.

TABELA 3 – Assentamentos e Famílias Assentadas Pelo INCRA no Piauí: 1981 – 2002
(*)

Ano(s)	Nº de Famílias Assentadas	Nº de Assentamentos criados
1981 a 1994	1.050	14
1995	712	09
1996	1.073	10
1997	1.390	18
1998	1.451	42
1999	649	23
2000	2.112	35
2001	1.894	88
2002	1.342	62
Total	11.673	301

Fonte: INCRA, Relatório SIPRA, 2009.

Nota: (*) Informação construída a partir dos relatórios do SIPRA (Sistema de Informações de Projetos de Reforma Agrária), criado em 1994, para armazenar todos os dados dos Projetos de Assentamento criados ou reconhecidos pelo INCRA, em substituição aos controles manuais. Neste sistema constam informações referentes às seguintes categorias: assentamentos em criação; assentamentos criados; assentamentos em instalação; assentamentos em estruturação, assentamentos em consolidação, e assentamentos consolidados, com respectivas formas de Obtenção das Terras, e de Gestão, se única ou compartilhada com Estados ou Municípios (Portaria/MDA/N.º080- 24/04/2002).

O INCRA, no período de 1981 a 1994 assentou em terras piauienses 1.050 famílias, divididas em 14 assentamentos. Esse é um desempenho aquém do esperado, visto que no Primeiro Plano Nacional de Reforma Agrária (I PNRA), elaborado no governo Sarney (1986-1989), a meta era assentar 99.900 famílias até 1989 no Piauí. Tais dados expressam como a implementação do I PNRA foi lenta e ineficaz no que se refere ao atendimento da demanda por terra.

No período de 1995 a 2002, no governo de Fernando Henrique Cardoso, o INCRA-Piauí assentou 11.673 famílias, ou seja, em um intervalo de 8 anos o órgão federal assentou 10 vezes mais famílias que os 14 anos dos governos anteriores. Este aumento no número de famílias assentadas deve ser entendido no quadro mais geral das mobilizações por terras

⁴ O Programa Crédito fundiário, uma ação complementar de reforma agrária, tem por especificidade a compra e venda de terras para entidades de trabalhadores rurais, é implementado numa parceria que envolve o governo federal, o Banco Mundial e os governos estaduais, e as entidades representativas dos trabalhadores rurais.

deste período, quando os movimentos sociais do campo, com destaque para o MST passaram a utilizar as ocupações de terras como forma de pressionar o poder público a intervir na questão agrária.

Tabela 4 – Famílias Assentadas Pelo INCRA: 2003-2010.

Ações	Anos								TOTAL por ações
	2003	2004	2005	2006	2007	2008	2009	2010	
Assentamento de famílias em projetos de assentamentos criados na vigência do II PNRA/PRRA	114	650	1022	1072	619	649	533	516	5.175
Famílias assentadas em projetos de assentamentos estaduais reconhecidos pelo INCRA	218	617	695	2.172	329	505	101	0	4.637
Famílias assentadas em assentamentos municipais reconhecidos pelo INCRA	-	-	19	-	0	30	-	-	49
Assentamento de Famílias em vagas ociosas em projetos de assentamento criados em anos anteriores	1.056	831	1.589	1.363	844	1.091	545	529	7.848
Famílias assentadas em RESEX	-	-	1.170	1.095	232	2	-	-	2.499
Total das famílias assentadas por ano	1.388	2.098	4.495	5.702	2.024	2.277	1.179	1.045	20.208

Fonte: BRASIL, INCRA - Relatório/SIPRA, 2014.

Na tentativa de entender os números da tabela acima, é necessário destacar ainda que do total de famílias assentadas pelo INCRA constam as famílias dos assentamentos estaduais e municipais (Projeto Casulo), criados em anos anteriores e reconhecidos pelo INCRA, bem como a ocupação de vagas ociosas em assentamentos já criados.

A unificação das ações de desapropriação e reconhecimento dos assentamentos estaduais e municipais marcou o debate sobre o desempenho do INCRA no período de vigência do II PNRA, bem como na continuidade de suas ações nos posteriores à vigência do referido plano. A principal crítica apresentada por diversos segmentos da universidade (GIRARDI, 2008) e dos movimentos sociais do campo, diz respeito ao caráter não reformador dessas ações, posto que a estrutura fundiária permaneceu concentrada. Dessa forma, considerando as controvérsias em torno dos dados apresentados pelo órgão federal,

optamos por realizar o desmembramento das ações de reforma agrária desenvolvida pelo INCRA no período de 2003 a 2013, que compreende tantos os anos do governo Lula (2003-2010) e os três primeiros anos do governo Dilma (2011-2013).

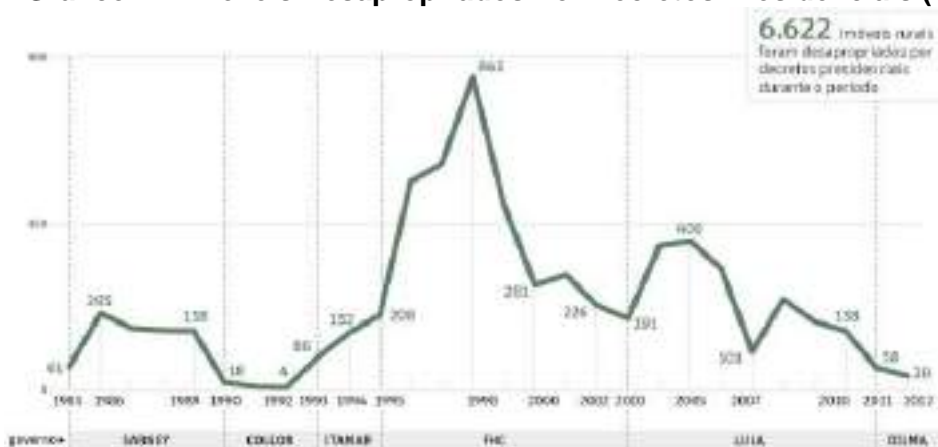
Quando os dados são desmembrados, o desempenho do INCRA, no tocante ao assentamento de famílias em novos assentamentos, sofre uma alteração significativa, posto que do total de 20.208 famílias, apenas 5.175 correspondem a novas vagas criadas, o que equivale a aproximadamente 25,54% das famílias assentadas no período em estudo. Os outros números advêm de diferentes ações da política de reforma agrária implementada pelo INCRA, tais como: assentamento de 4.4.686 famílias por meio do reconhecimento dos assentamentos estaduais e municipais e 7.860 famílias assentadas nas vagas ociosas de assentamentos criados em anos anteriores, ou seja, consiste em ocupação de vagas criadas num período anterior a vigência tanto do II PNRA como do PRRA. Nesse sentido, o assentamento de famílias em vagas criadas em anos anteriores ao II PNRA/PRRA representa aproximadamente 39% do número de famílias assentadas no Piauí, com destaque para o ano de 2003, quando foram assentadas 1.056 famílias em assentamentos já existentes e, apenas 114 em novos assentamentos. Essa ação tem o aspecto positivo de incorporar novos beneficiários à política de reforma agrária, contudo, como tem destacado os movimentos sociais do campo, não produz impactos na estrutura fundiária, posto que esses assentamentos já existiam.

Fernandes (2013, p. 191), realizando um balanço das políticas de reforma agrária do governo Lula (2003-2010) afirma que o governo não enfrentou “duas questões estruturais: a manutenção do campesinato em estado permanente de subalternidade ao capitalismo, por meio da renda capitalizada da terra, e a insuficiência das políticas de desenvolvimento para a agricultura camponesa”, o que, segundo ele, significa a manutenção da “condição de sujeição e escassez,” e inviabiliza a implantação de “uma política de reforma agrária”.

Num panorama mais geral de avaliação do Reforma agrária no governo Dilma, as vozes tanto do movimento social do campo, como de setores da academia que têm acompanhado a questão, destacam que a reforma agrária no Brasil vem saindo da agenda governamental, como indica, por exemplo, o estudo que o IPEA realiza para acompanhar as políticas sociais (BRASIL, IPEA, 2011, p.336), que dá conta de que “o Programa de Reforma Agrária, embora conste da programação oficial (Plano Plurianual – PPA 2008-2011 e PPA 2012-2015), praticamente desapareceu da agenda governamental, ao menos desde os anos finais do mandato do presidente Luiz Inácio Lula da Silva.” Segundo a pesquisa, “a partir de 2011, o programa ficou ainda menor,” e, com o agravante de que “os assentamentos se tornaram alvo da imputação de serem, em grande medida, os responsáveis pela tragédia da pobreza rural mais extrema”.

No tocante à questão agrária, o primeiro mandato da Presidente Dilma iniciou sem metas claras para a reforma agrária e apresentando como estratégia principal a implementação do Plano Brasil em Sem Miséria, que visava promover a inclusão social e produtiva da população em condição de extrema pobreza, ou seja, os que se apresentavam com renda monetária mensal domiciliar de até R\$ 70,00 *per capita*. Conforme estudo do IPEA (BRASIL, 2011, p. 337-39), para esse segmento do mundo rural, o plano dirigia as seguintes linhas de ação: “i) assistência técnica direcionada para a produção de alimentos para autoconsumo e comercialização de excedentes; ii) fomento, significando a transferência direta de recursos financeiros não reembolsáveis para estruturação produtiva de unidades familiares; iii) promoção do acesso a mercados públicos e privados, basicamente mediante o Programa de Aquisição de Alimentos (PAA); e iv) Bolsa Verde, transferência de R\$ 300,00 por trimestre para famílias cadastradas no Programa de Apoio à Conservação Ambiental”. Esse contingente, em 2011 encontrava-se estimado, em 16,2 milhões de pessoas, e, desse total, 46,7%, de acordo com o Censo Agropecuário, residiam em áreas rurais (BRASIL, IPEA, 2012, p.337)⁵. O balanço dos primeiros anos do governo Dilma no tocante a implementação de ações de reforma agrária, a principal questão encontra-se no desempenho lento conforme podemos observar na imagem abaixo.

Gráfico 1 – Imóveis Desapropriados Por Decretos Presidenciais (1985-2012)



Fonte: Folha de São Paulo (2013)⁶

O gráfico supra citado indica que, considerando 5 mandatos presidenciais no intervalo entre os anos de 1985 a 2012, podemos destacar que os primeiros anos do Governo Dilma apresentaram um desempenho bastante inferior aos outros presidentes.

⁵ No programa, “a questão da democratização do acesso à terra se sobressai por sua ausência” (BRASIL, IPEA, 2012, p.338). A construção das metas desconsiderou “a concentração fundiária, na origem da questão agrária brasileira”, o que implica na limitação de “uma solução definitiva à miséria rural.” (BRASIL, IPEA, 2012, p.336).

⁶ Disponível em: < <http://www1.folha.uol.com.br/poder/2013/01/1210631-dilma-e-a-que-menos-desapropriadesde-collor.shtml>>. Acesso em 20 nov.2014.

Além da taxa reduzida de decretos, os assentamentos criados no período, representam apenas 36% da meta prevista para 2012, que era de 30 mil famílias.

Frente a este quadro, os movimentos sociais do campo, a CPT e membros da academia, têm destacado que a reforma agrária estacionou e saiu da agenda de prioridades do governo Dilma. Respondendo a estas críticas, os representantes do governo têm se afirmado que na atualidade, as ações estão direcionadas para garantir qualidade dos assentamentos já criados no país.

Tabela 5 – Famílias Assentadas Pelo INCRA no Piauí: 2011-2014.

Ações	Anos				TOTAL por ações
	2011	2012	2013	2014	
Assentamento de famílias em projetos de assentamentos criados na vigência do II PNRA/PRRA	0	395	0	16	411
Assentamento de Famílias em vagas ociosas em projetos de assentamento criados em anos anteriores	610	490	475	0	1.575
Total das famílias assentadas por ano	610	885	475	16	1.986

Fonte: BRASIL, INCRA - Relatório/SIPRA, 2014.

Entre os anos de 2011 a 2014 foram criados ou reconhecidos pelo INCRA apenas 11 assentamentos rurais, beneficiando 411 famílias. O principal desempenho no tocante ao assentamento de famílias no Piauí, no período em análise diz respeito a ocupação de vagas ociosas em projetos de assentamento criados em anos anteriores. O governo atual também tem sido lento no reconhecimento de assentamentos criados pelo governo estadual e por prefeituras, visto que nesse período não realizou reconhecimento de assentamentos criados em períodos anteriores. No que tange às fases de em que se encontram tais assentamentos, os dados continuam a evidenciar a lentidão e a insuficiência das ações frente à questão, como indica a tabela a seguir.

Tabela 6 – Projetos de Ado Piauí Segundo Fases de Implementação

Fases	Quant.	%
Assentamento criado	215	43,43
Assentamento em instalação	65	13,13
Assentamento em estruturação	188	37,98
Assentamento em consolidação	20	4,04

Assentamento consolidado	07	1,41
Total	495	100

Fonte: BRASIL, INCRA - Relatório/SIPRA, 2014.

Segundo a base de dados do INCRA, no Piauí, não há assentamentos na fase de pré-projeto de assentamento, tampouco em processo de criação. Deste 495 assentamentos rurais, 306 foram criados pelo INCRA no período de 1981 a 2014, os outros 169 foram projetos de assentamentos criados pelo INTERPI, 18 pelo Projeto Casulo no período do governo FHC em parceria com prefeituras municipais e 2 projetos foram criados no âmbito de Programa de Desenvolvimento Sustentável (PDS). Os projetos criados pelo INTERPI, Projeto Casulo e PDS foram reconhecidos pelo INCRA, ficando sob sua gestão e passaram a constar no balanço anual do órgão, como novas famílias assentadas. Cabe destacar ainda que boa parte dos assentamentos reconhecidos pelo INCRA, no Piauí já possuíam mais de 20 anos de existência. Os dados sobre as fases de instalação dos assentamentos de reforma agrária chamam à atenção para o fato de existir assentamentos com mais de 31 anos de criação, que se encontram na fase de consolidação. Conforme estabelecido nas normas técnicas do INCRA, a consolidação de um assentamento compreende a dotação de infraestrutura básica e o acesso ao PRONAF-A estando em fase de titulação definitiva, cujas famílias já possuem condições socioeconômicas de migrar para as outras linhas de PRONAF. Este período de mais de 30 anos é muito longo, sobretudo se consideramos que o INCRA propõe o intervalo de 07 a 10 para a consolidação de um assentamento. No Piauí alguns assentamentos estão com uma defasagem de 23 anos para atingirem a condição de consolidado

Enquanto isso, o agronegócio avança no cerrado piauiense

O processo de integração do cerrado nordestino à economia nacional, nos marcos da expansão da produção capitalista no campo e para atendimento das demandas do mercado externo foi iniciado de forma mais sistemática na década de 1980, no movimento de dilatação da fronteira agrícola e com a presença de produtores oriundos do Centro Sul do país, sobretudo, os gaúchos, que se deslocavam, seguindo o movimento de dilatação da fronteira do Centro-Oeste para o Nordeste, em busca de terra barata para a instalação de empreendimentos produtivos de grãos, principalmente soja, para a exportação. Esta incorporação provocou e continua a promover modificações de diferentes aspectos e dimensões neste bioma. Uma delas diz respeito ao processo de desmatamento para a instalação dos empreendimentos produtivos. Nos últimos anos as cidades do cerrado

piauiense têm participado com posição de destaque nas listas das cidades que mais desmatam o bioma cerrado.

No Piauí, o agronegócio de grãos e carnes se territorializou nos cerrados, região Sudoeste do estado, no final da década de 1990 se apresentando como alternativa ao “atraso econômico” já que entendendo portar com uma ação voltada para a promoção do desenvolvimento e da modernização do Estado. Na tabela abaixo apresentamos dados referente evolução da produção e área plantada com soja no cerrado piauiense no período de 2002 a 2010.

Tabela 7 – Evolução da Produção de Grãos nos Cerrados Piauienses

Ano	CULTURAS									
	Soja		Arroz		Milho		Feijão		Algodão Herbáceo	
	Área (ha)	Prod. (t)	Área (ha)	Prod. (t)	Área (ha)	Prod. (t)	Área (ha)	Prod. (t)	Área (ha)	Prod. (t)
2002	86.205	90.770	38.09	17.96	7.308	29.763	4.327	2.36	-	-
			0	1				8		
2003	116.61	308.22	27.65	59.35	4.116	22.065	2.434	2.17	-	-
	3	5	8	3				1		
2004	155.78	388.19	36.10	60.01	6.901	37.813	1.377	1.25	-	-
	1	3	6	6				2		
2005	198.53	559.58	57.40	130.3	4.311	27.913	784	408	-	-
	2	8	2	47						
2006	232.00	544.08	33.74	72.92	8.842	39.321	2.997	3.13	-	-
	9	6	7	0				0		
2007	217.00	484.94	40.08	52.63	14.05	85.676	5.052	3.59	10.32	26.91
	6	0	2	5	2			8	3	3
2008	253.56	819.25	31.80	83.84	28.47	134.31	5.815	4.76	15.77	59.63
	6	8	3	6	8	5		2	0	3
2009	276.67	780.58	33.66	80.73	30.36	251.21	10.70	8.96	8.339	25.28
	2	0	5	5	6	8	8	6		9
2010	343.09	868.49	26.69	44.51	35.14	274.50	8.109	5.94	4.847	20.81
	2	3	2	4	5	7		5		2

Fonte: BRASIL, IBGE. Levantamento sistemático da produção de grãos (2002-2010)

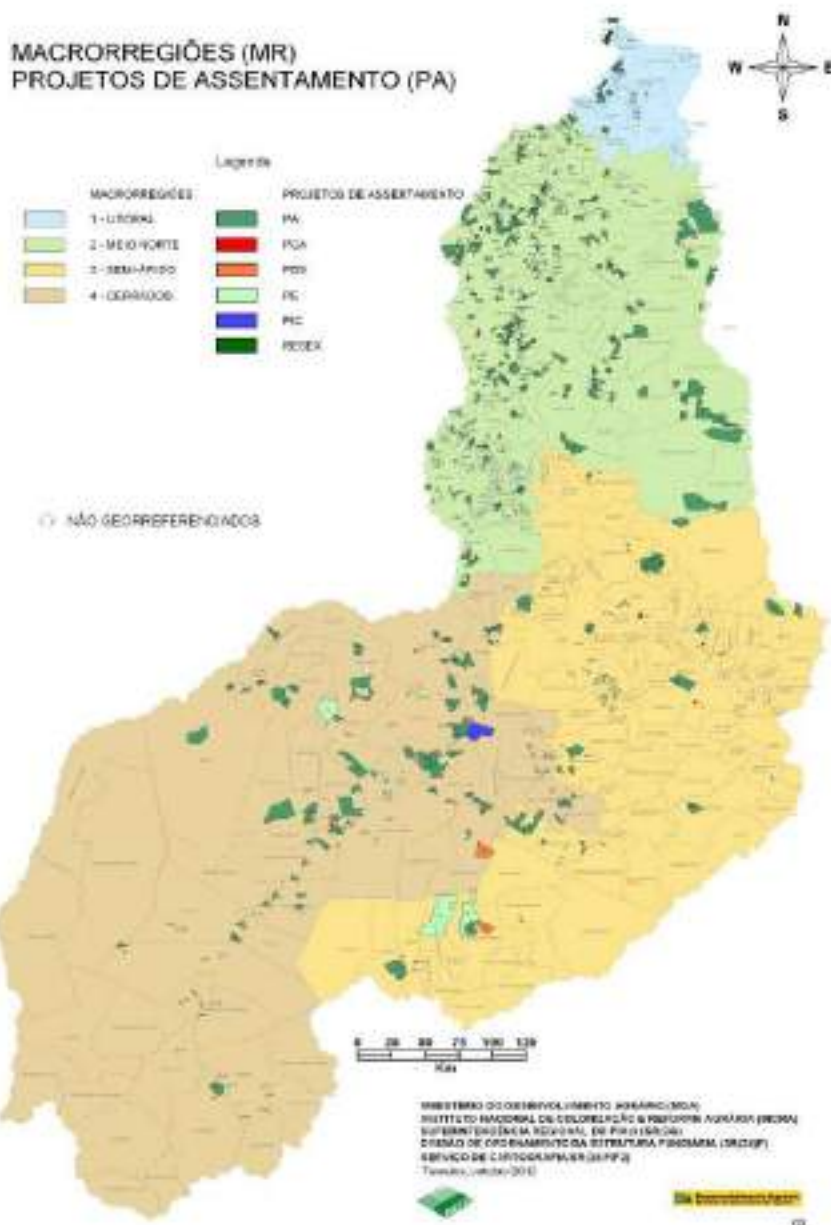
Soja e milho são as culturas agrícolas que apresentam o principal desempenho no tocante ao volume da produção, com destaque para a soja que em um intervalo de quase uma década, pulou de 90.770 toneladas em 2002 para alcançar a produção de 868.493 toneladas em 2010. No entanto, o feijão e o arroz tem apresentado uma oscilação nesse período. A literatura que trata de forma mais específica da produção de grãos no cerrado, destaca que no momento de instalação dos empreendimentos agrícolas, o arroz é o produto utilizado inicialmente para fazer a abertura da terra das chapadas no cerrado, por isso esse aumento de toneladas de arroz em 2005.

Conforme dados da Companhia Nacional de Abastecimento (BRASIL, CONAB, 2014, p.131), na safra de 2012/2013, a área destinada para o plantio de soja no Piauí foi de 586 mil ha e na safra 2013/2014 foram plantados 627,4 mil ha com soja, com uma variação positiva de 14.8%. Há dez anos, a produção de soja no Piauí, ocupava apenas 13,6 mil ha.

Essa ampliação da área destinada à produção de grãos tem ensejado denúncias por parte dos movimentos sociais do campo e ambientalistas, sobretudo em face dos impactos socioambientais negativos causados pelo desmatamento e pela existência da grilagem de terras públicas na região já que o avanço da produção e da área com lavouras de grãos do cerrado vem sendo acompanhada de um movimento crescente de apropriação de terras públicas pelos empreendimentos produtivos, aspecto inclusive detectado por seguidas correições realizadas pela justiça estadual nos cartórios da região do cerrado, bem como pela Comissão Parlamentar de Inquérito da Terra, realizada no final da década de 1990, pela Assembleia Estadual do Piauí. Os relatórios finais da Correição de Justiça Estadual (Piauí, 2001) e da CPI dos Conflitos Agrários (Piauí, 1998) evidenciam que um número expressivo de hectares de terras, que hoje abrigam lavouras de soja, foram apropriados de forma ilegal por especuladores, com auxílios de juízes, promotores e funcionários dos cartórios da região, e repassados para os produtores de grãos, que aportaram no Piauí, a partir da década de 1990, em busca de terra barata, para instalarem os investimentos produtivos de grãos e carnes.

Se de um lado, o agronegócio avança no campo piauiense, com a crescente expansão da produção de grãos, de outro, evidenciamos uma situação de quase letargia das ações de reforma agrária no Piauí. E quando comparado com a presença com ações de desapropriação de terras na região do cerrado, pode-se afirmar que no movimento de omissões e ações, o Estado em suas diferentes esferas tem agindo para implementar políticas voltadas para a expansão da grande produção de grãos, colocando em segundo plano a agricultura de familiar camponesa.

No que diz respeito a implantação de assentamentos rurais na região de expansão da produção de grãos no cerrado piauiense, os dados evidenciam quase um vazio desta ação estatal na região. Dos 495 assentamentos de reforma agrária criados ou reconhecidos pelo INCRA, apenas 44 foram criados nos municípios do cerrado, sendo que essa é uma área marcada pela presença de grandes extensões de terras devolutas, que o Estado deveria ter arrecadado para o seu patrimônio e que poderia ter destinado à reforma agrária. A figura a seguir revela a pífia presença de assentamentos no cerrado piauiense.

Figura 1 – Projetos de Assentamentos no Estado do Piauí

Fonte: BRASIL, INCRA SERVIÇO DE CARTOGRAFIA SR 24- PI (2012)⁷.

Assim, é notório que a atuação do INCRA se faz bastante acanhada no Cerrado, visto que dos 25 municípios que o compõe, apenas em 14 registra-se a presença de assentamentos desse órgão⁸. Os outros são resultado de ações do INTERPI e de prefeituras municipais, perfazendo ao todo 44 projetos de assentamentos rurais, beneficiando 3.168 famílias, com incorporação de 232.621.6377 ha para ações de reforma agrária.

⁷ Conforme Serviço de Cartografia da Superintendência Regional do INCRA no Piauí. Dados referentes ao ano de 2012.

⁸ No que tange à forma de obtenção da terra, o instituto da desapropriação se observa em apenas 12 assentamentos.

Destarte, corroboramos com Oliveira (2008) ao afirmar que a opção política do governo petista no tocante a reforma agrária encontra-se marcada por dois princípios: a) não implementá-la nas áreas onde o agronegócio é hegemônico, e b) se implementá-la para servir à expansão do agronegócio.

Considerações Finais

Ao longo das décadas o país tem respondido a pressão por terras por meio de diferentes ações, como políticas de colonização - típicas do período militar-, ou os assentamentos rurais, apresentados como produtos de uma política de reforma agrária. Contudo essas ações têm caráter não reformador da estrutura fundiária, embora, como ações parciais de reforma agrária, gerem impactos econômicos, sociais e políticos nas áreas onde os assentamentos são implantados e representam “uma alternativa de trabalho e acesso a terra” para uma população que enfrentava, em um momento anterior ao assentamento, “uma instável e precária inserção no mundo rural/agrícola” (LEITE et. al., 2004, p. 258).

No Piauí, o agronegócio se consolida num processo de incorporação de terras públicas às grandes fazendas produtoras de grãos, processo que se dá via de regra por meio do expediente da grilagem de terras, embora os produtores afirmem ser, suas posses, “de boa fé” e busquem incessantemente marcos regulatórios junto ao governo estadual que os retirem da situação por eles qualificada como de insegurança jurídica.

Nos discursos dos Governos Federal e Estaduais é explícita a defesa da implantação dos grandes empreendimentos e da ampliação da fronteira agrícola nos cerrados, bem como da exploração de minérios para exportação na região do semiárido, além do investimento público em grandes obras estruturantes como a ligação com a rodovia federal Transnordestina, bem como a estadual Transcerrados para viabilizar o transporte dos grãos, sobretudo soja e milho, do cerrado para o mercado consumidor regional e para exportação.

Assim, cada vez mais se evidencia a opção dos últimos governos estaduais pelo agronegócio sob a alegação de esse é o caminho para o desenvolvimento econômico do Piauí, o que se observou no processo de planejamento estadual, intitulado “Piauí 2050”, implementado pela Secretaria Estadual de Planejamento, no ano de 2013. Como resultado desse processo foi apresentado um plano de desenvolvimento para o Piauí, que definiu como estratégias centrais o estímulo à produção de grãos no cerrado e a mineração no semiárido.

Óbvio que essa opção não se faz sem críticas, sobretudo das entidades representativas dos trabalhadores do campo e ambientalistas que, em geral apontam a

necessidade de se pensar o desenvolvimento em outras bases, especialmente tomando como referência o grande número de estabelecimentos agrícolas de base familiar e camponesa do Piauí, que sendo a grande maioria, ficaram desconsiderados no planejamento das ações governamentais.

Destarte, frente ao discurso de defesa da grande produção para alavancar o desenvolvimento, os outros sujeitos do campo piauiense ficaram eclipsados. Os dados da política de assentamentos rurais e da produção de grãos e estrutura fundiária do Estado são claros na estratégia adotada pelos governos. Ao passo que decrescem os investimentos em assentar trabalhadores rurais, cresce vertiginosamente a produção de grãos para o mercado mundial em um processo de *comoditização* do campo assentada na concentração da propriedade da terra. E a reforma agrária, enquanto uma política fundamental para o desenvolvimento dos povos subalternizados do campo têm ficado cada vez mais em segundo plano, já que “*a soja reluz como ouro*”.

Referências

BRASIL. Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária (INCRA). **Cadastro Nacional de Imóveis Rural**. Brasília, 2011.

_____. INCRA. Relação de beneficiários da reforma agrária no Piauí: 1981 a 2014. **Sistema de Informações de Projetos de Reforma Agrária**. Teresina, 2014.

_____. INCRA. Relação de beneficiários da reforma agrária no Piauí: 1981 a 2014. **Sistema de Informações de Projetos de Reforma Agrária**. Teresina, 2009.

_____. INCRA. **Relatório da Ouvidoria Agrária da Superintendência Regional do Piauí**. Teresina, 2013.

_____. IPEA. **Políticas sociais: acompanhamento e análise**, (jun. 2000 -). Brasília: IPEA, 2011.

_____. IPEA. **Políticas sociais: acompanhamento e análise**. (jun. 2000 -). Brasília: IPEA, 2012.

_____. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística IBGE. **Levantamento Sistemático da Produção de Grãos (2002-2010)**. Sistema IBGE de Recuperação Automática - SIDRA. Rio de Janeiro: IBGE, 2000-2010. Disponível em: < <http://www.sidra.ibge.gov.br/>>. Acesso em: 10 dez. 2014.

_____. Companhia Nacional de Abastecimento CONAB. **Acompanhamento da safra brasileira de grãos**, v. 1, n.1. Brasília: CONAB, 2014.

FERNANDES, B. M. A reforma agrária que o governo Lula fez e a que pode ser feita. In: SADER, E. (Org.). **10 anos de governos pós-neoliberais no Brasil: Lula e Dilma**. São Paulo: Boitempo, 2013.

GIRARDI, E. P. **Atlas da Questão Agrária**. Presidente Prudente. 2008. Disponível em: <<http://www4.fct.unesp.br/nera/atlas>>. Acesso em: 27 ago.2014.

LEITE, S. *et. al.* **Impactos dos assentamentos**: um estudo sobre o meio rural brasileiro. São Paulo: UNESP, 2004.

NOGUEIRA, M. S. **Pequenos produtores rurais**: movimentos e interações com a reforma agrária. Brasil – Piauí. (1970-1990). 1997. Dissertação (Mestrado em História Social) – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. São Paulo, 1997.

PIAUI. **Plano de Reforma Agrária do Estado do Piauí – 2003/2010**. Teresina, 2005.

_____. Assembleia Legislativa do Piauí. **Relatório da Comissão Parlamentar de Inquérito dos Conflitos Agrários do Piauí**. Teresina, 1998.

_____. Tribunal de Justiça do Piauí. **Relatório da Correição Extraordinária nos Cartórios de Registro de Imóveis do Piauí**. Teresina, 2001.

VELOSO FILHO, F. A. **Planejamento regional e transformação da Agricultura tradicional**: lições da experiência no Estado do Piauí. (Tese de Doutorado). UNICAMP/SP, 1998.

OLIVEIRA, A. U. O governo Lula dá adeus à reforma agrária. **Brasil de Fato**, 22 dez. 2008. Disponível em:<<http://www.brasildefato.com.br/node/3444>>. Acesso em: 20 out. 2014.

Recebido para publicação em 08 de março de 2015.

Devolvido para a revisão em 30 de dezembro de 2015.

Aceito para a publicação em 30 de janeiro de 2016.

Indicadores de sustentabilidade cultural de assentamentos rurais em Teresina-PI

Alyne Maria Sousa Oliveira

Economista, mestre e doutoranda em Desenvolvimento e Meio Ambiente pela Universidade Federal do Piauí, professora do Departamento de Gestão e Negócios do Instituto Federal do Piauí.
e-mail: alyne.maria@gmail.com

Maria do Socorro Lira Monteiro

Economista, Professora Associada I do Departamento de Ciências Econômicas da Universidade Federal do Piauí e do Programa Regional em Desenvolvimento e Meio Ambiente (PRODEMA).
e-mail: socorrolira@uol.com.br

Maria Dione Carvalho Moraes

Socióloga, Professora Adjunta do Departamento de Ciências Sociais e dos Programas de Pós-Graduação em Políticas Públicas (PPGPP), Antropologia e Arqueologia (PPGAArq) e Sociologia (PPGS), da Universidade Federal do Piauí.
e-mail: mdione@superig.com.br

Clarissa Flávia Santos Araújo

Economista, Mestranda em Desenvolvimento e Meio Ambiente, pela Universidade Federal do Piauí.
e-mail: cla.flavia@hotmail.com

Resumo

Um dos mais importantes aspectos da sustentabilidade de um ambiente constitui a dimensão cultural do seu povo; entretanto, ao longo dos estudos realizados sobre as condições de vida nos assentamentos rurais, observa-se que essa perspectiva permanece obscura na política de reforma agrária e negligenciada na experiência vivida nesses espaços. Neste artigo que tem por objetivo formular uma metodologia de indicadores culturais orientada aos projetos de reforma agrária, apresentam-se os resultados verificados em três assentamentos rurais situados em Teresina-PI. Metodologicamente, empregou-se pesquisa documental junto aos órgãos gestores e pesquisa de campo, por meio de observação direta, com registros em diário de campo e entrevistas não-diretivas com líderes das associações de assentados e os habitantes mais antigos, a fim de reconstituir a história dos assentamentos; bem como a aplicação de questionários às famílias assentadas, para obtenção dos dados para cálculo dos referidos indicadores. Os resultados da pesquisa apontam convergências em relação à forma como a cultura camponesa se expressa, ao tempo em que sinalizam a ausência da participação do poder público por meio de políticas de incentivo à realização de atividades e ao consumo cultural, direcionadas ao meio rural.

Palavras-chave: Reforma agrária; assentamento rural; sustentabilidade; cultura; indicadores culturais.

Cultural sustainability indicators on rural settlements in Teresina-PI

Abstract

Cultural dimension of a people represents one of the most important aspects of environment sustainability; however, over studies regarding life conditions in rural settlements, such perspective remains an obscure point on land reform policy and neglected on experience in these areas. This paper aims to formulate a methodology for cultural indicators guided to land reform projects, by presentation of results verified in three rural settlements located in Teresina-PI. As methodological resources, documentary survey was fulfilled on manager institutions and field research by direct observation with field diary registering and interviews with leaders of settlers associations and oldest inhabitants, in order to restore settlements' histories; as well as questionnaires' application to settlers' families, for data collection for mentioned indicators calculation. Research results indicate some convergence on the way peasant culture is expressed, in time they attest absence of public authorities' participation by stimulation policy for cultural activities and consumption, guided to rural areas.

Keywords: Land reform; rural settlement; sustainability; culture; cultural indicators.

Indicadores de sostenibilidad cultural de asentamientos rurales en Teresina-PI

Resumen

Uno de los más importantes aspectos de la sostenibilidad de un ambiente es la dimensión cultural de su gente; sin embargo, en los estudios sobre las condiciones de vida en los asentamientos rurales, se observa que esa perspectiva sigue siendo oscura en la política de reforma agraria y negligenciada en la experiencia vivida en esos espacios. Este artículo tiene por objetivo formular una metodología de indicadores culturales orientada a los proyectos de reforma agraria, y se presentan los resultados obtenidos en tres asentamientos rurales ubicados en Teresina-PI. Metodológicamente, se utilizó investigación documental en los organismos de gestión e investigación de campo, por medio de una observación directa, con registros en apuntes de campo y entrevistas no directivas con líderes de las asociaciones de colonos y los habitantes más antiguos, con el fin de reconstruir la historia de los asentamientos; así como la aplicación de cuestionarios a las familias asentadas, para obtención de datos para cálculo de estos indicadores. Los resultados de la encuesta indican una convergencia en relación a cómo se expresa la cultura campesina y señalan la ausencia de participación del poder público por medio de políticas de incentivos a realización de actividades y el consumo cultural, dirigido a las zonas rurales.

Palabras-llave: Reforma agraria; asentamiento rural; sostenibilidad; cultura; indicadores.

Introdução

Um dos mais importantes aspectos da sustentabilidade de um ambiente constitui a dimensão cultural do seu povo. Entretanto, ao longo dos estudos realizados sobre as condições de vida nos assentamentos rurais, observa-se que essa perspectiva permanece obscura na política de reforma agrária e negligenciada na experiência vivida nesses espaços.

A vasta literatura acerca da elaboração e cálculo de indicadores de sustentabilidade em assentamentos rurais limita-se a abranger os critérios socioeconômicos; há uma restrita parcela que trata sobre as dimensões ecológicas e político-institucionais, ao passo que se evidencia uma lacuna considerável no tocante às questões culturais.

Neste artigo que tem por objetivo formular uma metodologia de indicadores culturais orientada aos projetos de reforma agrária, apresentam-se os resultados verificados em três assentamentos rurais situados em Teresina-PI, geridos por diferentes arranjos institucionais: o assentamento federal Santana Nossa Esperança, o assentamento estadual Fazenda Soares e o assentamento casulo Tapuia, criados/reconhecidos em 2005.

Visando à consecução deste estudo, foram realizados levantamento documental junto ao Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária (INCRA), Instituto de Terras do Piauí (INTERPI) e Superintendência de Desenvolvimento Rural (SDR) da Prefeitura Municipal de Teresina (PMT); pesquisa de campo, por meio de observação direta (MAY, 2004) com registros em diário de campo (WHITAKER, 2002), da realização de entrevistas não-diretivas (THIOLLENT, 1987; MICHELAT, 1987) com os líderes das associações de assentados e os habitantes mais antigos das áreas e da aplicação de questionário a uma amostra estratificada proporcional de 139 assentados (com erro estatisticamente calculado de 5,0%), ocorridas no período de maio a novembro de 2002. Tais instrumentos permitiram reconstituir elementos da história e obter os dados necessários à construção dos indicadores de sustentabilidade cultural dos referidos assentamentos.

O artigo está composto de cinco tópicos: o primeiro, abordando os aspectos teórico-metodológicos para a formulação de indicadores de sustentabilidade; o segundo, que versa sobre a construção de indicadores de sustentabilidade em assentamentos rurais; o terceiro, apresentando a metodologia da pesquisa; o quarto relatando os resultados da pesquisa e o quinto relatando as conclusões do estudo.

Aspectos teórico-metodológicos para a formulação de indicadores de sustentabilidade

Para Veiga (2010), o debate sobre indicadores de sustentabilidade surgiu com a publicação da obra *“Is growth obsolete?”* (NORDHAUS e TOBIN, 1972), a qual propunha correções no método de cálculo do Produto Interno Bruto (PIB), por meio da eliminação de componentes que não contribuíssem para o bem-estar e da inclusão de fatores nessa perspectiva, com vistas a construir uma “medida de bem-estar econômico” que mensurasse o consumo e não a produção.

Consoante a ONU (2001), o indicador constitui uma medida destinada a resumir informações relevantes de um fenômeno particular, que permite a tradução de informações relacionadas ao conhecimento científico de fatos físicos ou sociais, em unidades capazes de serem manejadas, facilitando o processo decisório e a prevenção de problemas.

De acordo com Häkkinen (2001), indicadores de sustentabilidade consistem em figuras ou sinais, que ajudam a simplificar a informação acerca da pressão sobre o meio

ambiente, em um formato mais ágil e facilmente compreensível para não-especialistas. Para tanto, precisam ser objetivos, a fim de que seus resultados sejam passíveis de replicação e de cotejo em escala internacional, apesar de serem principalmente adotados em âmbito nacional.

Segundo Deponti et al (2002) e Deponti e Almeida (2008), os indicadores podem ser utilizados para operacionalizar conceitos e definir padrões de sustentabilidade. Nessa perspectiva, Moura et al (2004) definem indicadores como um conjunto de parâmetros que, além de mensurar as modificações, comunicam de forma simplificada o estado do sistema em relação aos critérios e as metas estabelecidas para avaliar a sua sustentabilidade.

Acrescenta-se ainda que os indicadores de sustentabilidade revelam-se fundamentais em função da necessidade de internalização dos fenômenos ecológicos, sociais, culturais e econômicos nos processos de tomada de decisão em todos os níveis, haja vista a inexistência de medidas absolutas que possam ser aplicadas indistintamente às diferentes realidades.

Nesse contexto, verifica-se uma profusão de sistemas de indicadores que retratam principalmente as condições sociais e econômicas de um povo, ao tempo que se registra uma considerável lacuna de instrumentos que possam ser empregados às condições político-institucionais e culturais. Já o impacto ecológico, é tipicamente indicado com base nas emissões induzidas de gases perigosos, no consumo de recursos naturais e na perda de biodiversidade. Entretanto, o impacto efetivo dessas medidas é mais bem conhecido e modelado, de acordo com as causalidades sociais.

Para Bellen (2005), a construção de indicadores de sustentabilidade encerra as seguintes características: dimensões ecológica, social, econômica, político-institucional e cultural; esferas global, regional ou local; dados quantitativos e/ou qualitativos; nível de agregação em indicadores e/ou índices; participação de atores sociais entre especialistas (*top down*) e público-alvo (*bottom-up*) e interpretação dos dados.

Na concepção do Instituto Internacional para o Desenvolvimento Sustentável (IISD, 2009), os indicadores de sustentabilidade devem estar amparados nos Princípios de Bellagio (1996), os quais foram atualizados no Bellagio *Sustainability Assessment and Measurement Principles* (STAMP) em 2009, que defendem o padrão de bem-estar centrado na capacidade da biosfera; na consideração das interações sociais, econômicas e ecológicas do sistema; na adequação dos mecanismos governamentais; na dinâmica da interface entre a tendência atual e os sinais de mudança; nos riscos, incertezas e impactos das atividades e nas implicações para a tomada de decisão; na determinação dos escopos temporal e espacial; no esquema conceitual a ser coberto pelos indicadores; na padronização e comparabilidade dos métodos de mensuração com metas; na transparência e na comunicação efetiva.

Nessa perspectiva, a utilização de indicadores de sustentabilidade apresenta como vantagens a capacidade de avaliar os níveis de desenvolvimento sustentável, sintetizar a informação de caráter técnico-científico, identificar as variáveis-chave do sistema, facilitar a transmissão da informação, subsidiar a tomada de decisão nos processos de gestão ambiental, possibilitar a projeção de tendências e viabilizar a elaboração de comparações com padrões e metas predefinidas.

Em contraponto, revela como desvantagens a inexistência de informação-base, a dificuldade na formulação de expressões matemáticas que melhor traduzam os parâmetros selecionados, a perda de informação nos processos de agregação dos dados, diferentes critérios para a definição de limites de variação do índice, a ausência de parâmetros adequados para a seleção de alguns indicadores e restrições à aplicação em áreas específicas, como o ordenamento do território e a análise da paisagem.

Ademais, com base em Veiga (2009), a construção e a implementação de indicadores podem enfrentar sérios problemas metodológicos e operacionais, em razão da amplitude da abrangência. Tal limitação pode ser resolvida através da redução de parâmetros de análise, o que pode acarretar perda de precisão na capacidade interpretativa dos fenômenos analisados.

Na visão de Lawn (2006), trata-se de uma corrida de obstáculos teóricos, motivados pelas ambiguidades que caracterizam as noções de renda, riqueza e bem-estar, haja vista a impossibilidade de um indicador revelar simultânea e amplamente o grau de sustentabilidade do processo socioeconômico e o nível de qualidade de vida que dele decorre.

O autor enfatiza também que o relatório final da Comissão sobre a Mensuração do Desempenho Econômico e do Progresso Social, publicado por Stiglitz et al (2009), constitui-se na principal referência para o debate internacional sobre a formulação de indicadores de sustentabilidade, com base em três mensagens e quinze recomendações.

Para Veiga (2009), as mensagens dizem respeito às divergências entre a construção de indicadores de sustentabilidade e as técnicas estatísticas tradicionais, devido à necessidade de projeções e à adesão a determinados pressupostos iniciais, bem como a exigência da adoção de uma escala internacional, dada a amplitude global do tema. E as recomendações são listadas em três grupos: o primeiro, que aborda a questão da interpretação do desenvolvimento sustentável; o segundo, que versa sobre os critérios para definição de qualidade de vida; e o terceiro, que aponta as limitações da análise sob a ótica do PIB.

No referido relatório, Stiglitz et al (2009) preconizam, como premissa avaliativa do desenvolvimento sustentável, um reduzido conjunto bem definido de indicadores passíveis de interpretação quantitativa; a adoção de índices monetários restritos à dimensão

econômica da sustentabilidade; aspectos ambientais acompanhados de indicadores físicos e a necessidade de formulação de indicadores de danos ambientais.

Em relação à qualidade de vida, o documento estabelece que os indicadores devem contemplar as avaliações dos indivíduos sobre as próprias vidas, as condições materiais e prioridades; incorporar as dimensões cruciais de saúde, educação, atividades pessoais, voz política, conexões sociais, condições ambientais, insegurança pessoal e econômica, e desigualdades; promover associações entre as dimensões apontadas, com vistas à elaboração de políticas em cada área e permitir a agregação das dimensões em diferentes índices compostos ou sintéticos. E no tocante à análise tradicionalista do PIB, os autores recomendam o enfoque prioritário das variáveis renda e consumo, em detrimento da produção; a ênfase na perspectiva domiciliar; a atenção na discussão sobre a distribuição de renda e ampliação das medidas de renda para atividades não-mercantis (STIGLITZ et al, 2009).

Amparada no arcabouço conceitual do desenvolvimento sustentável, a elaboração de indicadores para avaliar a sustentabilidade foi impulsionada após a Conferência das Nações Unidas sobre Meio Ambiente e Desenvolvimento realizada no Rio em 1992, com a finalidade de subsidiar a tomada de decisões governamentais em todas as instâncias e contribuir para a sustentabilidade autorregulada dos sistemas integrados do meio ambiente e o desenvolvimento. Nesse sentido, em conformidade com o IISD (1997), existiam em torno de 500 propostas de indicadores em vigência no mundo.

Dentre esses, destacam-se o Índice de Bem-Estar Econômico Sustentável, elaborado por Herman Daly e John Cobb, em 1989; o Índice de Desenvolvimento Humano (IDH), criado pelo Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento (PNUD), em 1990; o Barômetro de Sustentabilidade e o Modelo Pressão-Estado-Resposta, ambos concebidos pela Organização para Cooperação e Desenvolvimento Econômico (OCDE), em 1993; o Índice de Bem-Estar Social Rural (IBES-Rural), proposto por Kageyama e Rehder, em 1993; o Índice da Pegada Ecológica, formulado por Rees e Wackernagel, em 1996; o Painel de Sustentabilidade, construído pelo IISD, em 1996; o Índice de Desenvolvimento Sustentável (IDS), formatado pela ONU, em 1997 e os Indicadores do Milênio, desenvolvidos pelo PNUD, em 2000.

No Brasil, o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) iniciou a elaboração de indicadores do desenvolvimento sustentável em 2002, com atualizações em 2004 e 2008, contando com 55 indicadores, formando um escopo de quatro dimensões: ambiental, social, econômica e institucional.

A primeira dimensão abrange o uso dos recursos naturais e a degradação ambiental centrados na atmosfera, terra, água doce, oceanos, mares e áreas costeiras, biodiversidade e saneamento. A segunda aborda a satisfação das necessidades humanas, a

melhoria da qualidade de vida e a justiça social, alicerçadas nas informações sobre população, trabalho e rendimento, saúde, educação, habitação e segurança. A terceira destaca a utilização de recursos na produção, o gerenciamento de resíduos e o uso de energia, com ênfase sobre os aspectos da eficiência produtiva e do consumo no longo prazo. A quarta diz respeito à orientação política e ao esforço do governo e da sociedade nas mudanças requeridas pelo desenvolvimento sustentável (IBGE, 2010).

Diante do exposto, conclui-se que a seleção das variáveis que formam o inventário metodológico para a formulação dos indicadores não consegue refletir perfeitamente a complexidade dos fatores relacionados à sustentabilidade, mas representa um exercício de objetivação da realidade, tornando-a passível de comparação no tempo e no espaço. Nesse sentido, Palma e Meireles (2008) entendem que a busca desse conceito é uma tarefa tão complexa quanto urgente e tão diversa na prática como é consensual em teoria.

A construção de indicadores de sustentabilidade em assentamentos rurais

Para Leite et al (2000), as pesquisas científicas explicitam que, não obstante a melhoria das condições de vida das famílias beneficiadas pelos projetos de assentamentos, persistem sérios problemas de insustentabilidade e pobreza, como a baixa qualidade e a localização desfavorável das terras, a fragilidade ambiental, a distância dos mercados, a dificuldade de acesso, a precariedade da infraestrutura e, sobretudo, a falta de uma política agrícola adequada, que reforce a agricultura familiar nos assentamentos, além da prevalência de “incentivos perversos”, que levam os assentados a tornarem-se eternos dependentes do governo.

A realidade vivenciada em cada assentamento é única e o desafio da construção de indicadores para assentamentos rurais deve refletir a multiplicidade de fatores que interferem direta e indiretamente na sua sustentabilidade. Ademais, cumpre ressaltar que a adoção dos parâmetros usualmente empregados para caracterização do desenvolvimento sustentável revela-se inócua para captar o agudo distanciamento existente entre as condições de vida das populações que habitam os meios rural e urbano no Brasil.

Especificamente no tocante à formulação de indicadores de sustentabilidade para assentamentos rurais, destaca-se inicialmente o trabalho de Sparovek (2003), por avaliar 4.430 assentamentos criados entre 1985 e 2001, distribuídos nas cinco regiões do país, a partir da construção e cálculo dos índices de reorganização fundiária, de qualidade de vida e ambiental, de articulação e organização social e de ação institucional.

O índice de eficácia da reorganização fundiária caracterizou a situação do imóvel após a criação do assentamento, ao passo que o índice de qualidade de vida reuniu questões relativas ao acesso aos serviços de saúde e educação, o deslocamento até a sede

do município mais próximo, o acesso à eletricidade, à moradia, ao abastecimento de água e ao transporte público (SPAROVEK, 2003).

O índice de qualidade do meio ambiente considerou a existência de atividades impactantes, o estado de conservação das Áreas de Proteção Permanente (APP) e de Reserva Legal (RL) e os processos de degradação das terras, enquanto o índice de articulação e organização social abrangeu a integração com a comunidade externa, a constituição do tecido social, a comercialização coletiva e organizada. Por outro lado, o índice de ação operacional avaliou o cumprimento das obrigações do gestor responsável pelo projeto no que diz respeito à execução de liberação de créditos, às estradas internas, à eletrificação e ao abastecimento de água (SPAROVEK, 2003).

Segundo o autor, o estudo exprimiu um elevado índice de eficácia da organização fundiária e a percepção menos otimista dos assentados em relação aos resultados meramente quantitativos dos assentamentos publicizados pelo governo, haja vista as precárias condições vivenciadas, decorrentes da falta de escolas, casas, abastecimento de água, tratamento de esgoto, atendimento de saúde e transporte, em face da limitada ação governamental. Nesse sentido, salientou, como explicação para a continuidade desse padrão desumano de “reforma agrária”, o fato de que os trabalhadores rurais sem-terra que perderam empregos ou que tiveram de vender as antigas propriedades consideram as atuais condições dos assentamentos mais favoráveis que a sofrida migração ou a parca remuneração a que estavam sujeitos, vivendo nas cidades.

Nesse sentido, evidencia-se o trabalho de Passos e Sousa (2005), que formularam indicadores de sustentabilidade abrangendo as dimensões econômica, social e ecológica para os assentamentos rurais Hipólito, Cordão de Sombra I, Quixaba e Jurema, localizados no município de Mossoró, no Rio Grande do Norte.

A metodologia utilizada pelos autores para mensurar a sustentabilidade dos referidos assentamentos incorporou o indicador econômico, expresso pelo índice de qualidade de vida dos produtores, abrangendo os parâmetros de educação, saúde, habitação, aspectos sanitários, lazer e consumo de bens duráveis; o indicador social, traduzido pelo índice de capital social, representado pelo grau de interação dos produtores com sua associação e o indicador ambiental, que compreendeu os aspectos relativos à adoção de práticas conservacionistas do solo, controle fitossanitário e preservação de área de RL. Os resultados da pesquisa apontaram um nível satisfatório de sustentabilidade nas áreas estudadas, condicionado principalmente pelos indicadores econômico e ambiental.

Já Barreto et al (2005), analisaram as condições socioeconômica, ecológica e de capital social dos assentamentos rurais Angicos, Boqueirão dos Cunhas e Buíque/Poço Verde, situados em Caucaia, no Ceará, por meio da elaboração do índice de

sustentabilidade, composto por três subíndices: os índices de desenvolvimento econômico-social, de capital social e ambiental.

O primeiro parâmetro resultou da agregação dos indicadores de educação, pela oferta de serviços educacionais; de saúde, pela disponibilidade de serviços de saúde; de habitação, em função do tipo de construção da moradia e da utilização de energia na residência; de aspectos sanitários, formatado com base no destino dado aos dejetos humanos e ao lixo domiciliar e o tipo de tratamento dado à água para o consumo humano; de lazer, que se refere ao tipo de entretenimento preferido pelo assentado e sua família; e de renda, pela remuneração líquida mensal familiar, obtida pelos rendimentos agropecuário e não-agropecuário (BARRETO et al, 2005).

O índice capital social foi constituído de variáveis que expressam as relações interpessoais entre os assentados, como a participação em associações. O índice ambiental foi calculado por meio da concepção dos próprios beneficiados no que concerne à preservação, à recuperação do solo e à biodiversidade. Os referidos autores verificaram que os projetos contavam com médio nível de sustentabilidade, não obstante a comunidade Buíque / Poço Verde tenha revelado baixo patamar de sustentabilidade econômica e social e o assentamento Angicos tenha apresentado baixo nível de sustentabilidade ecológica.

Diferentemente, a investigação de Almeida (2006) abordou o processo de formação do assentamento Oito de Outubro, localizado no semiárido sergipano, com base no grau de sustentabilidade econômica, social, política e ecológica.

A dimensão econômica foi tratada através de variáveis referentes à venda, canais de comercialização, crédito, relação do número de bens de consumo, área cultivada, organização produtiva, nível e origem da renda, inadimplência e mecanização agrícola. A dimensão social definiu como parâmetros: a escolaridade, a ocupação da mão de obra dos associados, a habitação, o acesso a transporte, a fonte de energia, as estradas de acesso ao assentamento, a origem dos assentados, a satisfação em relação à associação, o número de assentados, a participação dos assentados nas atividades da associação e a qualidade da assistência técnica recebida (ALMEIDA, 2006).

A dimensão política considerou os aspectos de influência política na fundação da associação, da capacitação dos dirigentes, da oferta de capacitação para os associados, da quantidade e qualidade das reuniões, da participação dos associados em reuniões, da eficácia da gestão, das formas de reivindicação dos associados, do tempo de funcionamento da associação, das decisões da diretoria baseada em assembleias, da quantidade de benefícios conseguidos para a comunidade, da consciência associativista e dos projetos realizados pela associação (ALMEIDA, 2006).

E a dimensão ambiental relacionou os parâmetros de área de RL, preservação das matas ciliares e das espécies florestais, adoção de práticas ambientais conservacionistas,

uso de insumos agrícolas, extração de recursos naturais, práticas agrícolas, destino dos resíduos domésticos, químicos e da lavoura, disponibilidade de rede de esgoto, abastecimento de água e acesso à assistência técnica. Segundo a autora, o estudo demonstrou que a organização dos assentados contribuiu significativamente para elevar o nível de sustentabilidade dos assentamentos e, conseqüentemente, melhorar a qualidade de vida das famílias.

Alencastro (2007) elaborou um estudo sobre a caracterização sócio-econômica-institucional e o cumprimento da norma ambiental no assentamento Coqueirinho, no município de Fortim, no Ceará.

Para tanto, utilizou como variáveis na dimensão social: saúde – disponibilidade de serviços de saúde, origem da água utilizada, destino dos dejetos humanos e lixo domiciliar e tipo de tratamento dado à água para o consumo humano; educação – existência de escolas no assentamento e taxa de alfabetização; habitação – tipo de construção, número de cômodos e tipo de iluminação utilizada na residência; e lazer – existência de infraestrutura no assentamento. Na dimensão econômica, a pesquisa avaliou: produção e consumo – principais atividades geradoras de renda do representante familiar, ocupação fora da área do assentamento, renda mensal familiar, quantidade de pessoas que contribuem na renda familiar, recebimento de transferências governamentais, posse de bens de consumo e de meio de transporte (ALENCASTRO, 2007).

E na dimensão institucional: associativismo e participação, constituído pela associação de assentados, informação sobre as reuniões da associação, frequência às reuniões, conhecimento a respeito de decisões, realizações e ações da associação, e participação em atividades coletivas no assentamento; e o índice de cumprimento da norma ambiental, que foi composto pelas variáveis de cumprimento da norma ambiental para APP's e RL, das ações de fiscalização e monitoramento, das ações de conscientização e de licenciamento ambiental. Com base nas variáveis que averiguaram a qualidade de vida das famílias, o estudo evidenciou que não havia pressões que pudessem originar o baixo nível de cumprimento das normas ambientais verificado, tais como o uso irregular das APP's, a inexistência de averbação e do plano de manejo florestal sustentável para as zonas destinadas à RL, deficiência nas atividades de fiscalização e ausência de licenciamento ambiental do assentamento (ALENCASTRO, 2007).

A análise da realidade vivenciada pelas famílias do assentamento Vale do Araguaia, em Baliza, no Goiás, foi abordada por Carvalho et al (2009), por meio da construção de indicadores de sustentabilidade centrados nos aspectos econômico, social e ecológico.

A dimensão econômica considerou a forma de obtenção da renda e as atividades agropecuárias desenvolvidas pelos assentados. A melhoria na qualidade de vida dos

beneficiários foi avaliada a partir dos indicadores sociais de saúde, educação, habitação, aspectos sanitários, acesso à água, energia elétrica, lazer e aos meios de transporte e as condições das estradas; enquanto a dimensão ambiental analisou a preservação e conservação das APP's, do solo e da cobertura vegetal. A investigação apontou sérios problemas, como a escassez e a contaminação da água, a reduzida fertilidade e a erosão dos solos, além da dificuldade de acesso às linhas de crédito disponíveis, que obstaculizavam o estabelecimento das atividades produtivas, agravando os problemas ambientais e limitando as condições de vida das famílias assentadas (CARVALHO et al, 2009).

Sousa Júnior e Arraes (2009) avaliaram o impacto dos programas de créditos de instalação (nas modalidades apoio inicial¹ e aquisição de materiais de construção)² e do Programa Nacional de Fortalecimento da Agricultura Familiar (PRONAF) do grupo A³ na renda média domiciliar e na escolaridade de trabalhadores rurais do assentamento Santa Rita, localizado no município de Altos, no Piauí, entre 2001 e 2005.

Os dados foram obtidos em três bases: Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios (PNAD), a qual se refere aos pequenos agricultores do município que não receberam créditos; PRONAF-A, cujos dados dizem respeito a todos os assentados beneficiados pelo programa no município e Assentamento Santa Rita, cujos números consideram exclusivamente os indivíduos oriundos deste projeto e que foram contemplados pelo programa (SOUSA JÚNIOR e ARRAES, 2009).

Os autores cotejaram as variáveis entre os três grupos e verificaram que a escolaridade do chefe de família e a renda média dos assentados pronafianos do município apresentaram-se mais elevadas que as dos agricultores não-pronafianos; que entre os assentados pronafianos do município e os assentados pronafianos do assentamento Santa Rita, os patamares de renda não variaram significativamente e que a escolaridade apresentou-se discretamente ampliada para os assentados de Santa Rita; e na comparação entre os agricultores não-pronafianos e os assentados pronafianos do assentamento Santa Rita, observaram que os níveis de renda situaram-se próximos e que a escolaridade configurou-se favorável aos assentados de Santa Rita. Os autores concluíram que o assentamento Santa Rita apresentou condições de renda e escolaridade mais satisfatórias, em virtude dos créditos recebidos, no período de referência.

¹ O Plano Nacional de Reforma Agrária (PNRA) dispõe sobre o programa de crédito instalação, que se constitui em auxílio ao assentado para estabelecer-se e iniciar a produção, dividindo-se nas modalidades: apoio inicial, aquisição de material de construção, fomento, dentre outras (SOUSA JÚNIOR e ARRAES, 2009).

² O montante do crédito na modalidade aquisição de material de construção é de R\$ 5 mil por família, e destina-se à construção das habitações nos projetos de assentamento, incluindo o pagamento de mão de obra (op cit).

³ O PRONAF Grupo "A" visa atender às famílias beneficiárias da reforma agrária, tem por finalidade a estruturação da unidade familiar dos assentados e sua liberação tem como pré-requisitos o reconhecimento do assentamento pelo INCRA e a elaboração do Plano de Desenvolvimento do Assentamento (PDA).

Do ponto de vista institucional, o INCRA (2012) desenvolveu um sistema de indicadores para avaliação do desempenho da gestão da instituição, dentre os quais se destacam itens relacionados ao desenvolvimento, à consolidação e à emancipação dos projetos.

São periodicamente avaliados o índice de acesso à água para consumo doméstico, que expressa o provimento de água potável (encanada, de poço ou de cisterna); o índice de provimento do PDA e do Plano de Recuperação do Assentamento (PRA); o índice de acesso a estradas transitáveis ou outras vias de transporte adequado; o índice de acesso à moradia; o número de contratos firmados pelas famílias com acesso ao PRONAF ou outra linha de crédito similar; o índice de prestação de assistência técnica; o índice de parcelas supervisionadas da linha de crédito; o número de projetos ambientalmente diferenciados⁴ implantados e o índice de consolidação de assentamentos (INCRA, 2012).

Em 2010, o INCRA apresentou preliminarmente os resultados da Pesquisa Sobre a Qualidade de Vida, Produção e Renda dos Assentamentos da Reforma Agrária (INCRA, 2010a), que objetivou captar informações sobre quem são, como vivem, o que e como produzem, e o que pensam as famílias assentadas da reforma agrária; constituir uma ampla base de informações para orientar a implementação da reforma agrária nos próximos anos e contribuir para o desenvolvimento sustentável do país, ao fornecer subsídios valiosos para o estudo e a pesquisa brasileira sobre os impactos da reforma agrária. A pesquisa abrangeu todas as 804.867 famílias assentadas entre 1985 e 2008, mediante a aplicação de 16.153 entrevistas, distribuídas em 1.164 assentamentos por todo o Brasil.

De acordo com a mesma fonte, os resultados do censo avaliaram quatro dimensões da vida das famílias assentadas: características populacionais, condições de vida, dados de produção e renda e a percepção das condições gerais de vida antes e após o ingresso no assentamento. No tocante às características populacionais dos assentamentos, verificou-se que havia 53% de homens e 47% de mulheres, que predominavam (56%) famílias grandes, com quatro ou mais integrantes, majoritariamente jovens (mais de 44% com menos de 20 anos).

Em relação às condições de vida, o estudo apontou que 70% das moradias possuía mais de cinco cômodos e 76% dispunha de algum tipo de tratamento de dejetos; que 79% das famílias informou ter acesso suficiente à água (com exceção para a região nordeste, onde 35% declarou ter acesso insuficiente); que 76% das famílias possuía energia elétrica em seus lotes; que 57% das famílias avaliou a condição das estradas e vias de acesso como péssimas (especialmente na região nordeste); que 84% dos assentados era

⁴ São eles: projetos de assentamento agroextrativista, que exploram os recursos extrativistas (INCRA, 1996); projetos de desenvolvimento sustentável, orientados às populações extrativistas e agricultores familiares (INCRA, 1999) e projetos de assentamento florestal, destinados à produção florestal familiar (INCRA, 2006a).

alfabetizada e que o acesso aos ensinos médio e superior restringia-se a 10% e que 56% das famílias estava insatisfeita com o acesso à rede pública de saúde, sobretudo nas regiões norte e nordeste (INCRA, 2010a).

No que concerne aos dados de produção e renda, a pesquisa detectou que 52% das famílias declarou ter tido acesso ao PRONAF, dentre as quais 64% estava adimplente e que 62% recebeu os créditos de instalação nas modalidades apoio inicial, aquisição de material de construção e fomento. Nos assentamentos cearenses, a produção agropecuária, destinada prioritariamente à venda (73%), representava a maior parcela na composição da renda dos assentados (48%), contra 44% para transferências do governo e 8% para trabalho externo; e que 86,5% da população assentada percebia renda de até 3,0 salários mínimos (INCRA, 2010a).

Considerando-se a percepção dos assentados, os resultados demonstraram que 83% das famílias estava satisfeita com o tamanho do lote; que a maioria dos assentados considerou desfrutar de melhores condições de moradia (74%), alimentação (65%), educação (63%) e renda (63%); e que o consumo de bens duráveis ampliou-se após o ingresso no assentamento, com ênfase para os itens: fogão a gás, aparelho de televisão, liquidificador, veículo e telefone celular.

Os resultados das pesquisas apresentadas reforçam a concepção de que os indicadores de sustentabilidade verificados nos assentamentos de reforma agrária geralmente apresentam desempenho bastante desigual em relação às dimensões investigadas e priorizam os aspectos sociais e econômicos, em detrimento das perspectivas ecológica e política-institucional; ressaltando a inexistência de trabalhos que contemplem a vertente cultural. Por conseguinte, infere-se que o nível de sustentabilidade de um assentamento pode diferir não somente em razão das suas condições fitofisiográficas, mas, sobretudo, em função da abrangência da análise realizada, devido à variedade dos elementos avaliados e do número de indicadores disponibilizado.

Sendo assim, salienta-se que a tarefa de construção de indicadores comporta três importantes desafios: o primeiro, de estabelecer um conceito de sustentabilidade que incorpore de forma ampla as dimensões relevantes quanto à realidade em estudo; o segundo, de selecionar variáveis que possam fidedignamente representar os aspectos a ela subjacentes; e o terceiro, de operacionalizar os dados produzidos de forma consistente, exequível e passível de replicação.

Ademais, enfatiza-se que a necessidade imperiosa do homem em expor, de forma ampla e acessível, o conhecimento acerca dos impactos das ações antrópicas sobre os ambientes e os efeitos intergeracionais sobre a qualidade de vida das pessoas reforça a urgência deste exercício epistemológico.

Metodologia

A sustentabilidade de assentamentos rurais configura-se como objeto de estudo, partindo-se da exigência fundamental do conhecimento acerca do modo de vida dos assentados para, a posteriori, proceder-se à análise da forma como os variados aspectos da vida cultural afetam suas realidades particulares.

Trata-se, portanto, de uma investigação do tipo descritiva, de cunho quali-quantitativo; com foco na observação e na interpretação do *ethos*⁵ dos assentados e na mensuração de variáveis construídas ao longo da pesquisa, agrupadas na dimensão cultural da sustentabilidade.

Ademais, ressalta-se que o trabalho integra pesquisa de campo, na qual as famílias assentadas figuram como unidade observacional; além de pesquisa documental, junto aos órgãos gestores dos assentamentos, que representam o ambiente institucional no qual os mesmos estão inseridos. As informações e dados foram tratados e comparados em busca de similaridades e divergências entre os ambientes pesquisados.

O presente capítulo tem o propósito de apresentar os procedimentos metodológicos deste estudo, a partir da dimensão abrangida, dos métodos empregados para realização da pesquisa, da delimitação do universo e da amostra, bem como das técnicas de investigação utilizadas e do esquema operacional para tabulação dos dados e construção dos respectivos indicadores de sustentabilidade.

Como suporte teórico-metodológico desta pesquisa de natureza qualitativa e quantitativa, enfatiza-se a adoção de abordagens antropológicas, como a fenomenologia sociológica⁶ e a etnometodologia⁷ para o entendimento do estilo de vida praticado no interior dos assentamentos. Para Goldenberg (2001), a primeira faz uma crítica radical ao objetivismo da ciência, substituindo as construções explicativas pela descrição do que se passa efetivamente sob a percepção dos sujeitos que vivenciam a situação concreta e a segunda, possibilita compreender a prática artesanal da vida cotidiana, interpretada pelos atores sociais.

Acrescenta-se, outrossim, o uso do método estatístico⁸, a partir do emprego de medidas de tendência central para cálculo dos indicadores de sustentabilidade cultural

⁵ Para Geertz (2008), o *ethos* de um povo é o tom, o caráter e a qualidade de sua vida, seu estilo moral e estético, e sua atitude em relação a si mesmo e ao seu mundo.

⁶ Para Sacrini (2009), Husserl propunha uma reflexão histórica para redescobrir o sentido original das práticas científicas, que reside em contribuir para a determinação do significado concreto da vida humana, a partir da sua inteligibilidade.

⁷ A abordagem etnometodológica prioriza a descrição das maneiras locais pelas quais o pensamento e o conhecimento são formalizados e transformados em um sistema social; em outras palavras, apresenta a feição do mundo para pessoas reais em circunstâncias práticas.

⁸ De acordo com Gil (2002), esse método fundamenta-se na aplicação da teoria estatística da probabilidade para determinação da probabilidade de acerto de determinada conclusão, bem como a margem de erro de um dado valor obtido.

referentes a cada assentamento; e do método comparativo⁹ na perspectiva multilinear, que procede à investigação de indivíduos, classes ou fenômenos sob a ótica relacional, tendo em vista ressaltar as diferenças e similaridades entre os resultados obtidos.

O universo de pesquisa é composto de 891 famílias, assentadas em uma área de 11.034,06 ha, distribuídos em 14 assentamentos criados pelo INCRA e localizados nos perímetros periurbano e rural de Teresina-PI (INCRA, 2010b).

No município, os assentamentos estão organizados em três tipos de arranjos institucionais: sete Projetos de Assentamentos (PA's) federais, criados¹⁰ pelo INCRA; quatro Projetos Casulo (PCA's), criados pelo INCRA e geridos em parceria com a PMT, por meio da SDR; e três Projetos Estaduais (PE's), administrados pelo governo do Estado, através do INTERPI e reconhecidos¹¹ pelo INCRA.

A delimitação da amostra foi definida em dois estágios: ao nível de assentamentos, com vistas a determinar quais projetos são objeto central da investigação; e ao nível das famílias assentadas, as quais constituem as unidades amostrais representativas dos assentamentos selecionados.

Appolinário (2006) estabelece três critérios para delimitação da amostra: o critério do senso comum, que considera que quanto maior o tamanho da amostra, melhor será o resultado da pesquisa; o empírico, que se alicerça na experiência de estudos similares ou nas recomendações consensuais de outros autores; e o estatístico, que utiliza fórmulas probabilísticas amparadas no grau de confiabilidade, precisão desejada (erro máximo calculado) e grau de variabilidade da amostra (desvio-padrão).

Em concordância com a metodologia dos estudos de caso e de pesquisas censitárias mais recentes, realizados em assentamentos expostos por Sparovek (2003) e Leite et al (2004), adotou-se uma amostragem do tipo não-probabilística por quotas para seleção dos assentamentos e do tipo probabilística estratificada proporcional à população para a amostragem das famílias pesquisadas.

De acordo com Gil (2002), a amostragem não-probabilística por quotas baseia-se em restrições ou parâmetros preestabelecidos para o número de sujeitos de cada amostra e desenvolve-se em três fases: classificação da população em classes, determinação da extensão de cada classe e fixação de cotas da amostra proporcionais à extensão das classes.

⁹Na antropologia, o emprego do método comparativo iniciou com Boas (1896), o qual estabelece que cada cultura segue seus próprios caminhos, propondo sua comparação através dos estudos históricos e da compreensão das condições psicológicas e ambientais de cada povo (LARAIA, 1986).

¹⁰De acordo com o INCRA (2008), a criação do projeto de assentamento inicia-se com a imissão do órgão na posse do imóvel, a indicação da capacidade de famílias assentadas, a atualização cadastral do imóvel no sistema, a realização das vistorias, a expedição de licença prévia ambiental e do ato normativo constitutivo.

¹¹Conforme a mesma fonte, o processo para reconhecimento de projetos criados por outras instituições deve ser formalizado pela anexação dos documentos e da atualização cadastral do imóvel. Em seguida, o INCRA emite parecer acerca da sua regularidade, solicita vistoria do IBAMA e expede o ato normativo de reconhecimento.

Inicialmente, partindo-se da premissa de que assentamentos geridos por diferentes arranjos institucionais podem apresentar padrões de sustentabilidade distintos, em face dos condicionantes relativos à gestão do projeto, procurou-se oportunizar que a amostra de assentamentos contemplasse os três tipos de arranjos (PA's, PCA's e PE's). Para tanto, estabeleceram-se os tipos de arranjo institucional como classes, entre as quais os assentamentos estão agrupados.

Ademais, considerando que a idade dos assentamentos (considerando-se o ano de criação/reconhecimento como a inclusão formal do projeto no programa de reforma agrária) pode acarretar variações significativas na sustentabilidade dos mesmos, homogeneizou-se a amostra, atribuindo-se um ano-base de criação/reconhecimento dos projetos, como explicitado na Tabela 1.

Tabela 1 – Amostragem dos Assentamentos Rurais, Conforme o Critério de Ano de Criação/Reconhecimento.

Assentamento	Tipo de Arranjo Institucional	Ano de Criação/Reconhecimento	Área (ha)	Famílias Assentadas (nº)
Santana Nossa Esperança	PA	2005	1.479,10	143
Tapuia	PCA	2005	43,00	25
Fazenda Soares	PE	2005	97,02	46
Total				214

Fonte: As autoras, adaptado de INCRA (2010b).

Consoante a Tabela 1, delimitou-se a amostra dos assentamentos de acordo com o critério intencional (não-probabilístico) de mesmo ano de criação/reconhecimento (2005), por meio do qual selecionou-se aleatoriamente um projeto de cada tipo de arranjo institucional: o PA Santana Nossa Esperança, o PCA Tapuia e o PE Fazenda Soares.

Segundo Gil (2002), a amostragem probabilística do tipo estratificada ocorre quando os sujeitos de uma dada população são subdivididos em subclasses distintas, as quais podem conformar uma amostra para cada subclasse.

Ressalta-se que, para Appolinário (2006), esse procedimento amplia a eficiência amostral, na medida em que as amostras estratificadas tendem a refletir melhor a realidade da população estudada, sob determinado ponto de vista.

Em consonância com Gil (2002) e Appolinário (2006), a amostragem estratificada divide-se em proporcional, quando o número de sujeitos selecionados em cada grupo é proporcional ao número de integrantes da população; ou não-proporcional, quando o

número de sujeitos selecionados não varia em razão do número de integrantes da população.

De acordo com a Tabela 2, a investigação abrangeu uma amostra probabilística de 139 famílias residentes nos assentamentos rurais Santana Nossa Esperança, Tapuia e Fazenda Soares, cujo erro máximo estatisticamente calculado foi de 5,0%.

Tabela 2 – Amostragem Estratificada Proporcional das Famílias Pesquisadas nos Assentamentos Rurais, de acordo com o Critério de Tamanho da População.

Assentamento	Tipo de Arranjo Institucional	Ano de Criação/Reconhecimento	Famílias Assentadas (nº)	Amostra (nº de famílias)
Santana Nossa Esperança	PA	2005	143	93
Tapuia	PCA	2005	25	16
Fazenda Soares	PE	2005	46	30
Total			214	139

Fonte: As autoras, adaptado de INCRA (2010b).

Dessa forma, a combinação dos critérios não-probabilístico – para escolha dos assentamentos – e probabilístico – para a amostragem das famílias – conciliou a relevância dos fatores tipo de arranjo institucional, ano de criação/reconhecimento e proporcionalidade do número de famílias assentadas em cada projeto.

Sequencialmente, realizou-se pesquisa documental no INCRA, INTERPI e SDR, referente aos processos de formalização e reconhecimento dos assentamentos rurais objeto da pesquisa, incluindo laudos de vistoria e avaliação dos imóveis, laudos agrônômicos de fiscalização, levantamentos cartográficos e de geoprocessamento, relatórios de viabilidade, relatórios ambientais, decretos de autorização, termos de imissão de posse, Licenças Prévias (LP's) e de Instalação e Operação (LIO's), portarias de criação dos projetos, Relações de Beneficiários (RB's), Projetos de Exploração Anual (PEA's) e PDA's, dentre outros.

Em relação à pesquisa empírica, o primeiro passo consistiu na realização de reuniões com líderes dos assentamentos e presidentes das associações, para explicitação dos objetivos do trabalho e apresentação dos instrumentos de investigação, com vistas à obtenção da autorização prévia dos sujeitos para realização da pesquisa. Em seguida,

procedeu-se ao trabalho de campo, efetuado por observação direta¹², cujos fatos verificados foram registrados em diário de campo¹³ e por meio de levantamento fotográfico empreendido durante as visitas aos assentamentos estudados.

De acordo com Thiollent (1987), como chave da apreensão de fatos sociais, a pesquisa sociológica convencional utiliza uma combinação de elementos, principalmente entrevistas e questionários, considerados técnicas complementares de observação direta por estabelecerem um contato efetivo com as pessoas implicadas no fenômeno investigado.

Dentre as entrevistas aprofundadas, destaca-se a entrevista não-diretiva, na qual a conversação é livre e iniciada a partir de um tema geral, sem estruturação do problema por parte do entrevistador (THIOLLENT, 1987).

Para Michelat (1987), o emprego desse recurso objetiva contornar os cerceamentos das entrevistas fechadas, do tipo pergunta-resposta, e facilita a produção de informações passíveis de censura em outra modalidade de entrevista, desde que sejam tomadas a partir de indivíduos representativos, que detenham imagens particulares do meio.

Nesse sentido, no período compreendido entre janeiro e outubro de 2012, realizaram-se entrevistas não-diretivas com pessoas-chave, como funcionários dos órgãos gestores dos assentamentos, presidentes e ex-presidentes de associações de assentados e habitantes mais antigos identificados pelos próprios assentados, a fim de resgatar a história dos assentamentos e compreender o modo de vida do lugar.

Outrossim, entre janeiro e maio de 2012, procedeu-se à análise qualitativa das informações das entrevistas, através do método fenomenológico, que busca descobrir, a partir da análise textual, a intencionalidade dos sujeitos da pesquisa, de modo a possibilitar o levantamento dos fatores condicionantes da sustentabilidade cultural em cada assentamento, na visão dos assentados e a construção das variáveis correspondentes.

Para levantamento dos dados quantitativos, aplicou-se inicialmente o questionário pré-teste com 10,0% da amostra dos extratos, a fim de corrigir inconsistências e dubiedades; e posteriormente, os formulários definitivos às 139 famílias distribuídas de acordo com a Tabela 2. Ambos os formulários continham questões fechadas e abertas, conforme exposto por Babbie (2003), relativamente à dimensão cultural da sustentabilidade verificada nos assentamentos.

Sequencialmente, tabularam-se os dados dos formulários por meio de planilhas Excel com o propósito de calcular os indicadores culturais de cada assentamento, os quais, após consolidados, foram classificados segundo o nível de sustentabilidade observado.

¹²Segundo essa forma de interação entre pesquisador e sujeitos da pesquisa, o pesquisador observa *in loco* o problema de pesquisa, mas interage minimamente com os indivíduos, minimizando interferências comportamentais e evitando o seu envolvimento em disputas (FOOTE-WHITE, 1990; MAY, 2004).

¹³De acordo com Whitaker (2002), constitui um elemento de registro sistemático da memória do pesquisador, ideal para relatar o cotidiano da pesquisa, coletando detalhes como acontecimentos, impressões, estranhamentos, discussões e conversas que possam subsidiá-lo em suas futuras análises.

Por fim, a validação dos resultados¹⁴ da pesquisa foi feita por meio de palestras expositivas realizadas durante o mês de janeiro de 2014, quando os indicadores foram apresentados, acompanhados de sua metodologia de cálculo e da pontuação recebida e discutidos com aproximadamente 60,0% da população de cada assentamento, a qual foi estimulada a avaliar a pertinência de todos os indicadores e a razoabilidade dos escores a eles atribuídos. Para tanto, foram utilizados *flip chart* e álbum seriado com o resumo de todos os indicadores, o qual foi doado às associações – juntamente com um livro de fotografias produzidas no decorrer da pesquisa de campo – para compor a memória dos assentamentos.

Para efeito deste estudo, a dimensão cultural¹⁵ compôs o índice cultural, formulado pelas informações extraídas das entrevistas realizadas e calculado por meio dos dados oriundos dos questionários aplicados, que foram convertidos em três descritores e seis indicadores¹⁶.

Os descritores e indicadores foram selecionados através da análise textual das entrevistas realizadas junto às pessoas-chave dos assentamentos e, sempre que disponível, foram fundamentados na literatura sobre ruralidade e/ou cultura. Os escores foram atribuídos pelas autoras, de acordo com as respostas obtidas ao questionário.

O Índice Cultural (IC) exprime o inventário de conhecimentos e saberes tradicionais acumulados pelos assentados sobre o meio em que vivem; suas formas de manifestação e transmissão dos valores simbólicos que constituem o *ethos* camponês e o acesso aos bens culturais que os interligam a outras culturas.

O IC abordou os descritores Práticas Culturais, formulado a partir da média entre os indicadores Realização e Participação em Atividades Culturais; Bens Culturais, constituído pela média aritmética entre os indicadores Acesso e Consumo de Bens Culturais; e Percepção Ambiental, formatado pela média aritmética entre os indicadores Conhecimento da Biodiversidade e Consciência de Problemas Ambientais, mediante os dados fornecidos pelos assentados no questionário. Os descritores foram ponderados com igual peso e seguem sintetizados no Quadro 1.

Quadro 1 – Composição do Índice Cultural (IC) de Assentamentos Rurais, Com Base nos Três Descritores e Seis Indicadores

¹⁴Conforme Malheiros et al (2012), deve-se assegurar ampla participação da comunidade como pressuposto de validade do processo de criação de indicadores, observando-se as características de cada público e evitando representações desproporcionais, o gasto excessivo de tempo e a falta de consenso.

¹⁵Geertz (2008) compreende a cultura como uma teia de significados e interpretações, na qual os símbolos são partilhados pelos sujeitos sociais pertencentes ao sistema cultural. Para Barros (2008), encerra três dimensões: a perspectiva humanizadora / educativa, a vertente coletiva / política e a concepção produtiva / econômica.

¹⁶Conforme Hanai (2009), descritor é um indexador que engloba dados referentes a um assunto, identificando os seus indicadores, que constituem variáveis (de valor ou de qualidade) que sinalizam informações sintéticas sobre um fenômeno e revelam o atributo de um sistema, ao qual são atribuídos valores.

ÍNDICE CULTURAL (IC)	Descritor	<i>Indicador Realização de Atividades Culturais</i>
	Atividades Culturais	<i>Indicador Participação em Atividades Culturais</i>
	Descritor	<i>Indicador Acesso a Bens Culturais</i>
	Bens Culturais	<i>Indicador Consumo de Bens Culturais</i>
	Descritor	<i>Indicador Conhecimento da Biodiversidade</i>
	Percepção Ambiental	<i>Indicador Consciência de Problemas Ambientais</i>

Fonte: As autoras (2014).

Os descritores Atividades Culturais, Bens Culturais e Percepção Ambiental e os indicadores Realização de Atividades Culturais, Participação em Atividades Culturais, Acesso a Bens Culturais, Consumo de Bens Culturais, Conhecimento da Biodiversidade e Consciência de Problemas Ambientais são explanados nos itens a seguir.

A valorização das manifestações artísticas representa uma forma de cultivar tradições e costumes e de transmitir conhecimentos de geração a geração, atuando como um meio de agregar novos conhecimentos e experiências, favorecendo o aumento da diversidade de atividades e de práticas (DEPONTI e ALMEIDA, 2008).

Para Brandão (2004), o fecundo campo tradicional de símbolos, de sentidos de vida e de significações do mundo rural é expresso pela culinária, pelas crenças religiosas, pela vestimenta, pelos ritos da comunidade camponesa¹⁷ presentes nas festas, danças e cantos, além das éticas e técnicas do labor e do trabalho. Neste contexto, a cultura camponesa é permeada pelos conceitos e temas da agricultura familiar, dos conflitos agrários, do modo de vida e do trabalho agrícola, entrecruzados pelas questões de gênero, geração, religiosidade, patrimônio material e imaterial (WEIDSUCAHDT et al, 2014).

Dessa forma, o descritor Atividades Culturais avaliou se os assentados têm acesso e participam de manifestações artísticas realizadas no interior do assentamento. Foi elaborado mediante relatos dos assentados e é composto da média aritmética entre os indicadores Realização e Participação em Atividades Culturais, como as práticas do artesanato, da música, do canto, da dança, das festas e da religião.

O indicador Realização de Atividades Culturais foi atribuído segundo as respostas dos assentados às questões 5.1 e 5.2 do formulário e calculado mediante os escores: zero para nenhuma prática cultural realizada no interior do assentamento; 0,250 para uma prática cultural realizada no interior do assentamento; 0,500 para duas práticas culturais realizadas no interior do assentamento; 0,750 para três práticas culturais realizadas no interior do

¹⁷São considerados povos do campo as populações que pertencem a grupos identitários, cuja produção da existência, se fundamenta na relação com a natureza, tais como aqueles que vivem nas florestas, nas comunidades pesqueiras, nos assentamentos da reforma agrária, dentre outros espaços (MUNARIM, 2008).

assentamento; e 1,000 para quatro ou mais práticas culturais realizadas no interior do assentamento.

O parâmetro Participação em Atividades Culturais foi atribuído segundo as respostas dos assentados às questões 5.3 e 5.4 do formulário e calculado mediante os escores: zero para nenhuma prática cultural desenvolvida pelo assentado e/ou seus familiares no assentamento; 0,250 para uma prática cultural desenvolvida pelo assentado e/ou seus familiares no assentamento; 0,500 para duas práticas culturais desenvolvidas pelo assentado e/ou seus familiares no assentamento; 0,750 para três práticas culturais desenvolvidas pelo assentado e/ou seus familiares no assentamento; e 1,000 para quatro ou mais práticas culturais desenvolvidas pelo assentado e/ou seus familiares no assentamento.

Conforme Santos (2006), a cultura de um povo também sofre influências externas ao seu meio, trazidas por mecanismos capazes de transmitir mensagens com rapidez para uma grande quantidade de pessoas, produzindo uma homogeneização da vida e da visão de mundo¹⁸ das diversas populações que formam as sociedades, transpondo barreiras de classe social e facilitando o controle das massas. Dentre os instrumentos, cita o rádio, a televisão, a imprensa e o cinema.

Conforme Miguez (2012), a relação entre cultura e economia¹⁹ situa-se inicialmente entre os séculos XVIII e XIX, quando o capitalismo avança sobre a esfera da circulação dos bens culturais os quais, dessa forma, transformam-se em mercadorias. O segundo momento, representado a partir da metade do século XIX, corresponde à captura da cultura pela lógica mercantil-capitalista; ou seja, os bens culturais passam a ser concebidos como mercadorias no momento da sua criação, portanto, como produtos destinados à troca e ao consumo no mercado, caracterizada pela noção de indústria cultural (ADORNO, HORKHEIMER, 1997).

Nesse contexto, o descritor Bens Culturais indica o acesso e o consumo de bens culturais, tais como cinema, teatro, música e literatura, por parte dos assentados e/ou seus familiares, dentro ou fora dos limites do assentamento. Foi avaliado por meio dos relatos dos assentados e é constituído pela média aritmética entre os indicadores Acesso e Consumo de Bens Culturais.

O indicador Acesso a Bens Culturais foi calculado mediante as informações prestadas pelos assentados às questões 5.18 e 5.19 do formulário, ponderado em escala numérica crescente de acesso e de acordo com os seguintes escores: zero para sem acesso a bens culturais pelo assentado e/ou seus familiares ou não soube responder; 0,250 para acesso a um bem cultural pelo assentado e/ou seus familiares; 0,500 para acesso a

¹⁸Segundo Geertz (2008), a “visão de mundo” de um povo é o quadro elaborado das coisas como elas são na simples realidade, seu conceito de natureza, de si mesmo e da sociedade.

¹⁹Para o IBGE (2007), as atividades econômicas diretamente relacionadas à cultura estão associadas às artes: edição de livros, rádio, televisão, teatro, música, bibliotecas, arquivos, museus e patrimônio histórico.

dois bens culturais pelo assentado e/ou seus familiares; 0,750 para acesso a três bens culturais pelo assentado e/ou seus familiares; e 1,000 para acesso a quatro ou mais bens culturais pelo assentado e/ou seus familiares.

O indicador Consumo de Bens Culturais foi medido através das informações prestadas pelos assentados em resposta à questão 5.21 do formulário, ponderado em escala numérica crescente de consumo e obedecendo aos seguintes escores: zero para nenhum bem cultural consumido pelo assentado e/ou seus familiares; 0,250 para um bem cultural consumido pelo assentado e/ou seus familiares; 0,500 para dois bens culturais consumidos pelo assentado e/ou seus familiares; 0,750 para três bens culturais consumidos pelo assentado e/ou seus familiares; e 1,000 para quatro bens culturais consumidos pelo assentado e/ou seus familiares.

Na percepção humana em relação à natureza, Soulé (1997) ressalta que há diversas formas de ver o meio circundante; ou seja, cada indivíduo detém uma lente exclusiva que explica a imagem do lugar, conforme seus usos e hábitos, fundamentando-se no temperamento e na educação.

Segundo Whyte (1978), as investigações sobre a percepção das populações que interagem com o ambiente são importantes porque expandem a compreensão das bases das diferentes interpretações e os sistemas de conhecimento do ambiente, que estão em vias de desaparecimento; encorajam a participação da comunidade no desenvolvimento e no planejamento dos ambientes, contribuem para a utilização mais racional dos recursos da biosfera e agem enquanto instrumento educativo.

O descritor Percepção Ambiental representa a compreensão que os assentados têm sobre a configuração do seu ambiente, incluindo os mecanismos que o ameaçam. Foi configurado pela média aritmética entre os indicadores Conhecimento da Biodiversidade e Consciência de Problemas Ambientais, calculados de acordo com os relatos dos assentados.

O indicador Conhecimento da Biodiversidade²⁰ indica as menções feitas pelos assentados aos fatores bióticos flora e fauna nativos preservados, ameaçados ou extintos. Foi avaliado conforme suas respostas às questões 6.13, 6.14, 6.17 e 6.18 do formulário e ponderado em escala crescente de responsividade e de acordo com os seguintes escores: zero para sem resposta às referidas perguntas; 0,250 para indicação de resposta a pelo menos uma das quatro questões mencionadas; 0,500 para indicação de resposta a duas das quatro questões mencionadas; 0,750 para indicação de resposta a três das quatro

²⁰De acordo com IBGE (2010), a biodiversidade constitui a variedade de seres vivos e abrange os diferentes ecossistemas terrestres e aquáticos e os complexos ecológicos de que fazem parte, a multiplicidade de formas de vida e de genes de uma população.

questões mencionadas; e 1,000 para indicação de resposta a todas as questões mencionadas.

O indicador Consciência de Problemas Ambientais avalia o nível de informação dos assentados acerca das ameaças ao ambiente natural do assentamento. Segundo Brambilla (2007), os maiores problemas ambientais geralmente indicados pelos trabalhadores rurais residem na poluição dos rios, no desmatamento, na caça e nas queimadas. O indicador foi mensurado de acordo com suas respostas à questão 6.20 do formulário e calculado em escala numérica crescente de menções, de acordo com os seguintes escores: zero para nenhuma indicação de problema ambiental verificado atualmente no assentamento; 0,500 para indicação de um problema ambiental verificado atualmente no assentamento; e 1,000 para indicação de mais de um problema ambiental verificado atualmente no assentamento.

O cálculo do Índice Cultural (IC) foi realizado de acordo com a fórmula proposta por Rabelo (2008):

$$IC = \frac{1}{n} \sum_{j=1}^n \left(\frac{\sum_{i=1}^m E_{ij}}{\sum_{i=1}^m E_{máx i}} \right) \quad (1)$$

Sendo:

IC = índice cultural;

E_{ij} = escore do *i-ésimo* parâmetro (descritor e indicador) que compõe o índice IC obtido no *j-ésimo* formulário;

$E_{máx i}$ = escore máximo do *i-ésimo* parâmetro (descritor e indicador) do IC;

$i = 1, \dots, m$ = número de parâmetros (descritores e indicadores) do IC;

$j = 1, \dots, n$ = número de formulários respondidos.

Conforme Rabelo (2008), salienta-se que quanto mais próximo de 1,000 for o valor obtido para o índice IC, são manifestadas melhores condições de sustentabilidade cultural do ambiente.

Nesse sentido, a partir dos resultados dos descritores e indicadores calculados, foi possível enquadrá-los em uma escala progressiva do nível de sustentabilidade, como exposto no Quadro 2.

Quadro 2 – Escala de Sustentabilidade de Assentamentos Rurais

ESCALA DE SUSTENTABILIDADE DOS ASSENTAMENTOS RURAIS	
Grau de Sustentabilidade	Resultado do Índice Cultural (IC)
Sustentabilidade <i>excelente</i>	$0,800 \leq I \leq 1,000$
Sustentabilidade <i>boa</i>	$0,650 \leq I \leq 0,799$
Sustentabilidade <i>média</i>	$0,500 \leq I \leq 0,649$
Sustentabilidade <i>ruim</i>	$0,300 \leq I \leq 0,499$
Sustentabilidade <i>crítica</i>	$0,000 \leq I \leq 0,299$

Fonte: As autoras (2014), adaptado de ONU/PNUD (1998).

Adenda-se ainda, que a expressão atribui pesos idênticos a cada descritor e indicador analisado, por considerar que os fatores relacionados contribuem em igual proporção para a construção do índice de sustentabilidade cultural nos assentamentos rurais estudados. Esse pressuposto foi confirmado por 60% dos assentados de cada assentamento, durante o processo de validação dos resultados desta pesquisa.

Indicadores culturais do assentamento rural Santana Nossa Esperança

Para o INCRA (2007), os procedimentos legais que originaram o assentamento rural Santana Nossa Esperança iniciaram-se em 21 de maio de 2003, quando a Federação dos Trabalhadores na Agricultura do Estado do Piauí (FETAG-PI) lavrou o Ofício nº 170/2003 ao INCRA solicitando a desapropriação por interesse social, para fins de reforma agrária, da área de aproximadamente 4.000,00 ha, denominada fazenda Agropecuária Poty Ltda. (AGROPOL) e adjacências, localizada na Usina Santana, pertencente ao Sr. Edson Tajra Melo, a fim de beneficiar 260 famílias cadastradas junto à Associação dos Pequenos e Microprodutores do Residencial Deus Quer (APMPRDQ) e circunvizinhança.

A formalização do processo nº 54380.001080/2003-73 ocorreu em 26 de maio de 2003, quando o setor de Divisão Técnica do INCRA requereu a abertura da etapa de documentação com vistas à desapropriação do imóvel Fazenda AGROPOL. Em 07 de julho de 2003, o MST requereu junto ao INCRA a vistoria da fazenda supramencionada e da Fazenda Santa Isabel, de propriedade do Sr. Francisco das Chagas Pereira Vieira, em virtude das mesmas encontrarem-se hipotecadas (INCRA, 2007).

O relatório de vistoria, registrado em 22 de julho de 2003 no Sistema de Imóveis Rurais (SIR), apontou que a Fazenda AGROPOL estava registrada sob a denominação de Povoado Santana Data Formosa e era objeto de condomínio, do qual 50,0% pertenciam à empresa Construtora Poty Ltda. e 50,0% ao seu proprietário, Sr. Edson Tajra Melo; que o imóvel possuía área total de 2.092,39 ha, com valor total avaliado em R\$ 400 mil, dos quais

R\$ 150 mil equivaliam ao valor das benfeitorias, R\$ 50 mil correspondiam ao valor das culturas, pastagens cultivadas e florestas plantadas e R\$ 200 mil atribuídos ao valor da terra nua; que uma área de 100,00 ha encontrava-se com restrição de uso, enquadrada como inaproveitável e que constavam 792,39 ha de área aproveitável não utilizada e 1.200,00 ha de área plantada, além da inexistência de atividade pecuária (INCRA, 2007).

O levantamento da cadeia dominial sucessória do imóvel comprovou a propriedade do imóvel pela Construtora Poty Ltda. e Edson Tajra Melo, a averbação de 418,47 ha a título de APP, em 26 de julho de 1991, e a hipoteca, datada de 16 de setembro de 1999, em favor do Banco do Nordeste do Brasil S/A (BNB), contra AGROPOL, tendo como intervenientes hipotecantes a Construtora Poty Ltda., Edson Tajra Melo e Maria do Socorro de Oliveira. Na sequência do processo, a Procuradoria Federal manifestou-se pelo prosseguimento da pretensão expropriatória do imóvel em 06 de novembro de 2003, ratificando-a em 13 de novembro de 2003 (INCRA, 2007).

Segundo o INCRA (2007), na sequência, os proprietários do imóvel, a FETAG e o MST foram notificados e o INCRA iniciou o levantamento de dados e informações sobre o imóvel. Para tanto, foi constituída uma equipe de técnicos para a condução da vistoria em 25 de novembro de 2003, cujo relatório foi concluído em abril de 2004.

Conforme INCRA (2007), o relatório denotou que o imóvel era utilizado para a pecuária de corte, com ênfase para o gado nelore de alta linhagem; porém, a atividade encontrava-se desativada, restando poucos animais na propriedade. Todavia, evidenciou que a infraestrutura continuava em bom estado de conservação e com significativa quantidade de pastos, o que poderia viabilizar a retomada da atividade com certa facilidade. Também existia uma granja com capacidade para 70 mil aves de corte, que era explorada por terceiros.

Outrossim, o documento indicou que o imóvel contava com 13 galpões, dois escritórios, uma casa de força, uma rede elétrica trifásica, duas caixas d'água de concreto, sete poços tubulares, oito silos, uma vacaria, oito currais, uma baia/cavalaria, cochos e cocheiras, uma pocilga, uma cisterna, dois depósitos, um quiosque, uma cantina, um tanque, uma casa sede, uma piscina e apoio, três casas de morador, quatro casas de funcionários, uma guarita, calçada, muro de entorno, cercas de arame farpado, sendo que a maioria estava em bom estado de conservação.

O estudo apontou que a estrutura produtiva da área distinguia-se em lavouras permanente, com um ha para o plantio da cana-de-açúcar (*Sacharum officinarum* L.), de responsabilidade do proprietário; e temporárias, com 44,30 ha plantados com arroz (*Oriza sativa*), 29,90 ha com milho (*Zea mays*) e 25,90 ha de feijão (*Vigna unguiculata*), ao encargo dos trabalhadores. Em pastagem, com 216,80 ha, cultivada pelo proprietário e destinada ao efetivo pecuário com 184 cabeças, composto de dois touros reprodutores, 40 vacas, 25 bois

de três anos e mais, 10 bois entre dois e três anos, 17 novilhas entre dois e três anos, 10 bovinos entre um e dois anos e 22 bovinos de menos de um ano; cinco equinos, três muaras e cinco ovinos. Ademais, registrou 116,80 ha cobertos por babaçu (*Attalea speciosa* Mart. ex Spreng), a título de reserva compulsória estabelecida pela Lei Estadual nº 3.888/1983; 91,10 ha de APP, 1.232,20 ha de capoeira, 304,10 ha de área desmatada, 18,30 ha de área inaproveitável, 23,40 ha ocupados com benfeitorias e 28,50 ha de estradas.

Em função da conformação espacial e produtiva do imóvel, de acordo com INCRA (2007), asseverou que na área não existiam ocupantes, apenas alguns funcionários remanescentes da fazenda, que se configuravam como potenciais pretendentes a assentado no projeto e que não havia conflito fundiário entre os ex-funcionários da fazenda e os trabalhadores que habitavam o entorno, e nem entre estes e o proprietário, como reação contra a desapropriação do imóvel. Entretanto, ressaltava que a maioria desses agricultores não era filiada à associação que pleiteava a implantação do assentamento, o que poderia causar embaraço quando da seleção de famílias para constituição do projeto, uma vez que o número de beneficiários poderia estar completo, ao considerar somente aqueles que já estavam explorando a área.

Alicerçado nessa configuração, o relatório concluiu que a Fazenda AGROPOL caracterizava-se como grande propriedade improdutiva, por encontrar-se subexplorada e não cumprir os pressupostos da função social, estabelecidos no §1º, art.9º, da Lei nº 8.629/1993 (BRASIL, 1993); assim, se posicionou favoravelmente à desapropriação integral do imóvel, cuja área útil foi calculada em 1.573,10 ha, com capacidade ideal arbitrada em 123 famílias e tolerância máxima de aumento de 20,0%, em virtude da dimensão do espaço e do modelo familiar adotado, entre 10 e 15 famílias por hectare.

Nesse contexto, o INCRA estabeleceu uma Comissão mista para seleção de candidatos a beneficiários do PA Santana Nossa Esperança (Fazenda AGROPOL), em 21 de agosto de 2006, com o propósito de reestudar a capacidade de assentamento do imóvel, definir a área de reserva legal e identificar os silos, em decorrência da insuficiência de vagas, que eram de 155, para suprir a grande quantidade de famílias inscritas, que somavam 266; e o surgimento de um clima de tensão e conflito social na área. A solicitação resultou no relatório que ampliou a capacidade para 215 famílias beneficiárias, em razão da idade avançada de parcela significativa dos assentados originários; o que representou uma ampliação de 42,0% ou 64 famílias, em relação ao número estipulado anteriormente (INCRA, 2007).

Por outro lado, em consonância com o relato dos assentados mais antigos, o assentamento rural Santana Nossa Esperança foi constituído a partir de quatro diferentes grupos sociais: trabalhadores da extinta Fazenda AGROPOL, residentes no imóvel; agricultores familiares que arrendavam a terra e habitavam o entorno da propriedade;

famílias de moradores do Conjunto Residencial Deus Quer e imediações, situado na zona urbana sudeste de Teresina, que requisitaram a expropriação da área para reforma agrária e famílias de agricultores à época ao MST transferidos pelo INCRA.

Nessa perspectiva, registrou-se que a iniciativa de reclamar o imóvel para desapropriação partiu do Sr. Francisco Pastores de Fátima Almeida, líder comunitário da APMPRDQ – entidade integrada por aproximadamente 70 famílias sem-terra que habitavam o meio urbano e constituída provisoriamente com o objetivo de desencadear a implantação do assentamento – contando, para tanto, com o apoio da FETAG.

À época, exploravam economicamente a propriedade, em torno de 75 famílias de pequenos agricultores e ex-trabalhadores da Fazenda AGROPOL, que se encontrava hipotecada e em processo de falência. Entretanto, a maioria dessas famílias não ocupava a área, mas residia em suas proximidades; praticava agricultura familiar e conservava alguns animais, pagando renda ao proprietário.

Uma vez formalizado o pedido de desapropriação do imóvel pela APMPRDQ junto ao INCRA e instaurados os procedimentos de vistoria do imóvel em 2005, o órgão comunicou ao grupo de ex-funcionários da fazenda, então arrendatários da área, sobre a possibilidade de implantação do assentamento, orientando-os a interromperem o pagamento da renda ao proprietário. Os requerentes no processo constituíram acampamento, coabitando fora dos limites da propriedade, durante aproximadamente oito meses (12/12/2004 a 14/08/2005), período compreendido até o reconhecimento do assentamento e a efetiva desapropriação do imóvel.

Após a autorização de ingresso na área pelo INCRA, os dois primeiros grupos – compostos por aproximadamente 145 famílias – fixaram moradia na área, ocupando conjuntamente todos os galpões edificadas no interior da propriedade.

Paralelamente, o INCRA ampliou a capacidade do imóvel e decidiu incorporar mais 65 famílias de agricultores sem-terra ao grupo de acampados do projeto, denominado provisoriamente de Bom Pastor, e em seguida de Santana. Essas famílias eram originárias do acampamento denominado Nossa Esperança, mantido pelo MST e situado em outro município piauiense; por não haver nenhuma relação de convivência com os ocupantes primeiros do lugar, a iniciativa gerou bastante revolta e acentuou os contrastes percebidos entre os perfis dos grupos de acampados.

Um ano após a ocupação do imóvel e depois de aprovada a desapropriação da área, mediante a autorização do INCRA para os assentados construírem suas moradias provisórias, presenciavam-se intensos embates entre os grupos, marcados por violência física e ataques ao patrimônio individual, o que culminou na formalização de pedidos de desmembramento do assentamento em três parcelas, sob a alegação da impossibilidade de um “harmonioso entendimento” entre as partes envolvidas.

Todavia, o INCRA minimizou a importância do conflito e indeferiu formalmente a solicitação por duas vezes, exigindo compulsoriamente a solução da contenda e reiterando veementemente que não procederá ao desmembramento da área.

Ressentidos com a exclusão do projeto e temendo a divisão iminente e definitiva da terra para uma quantidade numerosa de candidatos, o grupo formado pelos ex-arrendatários e ex-trabalhadores da Fazenda AGROPOL formalizou denúncia ao Ministério Público Federal (MPF), que instaurou processo administrativo contra o INCRA, sob a alegação da existência de irregularidades no procedimento de seleção dos beneficiários do projeto ora denominado Santana Nossa Esperança, visando à nova transferência das famílias originárias do acampamento Nossa Esperança/Mucuim.

Como consequência, essa situação acarretou o desmembramento do assentamento em PA Santana Nossa Esperança, integrado pelas 75 famílias de ex-arrendatários e ex-trabalhadores da extinta Fazenda AGROPOL e as 70 famílias requerentes da instalação do projeto, organizados na Associação dos Trabalhadores Rurais do Assentamento Santana Nossa Esperança (ATRASNE) e o PA Nossa Vitória, composto pelas 65 famílias sem-terra transferidas pelo INCRA para o projeto.

Observou-se ainda, que uma parcela dos assentados, revoltada com a divisão do assentamento, que ocasionará a redução das dimensões da futura área de trabalho individual; com a forma de aplicação dos recursos oriundos do programa de crédito instalação, nas modalidades apoio inicial e aquisição de material de construção, mediante a realização de procedimentos licitatórios viciados; e com a destinação irregular de recursos naturais (piçarra) do assentamento, tolerados e permitidos pela ATRASNE, formou um grupo dissidente e constituiu a Associação dos Agricultores Familiares do Assentamento Santana Nossa Esperança (AGRIFASNE).

Esse panorama reforçou as divergências entre os grupos de assentados e suas respectivas associações, que têm divergido em vários aspectos: na visão da AGRIFASNE, o INCRA não procedeu à aplicação dos recursos do programa de crédito instalação, na modalidade fomento, o que tem limitado o desempenho econômico do assentamento e impedido os associados de requerer os créditos referentes ao PRONAF-A, também destinado às famílias beneficiadas em projetos de reforma agrária. Em razão disso, a referida associação questiona na justiça a utilização do montante liberado a título dos créditos de instalação, na modalidade apoio inicial.

Contudo, apesar da legislação de reforma agrária permitir a organização de até duas entidades representativas de assentados em um mesmo projeto, a capacidade de reivindicação da AGRIFASNE junto ao INCRA foi reduzida, em face do processo movido por esta associação contra o órgão. Por outro lado, os filiados da ATRASNE imputam àquela entidade e ao processo por ela impetrado a responsabilidade pelo atraso nos procedimentos

de demarcação das áreas de trabalho individual e a liberação dos créditos de reforma agrária, a cargo do INCRA.

Evidencia-se que, desde o desmembramento da área, os atritos verificados no assentamento rural Santana Nossa Esperança tornaram-se menos violentos, não obstante as disputas de poder entre as duas associações (ATRASNE e AGRIFASNE) pela representação dos assentados ainda se manifestarem persistentemente, inclusive prejudicando a execução de ações de interesse coletivo.

Com efeito, configura-se uma campanha difamatória de ambos os lados, provocando um clima de desconfiança e total desarticulação entre as associações, o que dificulta sobremaneira a realização de atividades conjuntas e projetos comunitários sobejamente importantes para a consolidação de um projeto de reforma agrária.

Face ao exposto, é possível afirmar que as principais motivações para os problemas de sociabilização verificados no assentamento derivam da iniciativa desastrosa do INCRA em reunir, em uma mesma área, quatro grupos com realidades socioeconômicas, políticas e culturais completamente distintas e da morosidade no atendimento às demandas da população assentada.

Do ponto de vista da infraestrutura, o assentamento rural Santana Nossa Esperança é composto de um núcleo habitacional dividido em 10 ruas com pavimentação primária (piçarra); uma rede elétrica trifásica implantada em todas as vias de acesso; 142 residências com dimensão de 48m², encravadas em 150 lotes individuais de moradia medindo 40,00m X 50,00m; duas áreas verdes de 2.500m² cada; um espaço destinado à construção de um campo de futebol; um campo agrícola de sequeiro, medindo 50,00 ha; quatro templos religiosos; e as áreas de APP de 91,10 ha e de RL de 286,72 ha.

Incluem-se ainda, as obras civis herdadas da extinta Fazenda AGROPOL, que se encontram visivelmente avariadas, constituídas de seis áreas institucionais, dentre as quais quatro casas e dois escritórios, destinados à realização de reuniões; quatro casas de ex-funcionários, atualmente habitadas irregularmente por famílias de filhos de assentados; 13 galpões; duas casas de força; três caixas d'água de concreto; uma pocilga; oito silos trincheira; uma baia, com cinco boxes para cavalos; uma vacaria; uma cisterna; sete currais; oito poços tubulares equipados, dos quais apenas dois encontram-se em funcionamento e sete poços tipo "cacimbão", dos quais apenas um encontra-se ativo.

De acordo com objetivo deste estudo, o Índice Cultural (IC) do assentamento, composto dos descritores Práticas Culturais, formulado a partir dos indicadores Realização e Participação em Atividades Culturais; Bens Culturais, constituído dos indicadores Acesso e Consumo de Bens Culturais; e Percepção Ambiental, formatado pelos indicadores Conhecimento da Biodiversidade e Consciência de Problemas Ambientais; situa-se no patamar de 0,468 (nível ruim), conforme sintetizado no Quadro 3.

Quadro 3 – Composição do Índice Cultural (IC) do Assentamento Rural Santana Nossa Esperança, em Teresina-PI

ÍNDICE CULTURAL (IC) = 0,468	Descritor Atividades Culturais = 0,275	<i>Indicador Realização de Atividades Culturais = 0,277</i>
		<i>Indicador Participação em Atividades Culturais = 0,272</i>
	Descritor Bens Culturais = 0,332	<i>Indicador Acesso a Bens Culturais = 0,368</i>
		<i>Indicador Consumo de Bens Culturais = 0,296</i>
	Descritor Percepção Ambiental = 0,796	<i>Indicador Conhecimento da Biodiversidade = 0,726</i>
		<i>Indicador Consciência de Problemas Ambientais = 0,866</i>

Fonte: As autoras (2014).

O descritor Atividades Culturais foi composto da média aritmética entre os indicadores Realização e Participação em Atividades Culturais, calculado em 0,275 (nível crítico) para o assentamento rural Santana Nossa Esperança.

Contrariamente ao exposto por Brandão (2004), a cultura rural não se materializa de forma tão diversificada no assentamento, pois para 58,1% das famílias pesquisadas, a Realização de Atividades Culturais no interior do assentamento restringe-se à celebração de cultos religiosos, ministrados nos quatro templos existentes: Igreja Católica, Assembleia de Deus, Brasil para Cristo e Congregação Cristã no Brasil (ainda em edificação); conformando o escore 0,277 (nível crítico) para o indicador.

Por outro lado, as expressões culturais presentes no artesanato, no canto, na dança e nas festas, quando manifestadas, geralmente estão associadas à religião, por ocasião da realização do festejo católico do Sagrado Coração de Jesus, comemorado na sexta-feira da semana seguinte à celebração do dia de *Corpus Christ*²¹, em que se observa a combinação dos traços culturais mencionados em elementos simbólicos como os trançados em palha usados para decorar a área, nos pratos típicos da culinária rural à base de milho (*Zea mays*) e mandioca (*Manihot esculenta*), na brincadeira adaptada do “mata o pato”²² e nos cânticos religiosos entoados durante a procissão.

²¹Solenidade do Corpo e Sangue de Cristo, celebrada 60 dias após a Páscoa. Por tratar-se de uma festa móvel do calendário da Igreja Católica, geralmente realiza-se entre as datas de 21 de maio e 24 de junho de cada ano.

²²Segundo a brincadeira original, enterra-se um pato vivo, deixando-se a cabeça exposta. Os brincantes são vendados e orientados a acertar o animal com um bastão de madeira, para ganharem um presente-surpresa. Por considerarem a proposta violenta, as organizadoras substituem o pato por uma cabaça e o presente pelo pato.

Deve-se ressaltar que o evento religioso conta com a presença de centenas de fiéis que habitam os bairros próximos, uma vez que a área do assentamento encontra-se vinculada à Paróquia de São Sebastião, situada no bairro Todos os Santos, zona urbana sudeste da capital. Durante o novenário, ocorrem a celebração de missas e a realização de quermesses, com a comercialização dos pratos elaborados pelas assentadas, de modo a congregar as famílias nas tarefas de organização, decoração do espaço social e venda de produtos. Segundo os assentados, trata-se de um importante marco no calendário cultural do assentamento.

Outro momento significativo reside na celebração da “farinhada”, rito da produção que geralmente acontece durante os meses de junho e julho e consiste em um trabalho de mutirão, em que as pessoas revezam-se nas tarefas de colher, transportar, descascar, lavar, prensar, peneirar e torrar a mandioca para a fabricação artesanal das farinhas de mandioca e de puba, além da goma e do beiju, os quais são repartidos ao final do processo.

A participação ativa em celebrações religiosas e festas populares também constitui um fator catalisador dos conflitos verificados entre as duas associações de assentados e um momento de conagração entre estes e os moradores dos bairros próximos, com os quais afirmam ter um relacionamento positivo. Entretanto, as famílias investigadas revelaram que não participam em grupos de canto, dança ou de artesanato, o que conformou um indicador 0,272 (nível crítico) para a Participação em Atividades Culturais.

O descritor Bens Culturais foi constituído pela média aritmética entre os indicadores Acesso e Consumo de Bens Culturais e calculado em 0,332 (nível ruim) para o assentamento rural Santana Nossa Esperança.

O Acesso a Bens Culturais no interior do assentamento limita-se basicamente ao cinema (61,6% das respostas), através da exibição de filmes para os públicos infantil, juvenil e adulto, realizada mensalmente pela Organização Não-Governamental (ONG) Movimento Popular pela Paz na Periferia (MP3), à música (34,8%) e ao teatro (2,7%), o que constituiu o escore 0,368 (nível ruim) para o indicador.

Em relação ao indicador Consumo de Bens Culturais pelos assentados, constatou-se que este se restringe à música (51,0% das respostas), ao cinema (44,2%) e ao teatro (4,8%); os quais foram indicados pelas famílias, constituindo o escore 0,296 (nível crítico) para o indicador.

Em geral, os assentados atribuem o restrito consumo de bens culturais à distância da zona urbana do município – onde a oferta cultural se concentra –, o que dificulta o seu acesso; com base nessa assertiva conclui-se, portanto, que consomem aqueles bens (música e cinema) que se encontram à disposição na área do assentamento, de forma a evitar o deslocamento para o meio urbano.

O descritor Percepção Ambiental foi configurado pela média aritmética entre os indicadores Conhecimento da Biodiversidade e Consciência de Problemas Ambientais, calculado em 0,796 (nível bom) para o assentamento rural Santana Nossa Esperança.

Em consonância com Weidsucahdt et al (2014), os assentados detêm um volume significativo de informações sobre o ambiente em que vivem, uma vez que 69,9% das famílias pesquisadas souberam responder pelo menos três das quatro perguntas relacionadas à indicação de espécies da fauna e da flora nativas preservadas e ameaçadas no assentamento, o que conformou o escore 0,726 (nível bom) para o indicador Conhecimento da Biodiversidade.

As espécies da flora nativa mais indicadas pelos assentados como preservadas, total ou parcialmente, são: *Orbignya speciosa* Mart. ex Spreng (babaçu, com 15,1% das respostas), *Uncaria tomentosa* (unha-de-gato, com 13,8%), *Mangifera indica* L. (mangueira) e *Tecoma cherysotricha* (pau d'arco, ambas com 12,4%) e *Cenostigma macrophyllum* (caneleiro, com 6,0%).

Entre as espécies florísticas mais apontadas como ameaçadas/extintas são: *Schinus terebinthifolius* (aroeira, com 18,8% das menções), pau d'arco (17,6%), *Cedrela fissilis* Vell. (cedro, com 11,8%), unha-de-gato (11,2%), *Guadua Weberbauer* (taboca ou bambu, com 8,2%), *Gochnatia polymorpha* (candeia, com 6,5%) e caneleiro (5,3%). Convém ressaltar que as menções à biodiversidade feitas pelos assentados estão em consonância com a descrição das condições ecológicas do assentamento, elaborada pelos técnicos do INCRA, por ocasião do relatório de vistoria para desapropriação da área (INCRA, 2007).

Dentre as espécies da fauna nativa mais relacionadas como preservadas, total ou parcialmente, são: *Cervus elaphus* (veado, com 12,8% das respostas), *Tolyptentis tricinctus* (tatu, com 10,4%), *Euphractus sexcinctus* (peba, com 9,2%), *Dasyprocta leporina* (cutia) ou *Dasyprocta aguti* (cotia, com 8,0%), *Crotalus terrificus* (cobra cascavel, com 7,6%) e *Tamandua tetradactyla* (mambira, com 5,6%); enquanto as espécies mais mencionadas como ameaçadas/extintas são: tatu (16,2%), veado (15,4%), peba (11,9%), cutia ou cotia (10,4%), *Cuniculus paca* (paca, com 9,6%) e *Panthera onça* (onça pintada, com 5,8%).

No tocante à Consciência dos Problemas Ambientais, 93,5% das famílias investigadas revelaram domínio do conhecimento relativo aos principais fatores que ameaçam o equilíbrio natural da área, por meio da indicação de pelo menos um problema ambiental verificado no interior do assentamento, configurando o escore 0,866 (nível excelente) para o indicador, o que se aproxima dos resultados expostos por Brambilla (2007).

Considerando as respostas obtidas ao questionário, os problemas ambientais mais frequentemente apontados são causados pelos próprios assentados, tais como: o desmatamento/derrubada da mata nativa (26,3% das respostas) para realização da roça de

toco; a caça predatória (24,2%), também praticada por indivíduos estranhos ao assentamento; o assoreamento do riacho (22,0%), provocada pela criação de gado à solta; a queimada/caieira (15,7%), para o preparo da roça de toco e a produção/comercialização de carvão; o acúmulo de lixo (10,2%) destinado a céu aberto ou à posterior queima; e a contaminação da água dos riachos por agrotóxicos e dos poços por fezes de animais (1,7%). Por outro lado, cabe ressaltar que dois respondentes (2,2% das famílias investigadas) mencionaram que o assoreamento do riacho Olho D'Água e a caça de animais silvestres praticada na área da RL não constituem problemas ambientais para o assentamento.

Atribui-se o resultado positivo obtido para os indicadores Conhecimento da Biodiversidade e Consciência dos Problemas Ambientais à procedência dos assentados, uma vez que a maioria das famílias pesquisadas (79,6%) declarou ser proveniente das zonas rural e periurbana (dos bairros circunvizinhos Jardim Europa, Deus Quer e Usina Santana) de Teresina e de outros municípios, o que culturalmente sinaliza uma relação próxima com a natureza do local. Acrescente-se ainda que 45,3% delas declarou ser ex-trabalhadora da extinta Fazenda AGROPOL, denotando um longo vínculo com o lugar.

Na vertente cultural do assentamento rural Santana Nossa Esperança, os indicadores Realização e Participação em Atividades Culturais, Acesso e Consumo de Bens Culturais configuram-se preocupantes e indicam a limitação dos meios para a reprodução da cultura camponesa, ao tempo em que confirmam a situação de exclusão das famílias assentadas em relação ao mercado cultural. Ademais, os assentados reclamaram da concentração da oferta cultural na zona urbana da cidade; nesse sentido, sugere-se a ampliação da iniciativa do cinema itinerante desenvolvido pela ONG MP3, com a exibição de peças teatrais e espetáculos de música, bem como a realização de oficinas de leitura no meio rural, a serem desenvolvidas pelas entidades responsáveis pela cultura no município.

Convém ressaltar que durante a etapa de validação dos resultados desta pesquisa, os indicadores e sua metodologia de cálculo foram explanados a uma amostra de 85 famílias (59,4% da população do assentamento), a qual participou discutindo os escores atribuídos a cada indicador e avaliando a condição geral do assentamento, concluindo pela insustentabilidade.

Indicadores culturais do assentamento rural Fazenda Soares

De acordo com a pesquisa documental e com relatos dos assentados, a área atualmente ocupada pelo assentamento Fazenda Soares foi desmembrada de um imóvel maior, medindo 227,00 ha e pertencente ao Sr. Olavo Pereira da Silva, grande pecuarista e proprietário de um engenho que produzia cana-de-açúcar (*Saccharum officinarum L.*),

garapa, cachaça e rapadura, onde também se produzia milho (*Zea mays*), feijão (*Vigna unguiculata*) e batata doce (*Ipomoea batatas*). Após contrair um financiamento bancário em situação de inadimplência, o empresário entregou a terra em pagamento pela dívida; na sequência, o banco a repassou ao governo do Estado.

Em 1969, a Secretaria Estadual de Agricultura, por meio do encarregado João Caland, iniciou um centro de produção, contando com oito trabalhadores trazidos de fora da região, promovendo total controle sobre a terra, não sendo permitidos a moradia, nem o plantio de roça na área. Na gestão seguinte, de Jaime de Alencar, o acesso a terra foi liberado para 20 moradores dos povoados próximos São Vicente, São Domingos e Boa Fé para ali trabalharem, fazerem roça e residirem.

Posteriormente, com o retorno de João Caland à administração e sob a denominação de Colônia São Vicente, foi instalado um campo agrícola medindo 14,00 ha, para produção de milho (*Zea mays*), feijão (*Vigna unguiculata*) e melancia (*Citrullus lanatus*); um pomar de laranja (*Citrus sinensis L. Osbeck*), manga (*Mangifera indica L.*) e caju (*Anacardium occidentale L.*); e um viveiro de mudas de limão (*Citrus limon L. Burnmann f.*), abacaxi (*Ananas comosus L. Merr.*), manga (*Mangifera indica L.*) e caju (*Anacardium occidentale L.*). Durante essa gestão, os 20 trabalhadores passaram à condição de funcionários terceirizados do governo, com uma parcela da produção sendo dividida entre eles e a maioria comercializada na zona urbana de Teresina.

Em 1995, o governo estadual paralisou o funcionamento do campo agrícola e destinou 70,24 ha da área para instalação do Projeto de Assentamento Estadual São Vicente também conhecido como Fazenda Soares, com capacidade para 34 famílias, mediante a assinatura de um termo de concessão de uso; dentre as quais algumas eram ex-trabalhadoras do centro de produção, seus filhos e outras, sem parentesco, vieram do Maranhão, mediante entrevistas de ingresso, realizadas pelo administrador do projeto.

Em 1997, residiam no projeto e no entorno do assentamento por volta de 105 famílias, dos quais 40 trabalhadores se reuniram para reestruturação do campo agrícola e criaram a Associação de Pequenos Produtores Rurais do Povoado Fazenda Soares, assumindo a gestão do centro de produção. O Estado cedeu o imóvel e um trator usado equipado com arado, e as famílias assentadas trabalharam no plantio de melancia (*Citrullus lanatus*) em 1,00 ha em regime de teste; a colheita foi satisfatória e serviu de estímulo para a associação ampliar a produção.

Em 1998, a referida associação contratou um empréstimo coletivo no valor de R\$ 187 mil junto ao BNB, através da linha de crédito Programa de Geração de Emprego e Renda (PROGER), oferecendo a área correspondente ao campo agrícola cedido em sistema de comodato, como garantia.

A operação financeira destinava-se à aquisição de um caminhão do tipo $\frac{3}{4}$, para o transporte da produção; à construção de um galpão do tipo *packing house*²³, para armazenamento dos produtos; à implantação de um sistema completo de irrigação, composto de aspersores, canalização e dois poços tubulares; ao cercamento da área do campo agrícola, ampliado para 23,00 ha; à reforma do trator recebido do governo do Estado; e à compra de equipamentos diversos, como bebedouro e computador, para a associação. Foram estabelecidos um prazo de liquidação de oito anos e parcelas anuais de R\$ 70 mil; das quais cinco foram quitadas e três foram prorrogadas e anistiadas pelo governo federal, em 2011.

Também em 1998, deu-se a expansão do assentamento, com a destinação de 26,78 ha adicionais para a incorporação de 12 lotes individuais de trabalho, destinados prioritariamente às famílias de filhos de assentados contemplados na primeira etapa. Nesse contexto, o INTERPI tentou assentar seis famílias oriundas do Povoado Soinho, mas quatro delas desistiram e foram transferidas para o vizinho município de Nazária.

Ressalta-se que a distribuição dos lotes de trabalho não foi uniforme, de modo que havia assentados com restrições na capacidade laboral (em virtude da idade avançada), que não receberam lote individual de trabalho; alguns receberam lotes menores; e outros, na dimensão máxima de 2,00 ha (em respeito ao tamanho do módulo rural estabelecido pelo Estado), em função do número de membros da família.

Visando à expansão da produção para os lotes individuais e à construção de casas para os moradores da área, os quais se encontravam ociosos, em 2000, o INTERPI argumentou com os assentados acerca da existência de recursos federais abundantes destinados à agricultura familiar e iniciou o processo de reconhecimento do projeto estadual de reforma agrária pelo INCRA.

Em 2003, foi criada a Associação dos Assentados da Fazenda Soares, contando com 33 associados, para proceder às etapas administrativas necessárias à formalização do assentamento, com vistas à liberação dos recursos do crédito instalação, nas modalidades apoio inicial e aquisição de material de construção, objetivando a construção das casas dos assentados. No âmbito do INCRA, o processo foi desmembrado em dois: Fazenda Soares I, constituído pelos 34 lotes de trabalho concedidos em 1995, ocupando uma área de 70,24 ha; e Fazenda Soares II, integrado pelos 12 lotes distribuídos em 1998, encravados em 26,78 ha.

Considerando que remanesciam aproximadamente 50 famílias residindo precariamente nos lotes dos pais assentados ou sem lote definido, e havendo a

²³ Segundo Araújo (2003), *packing house* é uma infraestrutura composta de construções e equipamentos necessários ao beneficiamento de produtos agrícolas, principalmente frutas, onde são realizados a seleção, a classificação, a limpeza, o polimento, o tratamento contra pragas e doenças, a embalagem, etc.

disponibilidade de uma área de reserva técnica de 23,00 ha externa ao assentamento, a associação de assentados propôs ao INTERPI que a mesma fosse destinada à construção de uma agrovila aos filhos dos assentados. A proposta não foi aceita e a gleba foi ocupada irregularmente por meio da divisão e venda de 64 lotes, medindo 20m X 60m, com pessoas estranhas ao lugar.

A infraestrutura do assentamento rural Fazenda Soares é composta de um núcleo habitacional dividido por uma rua com pavimentação primária (piçarra) e nove vias sem pavimentação; uma rede elétrica trifásica implantada em todas as vias de acesso; um poço tubular equipado com reservatório com capacidade de 10.000L; 38 residências com dimensão de 42m² edificadas pelo INCRA em 46 lotes individuais de moradia, medindo 25m X 30m; dois templos religiosos e um campo de futebol.

Em consonância com o objetivo deste trabalho, o IC abordou os descritores Práticas Culturais, formulado a partir dos indicadores Realização e Participação em Atividades Culturais; Bens Culturais, constituído dos indicadores Acesso e Consumo de Bens Culturais; e Percepção Ambiental, formatado pelos indicadores Conhecimento da Biodiversidade e Consciência de Problemas Ambientais, revelando-se no patamar de 0,411 (nível ruim) para o assentamento rural Fazenda Soares. A composição do índice é apresentada no Quadro 4 e apresentada a seguir.

Quadro 4 – Composição do Índice Cultural (IC) do Assentamento Rural Fazenda Soares, em Teresina-PI

ÍNDICE CULTURAL (IC) = 0,411	Descritor Atividades Culturais = 0,288	<i>Indicador Realização de Atividades Culturais = 0,317</i>
		<i>Indicador Participação em Atividades Culturais = 0,258</i>
	Descritor Bens Culturais = 0,258	<i>Indicador Acesso a Bens Culturais = 0,258</i>
		<i>Indicador Consumo de Bens Culturais = 0,258</i>
	Descritor Percepção Ambiental = 0,688	<i>Indicador Conhecimento da Biodiversidade = 0,708</i>
		<i>Indicador Consciência de Problemas Ambientais = 0,667</i>

Fonte: As autoras (2014).

O descritor Atividades Culturais é composto da média aritmética entre os indicadores Realização e Participação em Atividades Culturais, calculado em 0,288 (nível crítico) para o assentamento rural Fazenda Soares.

Contrariando o exposto por Brandão (2004), dentre as manifestações artístico-culturais realizadas no assentamento, destaca-se quase exclusivamente o culto religioso, praticado por fiéis das congregações Igreja Evangélica Pentecostal Deus é a Paz e Igreja Católica, com respectivos templos edificadas no assentamento, o que configurou o escore 0,317 (nível ruim) para o indicador Realização de Atividades Culturais.

Registra-se ainda a comemoração dos dias de São Francisco, São Raimundo e Santa Luzia, nos meses de agosto, outubro e dezembro de cada ano, respectivamente. No decorrer dos festejos de São Francisco, é realizada uma festa “de conjunto”, com a presença de bandas musicais que animam a população assentada e a circunvizinhança; enquanto os festejos de São Raimundo são celebrados com novena, missas e leilões; e durante a festa de Santa Luzia, há novena, oração do terço e um grande leilão na residência do assentado Miguel Ludgero da Silva, onde assentados e amigos se reúnem para arrematar diversas peças, denominadas “joias”, entre animais vivos, pratos salgados e doces produzidos pelas assentadas.

Ademais, os assentados revelaram apreciar as danças de quadrilha e as festas juninas, comemoradas em povoados próximos e as festas dançantes, geralmente patrocinadas por políticos, que ocorrem aos fins de semana, nos três clubes estabelecidos no interior do assentamento, e em outros espaços situados nas localidades próximas, configurando um indicador 0,258 (nível crítico) para a Participação em Atividades Culturais. Muitos assentados afirmaram participar dessas festas, nas quais há cobrança de ingresso e da bebida consumida, alegando tratar-se da única oportunidade de lazer disponível na área.

O descritor Bens Culturais foi constituído pela média aritmética entre os indicadores Acesso e Consumo de Bens Culturais e calculado em 0,258 (nível crítico) para o assentamento rural Fazenda Soares.

O Acesso a Bens Culturais no interior do assentamento limita-se à música (46,7% dos respondentes) principalmente em casa, à literatura (10,0%), e teatro e cinema (6,7% cada) prioritariamente na escola, o que constituiu o escore 0,258 (nível crítico) para o indicador.

Em relação ao indicador Consumo de Bens Culturais pelos assentados, o desempenho verificado foi idêntico ao observado quanto ao Acesso: música (46,7% dos respondentes), literatura (10,0%), teatro e cinema (6,7% cada). Esse panorama configurou o mesmo escore (0,258, nível crítico) para o indicador. Convém registrar que durante os fins de semana, observa-se a reunião de muitos jovens – assentados ou não – nos bares do assentamento, onde se divertem ouvindo música e ingerindo bebida alcoólica. Este hábito é frequentemente comentado pela população mais idosa como elemento de perturbação da tranquilidade anteriormente característica do lugar.

O descritor Percepção Ambiental foi configurado pela média aritmética entre os indicadores Conhecimento da Biodiversidade e Consciência de Problemas Ambientais e calculado em 0,688 (nível bom) para o assentamento rural Fazenda Soares.

Em consonância com Weidsucahdt et al (2014), os assentados detêm um volume significativo de informações sobre o ambiente em que vivem, uma vez que 66,7% das famílias pesquisadas souberam responder pelo menos três das quatro perguntas relacionadas à indicação de espécies da fauna e da flora nativas preservadas e ameaçadas no assentamento, o que conformou o escore 0,708 (nível bom) para o indicador Conhecimento da Biodiversidade.

As espécies da flora nativa mais indicadas pelos assentados como preservadas, total ou parcialmente, são: *Uncaria tomentosa* (unha-de-gato, com 27,6% das respostas), *Orbignya speciosa* Mart. ex Spreng (babaçu, com 13,8%), *Mangifera indica* L. (mangueira, com 10,3%), *Cenostigma macrophyllum* (caneleiro), *Hymenaea courbaril* (jatobá), *Talisia esculenta* (pitomba), *Copernicia prunifera* (carnaúba) e *Anacardium occidentale* (caju), com 6,9% cada.

Entre as espécies florísticas mais apontadas como ameaçadas/extintas, tem-se: *Tecoma cherysotricha* (pau d'arco, com 25,4% das menções), *Schinus terebinthifolius* (aroeira, com 23,6%), unha-de-gato (com 18,2%), babaçu e caneleiro, com 5,5% cada. Convém ressaltar que as menções à biodiversidade feitas estão em consonância com a descrição das condições ecológicas da área, elaborada pelos técnicos do INTERPI, por ocasião do pedido de reconhecimento do assentamento (INCRA, 2006c; 2006d).

Dentre as espécies da fauna nativa mais relacionadas como preservadas, total ou parcialmente, são: *Tamandua tetradactyla* (mambira, com 12,5%), *Dasyprocta leporina* (cutia) ou *Dasyprocta aguti* (cotia, com 9,4%), *Tolypentis tricinctus* (tatu), *Euphractus sexcinctus* (tatu peba), *Cervus elaphus* (veado), *Micrurus* sp. (cobra coral), *Columbina passerina* (rolinha) e *Passer domesticus* (pardal), com 6,3% das respostas cada; enquanto as espécies mais mencionadas como ameaçadas/extintas são: veado (21,6%), cutia ou cotia (19,6%), tatu (18,6%), peba e *Cuniculus paca* (paca), ambos com 10,8%. Das espécies mencionadas, apenas um terço consta do relatório elaborado pelo INCRA para o fim de reconhecimento do assentamento (INCRA, 2006c; 2006d).

No tocante à Consciência dos Problemas Ambientais, 86,7% das famílias investigadas revelaram significativo conhecimento relativo aos principais fatores que ameaçam o equilíbrio natural da área, por meio da indicação de pelo menos um problema ambiental verificado no interior do assentamento, redundando no escore 0,667 (nível bom) para o indicador, o que se aproxima dos resultados expostos por Brambilla (2007).

Considerando as respostas obtidas ao questionário, os problemas ambientais mais frequentemente apontados como presentes na área do assentamento e seu entorno, são: a

derrubada da mata nativa (46,3% das respostas) para extração de lenha; o assoreamento do riacho São Vicente (20,4%); a queimada (16,7%) para a produção/comercialização de carvão; a caça (9,2%) e a pesca²⁴ (5,5%) predatórias e o acúmulo de lixo (1,9%) destinado a céu aberto ou à posterior queima.

Atribui-se o resultado positivo obtido para os indicadores Conhecimento da Biodiversidade e Consciência dos Problemas Ambientais à procedência dos assentados, uma vez que a maioria das famílias pesquisadas (86,7%) revelou ser proveniente da zona rural de Teresina e de outros municípios piauienses (Campo Maior, União, Miguel Alves, Piripiri, José de Freitas e Angical), o que culturalmente caracteriza uma forte intimidade com a natureza. Acrescente-se ainda que 90,0% delas declarou ser ex-trabalhadora do extinto projeto agrícola estadual, o que também denota um longo vínculo com o lugar.

A exemplo do que se verifica no assentamento rural Santana Nossa Esperança, os indicadores Realização e Participação em Atividades Culturais, Acesso e Consumo de Bens Culturais observados no assentamento rural Fazenda Soares também indicam a limitação dos meios para a reprodução da cultura camponesa, ao tempo em que confirmam a situação de exclusão das famílias assentadas em relação ao mercado cultural.

Convém ressaltar que durante a etapa de validação dos resultados desta pesquisa, os indicadores e sua metodologia de cálculo foram explanados a uma amostra de 28 famílias (60,9% da população do assentamento), a qual participou avaliando os escores atribuídos aos indicadores do assentamento e qualificando a condição geral do assentamento como sustentável.

Indicadores culturais do assentamento rural Tapuia

Segundo a pesquisa documental e o relato de assentados do assentamento rural Tapuia, a área pertencente ao assentamento integrava uma gleba maior pertencente à empresa Produtos Agrícolas do Piauí Ltda (PRODAPI), onde havia uma extensa plantação de capim tipo colômbio (*Panicum maximum cv.*). Receoso de ter suas terras sobretaxadas em razão da extensão e/ou improdutividade, o empresário dividiu o imóvel, vendeu esta parcela do imóvel à PMT e loteou o excedente.

Em 1998, a PMT/SDR iniciou um projeto de agricultura coletiva de 16,00 ha para produção de milho (*Zea mays*), feijão (*Vigna unculata*), mandioca (*Manihot esculenta*), macaxeira (*Manihot utilissima*) e melancia (*Citrullus lanatus*), em regime de sequeiro,

²⁴Segundo o relato de assentados, a pesca predatória é praticada por meio do uso de cercas de palha acopladas com caixões feitos em talo de coco, que retêm inclusive os peixes menores, que ainda não passaram pela fase reprodutiva. Outro recurso é a aplicação de DicloroDifenilTricloroetano (DDT) nas áreas de vazante.

destinado inicialmente a 50 trabalhadores rurais, moradores no Povoado Tapuia. A SDR se encarregou de realizar a arregimentação de pessoas interessadas, o que se configurou em uma tarefa difícil, haja vista a distância entre o povoado e o referido projeto agrícola (aproximadamente 4,0 km).

Face à resistência encontrada, o projeto começou a funcionar com 40 trabalhadores, e foram trazidos três do povoado Soinho e um do povoado Socopo (ambos situados na zona periurbana no município de Teresina-PI), os quais também se tornaram vigias volantes da área. Com o decorrer do tempo, estes e outros desistiram, porque não acreditaram na iniciativa, 17 foram substituídos e o projeto entrou em funcionamento somente com 25 trabalhadores.

Passados quatro anos, a PMT implantou uma rede trifásica de energia elétrica e um sistema de irrigação completo (com poço tubular, bomba, canalização e aspersores) para 4,00 ha; entretanto, o transformador da rede foi furtado e a partir de então a SDR decidiu transferir os trabalhadores para o imóvel, alterando a condição de projeto agrícola para assentamento casulo.

Nesse período, o então superintendente do INCRA, Padre Ladislau João da Silva, informou que existiam recursos da reforma agrária para a construção de casas em 16 assentamentos rurais no Piauí, e que somente 13 haviam sido encaminhados. Os procedimentos burocráticos foram realizados, com a criação da Associação dos Produtores Rurais do Assentamento Tapuia e o levantamento da documentação necessária à instauração do Projeto Casulo Tapuia, por meio de uma parceria entre a PMT e o INCRA.

Ao INCRA competiu a constituição do núcleo habitacional, e a contrapartida da PMT abrangeu a aquisição da área do imóvel, a implantação do sistema de abastecimento de água e da rede monofásica de energia para o núcleo habitacional, além da abertura das ruas. Os investimentos foram realizados e em 2005, as casas foram entregues, mediante sorteio.

O assentamento rural Tapuia é composto de um núcleo habitacional dividido por duas ruas desprovidas de pavimentação; uma rede elétrica trifásica implantada ao longo da rua principal (nº1); 25 residências com dimensão de 42m², encravadas em 25 lotes individuais de moradia, medindo 15,00m X 40,00m; três áreas institucionais com 1.350m², destinadas à infraestrutura do sistema de abastecimento de água, ao depósito para guarda de insumos, instrumentos e equipamentos agrícolas e ao espaço contíguo ao referido depósito; além da área de RL de 8,60 ha.

Em conformidade com os objetivos desta pesquisa, o IC abordou os descritores Práticas Culturais, formulado a partir dos indicadores Realização e Participação em Atividades Culturais; Bens Culturais, constituído dos indicadores Acesso e Consumo de Bens Culturais; e Percepção Ambiental, foi formatado pelos indicadores Conhecimento da

Biodiversidade e Consciência de Problemas Ambientais, calculado em 0,286 (nível crítico) para o assentamento rural Tapuia. A composição do subíndice segue demonstrada no Quadro 5 e apresentada a seguir.

Quadro 5 – Composição do Índice Cultural (IC) do Assentamento Rural Tapuia, em Teresina-PI

ÍNDICE CULTURAL (IC) = 0,286	Descritor	<i>Indicador Realização de Atividades Culturais = 0,250</i>
	Atividades Culturais = 0,141	<i>Indicador Participação em Atividades Culturais = 0,031</i>
	Descritor	<i>Indicador Acesso a Bens Culturais = 0,219</i>
	Bens Culturais = 0,195	<i>Indicador Consumo de Bens Culturais = 0,172</i>
	Descritor	<i>Indicador Conhecimento da Biodiversidade = 0,609</i>
	Percepção Ambiental = 0,523	<i>Indicador Consciência de Problemas Ambientais = 0,438</i>

Fonte: As autoras (2014).

O descritor Atividades Culturais é composto da média aritmética entre os indicadores Realização e Participação em Atividades Culturais, calculado em 0,141 (nível crítico) para o assentamento rural Tapuia.

Em afronta ao exposto por Brandão (2004), dentre as manifestações artístico-culturais realizadas no assentamento, todos os assentados destacaram exclusivamente a prática religiosa, através da congregação Assembleia de Deus, com celebrações semanais improvisadas na sede da associação, o que configurou o indicador Realização de Atividades Culturais mensurado em 0,250 (nível crítico).

Do ponto de vista das manifestações artístico-culturais vivenciadas pela população assentada, não se observou a prática de artesanato, apenas a participação nas missas/cultos realizados no interior e fora do assentamento e em grupos de canto religioso no povoado Tapuia, uma vez que o projeto não dispõe de um espaço comunitário para realização dessas atividades.

No interior do assentamento, são celebradas missas mensais no assentamento, geralmente na última sexta-feira de cada mês; bem como cultos semanais, ambos utilizando o espaço da sede da associação, dos quais participam 37,5% das famílias investigadas. Ademais, os assentados comemoram anualmente a festa de Santa Luzia, que ocorre em 13 de dezembro, por meio da reza do terço na residência da assentada Maria Eliane Marques da Silva, ao final da qual os participantes se confraternizam com um lanche compartilhado devido à proximidade das festividades natalinas, o que configurou o escore 0,031 (nível crítico) para o indicador Participação em Atividades Culturais.

Registra-se ainda, que os assentados que professam a fé católica e da Igreja Católica, celebravam missas mensais e comemoravam os festejos de Nossa Senhora de Fátima, São Pedro, São Francisco e São Raimundo no povoado Tapuia, durante os meses

de maio, junho, agosto e outubro, respectivamente, por meio da realização de novenas, missas e leilões. Argumentaram a dificuldade de permanecerem no povoado até o final dos referidos eventos, em razão da distância e do perigo de circularem pela estrada em horário noturno avançado.

Também no povoado Tapuia, 18,8% dos assentados declararam participar de festas de carnaval nos estabelecimentos privados Bel Clube e Clube do Conga, aderindo ao bloco “Os Garantidos”.

O descritor Bens Culturais foi constituído pela média aritmética entre os indicadores Acesso e Consumo de Bens Culturais e calculado em 0,195 (nível crítico) para o assentamento rural Tapuia.

O Acesso a Bens Culturais no interior do assentamento limita-se quase exclusivamente à música (66,7% das respostas) principalmente em casa, à literatura e ao cinema (6,3% cada), prioritariamente na escola, o que constituiu o escore 0,219 (nível crítico) para o indicador. Vale ressaltar que 25,0% das famílias pesquisadas registraram não ter acesso a bens culturais dentro ou fora do assentamento.

Em relação ao indicador Consumo de Bens Culturais pelos assentados, o desempenho verificado foi semelhante ao observado quanto ao Acesso: música (58,8% das respostas) e literatura (5,9%), configurando o escore 0,172 (nível crítico) para o indicador.

O descritor Percepção Ambiental foi configurado pela média aritmética entre os indicadores Conhecimento da Biodiversidade e Consciência de Problemas Ambientais, calculado em 0,523 (nível médio) para o assentamento rural Tapuia.

Em consonância com Weidsucahdt et al (2014), os assentados detêm um volume razoável de informações sobre o ambiente em que vivem, uma vez que apenas 50,0% das famílias pesquisadas souberam responder pelo menos três das quatro perguntas relacionadas à indicação de espécies da fauna e da flora nativas preservadas e ameaçadas no assentamento, o que conformou o escore 0,609 (nível médio) para o indicador Conhecimento da Biodiversidade. Entretanto, vale registrar que 12,5% do extrato não soube responder nenhum dos questionamentos acerca das condições da biodiversidade na área.

As espécies da flora nativa mais indicadas pelos assentados como preservadas, total ou parcialmente, são: *Cenostigma macrophyllum* Tul. (caneleiro, com 30,8% das respostas), *Uncaria tomentosa* (unha-de-gato, com 25,6%), *Lecythis lurida* (Miers) S.A. Mori (sapucarana, com 12,8%), *Tecoma cherysotricha* (pau d’arco, com 10,3%) e *Hymenaea courbaril* (jatobá, com 7,7%).

Entre as espécies florísticas mais apontadas como ameaçadas/extintas são: *Lecythis pisonis* Cambess. (sapucaia, com 22,2%), jatobá, unha-de-gato, *Hymenaea intermedia* Ducke (jatobazinho), *Senecio brasiliensis* (maria-mole), *Orbignya speciosa* Mart. ex Spreng (babaçu) e *Schinus terebinthifolius* (aroeira) com 11,1% cada. Convém ressaltar

que as menções à biodiversidade feitas estão em consonância com a descrição das condições ecológicas da área, elaborada pelos técnicos do INCRA, por ocasião da criação do assentamento (INCRA, 2006b).

Dentre as espécies da fauna nativa mais relacionadas como preservadas, total ou parcialmente, são: *Columbina passerina* (rolinha, com 13,6% das menções), *Cavia aperea* (preá, com 9,1%), *Tayassu tajacu* (porco caititu), *Dasyprocta leporina* (cutia) ou *Dasyprocta aguti* (cotia), *Tolypentis tricinctus* (tatu) e *Euphractus sexcintus* (tatu peba), com 6,8% cada; enquanto as espécies mais mencionadas como ameaçadas/extintas são: cutia ou cotia (17,9%), tatu e *Cervus elaphus* (veado), com 15,4%, tatu peba (com 10,3%), *Cuniculus paca* (paca, com 7,7%), porco caititu e preá, ambas com 5,1%.

No tocante à Consciência dos Problemas Ambientais, verificou-se reduzido conhecimento da população assentada no tocante aos principais fatores que ameaçam o equilíbrio natural da área, uma vez que somente 56,3% das famílias investigadas indicou pelo menos um problema ambiental verificado no interior do assentamento, redundando no escore 0,438 (nível ruim) para o indicador, o que contesta os resultados expostos por Brambilla (2007).

Considerando as respostas obtidas ao questionário, os problemas ambientais mais frequentemente apontados no assentamento e seu entorno, são: a caça predatória (50,0% das respostas); a derrubada da mata nativa (25,0%), o acúmulo de lixo (18,8%) e a queimada (6,3%). Por outro lado, 43,8% das famílias investigadas não indicaram problemas ambientais ocorrentes ambientais na área, o que induz à compreensão de que há desinformação ou desinteresse sobre as ameaças ao equilíbrio do ambiente, por parte de uma parcela significativa dos assentados.

Atribui-se o tímido resultado obtido para o indicador Conhecimento da Biodiversidade ao curto tempo de residência no lugar, uma vez que somente 31,3% das famílias assentadas declarou ser ex-trabalhadora do extinto projeto agrícola do município, o que pode ter ocasionado a restrita consciência dos problemas ambientais verificados na área.

Na vertente cultural do assentamento rural Tapuia, os indicadores Realização e Participação em Atividades Culturais, Acesso e Consumo de Bens Culturais configuram-se preocupantes e indicam a limitação dos meios para a reprodução da cultura camponesa, ao tempo em que confirmam a situação de exclusão das famílias assentadas em relação ao mercado cultural. Ademais, o desconhecimento dos problemas ambientais verificados na área induz à constatação de que essa questão não é debatida entre os assentados, seja no trabalho cotidiano, seja nas reuniões da associação, o que merece esforços para realização de ações de educação ambiental entre os assentados.

Convém ressaltar que durante a etapa de validação dos resultados desta pesquisa, os indicadores e sua metodologia de cálculo foram explanados a uma amostra de 15 famílias (60,0% da população do assentamento), a qual participou avaliando os escores atribuídos a cada indicador e concluindo pela insustentabilidade do assentamento.

Na perspectiva da sustentabilidade cultural, a situação geral dos assentamentos pesquisados caracteriza-se como crítica, na medida em que se conforma praticamente circunscrita à dimensão religiosa. Nesse sentido, é razoável admitir que, pelo menos, duas causas concorrem para tal cenário: a negligência dos órgãos gestores dos assentamentos e das associações de assentados em relação à valorização e a reprodução dos símbolos e aspectos identitários que demarcam a cultura camponesa, bem como à inexistência de espaços apropriados para os momentos de conagração indispensáveis à vida em comunidade.

Em contrapartida, merece registro o desempenho satisfatório verificado no descritor Percepção Ambiental, no que se refere aos indicadores Conhecimento da Biodiversidade e Consciência dos Problemas Ambientais, particularmente nos assentamentos Santana Nossa Esperança e Fazenda Soares, o que é motivado pelo longo tempo de vivência dos assentados nesses espaços.

Nesse sentido, sugere-se que esforços de gestão devem ser despendidos, por meio da formalização de parcerias entre os órgãos gestores dos assentamentos, as associações de assentados e entidades vinculadas à cultura no município para incentivo à realização de atividades e ao consumo de bens culturais no meio rural.

Conclusão

O território representa o primeiro vínculo entre o homem e o meio natural; configura-se em seu espaço de vivência social, de reprodução familiar e para muitos, a fonte de onde emanam os meios imprescindíveis à sobrevivência material. Para pequenos agricultores desprovidos total ou parcialmente deste importante recurso, o acesso a terra significa condição *sine qua non* para o desenvolvimento de suas estratégias de subsistência, afetando diretamente sua qualidade de vida.

Nesse sentido, a reforma agrária, em seu sentido lato, teria por finalidade garantir os mecanismos necessários à promoção de uma ruralidade sustentável, considerando a multiplicidade de aspectos que condicionam a vida humana, sintetizados neste trabalho na dimensão cultural.

No entanto, a execução da política de assentamentos rurais tem evidenciado lacunas em direção ao objetivo de promoção da sustentabilidade ambiental nessas áreas,

verificando-se inúmeras situações em que esses projetos revelam-se “meros amontoados de gente”, nos quais a ineficiência e ineficácia dos órgãos gestores responsáveis têm acarretado consequências perniciosas para a reprodução cultural das famílias “beneficiárias”, com a perda gradativa dos elementos constitutivos do *ethos* camponês e a acelerada substituição pelo *modus vivendi* urbano.

Na perspectiva cultural, a situação dos assentamentos pesquisados caracteriza-se como crítica, sinalizando a negligência das entidades responsáveis pelo incentivo à cultura, os órgãos gestores dos assentamentos e as associações de assentados em relação à valorização das manifestações da cultura camponesa e a exclusão dessas populações do mercado cultural. Em contrapartida, o desempenho satisfatório verificado no descritor Percepção Ambiental, no que se refere aos indicadores Conhecimento da Biodiversidade e Consciência dos Problemas Ambientais, particularmente nos assentamentos rurais Santana Nossa Esperança e Fazenda Soares, revela que a intimidade com a natureza, como elemento constituinte da identidade camponesa ainda se mantém relativamente preservada.

Nesse sentido, sugere-se que esforços de gestão devem ser despendidos especialmente na perspectiva cultural, por meio da formalização de parcerias entre as associações de assentados e entidades vinculadas à cultura no município para incentivo à realização de atividades e ao consumo de bens culturais no meio rural.

Referências

ADORNO, T.; HORKHEIMER, M. **Dialética do esclarecimento**: fragmentos filosóficos. Rio de Janeiro: Zahar, 1997.

ALENCASTRO, M. A. C. **Indicadores de cumprimento da norma ambiental em áreas de assentamento de reforma agrária**. 177f. Dissertação (Mestrado em Desenvolvimento e Meio Ambiente) apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Desenvolvimento e Meio Ambiente, Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2007. Disponível em: <<http://www.prodema.ufc.br/dissertacoes/167.pdf>>. Acesso em: 11 jul. 2011.

ALMEIDA, R. N. **Organizações sociais**: numa proposta de sustentabilidade em assentamentos rurais. 150f. Dissertação (Mestrado em Desenvolvimento e Meio Ambiente) apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Desenvolvimento e Meio Ambiente, Universidade Federal de Sergipe, São Cristóvão, 2006. Disponível em: <http://www.pos.ufs.br/prodema/files/dis2006/RONISE_NASCIMENTO_ALMEIDA.pdf>. Acesso em: 11 jul. 2011.

APPOLINÁRIO, F. **Metodologia científica**: filosofia e prática da pesquisa. São Paulo: Thompson Learning, 2006.

ARAÚJO, M. J. **Fundamentos de agronegócios**. São Paulo: Atlas, 2003.

BABBIE, E. Guia para elaboração de questões. In: **Métodos de pesquisa de survey**. Belo Horizonte: UFMG, 2003. pp.189-210.

BARRETO, R. C. S.; KHAN, A. S.; LIMA, P. V. P. S. Sustentabilidade dos assentamentos no município de Caucaia-CE. **Revista de Economia e Sociologia Rural** [online]. 2005, v.43, n.2, pp.225-247. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/resr/v43n2/a02v43n2.pdf>>. Acesso em: 25 jul. 2011.

BARROS, J. M. Cultura, diversidade e os desafios do desenvolvimento humano. In: __ (org.). **Diversidade cultural: da proteção à promoção**. Belo Horizonte: Autêntica, 2008. p.15-23.

BELLEN, H. M. van. **Indicadores de sustentabilidade: uma análise comparativa**. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2005.

BOAS, F. *The Limitation of Comparative Method of Anthropology*. **Science** 18, dec 1896, v.4, n.103, pp. 901-908. Disponível em: <<http://www.sciencemag.org/content/4/103/901.full.pdf>>. Acesso: 11 jul. 2011.

BRAMBILLA, M. **Percepção ambiental de produtores rurais sobre o Parque Nacional da Serra da Bodoquena (MS) na perspectiva do desenvolvimento local**. 71f. Dissertação (Mestrado Acadêmico) apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Desenvolvimento Local da Universidade Católica Dom Bosco, Campo Grande, 2007. Disponível em: <<http://site.ucdb.br/public/md-dissertacoes/7966-percepcao-ambiental-de-produtores-rurais-sobre-o-parque-nacional-da-serra-da-bodoquena-ms-na-perspectiva-do-desenvolvimento-local.pdf>>. Acesso em: 16 jun. 2010.

BRANDÃO, C. R. **O que é cultura**. São Paulo: Brasiliense, 2004. Col. Primeiros Passos, n.20.

CARVALHO, S. P. et al. Reforma agrária: a realidade de um assentamento rural. **Campo-território: revista de geografia agrária**, v.4, n.8, ago. 2009, pp.67-98. Disponível em: <www.campoterritorio.ig.ufu.br/C-T-2009/215.pdf>. Acesso em: 11 jul. 2011.

DEPONTI, C. M.; ECKERT, C.; AZAMBUJA, J. L. B. Estratégia para construção de indicadores para avaliação da sustentabilidade e monitoramento de sistemas. **Agroecologia e Desenvolvimento Rural Sustentável**, Porto Alegre, v.3, n.4, pp.44-52, out.-dez. 2002. Disponível em: <<http://www.ernestoamaral.com/docs/indsoc-122/biblio/Deponti2002.pdf>>. Acesso em: 28 jun. 2011.

DEPONTI, C.; ALMEIDA, J. **Indicadores para avaliação da sustentabilidade em contextos de desenvolvimento rural local**. 2008. Disponível em: <<http://www6.ufrgs.br/pgdr/arquivos/430.pdf>>. Acesso em: 26 dez. 2010.

FOOTE-WHITE, W. Treinando a observação participante. In: GUIMARÃES, A. Z. (orgs.). **Desvendando máscaras sociais**. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1990. pp.77-86.

GEERTZ, C. **A interpretação das culturas**. Rio de Janeiro: LTC, 2008.

GIL, A. C. Métodos da economia. In: __ **Técnicas de pesquisa em economia e elaboração de monografias**. 4.ed. São Paulo: Atlas, 2002. Cap. 2, p. 31-43.

GOLDENBERG, M. **A arte de pesquisar: como fazer pesquisa qualitativa em Ciências Sociais**. 5.ed. Rio de Janeiro: Record, 2001.

HÄKKINEN, T. **City-related sustainability indicators state-of-the-art**. jun. 2001. 37p. Disponível em: <<http://cic.vtt.fi/eco/crisp/state-of-the-art2.pdf>>. Acesso em: 11 jul. 2011.

HANAI, F. Y. **Sistema de indicadores de sustentabilidade: uma aplicação ao contexto de desenvolvimento do turismo na região de Bueno Brandão, estado de Minas Gerais, Brasil**. 432f. Tese (Doutorado em Ciências da Engenharia Ambiental) apresentada à Escola de Engenharia de São Carlos, Universidade de São Paulo, São Carlos, 2009. Disponível em:

<<http://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/18/18139/tde-17092009-082223/pt-br.php>>. Acesso em: 23 jan. 2014.

IBGE. Coordenação de Recursos Naturais e Estudos Ambientais e Coordenação de Geografia. **Indicadores de desenvolvimento sustentável**: Brasil 2010. Rio de Janeiro: IBGE, 2010b. Série Estudos e Pesquisas: Informação Geográfica, n.7.

_____. **Sistema de informações e indicadores culturais**: 2003-2005. Rio de Janeiro: IBGE, 2007. Série Estudos e Pesquisas: Informação Demográfica e Socioeconômica, n.22.

IISD – Institute for Sustainable Development. **Assessing sustainable development: principles in practice**. Canadá, 1997. 175p. Disponível em: <<http://www.iisd.org/measure/principles/progress/bellagio.asp>>. Acesso em: 09 mai. 2011.

_____. **Bellagio STAMP: Sustainability Assessment and Measurement Principles**. Italy, 2009. <<http://www.iisd.org/measure/principles/progress/bellagio.asp>>. Acesso em: 09 mai. 2011.

INCRA. **Norma de Execução nº 69/2008**, de 12 de março de 2008, que dispõe sobre o processo de criação e reconhecimento de projetos de assentamento de Reforma Agrária. Disponível em: <<http://www.incra.gov.br/index.php/institucional/legislacao--/atos-internos/normas-de-execucao/file/345-norma-de-execucao-n-69-12032008?start=20>>. Acesso em: 23 fev. 2014.

_____. **PCA Tapuia**: Projeto de Exploração Anual - PEA. Teresina: INCRA, 2006b.

_____. **Pesquisa sobre a qualidade de vida, produção e renda dos assentamentos da reforma agrária**. 2010a. Disponível em: <<http://www.incra.gov.br/index.php/reforma-agraria-2/questao-agraria/numeros-da-reforma-agraria/file/1152-pesquisa-qualidade-de-vida-nos-assentamentos-2010>>. Acesso em: 23 jan 2014.

_____. **Portaria nº 269/1996**, de 23 de outubro de 1996, que aprova a metodologia para implantação de Projetos de Assentamento de Base Agro-Extrativista. Disponível em: <<http://www.incra.gov.br/index.php/institucional/legislacao--/atos-internos/portarias/file/90-portariaincrapn-269-23101996>>. Acesso em: 14 jan. 2014.

_____. **Portaria nº 477/1999**, de 04 de novembro de 1999, que trata da criação de Projeto de Desenvolvimento Sustentável. Disponível em: <<http://www.incra.gov.br/index.php/institucional/legislacao--/atos-internos/portarias/file/87-portariaincrapn-477-04111999>>. Acesso em: 14 jan. 2014.

_____. **Portaria nº 215/2006a**, de 7 de junho de 2006, que trata da aprovação da metodologia de criação dos Projetos de Assentamento Florestais - PAF. Disponível em: <<http://www.incra.gov.br/index.php/institucional/legislacao--/atos-internos/portarias/file/45-portaria-n-215-de-07062006>>. Acesso em: 14 jan. 2014.

_____. **Relação de projetos de reforma agrária**. Disponível em:

<<http://www.incra.gov.br/index.php/reforma-agraria-2/questao-agraria/numeros-da-reforma-agraria/file/31-relacao-de-projetos-de-reforma-agraria>>. Acesso em: 14 mar. 2010b.

_____. **Relatório de gestão**: exercício 2011. Teresina: 2012. Disponível em: <http://file:///C:/Users/Server/Downloads/relatorio_gestao_2011_sr24_pi_1_versao_30_03.pdf>. Acesso em: 12 ago. 2012.

_____. SENAPRO – Serviço Nacional de Protocolo. **Processo nº 54380.001080/2003-73**, referente à desapropriação do imóvel fazenda AGROPOL no município de Teresina/PI. Teresina: INCRA, 2007.

_____. **Processo nº 54380.001632/2005-13**, referente ao desmembramento do PA Santana Nossa Esperança no município de Teresina/PI. Teresina: INCRA, 2006c.

_____. **Processo nº 54380.001096/2006-29**, referente à solicitação de processo administrativo para reconhecimento do projeto de assentamento PE Fazenda Soares I e II. Teresina: INCRA, 2006d.

_____. **Processo nº 54380.001088/2006-82**, referente à solicitação de processo administrativo para reconhecimento do projeto de assentamento PE Fazenda Soares II. Teresina: INCRA, 2006e.

LARAIA, R. B. **Cultura**: um conceito antropológico. Rio de Janeiro: Zahar, 1986.

LAWN, P. **Sustainable development indicators in ecological economics**. Reino Unido: Edward Elgar, 2006. Disponível em: <http://www.4shared.com/get/U9rWCiLa/Sustainable_Development_Indica.html>. Acesso em: 11 jul. 2011.

LEITE, S. P. et al. (orgs.). **Reforma agrária e desenvolvimento sustentável**. Brasília: Paralelo 15/Núcleo de Estudos Agrários e Desenvolvimento Rural/Ministério do Desenvolvimento Agrário, 2000.

LEITE, S. et al. (coord.). **Impactos dos assentamentos**: um estudo sobre o meio rural brasileiro. Brasília: Instituto Interamericano de Cooperação para a Agricultura; Núcleo de Estudos Agrários e Desenvolvimento Rural / São Paulo: Editora UNESP, 2004.

MALHEIROS, T. F.; COUTINHO, S. M. V.; PHILIPPI JR., A. Construção de indicadores de sustentabilidade. In: PHILIPPI JR., A.; MALHEIROS, T. F. **Indicadores de sustentabilidade e gestão ambiental**. Barueri: Manole, 2012. Col. Ambiental, v.12. Cap. 3, pp.77-87.

MAY, T. Observação participante: perspectivas e prática. In: **Pesquisa social**: questões, métodos e processos. 3.ed. Porto Alegre: Artmed, 2004. pp.173-294.

MICHELAT, G. Sobre a utilização de entrevistas não-diretivas em sociologia. In: **Crítica metodológica, investigação social e enquete operária**. São Paulo: Polis, 1987. pp.191-211.

MIGUEZ, P. **Cultura, desenvolvimento e diversidade cultural**. VIII ENECULT – Encontro de Estudos Multidisciplinares em Cultura: Salvador, 8 a 10 de agosto de 2012. Disponível em: <[http://www.cultura.gov.br/documents/10901/897638/PM-2013_Sem.+Dialogos+Setoriais+UE++X+Brasil_Cultura,%20desenvolvimento+e+diversidad e+cultural++Paulo+Miguez+\(2\).pdf/782206e3-764b-4a2e-9895-5f1377567297?version=1.0](http://http://www.cultura.gov.br/documents/10901/897638/PM-2013_Sem.+Dialogos+Setoriais+UE++X+Brasil_Cultura,%20desenvolvimento+e+diversidad e+cultural++Paulo+Miguez+(2).pdf/782206e3-764b-4a2e-9895-5f1377567297?version=1.0)>. Acesso em: 23 jan. 2014.

MORIN, E.; KERN, A. B. **Terra-pátria**. 2.ed. Porto Alegre: Sulina, 1995.

MOURA, L. G. V.; ALMEIDA, J.; MIGUEL, L. A. **Avaliação da sustentabilidade em agroecossistemas**: um pouco de pragmatismo. 2004. Disponível em: <http://www.emater.tche.br/docs/agroeco/artigos_sustentabilidade/Lino_Geraldo.pdf>. Acesso em: 10 nov. 2008.

MUNARIM, A. **Movimento Nacional de Educação do Campo**: uma trajetória em construção. 31ª Reunião Anual da ANPED. Grupo de Trabalho 3: Movimentos Sociais e Educação. Caxambu, 2008. Disponível em:

<<http://31reuniao.anped.org.br/1trabalho/GT03-4244--Int.pdf>>. Acesso em: 03 jan. 2009.

NORDHAUS, W. D.; TOBIN, J. *Is growth obsolete?* In: _ **Economic research: Retrospect and Prospect. Economic Growth**, New York: NBER, 1972, v.5, pp.1-80. Disponível em: <<http://www.nber.org/chapters/c7620.pdf>>. Acesso em: 11 jul. 2011.

ONU – Organização das Nações Unidas. **Indicators of sustainable development: framework and methodologies. Commission on Sustainable Development**. New York: United Nations, 2001. Disponível em: <http://www.un.org/esa/sustalev/csd/csd9_indi_bp3.pdf>. Acesso em: 14 nov. 2010.

ONU – Organização das Nações Unidas / PNUD – Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento. **Atlas do desenvolvimento humano no Brasil**. Brasília: 1998. 1 CD-ROM.

PALMA, C. R.; MEIRELES, M. Indicadores de sustentabilidade. **Prospectiva e Planejamento**, Departamento de Prospectiva e Planejamento e Relações Internacionais. 2008. v.15, pp.177-206. Disponível em: <http://www.dpp.pt/lists/pesquisa%20avanada/attachments/1403/indicadores_sustentabilidade.pdf>. Acesso em: 11 jul. 2011.

PASSOS, A. T.; SOUSA, M. C. **Indicadores de sustentabilidade em assentamentos rurais no Rio Grande do Norte**. Ribeirão Preto, 2005. Disponível em: <<http://www.sober.org.br/palestra/2/1072.pdf>>. Acesso em: 11 jul. 2011.

RABELO, L. S. **Indicadores de sustentabilidade: a possibilidade do desenvolvimento sustentável**. Fortaleza: Prodema/UFC, 2008.

SACRINI, M. Da fenomenologia à etnometodologia: entrevista com Kenneth Liberman. **Scientiae Studia**. São Paulo, v.7, n.4, oct./dec. 2009. Disponível em: <<http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S1678-31662009000400009&script=sci-arttext>>. Acesso em: 02 fev. 2013.

SANTOS, J. L. **O que é cultura**. São Paulo: Brasiliense, 2006. Col. Primeiros Passos, n.110.

SOULÉ, M. E. *Mente na biosfera*. In: WILSON, E. **Biodiversidade**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1997. pp.593-598.

SOUSA JÚNIOR, J. L.; ARRAES, R. A. Eficácia de políticas públicas em assentamentos rurais no Piauí: um estudo de caso. In: ARRAES, R. A.; JORGE NETO, P. de M. (orgs.). **Ensaio em economia aplicada**. Fortaleza: Gráfica LCR, 2009. Cap.VI, pp.425-448.

SPAROVEK, G. **A qualidade dos assentamentos da reforma agrária brasileira**. São Paulo: Páginas & Letras, 2003.

STIGLITZ, J. E.; SEN, A.; FITOUSSI, J. P. **Report by the Commission on the Measurement of Economic Performance and Social Progress**. Paris: 2009. 292p. Disponível em: <http://www.stiglitz-sen-fitoussi.fr/documents/rapport_anglais.pdf>. Acesso em: 11 jul. 2011.

THIOLLENT, M. Definição das técnicas de pesquisa. In: _ **Crítica metodológica, investigação social e enquete operária**. São Paulo: Polis, 1987. Cap. 1, pp.-31-39.

VEIGA, J. E. Indicadores de sustentabilidade. **Estudos Avançados**. São Paulo, 2010, v.24, n.68, pp.39-52. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/ea/v24n68/06.pdf>>. Acesso em: 11 jul. 2011.

_____. **Trindade para monitorar o desenvolvimento sustentável:** a proposta da Comissão Stiglitz-Sen-Fitoussi (Cmepsp), set. 2009. Disponível em: <<http://www.zeeli.pro.br/Textos/outrostrabalhos/%5Bjev%5D%20-%20Trindade%20monitorar%20DS%20-%2004out09.pdf>>. Acesso em: 11 jul. 2011.

WEIDSUCAHDT, P.; THIES, V. G.; THUM, C. **Cultura rural em diálogo:** experiências com educação e memória. Disponível em: <<http://www.vanessanogueira.info/sifedoc/Anais/Eixo%2004/Patr%C3%ADcia%20Weidsuca hdt.pdf>>. Acesso em: 23 jan. 2014.

WHITAKER, D. et al. A questão do registro e da memória do pesquisador. In: _ **Sociologia rural:** questões metodológicas emergentes. São Paulo: Letras à Margem, 2002. pp.121-168.

WHYTE, A. **La perception de l'environnement lignes directrices méthodologiques pour les études sur le terrain.** UNESCO: *Notes Techniques du MAB-5.* Paris: 1978. Disponível em: <<http://unesdoc.unesco.org/images/0002/000247/024707fo.pdf>>. Acesso em: 16 jun. 2010.

Recebido para publicação em 28 de abril de 2015.

Devolvido para a revisão em 04 de janeiro de 2016.

Aceito para a publicação em 31 de janeiro de 2016.

Os movimentos socioterritoriais: entre as classes e os movimentos populares¹

David Vásquez Cardona
Universidad Nacional de Córdoba
e-mail: dvsaudadeazuk@gmail.com

José Sobreiro Filho
Faculdade de Ciências e Tecnologia (FCT/UNESP)
e-mail: sobreirounesp@gmail.com

Resumo

Realizamos uma reflexão sobre os movimentos socioterritoriais com a finalidade de resgatar e destacar a importância da leitura sobre as classes sociais, os movimentos populares e o território, tanto para compreendê-los com maior profundidade quanto para discutir e propor ações estratégicas emancipatórias na atualidade. Mediante a dinâmica de conflitos engendrados pelos imperativos da sociedade do capital, consideramos a leitura gramsciana sobre a categorização das classes subalternas um ponto de partida imprescindível para realizar a análise sobre os movimentos populares, em sua luta pela hegemonia do Estado na atualidade. Somada às concepções dos movimentos populares, apresentamos uma abordagem socioterritorial, a partir do conceito de território da geografia para enriquecer a leitura sobre o potencial das ações emancipatórias dos movimentos diante da voraz disputa territorial gerada pela lógica capitalista e potencializada pela globalização.

Palavras-chave: Movimentos socioterritoriais; classes; movimentos populares; território; disputa territorial.

The socioterritorial movements: between classes and popular movements

Abstract

We conducted a reflection on the socio-territorial movements with the purpose of rescue and emphasize the importance of reading about the social classes, the popular movements and the territory, both in order to understand them in greater depth as to discuss and propose actions and strategies in the emancipatory struggles taking place currently. Through the dynamics of conflicts engendered by the imperatives of the society of capital, we believe the reading gramscian on categorization of the subaltern classes an indispensable starting point to perform the analysis on the popular movements, in their struggle for the hegemony of the State at the present time. In addition to notions of popular movements, we present an approach socioterritorial, based on the concept of territory of geography to enrich the reading on the potential of the emancipatory actions of the movements before the voracious territorial dispute generated by the capitalist logic and potentiated by globalization.

Key words: Socioterritorial movements; classes; popular movements; territory; territorial dispute.

¹ Este artigo compreende parte dos trabalhos projeto “*Desenvolvimento Territorial Rural na Argentina e no Brasil: um estudo comparativo sobre a participação dos movimentos socioterritoriais e o agronegócio*” realizado entre pesquisadores da Unesp/FCT e da UNC – Universidad Nacional de Córdoba (Argentina), financiada pela Capes – Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior. Este trabalho conta também com financiamento de bolsas de doutorado da FAPESP – Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo – e do Conicet – Consejo Nacional de Investigaciones Científicas y Técnica.

Los movimientos socioterritoriales: entre las clases y los movimientos populares

Resumen

Realizamos una reflexión sobre los movimientos socioterritoriales con la finalidad de rescatar y destacar la importancia de la lectura sobre las clases sociales, los movimientos populares y el territorio, tanto para comprenderlos con mayor profundidad como para discutir y proponer acciones y estrategias emancipatorias en la actualidad. Mediante la dinámica de conflictos engendrados por los imperativos de la sociedad del capital, consideramos la lectura gramsciana sobre la categorización de las clases subalternas un punto de partida imprescindible para realizar el análisis sobre los movimientos populares, en su lucha por la hegemonía del Estado en la actualidad. Sumado a las concepciones de los movimientos populares, presentamos un abordaje socioterritorial, a partir del concepto de territorio de la geografía para enriquecer la lectura sobre el potencial de las acciones emancipatorias de los movimientos ante la voraz disputa territorial generada por la lógica capitalista y potencializada por la globalización.

Palabras clave: Movimientos socioterritoriales; clases; movimientos populares; territorio; disputa territorial.

Introdução

Como pensar a categorização das classes e os movimentos populares? Qual a importância do território para as lutas das classes subalternas e como os movimentos o incorporam em suas estratégias para luta e emancipação? Como e de que modo os movimentos devem traçar a resistência e a luta tendo o território como elemento essencial, sem se desvincular dos processos globais?

Frente a este amplo redoma de questões atuais, sobretudo, na luta dos movimentos populares na América Latina é que adentramos e suscitamos o debate com a finalidade de avançar territorialmente na construção de uma discussão política qualificada que possa efetivamente contribuir para as reflexões das classes subalternas e da dimensão territorial no desenvolvimento das lutas e resistência, especialmente na América Latina, cuja ocupação foi historicamente sedimentada através do conflito, opressão e exploração.

O conceito de território, a leitura gramsciana sobre as classes subalternas e a análise das lutas socioterritoriais servem de importante referência para desvelar a conflitualidade e a dimensão destrutiva engendrada pelas relações do modo de produção capitalista. Diante deste espiral histórico embotado de feições destrutivas expressadas na dimensão territorial é que pretendemos nos munir das reflexões apontadas para pensar e compreender as estratégias de luta e resistência dos movimentos.

Assim, este artigo, que se consiste em um ensaio reflexivo sobre os movimentos populares, está organizado em quatro partes. Na primeira parte, embasada na leitura gramsciana, apresentamos uma leitura sobre a composição da subjetividade das classes

populares. Na segunda parte, direcionamos nossa discussão para a constituição dos movimentos populares. Na terceira e quarta parte focamos na análise e discussão sobre os movimentos populares como movimentos socioterritoriais, partindo do território como elemento indispensável para se compreender as lutas emancipatórias, contra-hegemônicas e as resistências.

A subjetividade das classes populares

Existem classes populares ou classes subalternas, quando aparecem e de que forma se constituem como sujeitos políticos?

Quando pensamos na categorização das classes subalternas, um bom caminho é fazer referência a Gramsci, pois se remete a esta categoria para expressar as relações de dominação e não só de exploração que se instauram na história do capitalismo. Desta construção histórica da dominação, que adquire formas concretas dentro da sociedade e experiência da mesma, por parte dos sujeitos sociais que a padecem, é que podem brotar as lutas dos sujeitos políticos, que dão conta e tomam autoconsciência² da mesma para expressar suas lutas.

Gramsci elaborou esta compreensão nos Cadernos do Cárcere vinculando as formas próprias de dominação que não se expressam por meio da força, senão pelo consenso que se constrói dentro da *sociedade civil* a partir da *hegemonia* das instituições e das ideias dominantes que constituem a estruturação das práticas sociais e das formas de incorporá-las e naturalizá-las. É sabido que as classes subalternas estão integradas à sociedade civil e ao Estado³, mas que encontram-se periféricamente em uma condição subordinada, discriminada e desagregada. Este fato nos permite pensar que desde as margens da hegemonia, da totalidade social, pode brotar, em um processo histórico de

² Ruben Dri apontou de maneira precisa como os sujeitos e o poder se fazem e se constroem nas relações humanas: “*Éstos, para crearse, empeñan una lucha a muerte por el reconocimiento. Esta lucha genera poder. Generarse como sujeto es generar poder.*” (DRI, 2002); e para que os sujeitos se reconheçam necessitam por meio da vivência prática, da experiência, avançar no movimento da consciência e de sua luta, pois como aponta o autor: “*Se avanza de la conciencia a la autoconciencia, o de la conciencia en-sí a la conciencia para-sí, como dice Marx en la Miseria de la filosofía. El para-sí o nivel superior de la conciencia no es un agregado que viene de fuera. Es el en-sí que se supera en el para-sí. Este segundo momento, que en realidad es tercero, es decir, en-sí-para-sí, es una superación –Aufhebung- que sólo puede darse en el sujeto. Es éste que se supera en su totalidad*” (DRI, 2002).

³ Gramsci pensa no Estado a relação orgânica que se estabelece com a sociedade civil a través da hegemonia que conquistam nas classes dirigentes, onde se determinam as formas de dominação, orientação e controle da sociedade por parte das mesmas, à respeito diz Gramsci “*La unidad histórica de las clases dirigentes se realiza en el Estado y la historia de éstas es esencialmente la historia de los Estados y de los grupos de Estados. Pero no hay que creer que tal unidad sea puramente jurídica y política, aunque esta forma de unidad tenga su importancia y no solamente formal: la unidad fundamental, por su concreción, es el resultado de las relaciones orgánicas entre Estado o sociedad política y “sociedad civil”*” (Gramsci, 2011: 491). Mondonesi ressalta a importância eu tem não só no conceito de “sociedade civil”, na expressão da hegemonia, senão na sociedade política que conjuntamente com o conceito de sociedade civil, configuram a noção de Estado ampliado em Gramsci (Mondonesi, 2010).

quebras e cisões, formas de autonomia destas classes, as quais por sua vez para conquistar sua verdadeira autonomia tem que desenvolver uma luta pela hegemonia do Estado.

Esta concepção é respaldada por Gramsci na medida em que os grupos subalternos sofrem a iniciativa dos grupos dominantes ainda quando se rebelam e se insubordinam, só a vitória no controle hegemônico do Estado pode gerar uma ruptura total desta condição, o que também aparece em tensão para as transformações materializadas no tempo e pelo alarme de novas emergências das antigas relações sociais. Gramsci aponta ao relevar:

§ 2. Criterios metódicos. La historia de los grupos subalternos es necesariamente disgregada y episódica. Es indudable que, en la actividad histórica de estos grupos, hay una tendencia a la unificación aunque sea en planos provisionales, pero esta tendencia es continuamente quebrada por la iniciativa de los grupos dominantes y por lo tanto solo es posible mostrada su existencia cuando se ha consumado ya el ciclo histórico terminado, y siempre y que esa conclusión haya sido un éxito. Los grupos subalternos sufren siempre la iniciativa de los grupos dominantes, incluso cuando se rebelan y se levantan. En realidad, incluso cuando parecen victoriosos, los grupos subalternos se encuentran en una situación de alarma defensiva (está verdad puede probarse con la historia de la revolución francesa hasta 1830 por lo menos) (GRAMSCI, 2011, p. 493).

Este trecho expressa a dialética com a qual Gramsci pensava o problema, pois não se pode pensar que as ações individuais e coletivas sobre as que surgem o sujeito insurgente, que supera a condição de subordinação deixa de padecer esta condição de um momento para o outro, pois sua condição de subordinado não desaparece em um ponto zero. As ideias, os valores, os sentimentos, as práticas e as relações sociais de produção, que submetem aos sujeitos sociais só se transformam em um processo a partir das práxis, o que implica necessariamente na transformação processual das relações sociais de produção e na apropriação da natureza, assim como os modos de vida que encarnam os modos de pensar e de atuar⁴.

⁴ A partir de Marx e Engels em A Ideologia Alemã, se estabelecia de maneira clara como existia uma dialética entre os modos de produção e os modos de vida, no qual se determinam de maneira conjunta a consciência e os modos de existência. O mesmo Marx não faz mais que reafirmar esta forma de pensar própria de sua lógica dialética, o que aparece mais claro nas teses sobre Feuerbach, onde aponta “*La teoría materialista de la transformación de las circunstancias y de la educación, olvida que las circunstancias deben ser transformadas por el hombre y que el educador mismo debe ser educado. Esa teoría debe por eso escindir la sociedad en dos esferas, la una de ellas por encima de la otra. La coincidencia de la transformación de las circunstancias y de la actividad humana o auto-transformación (esto de la auto-transformación se suprime en la versión de Engels) puede sólo ser comprendida y concebida racionalmente como praxis revolucionaria*” (MARX citado por MESA, 2001: 92). Estas ideias são retomadas em sua obra central “O Capital”, quando destaca como o capitalismo se funda no misticismo, ideias e formas de ver o mundo (compreensão simbólica da realidade), que sustentam o modo de produção capitalista como algo próprio e natural. Isto aparece claramente no caráter fetichista da mercadoria (MARX, 2008: 87) na mistificação do capital (MARX, 1990: 93), e na apropriação da terra e a natureza como algo natural, o qual está marcado por relações irracionais, na fixação de preços sobre a mesma e sobre a natureza, a qual não tem preço e nem valor porque não é criada pelo trabalho humano (MARX, 1968: 802). Em relação ao anterior, Marx elabora uma saída a partir da ação consciente dos sujeitos que lutam quando

Conforme apontado por Modonesi, existe uma faixa de contato entre o pensamento de Gramsci (2011) e de Thompson (1989) na forma em que se dá o processo de insurgência dos sujeitos, pois *a consciência de classe ou a “classe-para-si”*, que não surge da noite para a manhã, nem muito menos igual em todos os tempos e momentos da mesma forma, requer uma mediação entre o ser social e a consciência social, mediação esta que determina a condição de atuar como sujeito subalterno em luta e disputa, esta é a *experiência*. A formação subjetiva, a gestação da consciência e as relações dadas, quem as incorporam, as pensam, as sentem e as disputam. Thompson diz quando aponta:

“Con este término los hombres y las mujeres retornan como sujetos: no como sujetos autónomos o “individuos libres”, sino como personas que experimentan las situaciones productivas y las relaciones dadas en que se encuentran en tanto que necesidades e intereses y en tanto que antagonismos, elaborando luego su experiencia dentro de las coordenadas de su conciencia y su cultura (otros dos términos excluidos por la práctica teórica) por las vías más complejas (vías, sí, “relativamente autónomas”), y actuando luego a su vez sobre su propia situación (a menudo, pero no siempre, a través de las estructuras de clase a ellos sobrevenidas) (THOMPSON, 1981: 253).

Esta experiência do sujeito subalterno surge de maneira espontânea das relações dadas que vivem os sujeitos, mas não sem pensamento, pois todo ato humano é objeto do mesmo⁵. Gramsci, fazendo uma historiografia dos movimentos das classes subalternas, tem como característica a espontaneidade, que contém de maneira embrionária, múltiplos elementos de “direção consciente”, mas que não conseguem ainda conter uma aposta como classe para si e por tanto disputar uma aposta social⁶. Modonesi (2010) aponta que na

aponta: *“El reflejo religioso del mundo real únicamente podrá desvanecerse cuando las circunstancias de la vida práctica, cotidiana, representan para los hombres, día a día, relaciones diáfanas racionales, entre ellos y con la naturaleza. La figura del proceso social de vida, esto es, del proceso material de producción, sólo perderá su místico velo neblinoso, cuando, como producto de hombres libremente asociados, estos la hayan sometido a su control planificado y consciente. Para ello, sin embargo, se requiere una base material de la sociedad o una serie de condiciones materiales de existencia, que son, a su vez, ellas mismas, el producto natural de una prolongada y penosa historia evolutiva” (MARX, 2008: 97).* É claro que o reflexo religioso se refere no contexto de um lado, *“el carácter fetichista de la mercancía y su secreto”*, à possibilidade de superar as ideias e valores que reproduzem o capitalismo, como modo de existência social e como cultura. Infelizmente esta relação dialética tem sido desatendida, o que tem dado origem a um grande debate fundamentado na metáfora de *“infraestructura”* e *“supraestructura”*. Arico (2010) aponta que estes elementos expostos por Marx nos Grundrisse, não são categorias conceituais, senão uma metáfora, destinada a ilustrar um feito, diz o autor: *“Al tomar la metáfora de “supraestructura” como una explicación científica, los marxistas por ejemplo, convirtieron a una figura literaria destinada a ilustrar un hecho, en un principio explicatorio del mismo. Sin quererlo volvieron al revés, “todo aquello que Marx se esforzó en poner de pie sobre la tierra”. Y de este modo, Marx fue convertido en un ideólogo”.* (ARICO, 2010:150). Concordamos com a as apreciações de Arico, sobretudo, quando se trata de um pensador sistêmico como Marx, se estes elementos metafóricos não foram tais, senão categorias conceituais estariam em várias separadas de sua obra e não só em uma só *“página de lós borradores”*. Sobre esta noção se estabeleceu os distintos tipos de estruturalismo em que o economicismo e o determinismo abandonaram a dialética dos processos sociais.

⁵ *La experiencia surge espontáneamente en el interior del ser social, pero no surge sin pensamiento [...]”.* (Thompson, 1981:19). Pensamento que contém as noções simbólicas e culturais dos sujeitos em disputa, pensamento que como temos indicado pode conter as ideias e valores hegemônicos.

⁶ Gramsci aponta quando diz: *“en el movimiento “más espontáneo” los elementos de “dirección consciente” son simplemente incontrolables, no han dejado ningún documento verificable. Puede decirse que el elemento de*

medida em que a experiência seja pensada e os elementos de consciência sejam fortalecidos na prática pelos setores subalternos conquistado no processo de autonomia, as ações se farão cada vez menos espontâneas e, portanto, na aposta pela hegemonia do todo social, onde a autonomia pode ser certa. Em síntese, no processo histórico de sua luta Gramsci pensou a autonomia em um primeiro momento através dos “consejos obreros” quando estes tomaram as fábricas e neste exercício transformavam as relações sociais de produção, mas após a derrota dos “consejos” seu conceito de autonomia tomava uma coloração mais robusta ao pensar a autonomia na capacidade que tem as classes subalternas para fazer-se com a hegemonia (GRAMSCI, 1921, citado por MODONESI, 2010).

Das classes subalternas às classes populares

Um esforço que trata de evitar a noção unívoca do conceito de classe⁷ e que pretende ampliar este vinculando-o com os setores populares é aproximar o conceito da noção de popular. Esta concepção nos permite poder compreender as relações que se geram nas posições sociais determinadas pela estruturação da sociedade de classes e a ação que desenvolvem os setores populares. Em síntese esta é a proposta de Leopoldo Múnera, pois, desde modo realizaríamos poderíamos realizar uma mediação entre o estruturalismo marxista de Poulantzas e a teoria da ação de Touraine.

Ademais, o autor realiza uma crítica a Poulantzas advertindo que nesta perspectiva marxista somente as resistências abertas que implicam conflitos e contradições, próprio da luta de classes que surge do antagonismo entre as classes, definiria o tipo de ação exitosa, assim o conceito de classe seria reduzido à determinação da posição no sistema de produção e à práxis conflitiva e contraditória com a classe oposta. Com o qual a ação fica reduzida a um tipo normativo, próprio do tipo ideal prático weberiano, restringindo tudo a um *devoir* da ação revolucionária correta, a qual se converteria na única ação de classe, que ademais teria um tipo de ator coletivo (o partido do proletariado) que no *devoir*, levará adiante as lutas⁸.

espontaneidad es, por ello, característico de la “historia de las clases subalternas” e incluso de los elementos más marginales y periféricos de estas clases, que no han alcanzado la conciencia de clase “por sí misma” y que por ello no sospechan que su historia pueda tener alguna importancia y que tenga algún valor dejar rastros documentales de ella. existe pues una “multiplicidad” de elementos de “dirección consciente” en estos movimientos, pero ninguno de ellos es predominante, o sobrepasa el nivel de la “ciencia popular” de un determinado estrato social, del “sentido común”, o sea de la concepción del mundo (tradicional) de aquel determinado estrato.” (Gramsci, 2011:309).

⁷ Que faz referência à ideia das duas classes antagonicas em que estaria circunscrita a contradição capital-trabalho e, portanto, a luta de classes que configuraria a história universal.

⁸ Múnera realiza sua crítica apontando os problemas lógicos no Estruturalismo de Poulantzas, quem impunha aos feitos reais da sociedade, é dizer aos feitos históricos, uma teoria que se superpõe fazendo uma

Contudo, como temos apontado no processo de constituição das classes subordinadas no capitalismo, estas incorporam as estruturas da dominação na experiência, assim como resistências diversas produto do processo de assimilação do ser subordinado e do processo de insurgência, razão pela qual os antagonismos tem diversas expressões e ações de acordo com a maturidade da consciência coletiva e autoconsciência da experiência de vida, razão pela qual concordamos com Múnera que podem fazer “*sometimientos pasivos, colaboraciones activas, resistencias no organizadas, resistencias invisibles o mimetizadas, o resistencias abiertas que implican el conflicto o la contradicción*” (MUNERA, 1998: 73).

Por outro lado ressalta Touraine que “*El concepto de movimiento social debe reemplazar el de clase social, así como el análisis de la acción debe ocupar el lugar del análisis de las situaciones*” (TOURAINÉ 1994, p. 240). Pondo a ênfase na necessidade de ler os atores, que modificam o todo social e material, para deixar de lado a noção histórica dos sujeitos, circunscritos à classe, que não permite uma compreensão da realidade total segundo o autor.

O autor centra a ação coletiva, como elemento subjetivo que tem uma correlação com a classe *para si*, nos movimentos sociais e tem como elementos objetivos, em um em si, o sentido da história através do seu controle e orientação, onde se põe manifesto novamente o devir, partindo da ideia de que Touraine, como aponta Múnera (1988), deixa de lado a contradição inerente ao processo de acumulação das classes e centra sua direção e orientação da historicidade, que implica a gestão e realização do modelo cultural.

A proposta que Múnera desenvolve-se a partir da crítica às teorias em menção, fundamentando-se em manter a centralidade da classe para compreender a estruturação da

suprahistória, na qual existe uma teleologia determinada, na qual a *clase em si*, teria uma classe *para si*, representada no partido que encarna o adequado *para si* da classe proletária. Diante desta crítica, que compartilhamos, não se pode ser desejada as noções do para si e o em si como momentos próprios da lógica dialética, como temos apontado, para dar conta no *em si* das situações objetivas nas que se encontram inscritos os sujeitos sociais e no *para si* como a forma em que a consciência assimila em um movimento dialético as condições vividas pelos sujeitos, que podem ser pensadas e transformadas por meio da ação, o que implica os três momentos da consciência descritos, onde o *em-si*, em primeiro momento, também existe uma apropriação da experiência de vida, pela que consciência não vem dada nunca de fora. O que resulta da reflexão de Múnera releva, é ter a precaução de não impor de ante-mão um movimento lógico aos feitos, para forçar-los a entrar em uma teoria dada, senão dar conta da realidade concreta, para a partir da lógica e do pensamento dialético, que encontram a unidade das múltiplas contradições e singularidades, construir uma teoria da realidade, partindo da mesma sem falseá-la, e explicar seu movimento no concreto pensado a partir da abstração que encontra os vínculos e relações das singularidades da realidade. Desta ordenação e revelação que nos permitem impulsionar a ação da ação consciente, a práxis dos sujeitos. A teleologia da história, assumida pelo movimento socialista, onde existe uma evolução das sociedades, em que cada uma parte do anterior, em um esquema unilinear que conduz inexoravelmente ao socialismo, não só contradiz os pressupostos de Marx, quem chama a atenção na necessidade de observar o processo de construção teórica do concreto e a materialidade dos feitos (MARX, 1982), - processo mediante o qual estudo da *cuestión Irlandesa* conseguiu desenvolver o feito da descontinuidade e desigualdade histórica como característica própria do capital, como bem aponta Aricó (2010: 131)- senão que, ademais converteu no livro do Capital “...*en los países atrasados en el libro de los burgueses, es decir, en el fundamento más sólido para la aceptación de la necesidad y progresividad del capitalismo tal como se configuró concretamente en Europa Occidental*”. (ARICÓ, 2010:115).

sociedade, mas sem determinar de antemão o sentido da ação. As classes para ele estariam determinadas por:

“la posición de los agentes sociales en la relación social con la naturaleza; es decir, en el proceso de producción, en la relación de dominación subordinación que la conforma y en el conjunto de orientaciones culturales que se generan en su interior”. (MÚNERA, 1998:76).

Destaca-se que a prioridade nesta posição da classe estaria fazendo referência de maneira fundamental à relação de poder e não ao da propriedade privada dos meios de produção social. Relação de poder que exercem os capitalistas e os administradores do Capital no marco do Estado sobre o conjunto da sociedade. O adjetivo popular, que obedece ao conceito do povo (*demos*), é retomado pelo autor a partir o anarquismo, e estaria falando do conjunto de setores da sociedade que sofrem algum tipo de dominação (econômica, cultural, gênero ou política). Sobre esta consideração aponta o autor que os setores que não são subordinados e explorados, ou seja, os que não se encontram circunscritos e, portanto, configurados no horizonte da posição de classe, senão que são dominados no conjunto das relações sociais estariam englobados na noção de popular e, portanto, fariam parte das classes populares. Assim, as minorias étnicas, as mulheres em sua luta contra o patriarcado e os estudantes fariam parte do povo.

Sobre as considerações de Múnera se evidenciam dois problemas conceituais de sua proposta teórica em relação ao exposto na noção de classe subordinada retomada de Gramsci. A primeira, é que o autor não aponta de onde fala para retomar a concepção da subordinação e por isso esta fica limitada, o que em Gramsci seriam as classes instrumentais e produtivas, por esta razão desconhece as implicações do conceito de subordinação que temos desenvolvido, que engloba as distintas formas de dominação que se constroem no capitalismo e para nossas sociedades no capitalismo dependente. A segunda é que a noção de popular não se limita à ideia de dominação e requer uma análise das relações históricas nas quais se estabelecem as relações e os vínculos entre a desapropriação, a exploração e a dominação, assim como as formações culturais dos diversos grupos da classe subalterna, com as diversas respostas, submissões e ações dos setores subalternos.

É necessário observar a forma em que o capitalismo dependente latino-americano, surgido do colonialismo desapropriador e da acumulação pela despossessão dos indígenas e negros, configura a luta destes grupos subalternos. Pois perante o colonialismo (que utilizou como fonte de legitimação a superioridade racial em seu momento e hoje o

neocolonialismo que usa a metáfora do *desenvolvimento*⁹ como discurso de dominação e legitimação ao que se devem acolher todas as comunidades ancestrais), as comunidades lutam a partir de uma ideia de autoreconhecimento da autoridade ancestral, o que conduz a uma luta pela autonomia e controle do território¹⁰, tendo como parâmetros os planos de vida para o “Buen vivir” ou a noção de mandatos populares, a partir de onde se configuram as apostas nos territórios e contra o Estado, sendo esta uma autonomia em formação, pois a verdadeira autonomia, como tem sido apontada só pode existir a partir do controle do Estado.

As comunidades Indígenas e Negras, entre outras, são classes subalternas produtivas ou instrumentais, na medida em que estas se comportam como produtoras de alimentos e bens agrícolas, muitas delas compartilham características próprias de economias camponesas, as quais estão subsumidas formalmente no capital, gerando alimentos baratos, pressionando no conjunto da população na determinação dos salários pagos a “destajo”, permitindo a reprodução da força de trabalho vivo, que não é paga pelo capital, mas que garante força de trabalho para ele mesmo. Vivem também em territórios onde hoje o capital quer avançar para acumular a partir da desapropriação das comunidades.

Do mesmo modo, a luta das mulheres contra o patriarcado enraizado em todas as relações sociais estruturadas a partir da família e na sociedade, não aparece de maneira isolada, pois tem um papel central nas relações de reprodução da força de trabalho vivo e relações que se configuram na sociedade em seu conjunto para o desenvolvimento da eficácia hegemônica.

Por estas razões, não se pode encontrar em uma condição de povo dominado simplesmente, necessitam ser estudados nas diversas relações que aparecem no interior da noção de *classe popular*, em sua configuração histórica, analisando os vínculos entre a expropriação, a dominação, a exploração, as formações culturais e tradições, as respostas de submissão, e “*colaborações ativas, resistências não organizadas, resistências invisíveis*

⁹ A categoria de desenvolvimento que aparece em Marx, a qual contém uma noção dialética própria do pensamento de Hegel, que implica em um desenvolvimento a partir das contradições, é muito distante do conceito de desenvolvimento da sociedade no ocidente, que vê no crescimento econômico, a fonte do melhoramento dos diversos componentes da qualidade de vida (construída e mediada pelas construções hegemônicas), sem contradições, disputas e conflitos.

¹⁰ Estas lutas enfrentam seus próprios desafios contra o capital, como a disputa pela legitimidade das leis próprias na oposição às do Estado, sabendo que se encontram imersos no Estado que os protegem desde 1991, peça larga luta que tem feito. Mas enquanto os limita e os restringe sua autoridade no menor dos casos, ou os governos as violam negando os princípios constitucionais, que foi outorgado a esses povos. Outro desafio em luta destes povos é contra o mercado, contra os circuitos legais e ilegais de negócios que se tecem nos territórios das comunidades indígenas e negras, que limita sua autoridade e que põe as fontes de vida dos territórios em função do capital e limita o controle das comunidades. Sem embargo, a maior problemática a que assistem é a conformação de uma ideologia étnica (CARDOSO, 1992) que conduz a disputas entre os mesmos setores populares.

ou *mimetizadas, ou resistências abertas*”, conquistas de autonomias parciais e lutas revolucionárias, ou seja, lutas pela hegemonia do Estado.

O por que dos movimentos populares

Atualmente, a concepção de sujeito popular contido nas lutas populares tem sido muito bem vinda nas lutas dos *movimentos sociais*, que de maneira indistinta realizam suas apostas dentro dos marcos da democracia e que transformam a cultura política ao transformar as práticas políticas¹¹, onde rapidamente se abandona a concepção de classe para compreender a estruturação e a estrutura da sociedade. O anterior pode ser explicado a partir das elaborações teóricas que emergem em Touraine.

Touraine enfatiza a necessidade de ler os atores, que modificam o todo social e material, para deixar de lado a noção histórica dos sujeitos, circunscritos à classe, que não permite uma compreensão da realidade total. Adverte o autor desta forma, o empobrecimento da categoria de classe para compreender o campo das lutas sociais. Embora a categoria tenha sido empobrecida nas interpretações de Marx e em um marxismo reducionista, como tem sido apontado, não podemos deixar de lado a forma em que se estrutura e opera a sociedade, a qual está constituída por classes em sua condição em si. Por tal razão continua latente a ideia de um projeto emancipatório na noção de classe, que para além de cada momento social em particular, permite entender as solidariedades possíveis de um sujeito popular, suas utopias e seu lugar na história que se constrói.

Se nos determos na categoria de movimentos sociais de Touraine, como nos sugere Múnera (1998), podemos denotar três incongruências de sua teoria da ação: 1 – articulação para a luta estrutural não pode ser determinada a *priori* pelos movimentos sociais, dada a heterogeneidade e fragmentação das classes populares, o que implica que a articulação demanda um encontro entre posições diferentes para a unidade de ação; 2 – a ação coletiva em si mesma não é portadora da acumulação e a produção de modelos de conhecimento e culturais dado o papel determinante destas classes sociais; 3 – ao colocar os movimentos como sujeitos privilegiados da história o autor mescla elementos de análises

¹¹Esta perspectiva é apresentada em Alvarez, Dagnino e Escobar, que sustentam que os movimentos sociais põem em marcha uma política cultural ao desafiar as fronteiras do político, ao subverter as tradições dadas do sistema político, representado no poder estatal as instituições formais e os partidos. Assim, transgridem as concepções reducionistas da política, cultura política, cidadania e democracia, que se mantém nas abordagens da ciência política tradicional, como das abordagens que enfatizam na mobilização de recursos e processo políticos. Isto é reafirmado quando apontam: “...*los discursos y las prácticas de los movimientos sociales pueden desestabilizar y así –por lo menos parcialmente- transformar los discursos dominantes y las prácticas excluyentes de la “democracia [latinoamericana] realmente existente”*”. (ALVAREZ, ESCOBAR & DAGNINO, 2000, p. 30).

com elementos projetivos, restando-lhe capacidade analítica aos mesmos e pondo a ênfase nas apostas ideológicas.

Por tais razões, Múnera sugere a ideia de ler as lutas de classes populares em fundamentalmente em forma de movimento popular, com o fim de analisar a articulação das ações individuais e coletivas das classes populares, como tem sido destacado previamente de maneira crítica. Ao localizar a análise nos movimentos populares, ancorados nas classes populares, a categoria povo fica subsumida na de classe, conservando a relação central que se constituem dentro das classes sociais, articulando a exploração e as outras formas de dominação do capital em um processo histórico, integrando ao povo e aos subordinados a partir uma perspectiva gramsciana, onde os grupos subordinados lutam por sua autonomia e a conquista da hegemonia.

Sobre a ideia dos movimentos sociais latino-americanos, distanciados das discussões de classe e a importância de compreender-las no processo articulado das diversas formas que adquire as lutas sociais, se tem configurado diversos discursos, um deles expostos pelo marxismo, que buscam valorizar a diversidade dos sujeitos, mas que por sua vez aumenta e fragmenta a solidariedade entre a diversidade de movimentos e apostas. Assim no neoliberalismo da América Latina, a classe dominante tem ampliado e unificado enquanto as classes populares se deterioram e se fragmentam por suas forças de mercado e do Estado, desta forma estes discursos terminam sendo cúmplices do capital ao reivindicar a alteridade, sem uma aposta clara sobre a disputa do poder, tendendo a dispersar as forças e as possibilidades de transformação (VILA, 1995).

A leitura das culturas políticas alternativas, que surgem de compreender os movimentos populares conforme movimentos sociais, que se expressam na transformação cultural da política, interpreta que a democracia latino-americana é desordenada, transcendendo as hierarquias de classe, raça e gênero. Sem dúvida, esta leitura carece da concepção política dos próprios movimentos sociais, que não se conformam com a ampliação da democracia, que os vincula marginalmente, e reivindicam uma disputa pela hegemonia – no sentido gramsciano – e a construção de um socialismo latino-americano que se pode observar nas apostas do MST e nas lutas na Bolívia.

As articulações dos movimentos populares na Colômbia é a forma em que se expressam as apostas e os vínculos das lutas de classes populares no período atual, reconhecendo que tem encontros com movimentos políticos que tem sua disputa na aposta eleitoral e na conquista de espaços dentro do Estado, para incidir na política pública.

Na conjuntura atual os movimentos populares interpelam os grupos insurgentes e ao Estado a partir das propostas de paz, que tem promovido como forma de para a guerra, promover a justiça social e garantir a defesa dos territórios, utilizando plataformas de

convergência, como a *rota social comum para a paz*, para a construção da paz e participar dos espaços de diálogos entre o governo e a insurgência, a quem se tem solicitado que cessem até chegar a um acordo; que vinculem ao ELN e ao EPL; e que a sociedade em seu conjunto possa participar dos diálogos de maneira decisiva.

Os movimentos populares como movimentos socioterritoriais

Para poder expressar como os movimentos populares participam em lutas territoriais e se constituem como movimentos socioterritoriais, segundo o indicado por autores da geografia brasileira (FERNANDES, 2005; SOBREIRO FILHO, 2013; PEDON, 2009) é necessário, antes, definir como o território está marcado por um processo conflituoso, onde se expressam os movimentos populares. Esta conflitualidade faz referência às diversas formas de apropriação e uso que fazem do território os sujeitos que o constituem em um processo histórico. Compreender a conflitualidade parte de entender as contradições e desigualdades que se configuram no sistema social dominante e o modelo de desenvolvimento que se promove a partir os centros de poder.

Ao nos ater ao conceito de território, para compreender sua conflitualidade, se adverte que este conceito é polissêmico não só pelo seu amplo uso das ciências sociais ou humanas, com olhares e perspectivas diferentes, as quais enfocam em diversos aspectos e realizam leituras distintas, sem existir em muitas das produções diálogo sobre as elaborações de Haesbart (2004), sobretudo, se tiver em conta as perspectivas que se tem construído a partir dos governos na elaboração de políticas. Entre os elementos que aparecem em questão se observam os conceitos referidos às relações humanas em construção do território, sua função vital na reprodução social e demais relações, tais como os sistemas sociopolíticos, produtivos, formas de controle, entre outros.

Este amplo uso também tem bases na materialização e na imaterialidade das lutas sociais e, portanto, da luta de classes, cuja uma das principais expressões é a disputa territorial travada tanto nas políticas públicas, com desdobramentos materiais, quanto na realidade com constantes processos conflituosos de territorialização, desterritorialização e reterritorialização.

Apesar de o território, em uma concepção marcada pelo poder, ter parte significativa de sua definição embasada nas concepções de Maquiavel (SAQUET, 2009) e Friederich Ratzel (HAESBAERT, 2004), o conceito de território ganhou maior expressão na obra "Por uma Geografia do Poder" de Claude Raffestin em que o autor apresenta contribuições que vão definir o território como espaço com relações de poder:

"O território, nessa perspectiva, um espaço onde se projetou um trabalho, seja energia e informação, e que, por consequência, revela relações marcadas pelo poder. O espaço é a "prisão original", o território é a prisão que os homens constroem para si" (RAFFESTIN, 1993, p. 46).

Sua contribuição avançou no sentido de realizar aportes sobre a compreensão das relações de poder. Contudo, sua concepção ainda é limitada por não vincular a multidimensionalidade do território discutida por Haesbaert (2004), Fernandes (2008, 2009) e Saquet (2009), a multiterritorialidade (HAESBAERT, 2004, FERNANDES, 2008; 2009), a tipologia de territórios e sua imaterialidade (FERNANDES, 2008). Se compreendermos as relações a partir de diversas escalas e as dimensões do território, podemos dar conta das disputas das comunidades que configuram a conflitualidade no local e no global, estando inscritas na história da construção do Estado Nação e, portanto, determinações das classes que a tem conduzido, as quais desde a época colonial na América Latina através da força da violência e da lei tem obrigado processos de desterritorialização e reterritorialização das comunidades.

É sabido que os distintos povos indígenas estavam assentados desde antes da chegada dos colonizadores espanhóis e portugueses, e estes mesmos povos se viram obrigados à mobilidade no território, além das comunidades negras e camponesas que foram se configurando no marco da história da colônia até os dias atuais, tem sido igualmente expropriadas e obrigadas a diversos processos de territorialização, desterritorialização e reterritorialização próprios do movimento conflituoso dos territórios (Fernandes, 2009), gestado desde a colonização e mantido no capitalismo.

O território é compreendido desde sua multiescalaridade e multidimensionalidade (Fernandes, 2008), assim as dimensões que o constituem lhe atribuem forma e conteúdo, e que partem das relações sociais construídas historicamente que o delimitam e estabelecem suas determinações. Aparece assim, como primeira dimensão, o poder, que define os lugares até onde chega o controle político no espaço e faz dele também um território, o que relaciona imediatamente a noção dos Estados Nacionais e suas fronteiras, assim como as lutas sociais e populares que se dão no seu próprio interior (desde as lutas contra os grupos dominantes, como as disputas entre os setores subordinados), o que determina a territorialização, a desterritorialização e a reterritorialização, tanto que é o poder que configura as determinações dos conflitos.

A segunda dimensão é a cultural, que implica na apropriação simbólica do território e, portanto, se refere à territorialidade que é promovida pela apropriação individual e social que realizam simbolicamente os indivíduos, as comunidades e a sociedade em seu conjunto, expressadas em práticas sociais, o que configura identidades do ser social e as formas de estar e de ser dos sujeitos. A terceira dimensão é a produção que se relaciona

com a cosmovisão e construção cultural que se tem sobre a natureza ecossistêmica do território e que vincula formas de organização do trabalho, técnicas, tecnologias e saberes, de igual forma se encontra delimitada pelas possibilidades materiais de efetuar o controle e acesso aos bens naturais pelo poder. A quarta dimensão é a natureza dos ecossistemas (ambiental), que em si mesma tem uma história biológica e uma gama de interações e de relações dos seres vivos ao seu interior, sobre a qual se desenvolve a história humana e, portanto, as diversas dimensões nas quais se apropria e utiliza a vida ecossistêmica. Esta última dimensão em sua apropriação é o que o se conhece como o campo ambiental, que resulta da interação entre cultura e natureza (MAYA, 1995).

A multiescalaridade nos remete ao local, regional e global, em uma configuração espaço-temporal, onde o território é definido e disputado no conflito entre os sujeitos que lutam pela sua determinação, onde se enfrentam diferentes visões no sistema econômico vigente, a noção do território como abrigo e refugio das comunidades e a noção do território como recurso. No processo de diversas comunidades que vivem e moram no território como refugio e abrigo, e as dinâmicas de controle e utilização do mesmo como recurso (HAESBAERT, 2004)¹², se faz evidente uma construção múltipla do território, uma dimensão multiterritorial (HAESBAERT, 2004; ZAMBRANO, 2001; RINCÓN, 2013), no marco do conflito pelo seu uso e ordenação. Sem dúvida, nesta multiterritorialidade a primazia do poder segue estando definida pelas disposições do Estado, que pode validar as determinações políticas a favor dos diversos grupos em conflitos, mantendo os privilégios legais dos grandes grupos econômicos.

Uma das principais apostas contra o capital, por parte das classes populares, são as apostas pela reconfiguração e disputa do território, o qual é assumido pelos movimentos populares em suas lutas, pela defesa de seu modo de vida, de suas identidades e sentimentos, da vontade de defender o que os constituem e lhes garantem sua reprodução no território como abrigo. Não obstante, não se limitam a espaços, locais ou regiões, senão na medida em que avançam os processos de autonomias relativas, avançam em propostas que lhes permita conquistar a real autonomia através da conquista da hegemonia no Estado. Por isso, se tecem articulações, solidariedades entre os diversos setores dos movimentos populares de diversas índoles, tais como: camponeses, indígenas, negros, movimentos

¹² À respeito Haesbaert aponta: “La exclusión habilitante o las inclusiones extremadamente precarias a que las relaciones capitalistas relegaron la mayor parte de la humanidad hacen que muchos, en el lugar de partirse en múltiples territorios, divaguen en busca de uno, el más elemental territorio de la sobrevivencia cotidiana. Así, los múltiples territorios que nos envuelven incluyen esos territorios precarios que abrigan sin techos, sin tierras y así tantos grupos minoritarios que parecen no tener lugar en ningún desorden del “aglomerado humano” que, en medio de tantas redes, cada vez más estigmatiza y separa. Así, el sueño de la multiterritorialidad generalizada, de los “territorios-red” al contactar la humanidad entera, parte, más que nada, de la territorialidad mínima, abrigo y refugio, condición indispensable para, al mismo tiempo, estimular la individualidad y promover el convivio solidario de las multiplicidades de todos y de cada uno de nosotros”. (HAESBAERT, 2004: 17).

urbanos e cívicos, de motoristas, de setores da saúde, entre outros¹³. Estes tecem solidariedades a níveis nacionais com a intenção de disputar apostas hegemônicas, invisibilizadas em noções como os *novos movimentos sociais* que lutam tão só pelas aberturas democráticas e a transformação das formas da cultura política e a política cultural, segundo esta interpretação.

Neste sentido, como parte da compreensão das lutas na geografia, nesta leitura dos movimentos, se cunhou o conceito de movimentos socioterritoriais. Durante a pesquisa de doutorado sobre a formação do MTS – Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra - no Brasil, Fernandes identificou e destacou o território como elemento essencial para o movimento. Assim, independentemente da abordagem sociológica, o conceito de movimento socioterritorial emergiu tendo como ponto de partida o espaço geográfico e, por tanto, também reconhecendo o território como o trunfo da existência dos movimentos. Isto foi desenvolvido em reflexões posteriores onde indica as justificativas referentes aos movimentos socioterritoriais, que ele considera como socioterritoriais produzem o território:

Do mesmo modo que alguns movimentos transformam espaços em territórios, também se territorializam e são desterritorializados e se reterritorializam e carregam consigo suas territorialidades, suas identidades territoriais constituindo uma pluriterritorialidade. A transformação do espaço em território acontece por meio da conflitualidade, definida pelo estado permanente de conflitos no enfrentamento entre as forças políticas que procuram criar, conquistar e controlar seus territórios. A criação ou conquista de um território pode acontecer com a desterritorialização e com a reterritorialização. Os territórios se movimentam também pela conflitualidade. O território é espaço de vida e morte, de liberdade e de resistência. Por essa razão, carrega em si sua identidade, que expressa sua territorialidade (FERNANDES, 2005, p. 30).

Martim (1997) também realizou uma contribuição para a leitura dos movimentos socioterritoriais destacando a importância das ferramentas da Geografia para entender assim, os processos ocorridos no espaço. Pedon (2009) realizou um aporte ao debate na realização de uma leitura retrospectiva sobre a contribuição da Geografia no conceito, como na leitura dos movimentos atuais. Sobreiro Filho (2013) também avança afirmando o conceito e esclarecendo suas potencialidades, as diferenças em relação com o conceito de

¹³ Na Colômbia, a articulação dos diversos setores vem se expressando nos movimentos populares, reconhecendo a diversidade de sujeitos desde o Mandato Agrário de 2003 e sua confluência tem levado a diversas plataformas organizativas construídas no “caminhar de la palabra” da *Minga Nacional de Resistência Comunitária*, que conduziu à conformação do Congresso de lós Pueblos e nos Cabildos Abiertos da Marcha Patriótica. Processos que conduziram conjuntamente com os setores da saúde e de transportadores ao *paro nacional agrário y popular* que se prolongou por 24 dias e de onde uma das demandas centrais é a territorialidade camponesa, em parte conquistada na constituição de 1991 por indígenas e comunidades negras. Do mesmo modo, se expressam a articulação de organizações na *Ruta Social Común para la Paz*. No processo de paz se fazem evidente as confluência de movimentos, insurgências e partidos como formas organizativas das classes populares, formas que configuram o campo popular e que na Colômbia hoje confluem no marco da paz, disputando com a classe dirigente a possibilidade de abrir espaços democráticos e o fortalecimento do Estado para acabar com a impunidade e a barbárie da guerra, reconhecendo que o caminho pela hegemonia está em trânsito e o que se abre com a paz é a possibilidade de exercer apostas contrahegemônicas.

movimentos sociais e as respectivas estruturas e especificidades epistemológicas da Geografia e da Sociologia, esboçando uma tipologia de movimentos socioterritoriais.

Os problemas apresentados anteriormente na argumentação de movimentos sociais e na construção da noção do sujeito popular, que se constitui a partir de sua construção como classe e como movimento, interpelada pela Geografia, centra seu esforço na compreensão do processo de como os movimentos produzem o espaço e o território aos quais denomina socioterritoriais. Ou seja, realiza uma leitura única com a finalidade de centrar a atenção na totalidade do(s) território(s) e visando superar a fragmentação da realidade produzida pelas diversas leituras da visão do social.

No entanto, o social não existe no vazio, só existe na produção de seus espaços de materialização, no ser e no estar, na construção múltipla das dimensões – já explicitadas – dos territórios em que se realiza a humanidade. O poder segue tendo uma forte determinação na multiterritorialidade, a qual determina a capacidade de definir as fronteiras materiais e imateriais do território, em que se dão os conflitos, pelo Estado, se configura como um dos elementos essenciais na disputa dentro da sociedade civil e a sociedade política para a configuração das hegemonias e formas de existir das comunidades e os povos dentro do Estado Nação.

Assim, as lutas dos movimentos tem que ter a possibilidade de serem lidas em sua ação, em sua práxis, na forma em que existe na realidade territorial dos Estados e das regiões, onde se articulam os setores dominados historicamente, os sujeitos subalternos que reconhecem a si mesmos, em sua consciência para si. Do mesmo modo, é necessário compreender conceitualmente o movimento no qual se articulam as classes dominantes, os centros de poder dentro do capital, como as dependências dos Estados subordinados, as acumulações, as crises, as desposseções. O que exige ver, na multiplicidade de territórios e as histórias das identidades, os elos em comum que permitem germinar as unidades e as hegemonias.

A disputa, de um lado pela existência/resistência/autonomia e de outro o avanço do capital globalizante, configura uma luta pelo território material e imaterial. Isto se expressa na conquista do território material, como se observa nos avanços da produção de *commodities* através da expropriação camponesa, dos povos indígenas, das comunidades negras; ou pelo contrario na desapropriação, dissolução do latifúndio e do agronegócio para a reconstrução do campesinato, como ocorre no Brasil e em algumas políticas de reforma agrária, ou no reconhecimento do território coletivo das comunidades negras e indígenas, processos de recuperação e liberação da terra de parte indígena e camponesa, e em declaração de zonas de reserva camponesa na Colômbia.

Compreender a questão do território para entender a disputa territorial atual é, portanto, observar a materialidade da luta das classes dominantes e populares, onde é importante, por ser um dos principais pontos de partida, também entender o significado dos Estados-Nação, sobretudo, diante da voracidade do capital globalizante que cada vez mais tem reduzido as fronteiras e a soberania nacional, sem deixar de lado, a conformação de alianças regionais e de disputas imperiais, com novas conotações como a acumulação por despossessão (HARVEY, 2004, 2011), a pesar de que cronicamente o capital depende do Estado (MESZAROS, 2002). O capital em sua lógica globalizante segue atacando e rompendo formações territoriais, o que ocorre por conta da atual conjuntura de encolhimento das funções dos Estados a serviço do capital e da consequente subordinação dos territórios do mesmo, o que expressa a perda de seu poder, implicando em uma redução das possibilidades de regulações exercidas da sociedade civil e política.

Este contexto caótico está composto por um quadro dialético produzido pela crise estrutural do capital e, conseqüentemente, por suas respectivas limitações crônicas e de dependência do Estado, que encontra na expansão territorial para produção de mercados e consumidores que são suas principais formas de postergar novos cenários caóticos. Conseqüentemente, a necessidade metabólica socioterritorial do capital desenvolvida aos auspícios do discurso globalizante e do Estado regido pela lógica neoliberal denota, por sua vez, a debilidade da soberania do Estado atual, o que determina a subordinação territorial ao capital.

Santos (2001) nos apresenta três ponderações sobre a globalização, que contribui para entender o discurso, a realidade e a possibilidade da globalização. Como parte das necessidades evolutivas do capitalismo, a globalização aparece como fábula, como perversidade, e como pode ser. A primeira está fundamentada na construção estabelecida pelos dispositivos de comunicação nos quais se destaca a formação de um padrão cultural e também de consumo, no qual se gesta um suposto “acesso” ao global a partir do local, entre outros supostos benefícios. A segunda destaca a forma do mundo tal como é, ou seja, que mostra todas as contradições produzidas pelo capitalismo, e a terceira apresenta a ideia de outra globalização possível.

Pensar esta contribuição de Santos (2001) sobre a globalização é importante, porque nos apresenta a realidade falseada, a realidade em sua fase mais perversa e o mundo de possibilidades. Neste sentido, encontramos os movimentos populares que lutam pelo território como um sujeito político que teme em suas apostas a disputa da fábula da globalização, evidenciando todas as contradições e mostrando-se como um produto destas, com o potencial para construir novas formas de globalização, a partir das transformações construídas nos Estados Nacionais, partindo da multiplicidade territorial dos mesmos.

Diante de um sistema que dialeticamente vive da crise, em uma condição onde a ofensiva do capital se impõe em processos geográficos que significa constantes processos de territorialização, desterritorialização e subordinação territorial, alimentado ademais pela necessidade de uma expansão capitalista globalizante, o que se apresenta com maior força nos momentos de crises do capital, e em relação a suas respectivas limitações e dependência crônica em relação ao Estado, que resta como perspectiva?

Ao contrario do progresso do capitalismo e a “resolução” das crises por meio de medidas paliativas ofertadas pelo Estado democrático liberal, sobre os argumentos dos discursos globalizantes, diante do avanço da articulação/intercâmbio a luta de movimentos populares na América-Latina tem significados importantes na aposta por uma luta contra-hegemônica a partir da conquista e defesa de seus territórios.

Conscientes da desigualdade no desenvolvimento, do apoio de laços de poder entre o capital e o Estado, reconhecendo a constante atualização das formas de subordinação territorial ao capitalismo internacional e aos capitalistas, os movimentos populares latino-americanos tem criado ao longo das últimas décadas, formas de superar a subalternidade/dominação imposta pelos imperativos do capital. Conscientes das táticas encarniçadas e a voracidade do capital, estes movimentos populares que lutam pelo território, envolvidos com a velocidade da informação acelerada pela globalização, tem gestado atuações local-global e global-local, tendo apostas estratégicas diferentes para avançar e assegurar o território, no marco da relação dialética entre a autonomia relativa e a autonomia absoluta.

Em síntese, as apostas revolucionárias, para a transformação do sujeito subalterno na América-Latina se remetem necessariamente à relação do local e regional com o Estado-Nação. Onde se tem dado passos na articulação dos movimentos em um processo de qualificação. Neste sentido, mediante um intenso processo de territorialização e subordinação de espaços ao capital, o território é fonte de sublevação, elemento vital que permite a reprodução dos modos de vida, a partir de onde se amplifica a luta dos sujeitos populares pela autonomia (relativa/absoluta). O território se torna um elemento vital para os movimentos que lutam rumo a um processo emancipatório.

Conclusões

A constituição do sujeito popular surge das formas em que se configuram a consciência *para-sí*, a qual surge das experiências de submissões, resistências e lutas que encarnam os sujeitos. O *para-sí*, se desdobra de processos conscientes da insubordinação, o qual contem necessariamente o *em-sí*, as submissões passivas, colaborações ativas,

resistências invisíveis ou mimetizadas, de onde surge em um processo gradual da consciência coletiva das experiências sofridas, de onde se objetivam os sujeitos. Assim, se gestam as identidades e a construção de linguagens da luta de resistências abertas, lutas emancipatórias, onde se fazem evidentes os conflitos e as contradições a superar em uma aposta pela autonomia das classes subordinadas, populares organizadas em movimentos populares, partidos e grupos insurgentes.

Em suas apostas pela autonomia os movimentos populares se enfrentam necessariamente pela disputa da hegemonia ao interior do Estado e a sociedade civil, tanto que a história dos Estados está atravessada pela construção das classes dirigentes, quem por meio da hegemonia, do consenso que constroem por meio das instituições e as ideias dominantes, ganhando o domínio da sociedade civil, na qual se incorporam as práticas sociais e se naturalizam as mesmas, na estruturação da estrutura da sociedade.

Os Estados-Nação são determinantes nas configurações do território, tanto determinam as políticas, as imposições e as formas de controle e domínio ao interior do mesmo, reconhecendo que os mesmos se configuram em relação dialética aos mercados, os quais contem a forma em que se desenvolvem os modos de produção e os modos de vida. Quando os movimentos populares disputam sua insubordinação lutam por conquistar determinações materiais e imateriais, simbólicas e práticas sobre a determinação dos territórios em sua multidimensionalidade (cultural, política, produção, natureza) e multiescalar (local, regional, nacional e global), partindo das autonomias relativas, que se gestam a partir do local e do regional em uma aposta contra-hegemônica, espreitando a conquista da autonomia absoluta e a hegemonia no interior do Estado.

Na atualidade do sistema capitalismo no marco de seu processo de globalização neoliberal, a dinâmica conflitual dos territórios conduz a processo de luta pela vida, o reconhecimento, e a autonomia no marco de processos de reterritorialização, desterritorialização e reterritorialização. A partir destas disputas os movimentos na América-Latina desde sua resistência, gestam apostas por construir contra-hegemonias ao interior dos Estados.

Referências

- ALVAREZ, Sonia., DAGNINO, Evelina., ESCOBAR, Arturo. **Cultural e político nos movimentos sociais latino-americanos**. Nova leitura. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2000. 538 p.
- ARICÓ, José. **Marx y América Latina**. Madrid: Fondo de Cultura Económica, 2010. 300 p.
- CARDOSO DE OLIVEIRA, Roberto. 1992. **Etnicidad y Estructura y Social**. México: Ediciones de la Casa Chata, 1992. 158 p.

DRI, Ruben. Debate sobre el poder en el movimiento popular. Buenos Aires, 2002. Disponible en: <http://www.herramienta.com.ar/debate-sobre-cambiar-el-mundo/debate-sobre-el-poder-en-el-movimiento-popular>. Acesso en: 9 jun. 2006.

FERNANDES, Bernardo. M. **Cuestión Agraria: Conflictualidad y Desarrollo territorial**. Cambridge: Havard University. 2004. Disponible en: <<http://web.ua.es/en/giecryal/documentos/documentos839/docs/bmfunesp-2.pdf>>. Acesso em: 08 jul. 2012.

_____. Questão Agrária: conflitualidade e desenvolvimento territorial. BUAINAIN, A. M. (Ed.). **Luta pela Terra: Reforma Agrária e Gestão de Conflitos no Brasil**. Editora Unicamp: Campinas, 2009. p. 01-57.

_____. Entrando no território dos Territórios. In PAULINO, E. T.; FABRINI, J. E. **Campepinato e territórios em disputa**. São Paulo: Expressão Popular, 2008. p. 273-301.

_____. Movimentos socioterritoriais e movimentos socioespaciais: contribuição teórica para uma leitura geográfica dos movimentos sociais. **Revista NERA**, Presidente Prudente: Unesp, ano 8, n. 6, p. 14 – 34, jan./jun. 2005.

_____. Sobre a tipologia de territórios. In. SAQUET, Aurélio Marcos; SPOSITO, Eliseu Savério. **Territórios e territorialidades: teorias, processos e conflitos**. São Paulo: Expressão Popular, 2009. p. 197-215.

GRAMSCI, Antonio. **Antología Antonio Gramsci**. Buenos Aires: Siglo XXI editores, 2011. 544 p.

HAESBAERT, Rógerio. **O mito da desterritorialização: do "fim dos territórios" à multiterritorialidade**. Rio de Janeiro: Bertrand, 2004. 400 p.

HARVEY, David. **O enigma do capital: e as crises do capitalismo**. São Paulo: Boitempo, 2011. 240 p.

_____. **O novo imperialismo**. São Paulo: Loyola, 2004. 201 p.

MARTIN, J. Y. **A geograficidade dos movimentos socioespaciais**. Caderno Prudentino de Geografia, Presidente Prudente, v. 1, 2. n. 19, p. 26-40, nov. 1997.

MARX, Karl. **El Capital. Crítica de la economía política**. Libro primero. México: Siglo XXI editores, 2008. 381 p.

_____. **Libro 1, Capítulo VI inédito. Resultados del proceso inmediato de producción**. México: Siglo XXI Editores, 1990. 174 p.

_____. **El capital. Crítica de la economía política. Libro tercero. El proceso global de la producción capitalista**. México: Fondo de Cultura Económica, 1968.

MAYA, Angel. **El Reto de la Vida: Ecosistema y Cultura**. Una Introducción al estudio del Medio Ambiente. Bogotá: Ecofondo, 1995. 109 p.

MESA, Darío. Tesis sobre Feuerbach, Marx, K. Em: PÉREZ, Hesper (Edit.). **Ensayos sobre teoría sociológica (Durkheim, Weber y Marx)**. Bogotá. p. 79-105. Universidad Nacional de Colombia, 2002. p 79-105.

MÉSZÁROS, I. **Para além do capital: Rumo a uma teoria da transição**. 1ª edição. São Paulo: Boitempo Editorial, 2002. 1102 p.

MODONESI Massimo. **Subalternidad, antagonismo y autonomía.** Marxismo y subjetivación política. Buenos Aires: Prometeo, UBA Sociales Publicaciones, FFyL UBA, CLACSO, 2010. 186 p.

MUNERA, Leopoldo. **Rupturas y continuidades:** poder y movimiento popular en Colombia 1968 – 1988. Bogotá: Cerec – Iepri UN, 1998. 502 p.

PEDON, N. R. **Movimentos Socioterritoriais:** Uma Contribuição Conceitual à Pesquisa Geográfica. 2009. 235 f. Tese (Doutorado) - Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho, Presidente Prudente.

RAFFESTIN, Claude. **Por uma Geografia do Poder.** São Paulo: Ática, 1993. 270 p.

RINCÓN, Jhon. **Territorialidade e conflito entre indígenas e camponeses no departamento do Cauca, Colômbia. 1991- 2011.** 2013. 295 f. Dissertação (Mestrado em Ciências, Geografia) - Universidade Federal do Rio de Janeiro UFRJ. 2013.

SANTOS, Milton. **Por uma outra globalização.** São Paulo. Record. 2001. 176 p.

SAQUET, Marcos Aurélio. Por uma abordagem territorial. In. SAQUET, Aurélio Marcos; SPOSITO, Eliseu Savério. **Territórios e territorialidades:** teorias, processos e conflitos. São Paulo: Expressão Popular, 2009. p. 197-215

SOBREIRO FILHO, J. O. **Movimento em pedaços e os pedaços em movimento em pedaços:** Da ocupação do Pontal do Paranapanema à dissensão dos movimentos socioterritoriais camponeses. 2013. 546 f. Dissertação (Mestrado) - Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho, Presidente Prudente.

THOMPSON, Edward. P. **Miseria de la teoría.** Barcelona: Crítica, 1981. 302 p.

THOMPSON, Edward. P. **La formación de la clase obrera en Inglaterra.** Barcelona: Crítica, 1989. 500 p.

TOURAINÉ, Alain. 1994. **Crítica de la Modernidad.** México: Fondo de CulturaEconómica, 1994. 391 p.

VILA, Carlos. Actores, sujetos, movimientos: ¿dónde quedaron las clases? **Revista sociológica.** México D.F., UAM, v. 10, n. 28, p. 61-89, Mai/Ago. 1995.

ZAMBRANO, Carlos. Territorios plurales. Cambio socio-político y gobernabilidad cultural. **Boletim Goiano de Geografia.** Goiás, Universidad Federal de Goiás, v. 21, n. 1, p. 9-49, Jan/Jul. 2001.

Recebido para publicação em 08 de março de 2015.

Devolvido para a revisão em 02 de março de 2015.

Aceito para a publicação em 10 de fevereiro de 2016.

A reprodução contraditória do campesinato frente a territorialidade do agronegócio: subordinações e resistências em assentamentos rurais no Centro-Sul do Paraná¹

Djoni Roos

Doutor em Geografia pela Universidade Estadual Paulista (UNESP)
Docente do curso de Graduação em Geografia da Universidade Estadual do Oeste do Paraná (UNIOESTE), Campus de Marechal Cândido Rondon
Membro do Laboratório de Geografia das Lutas no Campo e na Cidade (GEOLUTAS)
e-mail: djoni_roos@yahoo.com.br

Resumo

O texto objetiva problematizar e debater a territorialidade do agronegócio no interior dos assentamentos rurais, a fim de compreender as conflitualidades, contradições e resistências geradas neste processo. O recorte analítico abrange quatro assentamentos rurais da mesorregião Centro-Sul do Paraná: Celso Furtado no município de Quedas do Iguaçu, Ireno Alves dos Santos, Marcos Freire e Dez de Maio no município de Rio Bonito do Iguaçu. Todos estes foram conquistados a partir da ocupação do latifúndio Giacomet-Marodin/Araupel. Assim, o estudo dialoga com as contradições e a relação dialética inserida na produção das condições necessárias à reprodução social dos camponeses, ou seja, aponta para os desafios inerentes ao processo de construção do território camponês, bem como, para as estratégias de superação desta condição.

Palavras-Chave: território camponês; territorialidade do agronegócio; subordinação ao capital; relação dialética; estratégias de resistência camponesa.

Resumen

La reproducción contradictoria del campesinado frente la territorialidad del agronegocio: subordinación y resistencia en los asentamientos rurales en el centro-sur del Paraná

El texto tiene como objetivo cuestionar y discutir la territorialidad del agronegocio en los asentamientos rurales con el fin de entender las conflictualidades, contradicciones y resistencias generadas en este proceso. El enfoque analítico abarca cuatro asentamientos rurales del meso región centro-sur de Paraná: Celso Furtado en el municipio de Quedas do Iguaçu, Ireno Alves dos Santos, Marcos Freire y Dez de Maio en el municipio de Rio Bonito do Iguaçu. Todos ellos fueron conquistados por la ocupación del latifundio Giacomet-Marodin/Araupel. Así, el estudio habla de contradicciones y se inserta relación dialéctica en la producción de las condiciones necesarias para la reproducción social de los campesinos, es decir, apunta a los desafíos del proceso de construcción del territorio camponés, así como a las estrategias para superar esta condición.

Palabras Clave: territorio camponés; territorialidad del agronegocio; subordinação al capital; relación dialéctica; estrategias de resistencia campesina.

¹O presente texto, salvo algumas modificações, é parte integrante da tese de doutorado “Contradições na construção dos territórios camponeses no Centro-Sul paranaense: territorialidades do agronegócio, subordinação e resistências”, defendida junto ao programa de Pós-Graduação em Geografia da Faculdade de Ciências e Tecnologia da Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho” (FCT/UNESP) de Presidente Prudente.

Abstract

The contradictory reproduction of the peasantry front of agribusiness territoriality: subordination and resistance in rural settlements in the south-central Paraná

The paper aims to question and discuss the territoriality of agribusiness within the rural settlements in order to understand the conflictualities, contradictions and resistances generated in this process. The analytical approach covers four rural settlements of mesoregion central-southern Paraná: Celso Furtado in the municipality of Quedas do Iguaçu, Ireno Alves dos Santos, Marcos Freire and Dez de Maio in the municipality of Rio Bonito do Iguaçu. All these were conquered from the occupation of landlordism Giacomet-Marodin/Araupel. Thus, the study speaks to contradictions and inserted dialectical relationship in the production of the necessary conditions for the social reproduction of the peasantry, that is, points to the challenges of the peasant territory construction process as well as to the strategies to overcome this condition.

Keywords: peasant territory; territoriality agribusiness; subordination to capital; dialectical relationship; peasant resistance strategies.

Introdução

O desenvolvimento do modo capitalista de produção, no campo brasileiro, se nutre também de formas não capitalistas de produção, como o trabalho familiar e a produção camponesa de modo geral. Tal assertiva leva a compreensão de que, embora o campesinato seja uma relação não capitalista, sua reprodução deve ser entendida a partir das contradições do desenvolvimento do capitalismo. Assim, embora os assentamentos rurais se ergam como importante território camponês no processo de enfrentamento entre a agricultura camponesa e capitalista é imprescindível compreender que eles não estão livres da ação do sistema capitalista, se constituindo em territórios permanentemente disputados.

Para melhor compreender essa relação, apresenta-se a seguir uma análise da relação dialética contida na territorialidade do agronegócio em território camponês e a resistência dos camponeses que produzem suas próprias territorialidades por meio da agroecologia, a partir de pesquisa realizada nos assentamentos rurais conquistados do latifúndio Giacomet-Marodin (Celso Furtado, Marcos Freire, Ireno Alves dos Santos e Dez de Maio), localizados nos municípios de Quedas do Iguaçu e Rio Bonito do Iguaçu, mesorregião Centro-Sul do Paraná. Ao contrário de análises inoportunas que suprimem o campesinato da história ou tratam-no como residual, o presente texto aponta para a efetiva participação dos camponeses na construção dos territórios analisados. Por outro lado, este artigo preocupa-se também com a superação das generalizações, as quais, em muitas situações ignoram as disputas e conflitos territoriais internos aos assentamentos rurais. Por meio deste método, entende-se que na compreensão da relação campesinato-capital, a análise da sujeição da renda da terra e da territorialidade do capital em território camponês é imprescindível, porque permite compreender a subalternidade camponesa, as resistências às formas subordinadas e suas interações dialéticas. A metodologia utilizada na pesquisa centra-se no estudo de referências relacionadas aos conflitos entre agronegócio e campesinato, e, sobretudo, na coleta de dados primários através de investigações a campo com aplicação de questionários e entrevistas estruturadas além de anotações das observações realizadas.

Contradições da territorialidade do agronegócio em território camponês

A constatação de que o desenvolvimento das forças produtivas capitalistas ocorre de forma desigual e contraditória levou ao entendimento de que em determinadas circunstâncias em vez de se territorializar é mais vantajoso ao capital monopolizar o território (OLIVEIRA, 1987, 2001). Neste sentido, há momentos em que o capital ao invés de expropriar o camponês, subordina a produção deste a indústria, dominando a circulação e drenando, assim, a renda da terra camponesa.

A monopolização do território pelo capital (OLIVEIRA, 1987; 2001) é entendida neste texto como territorialidade capitalista no território camponês. Considerando que sujeito e espaço não se separam (LEFEBVRE, 2006; SANTOS, 2006), compreende-se territorialidade como o uso do território, ponderando que este é exclusivamente produzido por uma relação social que somente pode ser realizada pelo sujeito. Desta forma, entende-se que a territorialidade pode ser capitalista ou camponesa. Pode-se ter uma territorialidade capitalista porque a relação social capitalista produz uma territorialidade que é uma forma de uso do território. Assim, há locais em que as relações capitalistas subordinam as relações camponesas e, conseqüentemente, seus territórios, sendo que as técnicas e as tecnologias de produção agropecuária são determinadas pelo agronegócio que capitaliza a renda produzida pelos camponeses. Trata-se de uma territorialidade infringindo, subordinando a outra territorialidade. Este entendimento contribui para a compreensão das formas de subordinação encontradas nos assentamentos pesquisados, porque implica na compreensão do caráter multidimensional da territorialidade, isto é, o uso e o pensar do território e da territorialidade.

Para Fernandes (2010, *apud* COCA, 2011) a territorialidade é uma propriedade do território e, enquanto tal, ao expressar as formas e relações de usos deste gera determinada configuração territorial.

As territorialidades expressam as relações de poder que determinam as configurações territoriais. Elas nos ajudam a identificar quem domina e quem é dominado nos territórios. As territorialidades também estão expressas nas paisagens de modo que seus componentes revelam as relações sociais, políticas e econômicas. (FERNANDES, 2010 *apud* COCA, 2011, p. 122).

Ou seja, a territorialidade é caracterizada pelas táticas e ações para manutenção do controle sob os territórios, cujas marcas são as relações de poder como afirmado por Raffestin (1993). Sendo que a territorialidade reflete,

[...] a multidimensionalidade do “vivido” territorial pelos membros de uma coletividade, pelas sociedades em geral. Os homens “vivem”, ao mesmo tempo, o processo territorial e o produto territorial por intermédio de um sistema de relações existenciais e/ou produtivistas. Quer se trate de relações existenciais ou produtivistas, todas são relações de poder, visto que há interação entre os atores que procuram modificar tanto as relações com a natureza como as relações sociais. Os atores, sem se darem conta disso, se automodificam também. O poder é inevitável e, de modo algum, inocente. Enfim, é impossível manter uma relação que não seja marcada por ele. (RAFFESTIN, 1993, p. 158-159. Grifo nosso).

Portanto, a territorialidade emana do território como resultado das relações de poder exercidas para gerir o espaço de existência e/ou de produção. Deste modo, no interior de um mesmo território podem coexistir várias territorialidades. Por exemplo, no lote de um assentado, o qual entende-se como segundo território (FERNANDES, 2008; 2009), podem se manifestar as territorialidades do camponês, do capital e do Estado. É nessa acepção que o conceito de territorialidade corrobora para interpretar a forma de produzir no campo em geral e em específico nos assentamentos estudados. Nestes, a produção ocorre por meio de relações alheias às tipicamente capitalistas, pois, os camponeses detêm a posse da terra. Entretanto, isso não impossibilita a manifestação das territorialidades do capital nos assentamentos o que indica a existência de uma constante disputa territorial nestes, como

pode ser aferido no trecho a seguir, extraído da entrevista concedida por uma liderança do assentamento Celso Furtado.

A partir que vai pros lotes e vê a sua, a sua vida, a sua forma de produção mudar com o, com a entrada do capita... do capitalismo mais forte no campo, à partir da... da monocultura, percebe assim que é um território em plena disputa. Então, se você conversa com algumas pessoas [assentados] que compreendem mais essa questão, eles percebem que o assentamento é um território em pleno campo de disputa. (E. M., Assentamento Celso Furtado, março de 2010. Grifo nosso)².

À vista do exposto, concorda-se com a indicação de Fernandes (2009), de que a disputa territorial pode ocorrer tanto pela desterritorialização como pelo controle das formas de uso e acesso aos territórios, ou seja, pelo controle das suas territorialidades. Dentre as territorialidades da agricultura do capital, manifestadas nos assentamentos investigados estão a fumicultura e o sistema agrícola do agronegócio. Evidentemente, ambas são portadoras de uma relação assimétrica, porém, dialética.

Fumicultura

Nos assentamentos estudados, alguns camponeses se dedicam ao cultivo de tabaco, realizando-o a partir do sistema “integrado” de produção, sobretudo, com duas empresas do setor: Souza Cruz e Universal Leaf Tabacos. Por este sistema, as empresas financiam as estruturas (materiais para formação dos canteiros, galpões para secagem etc.), sementes, adubos e agrotóxicos que serão usados na lavoura além de fornecer assistência técnica aos assentados que em troca devem comercializar sua produção com a empresa. Às empresas, este sistema permite o acúmulo de capital, por meio da definição dos preços da matéria-prima, do financiamento das estruturas e insumos, ou seja, através da sujeição compulsória da renda da terra camponesa. É importante resaltar que através deste mecanismo as empresas definem o preço dos insumos e a taxa de juros dos financiamentos, ao mesmo tempo, são elas que determinam o preço pago pela matéria-prima entregue pelos camponeses, através de um sistema de classificação da qualidade do produto.

Este sistema de integração resulta na intervenção das indústrias na ordenação interna dos sítios camponeses (PAULINO, 2004; 2012), pois as empresas fumageiras determinam os padrões das infraestruturas, dos tipos de sementes e insumos utilizados, a distância entre as mudas transplantadas à lavoura, bem como, as quantidades e prazos a serem observados pelos assentados para a entrega da produção. Contudo, ressalta-se que esta intervenção não tira dos camponeses a autonomia sobre o seu tempo, o seu trabalho e também em relação à decisão das atividades a serem realizadas no sítio. Ou seja, o território continua sendo de domínio do camponês, entretanto, o capital exerce uma territorialidade maior ou menor em determinadas partes deste, subordinando a renda camponesa conforme a medida de incorporação à lógica capitalista.

Neste processo é primordial a compreensão de que: “os camponeses comparecem ao mundo do trabalho como entidades familiares” (PAULINO, 2012, p. 124). É a família que se encarrega de providenciar a matéria-prima contratada pela indústria. Portanto, não se trata da venda do trabalho camponês. O que estes vendem às empresas fumageiras é a sua produção, na qual está contido o trabalho familiar. O caráter familiar da produção camponesa impõe um ritmo de trabalho diferenciado, pois a força de trabalho do pai soma-se a da mãe e filhos, guardadas as devidas intensidades decorrentes da divisão interna pautada em gênero e faixa etária. Exemplar da utilização do trabalho familiar na produção de matéria-prima às empresas fumageiras é a situação visualizada na comunidade Palmital no assentamento Celso Furtado, na qual, em um dos lotes, encontraram-se três famílias capinando a lavoura de fumo. Trata-se de membros originários de uma mesma família, porém, o casamento de dois filhos levou a

² Entrevista realizada por Estevan Leopoldo de Freitas Coca a quem agradeço pela gentil cessão do material.

formação de duas novas famílias que passaram a dividir o mesmo lote, tanto em relação à moradia, quanto a produção.

Em relação ao trabalho familiar constatou-se que as três famílias se dedicavam a duas atividades estruturantes: à produção leiteira, da qual a renda monetária proveniente era reservada aos pais; e ao cultivo de fumo, para o qual, os pais cederam parte do lote aos filhos casados. Estes realizavam a lavoura de forma conjunta dividindo custos, trabalho e a renda monetária resultante. Embora havia certa divisão em relação à renda proveniente de cada atividade, o mesmo não se pode dizer em relação ao trabalho, vez que: “O pai vive do leite e deu a roça pra nós [dois filhos casados] plantá fumo, mais aqui nós tudo se ajudamo no trabalho”. (D. O., Comunidade Palmital, Assentamento Celso Furtado. Setembro de 2013. Grifo nosso)³. Esta situação em que a unidade camponesa reúne várias famílias constituídas a partir do casamento dos filhos e que juntas dividem a utilização produtiva do lote é comum nos assentamentos pesquisados.

No caso apresentado é evidente a restrição imposta aos camponeses pela dimensão territorial do lote (16,35 ha), pois os filhos cultivavam 80 mil pés de fumo, sendo 50 mil da variedade Burley nas terras cedidas pelos pais e 30 mil do tipo Comum⁴ em terras arrendadas de um assentado vizinho. Para este, pagavam renda fixa de R\$ 1.700,00 anuais por cerca de um alqueire de terra acrescido dos custos com a correção da fertilidade do solo utilizado. Somadas as despesas com o arrendamento (renda em dinheiro + correção do solo), estas resultavam em torno de R\$ 2.000,00 anuais.

Esse ano plantamo oitenta mil pé de fumo. Plantamo cinquenta mil do burley na terra do pai e trinta mil do comum no pedaço que arrendamo do vizinho. [Quanto pagam pelo arrendamento da terra do vizinho?] A gente paga renda fixa de mil e setecentos por ano, mas tem que realizar a correção do solo. Acho que ao todo dá uns dois mil por ano. (D. O., Comunidade Palmital, Assentamento Celso Furtado. Setembro de 2013).

A situação descrita reflete a parcialidade e precariedade na condução da reforma agrária no Brasil, pois, na criação dos assentamentos rurais, as condições para o suprimento das necessidades de reprodução da dinâmica familiar camponesa e os módulos fiscais relativos aos municípios de implantação destes⁵ são desconsiderados. Assim, o caso de arrendamento apresentado, se inscreve neste contexto em que a quantidade de terra disponível ao campesinato é inversamente proporcional à mão de obra existente, levando a atividades que intensificam esta última. Ou seja, o equacionamento da produção camponesa parte da composição da força de trabalho familiar (CHAYANOV, 1974). Assim, a produção de fumo é preferível, em casos como o descrito, por demandar menor área de terra e maior quantidade de trabalhadores na execução das atividades. O exemplo ora apresentado ilustra ainda outra característica fundamental do trabalho familiar camponês: “El volumen de la actividad de la familia depende totalmente del numero de consumidores y de ninguna manera del numero de trabajadores”. (CHAYANOV, 1974, p. 81). Quer dizer, é a pressão exercida pelas necessidades de consumo que determinam o grau de utilização e intensificação da força de trabalho. Corroborar com este entendimento as palavras de um interlocutor, do Assentamento Ireno Alves dos Santos, que cultivava fumo integrado a Souza Cruz:

Só que o fumo o senhô sabe, né? O fumo se você tivé preguiça não trabaia não. A turma falô: cê é loco. Falei mas homi do céu, eu tenho minha família prá criá cara. Eu tenho meus filhos, tenho que dá alguma coisa prá eles. Eu tenho que trabaia. Ah eu planto soja aqui. Planto soja. Eu pego lá o trator,

³ Metodologicamente optou-se pela preservação da identidade dos camponeses entrevistados, indicando nas entrevistas apenas as iniciais dos respectivos nomes.

⁴ Ambas as variedades Burley e Comum são fumos de galpão, ou seja, curados naturalmente ao ar. A variedade Comum, geralmente, apresenta uma planta mais robusta e de menor qualidade sendo destinado ao atendimento do mercado interno de cigarros. Já o de tipo Burley é em sua maioria destinado a exportação devido à qualidade superior.

⁵ O módulo fiscal corresponde a 20 ha em Quedas do Iguaçu e a 18 ha em Rio Bonito do Iguaçu.

com meio dia eu limpo minha lavoura. Mas cara, o soja prô pequeno não funciona. Você sabe disso. (O., Comunidade Arapongas, Assentamento Ireno Alves dos Santos. Dezembro de 2013. Grifo nosso).

Ou seja, o número de consumidores no lote indica o necessário grau de utilização da força de trabalho familiar, ao modo que esta supra as necessidades familiares e não fique ociosa por longos períodos. O conhecimento desta peculiaridade do campesinato faz as indústrias os considerarem “parceiros” ideais no processo de integração. Assim, trata-se de uma subordinação que, contraditoriamente, garante a reprodução camponesa.

Embora a relação de integração estabelecida com a indústria retire parte da autonomia camponesa, no que tange a organização interna dos lotes e a decisão de como cultivar, possibilita a estes o acesso a insumos e sementes, além de garantir a inserção das respectivas colheitas no mercado. “A gente vende prá Souza Cruz. [Por quê?] Ela é melhor. Fornece adubos e semente e compra tudo que foi produzido”. (D. O., Comunidade Palmital, Assentamento Celso Furtado. Setembro de 2013. Grifo nosso). Evidentemente que a estratégia das empresas assenta-se na majoração das formas de captação da renda produzida pelos camponeses, através do controle dos extremos do processo produtivo e na garantia da entrega da produção de tabaco daqueles à referida indústria. Isso é perceptível no fato de que o preço dos fertilizantes, agrotóxicos e sementes vendidas aos camponeses são regidos pela empresa que, desse modo, se apropria duplamente da renda camponesa: na venda dos insumos e na compra da produção. Agrega-se a isto que o pagamento dos insumos previamente fornecidos aos camponeses é realizado no momento da venda do tabaco e, geralmente, calculado em quantidades de quilogramas, obrigando à entrega da produção a referida empresa. Outro método utilizado pela empresa para garantir a entrega da produção a esta são as visitas do instrutor em diferentes fases do desenvolvimento da lavoura, estimando o total da produção. Cabe esclarecer que a compra do fumo produzido pelos camponeses, se dá por um sistema de classificação da qualidade do produto, a qual aumenta a retenção da renda da terra, pois, as empresas definem as classes finais e, conseqüentemente, o preço pago às mesmas.

É indubitável que a integração na fumicultura é altamente vantajosa para as empresas. Por outro lado, a livre adesão dos camponeses a esta, indica que há conveniências recíprocas, embora em diferentes medidas. Depõe a favor deste tipo de integração o fato do acesso a fertilizantes, sementes e demais insumos necessários à lavoura, bem como da infraestrutura necessária ocorrer diretamente com as empresas sem a necessidade de financiamentos em bancos e o pagamento estando vinculado à comercialização da produção. O solo recentemente desocupado pelo fumo aproveitado para a realização de outros cultivos também adquire importância no processo de integração da produção camponesa: “Qué vê o mio [milho] que da aqui em cima cara [leiras do fumo], por causa dá adubação. Mas dá um mio assim que, home do céu”. (O., Comunidade Arapongas, Assentamento Ireno Alves dos Santos. Dezembro de 2013). Ou seja, a partir do aproveitamento da resteva do fumo o camponês faz duas safras com aplicação de investimentos em apenas uma delas. Somam-se a estas questões o acompanhamento da produção de fumo realizado pelo instrutor, o que em tempos de escassa assistência técnica aos camponeses, é relevante.

Ainda na lógica da reprodução contraditória do campesinato inserido na integração às indústrias do fumo, alguns camponeses a consideram mais rentável monetariamente do que outras atividades que dependem de produção em escala.

Agora você pranta um arquere de fumo e soma todo o terreno [5 alqueires]. Dum arquere de fumo, dá tua área de soja [5 alqueires]. Eu pranto esse pedaço aqui de soja, aqui. Esse arquere de soja aí. Todo mundo pranta os lotes deles ali. Nenhum deles faz o que eu faço nesse alquere de fumo. Pode prantá soja aquilo que dê. Não faz o que eu faço. [...] Apesar que daí eu não vô faze nada né? Eu venho aqui com meio dia passo veneno, termino e vô embora. Não faço nada. Mas também o meu lucro (...). (O., Comunidade Arapongas, Assentamento Ireno Alves dos Santos. Dezembro de 2013).

Nosso interlocutor relata que obtém mais renda cultivando fumo em área reduzida do que se plantasse todo o lote (cinco alqueires) com soja. Logicamente que o maior ingresso monetário em menor área utilizada é importante ao campesinato. Contudo, isto não determina a escolha das atividades produtivas: é apenas um dos elementos de um ciclo de múltiplas ações que se combinam ao ritmo da reprodução social e não do capital. As atividades precisam, sobretudo, serem compatíveis à organicidade camponesa e possibilitar a reprodução do grupo familiar. Todavia, o maior ingresso monetário em menor área utilizada para cultivo adquire importância dentro da lógica camponesa, pois perante as restrições em relação ao tamanho da terra buscam-se formas para melhor aproveitamento da área disponível a fim de garantir as condições necessárias a reprodução da família. A isto se acrescenta que raramente a especialização da produção é utilizada pelo campesinato, sendo a diversificação, prática inalienável a estes, como se observa no trecho subsequente.

Cê vê, eu num alquere de fumo eu tiro mais que tudo, na propriedade inteira, de quem for. E cê vê o quanto eu tiro? Oh! eu vô tirá um eito de feijão. Eu vô tirá pasto lá, um eito de pasto pás vacas que eu tô tirando leite, da mema área, dessa mema área aqui, que supor se eu fosse pranta né. Olha quanto de dinheiro eu tiro a mais, do que o cara que pranta [soja, monocultura]. (O., Comunidade Arapongas, Assentamento Ireno Alves dos Santos. Dezembro de 2013).

Depreende-se assim que a integração à agroindústria do fumo se sustenta entre os camponeses, também pelo seu caráter de atividade complementar, pois possibilita a combinação com outras atividades sazonais ou perenes, ampliando a renda. O fragmento sobre-escrito deixa em evidência esta relação ao mostrar que paralelamente ao fumo se desenrolam outras atividades como: lavoura de feijão, pastagem, produção de leite etc. “Enfim, é o caráter complementar da integração que acena para uma forma de recriação camponesa, que permite ver sob outro prisma a intervenção em relação a uma atividade específica, para que as demais possam ser desenvolvidas com menores sobressaltos”. (PAULINO, 2012, p. 133).

A conclusão que se pode extrair é a primazia pela ampliação das estratégias de reprodução social da família camponesa. Assim, a fomicultura aumenta o rol de atividades da família possibilitando equacionar o balanço trabalho-consumo, ou seja, a racionalidade camponesa está circunscrita as necessidades de manutenção da família e não à reprodução do capital. Incontestavelmente, a integração permite às empresas subtraírem a renda da terra camponesa, mas, contraditoriamente, também possibilitam a recriação camponesa, embora subalternizada. Ou seja, a territorialidade do agronegócio do fumo no território camponês, como se tem visualizado, aponta para uma existência subalternizada do campesinato ao sistema capitalista, em que este se apropria das relações não capitalistas de produção realizadas pelos primeiros para garantir sua reprodução ampliada.

Sistema agrícola do agronegócio

Outra forma do capital subalternizar a produção camponesa é através da territorialidade do sistema agrícola do agronegócio em território camponês. Nesta também está em jogo à apropriação de relações não capitalistas de produção e a sujeição da renda da terra camponesa pelo capital, assemelhando-se aos mecanismos descritos no item anterior, contudo, apresenta diferenças: a relação é de intermediação e não de intervenção (PAULINO, 2012). Cabe salientar que a relação de intermediação garante maior autonomia ao campesinato do que o sistema de integração, no que tange a organização interna dos lotes e na decisão do que, como e quando cultivar (PAULINO, 2012). Entretanto, esta autonomia é relativa em vista do aprofundamento da subalternidade camponesa pronunciada pela relação mercantil. Assim, quer se demonstrar que em vários lotes dos assentamentos estudados a matriz produtiva do capital baseada no monocultivo com uso intensivo de agroquímicos é

hierárquica, ampliando os mecanismos de subordinação da renda da terra, como no cultivo de árvores (notadamente *pinus* e eucalipto) e de *commodities* agrícolas como a soja.

Nos assentamentos selecionados para fins analíticos, o cultivo de árvores ocorre em duas situações: monocultivo de eucalipto enquanto diversificação produtiva com cultivo de eucalipto e *pinus*. Ambas as situações foram observadas, sobretudo, no assentamento Celso Furtado, o qual possui a particularidade de ter sido formado, entre outras, por áreas de cultivo de *pinus*, eucalipto e Araucária, acarretando no momento da divisão dos lotes, a existência de alguns com praticamente sua totalidade submetida à exploração madeireira. A comercialização desta remunerou monetariamente alguns assentados, possibilitando a estes a compra de maquinários e implementos agrícolas, como mostra um de nossos interlocutores, assentado e técnico no assentamento: “Alguns assentados venderam a madeira e se capitalizaram. Compraram trator, caminhão e ceifa” (E. N., Comunidade Orgânicos, Assentamento Celso Furtado. Setembro de 2013). Fatores como este estimularam outros assentados a direcionar o lote ou parte deste, para produção madeireira. Assim, nos assentamentos estudados, observaram-se lotes com cultivos de árvores em parcela do lote ou na maior parte deste, assumindo caráter de atividade principal.

Em alguns dos lotes do assentamento Celso Furtado, com ocorrência predominante da atividade madeireira, identificou-se que a mesma decorre do cultivo realizado pelo antigo latifúndio, estando, agora, em processo de corte. Entretanto, esta situação não é válida para a totalidade dos casos observados. Por exemplo, em determinado lote de 21 ha no assentamento Celso Furtado, constatou-se que, destes, 14 ha destinavam-se ao cultivo de 15 mil pés de eucalipto, enquanto que o restante estava disposto entre pastagens (6 ha), cultivos de autoconsumo (0,5 ha) e 0,5 ha em instalações de moradia e outras infraestruturas (galpão, açudes, chiqueiro, estrebaria etc.). Ou seja, há neste lote o predomínio do cultivo de eucalipto. Neste caso, a observância que não se trata de cultivo residual do antigo latifúndio, mas sim, de plantio realizado pelo assentado é primordial, vez que, indica a opção por tal atividade: “Eu decidi [plantar eucalipto] porque meu filho pegô terra com eucalipto [no momento de criação do assentamento] e saiu bem. Aí decidi. A minha ideia era de plantar também um alqueire de erva-mate, mas aí enchi tudo com eucalipto”. (A. B., Comunidade Renascer, Assentamento Celso Furtado. Setembro de 2013). É inegável que a monocultura, neste caso particular da madeira, representa a ampliação dos mecanismos de captação da renda da terra camponesa em favor da classe dos capitalistas, sobretudo, porque a principal destinação desta produção é a comercialização, lócus da apropriação da riqueza produzida pelos camponeses.

Uma análise apressada de tal situação poderia concluir que se trata de um emblemático processo de (re)territorialização do capital no território camponês. Nesta conclusão a incompreensão dos fatos que levaram o camponês a destinar maior parte de seu lote ao monocultivo da madeira pode gerar conclusões parciais da realidade, escapando ao olhar do pesquisador, por exemplo, que embora subordinado, o território continua sendo gerido pelo camponês, sendo este quem determina as atividades a serem realizadas. É preciso observar ainda, que embora a produção de madeira esteja amplamente subordinada ao sistema capitalista, será o camponês quem irá decidir para quem, quando e quanto vender, considerando as várias possibilidades de utilização do eucalipto (lenha, construção civil, madeira, móveis etc.) e as necessidades familiares.

A fim de aprofundarmos o entendimento da racionalidade camponesa em relação ao caso exposto, é preciso pontuar os motivos que levaram a opção por tal atividade. Primeiramente, a falta de maquinários necessários ao desenvolvimento das atividades da lavoura mecanizada foi considerada entrave: “Lavoura para pequeno dá muita dor de cabeça. Sem maquinários”. (A. B., Comunidade Renascer, Assentamento Celso Furtado. Setembro de 2013). Na sequência, nosso interlocutor aponta um elemento central em sua escolha: os prejuízos decorrentes de safras mal sucedidas: “Já tive que vendê vaca prá pagá os prejuízos da lavoura. Por isso o eucalipto”. (A. B., Comunidade Renascer, Assentamento Celso Furtado. Setembro de 2013). Esta conjuntura acena para um cálculo em que o camponês se orienta no sentido de não perder o que possui em detrimento do que eventualmente poderá obter em termos de rendimento.

Colabora na compreensão do exposto, o fato de que no lote vivem apenas três pessoas: o casal, que possui renda mensal de três salários mínimos provenientes de aposentadorias, e um filho, o qual, embora resida no lote, trabalha na comercialização de automóveis, máquinas e implementos agrícolas, animais etc. utilizando a renda destas atividades em proveito próprio. Percebe-se que, embora existam três consumidores vivendo no lote, número superior ao de trabalhadores (2), não ocorre uma maior exploração da força de trabalho (CHAYANOV, 1974), porque há uma situação de equilíbrio possibilitada pela renda mensal externa ao lote (aposentadoria), que somada à interna “uns pingados da venda de uma criação, um peixe, um queijo” (A. B., Comunidade Renascer, Assentamento Celso Furtado. Setembro de 2013), é suficiente para a manutenção das necessidades básicas do grupo familiar. Esta situação explica, em partes, a diminuição da exploração da força de trabalho obtida com o plantio do eucalipto. Foram, portanto, sucessivas situações (rendimentos externos, idade avançada, experiência dos filhos, prejuízos com a lavoura etc.) somadas ao cálculo entre as necessidades de renda do grupo doméstico e os recursos com que contavam que levaram o camponês em apreço a considerar como melhor estratégia para sua unidade produtiva o cultivo de eucalipto.

Outra forma do cultivo de árvores que se encontra nos assentamentos estudados é o realizado em parcela menor do lote. Este pode ser resquício do antigo latifúndio ou parte de um processo de diversificação das atividades da unidade camponesa. Na primeira situação se inscreve, sobretudo, o *pinus*, enquanto que na segunda o eucalipto é preferível devido ao processo mais rápido de desenvolvimento e maiores possibilidades de comercialização. Adiciona-se que o cultivo de árvores possui como característica a versatilidade, ou seja, dependendo das condições sociais de reprodução familiar e o preço da madeira inferior ao desejado é possível deixá-la na roça para a extração em momentos que as circunstâncias forem mais convenientes. Essa característica é apresentada por um dos interlocutores que possui parte da área coberta com eucalipto: “Daí, que nem nós plantamos esses eucaliptos. Uns três mil pé de eucalipto. Daí dava prá vende já, mas eles querem paga só vinte e cinco reais o metro, não tem condições. O melhor é deixar”. (B. S., Comunidade Campo Novo, Assentamento Celso Furtado. Setembro de 2013). Essa qualidade também permite a realização de extração em diferentes etapas possibilitando recursos em momentos de percalços financeiros, de saúde ou obtenção de maiores rendimentos: “A ideia é fazer três cortes: cinco anos, nove anos e doze anos. Deixar oito mil pés pelo menos cinco anos e se der deixar mil pés para doze anos. Porque aí que dá dinheiro. Prá ter uma ideia, meu filho vendeu as árvores maiores a cento e doze reais cada”. (A. B., Comunidade Renascer, Assentamento Celso Furtado. Setembro de 2013).

Para além da questão produtiva, a opção em cultivar eucalipto pode originar-se das necessidades básicas de madeira e lenha inexistentes no lote e ser fortificada, por pessoas externas (assistência técnica etc.), como atividade econômica, conforme nos indica uma assentada do Celso Furtado.

Na época que nos entramos aqui não tinha madeira, lenha, no nosso lote. [...] E daí fomos plantando e plantando. E daí, também, eles aconselhavam. Diziam que isso aí era um banco verde, uma poupança verde, eles diziam. E ajuda depois né? Mais tarde. [Quem dizia isso?] Até o Ade do INCRA falava que a gente plantando madeira diz que é uma poupança verde que a gente faz. (B. S., Comunidade Campo Novo, Assentamento Celso Furtado. Setembro de 2013. Grifo nosso).

A partir do conjunto exposto compreende-se que o cultivo de árvores, embora seja a expressão da territorialidade do agronegócio no território camponês, integra, nestes casos, a multiplicidade das estratégias de recriação camponesa. Pois, em sua maioria é realizado em parcela do lote camponês não assumindo a primazia sobre a produção e a renda, mas complementando-as. Isto é possível pelo caráter contraditório que assume a reprodução camponesa.

Nos territórios estudados, o cultivo das lavouras mecanizadas com caráter eminentemente comercial, em especial a soja, também ilustra a territorialidade do agronegócio sobre o território camponês, evidenciando diferentes níveis de inserção dos assentados no patamar técnico dominante e um conjunto de estruturas comerciais vinculadas a este (cooperativas capitalistas, cerealistas, lojas agropecuárias, veterinárias etc.) atuantes nos assentamentos. Em vários pontos destes é perceptível a hegemonia do cultivo da soja sobre os lotes, todavia, é necessário considerar que a hierarquia por tal atividade não significa a exclusividade no sítio camponês, pois esta se combina com um conjunto de outras atividades desenvolvidas em parcelas menores. Além disso, este cultivo se insere numa série de conciliações entre a força de trabalho familiar, a situação monetária da família, as necessidades de consumo e a conjuntura do mercado. Acrescenta-se, que assim como toda *commoditie*, a soja sofre com as flutuações do mercado internacional, podendo em determinados momentos apresentar rendimentos satisfatórios e, em outros, frustrar as perspectivas criadas em torno de possíveis remunerações, fator secundário na avaliação camponesa.

A produção da soja em escala comercial visualizada nos assentamentos pressupõe a utilização de maquinários, fertilizantes, agrotóxicos e sementes, industrializados e na maioria dos casos modificados geneticamente, tal qual, nos territórios do agronegócio. Nesse momento o capital comercial age por meio do monopólio dos preços dos insumos necessários à produção. É nesta ótica que muitas cooperativas, cerealistas e lojas agropecuárias têm atuado nos assentamentos em questão, comercializando os insumos impetrados ao processo produtivo e drenando a renda gerada pelos camponeses para as camadas capitalistas. Assim, as diversas cooperativas e cerealistas como a Cooperativa de Produtores de Grãos (COPERGRÃO), Cooperativa Agropecuária Sudoeste LTDA (COASUL), Cooperativa Agroindustrial Cascavel (COOPAVEL), Cooperativa de Produtores de Sementes (COPROSSEL), Terra Cereais, Cerealista Guzzo, Grão Fértil, entre outras que possuem os assentamentos em seu raio de ação, tem comercializado com os assentados todo o aporte que o pacote tecnológico do modelo agrícola do capital exige. Na maioria dos casos, os assentados não estão “associados” a estas cooperativas, mas tais empresas do agronegócio forjam outros laços de dependência, como, por exemplo, a facilitação da venda dos insumos agrícolas combinando o pagamento destes à entrega dos resultados da colheita conjugado à supressão de avalistas.

Este consumo produtivo é apenas uma faceta, pelas quais, tais setores capitalistas se apropriam da renda camponesa. Sabendo, pois, que a apropriação da riqueza produzida pelos camponeses ocorre no momento da circulação, sendo o comércio o lócus de realização da renda territorial capitalizada, ou seja, quanto mais estes se vincularem ao mercado, maiores são as possibilidades de aprisionamento daquela. As cooperativas e cerealistas sabem disso e ao combinar o fornecimento de insumos agrícolas à colheita, visualizam a possibilidade de captar a renda camponesa também no momento da circulação dos produtos. Ou seja, a territorialidade do agronegócio no território camponês, como se tem visualizado, aponta para uma existência subalternizada do campesinato ao sistema capitalista, em que este se apropria das relações não capitalistas de produção (realizadas pelos primeiros) para garantir sua reprodução ampliada.

Além da soja, outras lavouras cultivadas em escala nos assentamentos se encaixam na lógica exposta e possuem caráter comercial a exemplo do milho. Mas há diferenciações, pois este se enquadra, sobretudo, na lógica do excedente, sendo utilizado para alimentar as aves, suínos, e, principalmente, destinado à silagem para o gado, notadamente das vacas leiteiras. Em outras palavras, a transformação do milho, principalmente em leite, remunera melhor do que vendê-lo a granel.

Sem dúvida, a opção pelo caminho comercial potencializa os mecanismos de extração da renda camponesa, seja no consumo produtivo (compra de agroquímicos), dos financiamentos junto a bancos, cooperativas etc., ou na venda da produção. Tal situação indica diferentes graus de subalternidade da reprodução social ao sistema capitalista, de modo que, quanto mais às incorporam maior é o nível de submissão e igualmente incerta a manutenção do grupo familiar. Cabe destacar, que as características apontadas decorrem do

caráter desigual, contraditório e combinado que a expansão do capital sobre o campo brasileiro se estrutura (OLIVEIRA, 1987, 2001). O uso do território camponês está marcado por uma unidade contraditória: a territorialidade de relações camponesas e a territorialidade de relações capitalistas que subordina a renda dos primeiros. Nesse sentido, concorda-se com Paulino (2004), de que admitir que a recriação camponesa ocorra em meio às adversidades não deve servir de pretexto para deixar de reiterar a ação predatória dos diferentes agentes do capital. Tampouco, deve-se menosprezar as resistências protagonizadas pela classe camponesa, pois, se há enclaves capitalistas no território camponês há também estratégias cunhadas por estes para garantir a posse de seu território de forma mais autônoma.

Agroecologia enquanto resistência e negação à subalternidade

Atualmente, a produção agroecológica se constitui na principal referência defendida pelos movimentos socioterritoriais camponeses no enfrentamento ao modelo agrícola dominante, conseqüentemente, como estratégia de resistência e negação à subalternidade da produção e renda camponesa. Nos assentamentos privilegiados para efeito desta análise, o apoio do Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra (MST) e de outras entidades e organizações à produção orgânica/agroecológica tem trazido um conjunto de técnicas aos assentados como em relação ao piqueteamento das pastagens nas técnicas do Pastoreio Racional Voisin (PRV), produção de biofertilizantes, caldas, inseticidas e sal mineral de forma artesanal; melhorias na sanidade animal através de técnicas como a homeopatia; controle biológico, reprodução de mudas através de alporques, bem como contribuído na recuperação de alguns métodos que estavam se perdendo entre os camponeses como, a reprodução de sementes de variadas espécies vegetais. Além disso, tem-se realizado um conjunto de práticas formativas e de difusão de atividades como feiras, jornadas e eventos sobre a agroecologia. Deste modo, tem-se potencializado a matriz agroecológica engendrando esta enquanto resistência à hegemonia da agricultura artificializada.

A transição à agricultura orgânica/agroecológica tem sido fomentada de diferentes formas e se encontra em distintos níveis nos assentamentos selecionados. O Centro de Desenvolvimento Sustentável e Capacitação em Agroecologia (CEAGRO), vinculado ao MST e localizado no assentamento Ireno Alves dos Santos, tem papel fundamental nesse processo, seja realizando cursos na área de agroecologia ou, à frente do trabalho de Assistência Técnica e Extensão Rural (ATER)⁶ através de contratos firmados com o INCRA. Assim, prestam assistência técnica aos assentados, realizam cursos de formação e palestras relacionadas a agroecologia, focando principalmente a produção leiteira por intermédio da utilização do método PRV. Embora o foco do CEAGRO com a ATER seja potencializar a produção agroecológica, sobretudo na produção leiteira, visualizou-se um conjunto de limitações devido às inúmeras metas estabelecidas pelo contrato com o INCRA (número mínimo e máximo de visitas aos lotes, calendário a ser cumprido, atendimento apenas à famílias regularizadas, trabalho burocrático etc.), deficiências na infraestrutura logística de transporte (os veículos utilizados são particulares, sendo que o contrato prevê um veículo para cada dois profissionais), elevado número de famílias atendidas por cada profissional (a média

⁶ O CEAGRO conta atualmente com dois núcleos: Um deles com sede em Rio Bonito do Iguaçu e com atuação desde 2011 nos assentamentos Ireno Alves dos Santos, Marcos Freire no mesmo município e nos assentamentos 8 de Junho e Bugre Morto em Laranjeiras do Sul. Em 2014 o CEAGRO constituiu um novo núcleo com sede em Quedas do Iguaçu após ter sido contemplado com a aprovação de edital junto ao INCRA. Este núcleo atende as famílias dos assentamentos Celso Furtado (Quedas do Iguaçu), 1ª Conquista da Bracatinga (Espigão Alto do Iguaçu), Terra Livre (Nova Laranjeiras), Procopiak (Três Barras do Paraná) e Nova Fatura (Saudade do Iguaçu). Tal cenário tem apontando novas perspectivas para a agroecologia no assentamento, em vista de que, o foco do trabalho do CEAGRO com a ATER é a conversão da produção. Em 2015 o núcleo do CEAGRO de Quedas do Iguaçu passou a atender também o assentamento Dez de Maio (Rio Bonito do Iguaçu) a partir da aprovação de novo edital. Assim, todos os assentamentos conquistados do latifúndio Araupel estão contemplados com assistência técnica vinculada ao CEAGRO.

em Rio Bonito do Iguazu é de 266 famílias⁷), não reconhecimento pelo INCRA de determinadas atividades realizadas como integrantes da assistência técnica (como exemplo a constituição da feira agroecológica em Rio Bonito do Iguazu), limitações financeiras acarretando no desestímulo dos profissionais e na busca destes por outros trabalhos implicando na descontinuidade do acompanhamento, resistência dos assentados à assistência técnica em virtude de experiências prévias mal sucedidas, todos estes elementos restringem a dinamização das atividades agroecológicas por parte da ATER. Além disso, a ATER é uma atividade temporária renovada ou não a cada ano com um prazo máximo de cinco anos para execução.

Apesar disso, as atividades do CEAGRO frente a ATER, somada a constituição e atuação do Núcleo de Certificação Participativa da Rede Ecovida de Agroecologia vêm estimulando a produção orgânica/agroecológica nos assentamentos estudados, com destaque para os assentamentos Ireno Alves dos Santos e Marcos Freire⁸, nos quais, atualmente encontram-se 105 famílias em processo de transição agroecológica e duas com a totalidade do lote certificado como produção agroecológica. Seguindo a estrutura da Rede Ecovida de certificação participativa, este conjunto de famílias em transição agroecológica/certificados, encontra-se organizado em 06 grupos nos supracitados assentamentos e juntamente com outros grupos de famílias, associações e entidades de 11 municípios próximos formam o Núcleo Regional “Luta Camponesa” da Rede Ecovida de Agroecologia.

Além dos incentivos externos à produção orgânica/agroecológica, somam-se outros elementos como: o endividamento de alguns assentados levando-os a modificar o seu modelo de produção, como indicado por um dos técnicos de ATER do CEAGRO que trabalha nos assentamentos: “Muitos que entraram no orgânico foi por questão econômica e não ideológica ou política. Se endividaram e a saída foi fazer mais orgânico.” (S., CEAGRO, Assentamento Ireno Alves dos Santos, Dezembro de 2013). Mas a opção por uma produção orgânica/agroecológica advém também da consciência e experiência de vida do camponato, sobretudo, levando em consideração a saúde da família, das pessoas que consumirão os alimentos e do ambiente, como pode ser compreendido nos trechos a seguir.

Óia desde a gente assisti na televisão. Eu vê com meu próprio zolho, pessoas nasce tudo deficiente, os médico atesta, aprovavam que era devido ao veneno. Até por sinal eu tenho uma cunhada, irmã da mulher, que ela tem câncer e os médicos atestaram que é dirigido só do veneno do fumo. (A. S., Comunidade Nova Conquista, Assentamento Ireno Alves dos Santos, dezembro de 2013).

Primeiro por causo que a saúde da gente. Deve-se procura a saúde em primeiro lugar. Por causo que se nós usa o veneno, nós vamo tá destruindo a terra. Os microrganismos nós não vamo dexa eles pode trabaia. Por que a terra, se ela (...) aqui em baixo, ela vai te que te arguma coisa. Mais como é que vai te aqui, oh! Aqui tem um coró. Porque ele tem que tá embaixo da terra e se tive só o produto químico não vai sobrevive embaixo, ele vai morre. A própria minhoca. (C., Comunidade APRA, Assentamento Marcos Freire, dezembro de 2013).

As passagens indicam elementos que levaram à opção dos camponeses por um modelo agrícola alternativo que foge às amarras do capital e possui lógica diferenciada, centrada nos sujeitos e no ambiente e não no lucro. Entretanto, esta investida carece de

⁷ Considerando que os trabalhos são divididos por duplas de profissionais de áreas distintas, ou seja, embora sejam 266 famílias para cada dupla, individualmente cada profissional terá que atender ao total das famílias.

⁸ Nos assentamentos Celso Furtado e Dez de Maio o trabalho do CEAGRO frente a ATER é mais recente como indicado na nota anterior, fato que leva a crer que em alguns anos o número de famílias em processo de transição agroecológica poderá aumentar e contemplar os 4 assentamentos.

políticas diferenciadas⁹ de subsídios e comercialização, por exemplo, o que até o momento é incipiente para estes camponeses. Por outro lado, tais mecanismos precisam ser compatíveis a leitura de mundo do campesinato, caso contrário, não surtirão efeitos. Pois, como verificado, alguns assentados se recusam em manter vínculos com bancos não recorrendo a nenhuma espécie de financiamento, sobretudo, pela sapiência que estes lhe saqueiam a renda, somada a dificuldade em transitar por caminhos desconhecidos repletos de diretrizes institucionais e estrutura funcional fragmentada. Por isso a aversão de muitos camponeses a tais mecanismos e, quando os utilizam, fazem com extrema parcimônia. Assim, evidencia-se que o processo de conversão da produção em agroecológica tem se dado nos assentamentos em voga a partir da percepção dos aspectos negativos ligados a saúde (humana, animal e ambiental), considerando os impactos causados pelos insumos extremamente prejudiciais do padrão agrícola quimificado; de aspectos econômicos derivados do insucesso dos agricultores na aplicação do modelo capitalista extremamente coadunado a insumos externos; e, sobretudo, a conexão entre a proposta da agroecologia e os elementos estruturais da produção camponesa que visam maior autonomia.

Neste compasso de tergiversar a ordem dominante do capital, algumas alternativas experimentais, especialmente em relação à comercialização do leite, vêm sendo articuladas pelos camponeses dos territórios elencados, como a organização e construção do laticínio regional da Cooperativa Agroindustrial Oito de Junho (COPERJUNHO), no assentamento Oito de Junho (município de Laranjeiras do Sul), localizado nas proximidades dos assentamentos em destaque e destinado, em especial, ao processamento de leite agroecológico. O referido laticínio ainda está em processo de regularização para o funcionamento, mas desde abril de 2014 vem coletando leite das duas famílias do assentamento Ireno Alves dos Santos que possuem o lote e a produção leiteira certificados como agroecológicos. Tal fase experimental do laticínio tem se destinado a testar os processos de produção e comercialização de alguns derivados do leite como queijo, doce de leite e iogurte.

A atual receptação do leite agroecológico consiste ainda num estímulo aqueles que comercializam o leite agroecológico e num encorajamento aos demais assentados, como relata uma de nossas interlocutoras: “Eles pegaram, começaram a leva o leite nosso, porque, pro povo vê, né? Como ia dá certo. Porque a maior fala que tinha, era isso, né? Que nós pegava o mesmo preço deles [convencional]”. (O. S., Comunidade Nova Conquista, Assentamento Ireno Alves dos Santos. Janeiro de 2015). Isto é, após a certificação agroecológica, os camponeses não tinham opção de comercialização diferenciada, sendo obrigados a entregar a produção de leite aos laticínios convencionais, configurando a subordinação da renda camponesa pela territorialidade do capital, contradição atinente à própria resistência camponesa. Cabe esclarecer que, assim como explanado pela camponesa supracitada, esta comercialização seguia os critérios de diferenciação tradicional de preços estabelecidos pelas empresas do gênero, sobretudo, volume da produção e qualidade do leite, ou seja, os camponeses não recebiam melhor preço por se tratar de leite produzido agroecologicamente. Tal característica de comercialização do leite agroecológico junto a empresas de receptação convencionais também foi relatado por outra camponesa que possui o lote certificado como agroecológico.

E também tem outro exemplo pra conta pra você que quando nós começemo com esse sistema [agroecologia] a gente vendeu o leite um ano e quatro mês. Quatro mês foi sem se certificado, mais nós já tava, né? Assim, cem por cento orgânico. Daí um ano a gente vendeu ainda já depois do lote certificado, com o papel na mão, com a placa ali com o certificado na mão. E nós vendia pa CONFEPAR. (T. L., Comunidade Nossa Senhora Aparecida, Assentamento Ireno Alves dos Santos, janeiro de 2015).

A possibilidade de canal diferenciado de comercialização da produção agroecológica do leite tem melhorado o retorno econômico, minimizando a apropriação da renda

⁹ Embora em 2013 tenha sido lançado o Plano Nacional de Agroecologia e Produção Orgânica (PLANAPO), não foram encontradas famílias assentadas que estejam acessando recursos a partir deste programa.

camponesa, visto que em momentos de queda acentuada do preço pago pelo litro de leite pelos laticínios convencionais, a COPERJUNHO tem procurado manter a estabilidade do preço pago pelo leite agroecológico. Enquanto que o preço pago pela COPERJUNHO ao leite *in natura* agroecológico estava estável em R\$ 1,10, nos laticínios convencionais este valor oscilava entre R\$ 0,55 e R\$ 0,70, de modo que o camponês não sabia ao certo o quanto iria receber após o fim de um mês¹⁰.

O laticínio da COPERJUNHO, embora seja conquista dos camponeses, trata-se de um empreendimento econômico, de tal modo que a comercialização do leite *in natura* junto a este não elimina por completo a transferência gratuita da renda da terra não capitalista. Entretanto, trata-se de uma rara ocasião em que a renda da terra é retida em sua maior parte pelos camponeses através de dois fatores: primeiro pelo preço “mais justo” pago ao leite *in natura* e segundo pelo fato de que parte da renda retida pelo laticínio retornará aos cooperados na forma de algum benefício coletivo. A partir do caráter econômico, a racionalidade da forma de organização da produção estimulada pela COPERJUNHO apresenta importante perspectiva política de conversão da produção. Tal característica constatada empiricamente foi exposta pelos assentados conforme consta no relato que segue.

Tem bastante gente que já tá trocando as oreia. Tem parente nosso mesmo, que já tão fazendo as barrera, já tão parando de usa veneno, até por sinal já pararam, né? Já tão fazendo as barrera na divisa dos lotes, porque tem lote, as turma veia aí, só na base do veneno, né? E não notam que tão morrendo dia por dia. E já tão se organizando. Tem um concunhado aqui e outro em cima ali. (A. S., Comunidade Nova Conquista, Assentamento Ireno Alves dos Santos, janeiro de 2015).

Sabendo que o capital procura estreitar a sua relação de exploração sobre a agricultura camponesa, o critério da menor cessão gratuita da renda da terra é elemento importante na opção dos camponeses pela agroecologia, como nos relata a camponesa citada a seguir.

[Vocês têm percebido se a partir da experiência de vocês outras pessoas tem pensado em mudar a forma de produzir?] Tem, tem porque a partir do preço do leite, né? Eles não levam em consideração, sabe? Ah ... muita coisa que a gente tem que leva, né? O mal que o veneno faiz. Nossa então é mais po lado do tipo assim como posso dizer do preço do produto. Oh eles agora assim que o preço do leite foi lá em baixo a gente vê pessoa querendo muda. (O. S., Comunidade Nova Conquista, Assentamento Ireno Alves dos Santos, janeiro de 2015).

A diminuição do peso da extração da renda da terra se constitui em elemento de extrema relevância para resistência camponesa no território. Diante de contextos adversos, como o mencionado por nossa interlocutora, os camponeses procuram estratégias, e alternativas para amenizar o grau de exploração imposto pelo capital. “Ou seja, os camponeses interferem, resistem, criam estratégias para escapar das necessidades do capital que tem na sujeição da renda da terra o seu filão de produção de capital”. (ALMEIDA, 2003, p. 21).

A recusa a sujeição da renda da terra através da agroecologia ocorre também no momento do consumo produtivo vez que neste modelo se adota o sistema preventivo, sobretudo, a partir das técnicas da homeopatia. Estas formas possibilitam a menor transferência da riqueza produzida pelos camponeses às empresas de produtos veterinários, as quais, geralmente superfaturam seus produtos para obtenção de maior lucro possível, bem como, o tratamento homeopático proporciona melhor sanidade dos animais. Tais elementos, acrescidos da compreensão que a recorrência a produtos veterinários produzidos nos

¹⁰ Informações obtidas em janeiro/fevereiro de 2015 durante a realização de trabalhos de campo.

interstícios das relações capitalistas saqueiam a renda dos camponeses, podem ser observados nos trechos a seguir.

Eu me lembro, antes, meu Deus! Era poblema em cima de poblema com essas vaca. Era, Deus o livre! Você corria ali na veterinária, lá se ia setenta, oitenta. Uma vez uma vaca não podia cria. Daí até o veterinário chega aí, a muié veia e o meu mano ali, garraram e tiraram o ternero. Daí o veterinário chego e só limpo, só tiro o resto da placenta ali. Eu não tava. Cobro cento e oitenta real. As vezes o dinheiro do leite não chegava. Chegava o final do mês, não dava pá paga as conta, né? Agora graças a deus mudo. (A. S., Comunidade Nova Conquista, Assentamento Ireño Alves dos Santos, janeiro de 2015).

[...] é muito poca coisa. É o mineral, é o sal comum que a gente que nem faiz um pouco de mineral em casa, então, diminui os custo, né? E a própria homeopatia e as própria varcina que quando chega novembro, outubro, novembro que a gente faiz em tudo o rebanho aí dá um gastinho a mais. Mas em maio é só até 24 meses daí é poca coisa. Mas o gasto não é muito. É poca coisa. Não dá pra gente se assusta não. É bem menos que esse povo que produz o outro leite aí. [...] é bem insignificativo. É a gente trabaia com um sistema preventivo, né? Que nem o próprio da mastite, né? É seis pila o vidrinho a gente dá pras vacas prevenindo, graças a Deus nunca acontece de mastite assim, nunca mais. (D. L.; T. L., Comunidade Nossa Senhora Aparecida, Assentamento Ireño Alves dos Santos, janeiro de 2015).

É neste sentido que a comercialização do leite agroecológico tem se revelado enquanto alternativa (embora ainda modesta e com muitas limitações), de resistência forjada pelos camponeses para a perpetuação destes na terra de trabalho. Ou seja, na negação à apropriação indébita, pelo capital, da renda da terra não capitalista produzida pelos camponeses. Cabe apontar ainda, um elemento central no processo agroecológico que extrapola o caráter econômico da produção, este é o debate nos grupos em transição ou entre vizinhos, que gera aprendizados, politização, conscientização e colaborações mútuas reverberadas em processos de enfrentamentos coletivos.

Assim, com o domínio do território, os camponeses dos assentamentos pesquisados têm praticado também formas de agricultura ofensivas ao padrão agrícola convencional, caracterizado pelo elevado uso de agrotóxicos, fertilizantes químicos, sementes híbridas e geneticamente modificadas, máquinas e equipamentos elaborados nos interstícios das relações capitalistas e, politizado, perante a sociedade em geral, o debate em torno da função da agricultura. Todavia, os camponeses que se dedicam a agroecologia, nos assentamentos elencados, enfrentam um conjunto de limites e desafios. Estes, segundo os camponeses, referem-se a: visão da maioria dos assentados no dinheiro imediato; dificuldades de participação das pessoas nos grupos de famílias em transição/certificadas; problemas para o transporte e comercialização; pouco recurso e endividamento de muitas famílias assentadas; falta de mão de obra familiar; o arrendamento de terras; necessidade de aumento das formas de comercialização; dificuldades das famílias em manter a certificação; problemas com a periodicidade das reuniões dos grupos; desconhecimento da realidade de cada família dos grupos; distância física entre as famílias de um mesmo grupo; limites na infraestrutura produtiva (adubação, maquinários etc.); desistência do processo de transição por algumas famílias; e a pouca diversificação em escala comercial dos lotes.

Capitaneados pelo conjunto de avanços e limites à agroecologia, muitos desafios a curto e longo prazo se impõem aos assentados abrangidos pelas presentes observações. Frisam-se alguns elencados pelos camponeses em suas discussões nos grupos de famílias: criar planejamento para o processo de transição alçar à certificação; buscar formas para o controle do agrotóxico vindo das propriedades vizinhas (promover a campanha contra o uso de agrotóxicos para conscientizar a sociedade); manter a certificação da produção de leite e hortifrutigranjeiros; melhorar a organização e articulação entre os grupos promovendo a cooperação em diversas instâncias; ampliar o número de famílias em processo de transição

e certificadas; fazer mais eventos para formação; acessar linhas de crédito específicas para a produção agroecológica a exemplo do PLANAPO; fortalecer a recém-criada Cooperativa Agroecológica Ireno Alves (COOPAIA); produzir a matéria-prima para formar uma padaria orgânica; buscar novos canais para comercialização; melhorar a organização da produção nos lotes; focalizar o trabalho da ATER na conversão da produção convencional para agroecológica; garantir a preservação ambiental dos lotes, mesmo em casos que houver arrendamentos; aumentar a participação das famílias já envolvidas; diversificar a produção; realizar estudo de mercado sobre a demanda de produtos orgânicos; potencializar as ações daquelas famílias que já estão trabalhando no processo de conversão; e a agroindustrialização da produção.

Tanto o MST quanto o CEAGRO têm empregado recursos financeiros e humanos de forma continuada visando à conversão, de forma massiva, da matriz produtiva na região, de modo especial, nos assentamentos aqui selecionados. Contudo, tem-se verificado que a adesão dos assentados ao processo de transição agroecológica, embora significativa, atinge menos de 5% do total de 2.623 camponeses dos assentamentos em apreço. Quer dizer, mesmo com inúmeras atividades organizadas neste sentido, não existe uma efetividade no processo de transição agroecológica da produção, sendo que até o presente momento, apenas dois lotes converteram totalmente a sua produção e obtiveram a certificação de agroecológicos. Outra característica a considerar que possa obstar à conversão massiva da produção decorre da própria ideologia da agroecologia, ou seja, produção em harmonia com a natureza e a condição secundária que a produção de mercadorias goza no modo de vida camponês. Porém, em pequena escala tem se percebido alguns avanços nessa direção, como a diminuição do uso de agrotóxicos por parte de alguns vizinhos aos lotes agroecológicos e o plantio dos gêneros para o autoconsumo na divisa com estes lotes. Isto evidencia a preocupação peculiar aos camponeses de cuidado com os alimentos consumidos pela família, como relata um casal de assentados que possuem o lote certificado como agroecológico no assentamento Ireno Alves dos Santos:

Aqui mesmo, não quero ir longe. Aqui desse lado aqui. Era planta e planta e não tinha. E lavado de veneno direto. Se bem que eles lidam com um pouco de fumo que é um... é lá no cantinho, prá lá, complicado. Mas tão abandonando tudo. E tão aí fazendo piquete, do jeito deles, assim que nem eu era também, né? Mas pode ser um começo. Má ta aí plantando pasto direto e graças a Deus pararam de usar tanto veneno, aqui pra cá já nem usaram mais esse ano, nadica, só na grade, trator plantaram pasto, tão plantando pasto. E isso aí nossa! Eu vejo que pra mim foi um avanço, porque se eu aqui não uso o outro ali começa não usa também, o outro de cá também, aqui também já fez uma planta de milho tudo na enxada com a piazada dele. Planta até pro consumo dele, pa come, aqui na minha divisa que eu não uso veneno, então, o exemplo da gente que vai arrastando também, né? (D. L.; T. L., Comunidade Nossa Senhora Aparecida, Assentamento Ireno Alves dos Santos, janeiro de 2015).

Faz-se necessário lembrar que embora a projeção das potencialidades da agroecologia seja recente, esta se nutre de um conjunto de conhecimentos acumulados secularmente pelos povos camponeses combinando-os com o saber cientificamente sistematizado. Esta soldagem tem construído importante ferramenta social de negação e enfrentamento à agricultura capitalista, preservando elementos de autonomia emanados do controle territorial associado à ressignificação dos saberes tradicionais, conferindo unidade aos processos destoantes de apropriação/produção capitalista no campo. Assim, a agroecologia confronta o ímpeto expansionista das corporações que impõe formas de controle territorial impérvias aos sujeitos e territórios aqui privilegiados para efeito de análise.

A partir do exposto se caracteriza a agroecologia como parte das estratégias de recriação dos camponeses, mesmo que nos assentamentos em investigação esteja sobreposta pela agricultura quimificada, cuja incorporação resulta tanto do apelo de redenção econômica quanto da aparente inexorabilidade do paradigma tecnificante. Como princípio, a

agroecologia apresenta-se como uma perspectiva de ruptura ao paradigma de desenvolvimento hegemônico, logo, considera-se o incentivo e a realização desta, mesmo que incipiente conforme visualizada nos assentamentos, como uma das formas de enfrentamento ofensivo aos esquemas engendrados pelo modelo de agricultura capitalista. Tal problemática em tela pode ser abordada à luz do Paradigma da Questão Agrária (FERNANDES, 2013), ao qual metodologicamente converge este texto, pois parte de uma perspectiva social, econômica, ambiental e cultural, alinhavadas a reprodução da vida e não do lucro tal qual a concepção convencional de desenvolvimento contemplada no Paradigma do Capitalismo Agrário, aqui refutada. Neste processo a presença do MST e instituições vinculadas a este na organização e proposição da agroecologia é fundamental para a resistência e recriação do campesinato.

Considerações finais

Fundamentalmente, a análise exposta evidencia as disputas paradigmáticas estabelecidas nos territórios. A modernização e industrialização da agricultura causaram profundas alterações na forma de produzir dos camponeses, inclusive daqueles assentados, levando-os, em muitos casos, a tecnificação, “integração” a empresas capitalistas e produção de *commodities* agrícolas destinadas à exportação. Esta submissão ao patamar técnico dominante, afeta a autonomia camponesa exercida em seus sítios e resulta na subordinação da renda da terra camponesa, seja pela compra de maquinários, sementes, fertilizantes, agrotóxicos ou pela comercialização da produção agrícola. Em outras palavras, há a territorialidade do agronegócio no território camponês. Apesar de todos os imperativos inerentes as relações de subordinação expostas, os camponeses continuam donos de seu tempo e território, sendo que as estratégias de produção econômica e reprodução social são mais amplas, verificando-se uma infinidade de artifícios econômicos e políticos externos as relações capitalistas. Além disso, a subalternidade à agricultura capitalista é contraditória, pois em muitas ocasiões possibilita a reprodução do grupo familiar constituindo-se em mais uma estratégia de existência do campesinato. É justamente este arranjo presente no território camponês que remete ao entendimento deste a partir da combinação entre variadas estratégias que remetem as mais diversas trajetórias: sejam de autonomia ou de subalternidade que contraditoriamente garantem a resistência.

Se as contradições são inerentes ao campesinato, também é um conjunto de formas de resistência tecidas no enfrentamento ao capital, sejam elas produzidas coletivamente a partir da organização no MST ou próprias do devir histórico do campesinato que cotidianamente na luta pela sua existência cria e reproduz ações de negação ao sistema capitalista. A agroecologia se apresenta como tal. Deste modo, ao contrário de análises que defendem a homogeneização do espaço pelas relações capitalistas, têm se evidenciado no desenvolvimento do presente estudo, a efetiva participação do campesinato na construção dos territórios destacados. Entretanto, é preciso resaltar que tal construção é permeada por disputas e conflitos territoriais internos aos assentamentos rurais. Assim, é a partir do entendimento de que os assentamentos rurais são territórios, estando, portanto, em permanente conflito, que se busca compreendê-los.

Referências

ALMEIDA, R. A. de. **Identidade, distinção e territorialização: o processo de (re)criação camponesa no mato grosso do sul.** 2003. 390f. Tese (Doutorado em Geografia). Faculdade de Ciências e Tecnologia da Universidade Estadual Paulista, Presidente Prudente, SP.

COCA, E. L. de F. **Um estudo da diversidade e atualidade na reforma agrária: análise dos tipos de assentamentos do território Cantuquiriguaçu – estado do Paraná.** 2011. 250f.

Dissertação (Mestrado em Geografia). Faculdade de Ciências e Tecnologia da Universidade Estadual Paulista, Presidente Prudente, SP.

CHAYANOV, A. V. **La organización de la unidad económica campesina**. Buenos Aires: Nueva Visión, 1974.

ETGES, V. E. **Sujeição e resistência**: os camponeses gaúchos e a indústria do fumo. Santa Cruz do Sul: FISC, 1991. 209p.

FABRINI, J. E. **A resistência camponesa nos assentamentos de sem-terra**. Cascavel: Edunioeste, 2003. 275p.

FABRINI, J. E.; ROOS, D. **Conflitos territoriais entre o campesinato e o agronegócio latifundiário**. São Paulo: Outras Expressões, 2014. 144p.

FERNANDES, B. M. Sobre a Tipologia de Territórios. *In: Territórios e territorialidades: teorias, processos e conflitos*. São Paulo: Expressão Popular, 2009.

FERNANDES, B. M. **Construindo um estilo de pensamento na questão agrária**: o debate paradigmático e o conhecimento geográfico. 2013. v.1. 344 f. Tese (Livre-Docência em Geografia). Faculdade de Ciências e Tecnologia da Universidade Estadual Paulista. Presidente Prudente. Disponível em <<http://www2.fct.unesp.br/nera/ltd/textos-volume1-bmf2013.pdf>>. Acesso em: 30 de outubro de 2013.

FERNANDES, B. M. Entrando nos territórios do território. *In: PAULINO, E. T.; FABRINI, J. E. (orgs.). Campesinato e territórios em disputa*. São Paulo, SP: Expressão Popular, 2008. p. 273-301.

FERNANDES, B. M. Sobre a tipologia dos territórios. *In: SAQUET, M. A.; SPÓSITO, E. S. (orgs.). Territórios e territorialidades: teorias, processos e conflitos*. São Paulo, SP: Expressão Popular, 2009. p. 197-216.

FERNANDES, B. M. Territorialidade. *In: Dicionário de Políticas Públicas*. São Paulo: Editora da Unesp, 2015.

GARCIA JÚNIOR, A. R. **O sul, caminho do roçado**: estratégias de reprodução camponesa e transformação social. São Paulo, SP: Marco Zero, 1989. 285p.

LEFEBVRE, H. **A produção do espaço**. Trad. Doralice Barros Pereira e Sérgio Martins (do original: *La production de l'espace*. 4ª éd. Paris: ÉditionsAnthropos, 2000). Primeira versão: fev. 2006.

MARTINS, J. de S. **Os camponeses e a política no Brasil**: as lutas sociais no campo e seu lugar no processo político. Petrópolis, RJ: Vozes, 1981. 185p.

OLIVEIRA, A. U. de. **Modo capitalista de produção e agricultura**. 2. ed. São Paulo, SP: Ática, 1987. 88p.

OLIVEIRA, A. U. **A agricultura camponesa no Brasil**. 4. ed. São Paulo, SP: Contexto, 2001. 164p.

PAULINO, E. T. **Por uma geografia dos camponeses**. 2ª ed. São Paulo, SP: Editora da UNESP, 2012. 438p.

PAULINO, E. T. Sujeição da renda camponesa da terra no contexto da monopolização do território pelo capital. **Revista da Associação dos Geógrafos Brasileiros – Seção Três Lagoas**, Três Lagoas, MS, Ano 01, V.01, N. 01, novembro 2004.

PAULINO, E. T.; ALMEIDA, R. A. **Terra e território**: a questão camponesa no capitalismo. São Paulo, SP: Expressão Popular, 2010. 112p. (Geografia em movimento).

RAFFESTIN, C. **Por uma geografia do poder**. São Paulo: Ática, 1993.

ROOS, D. **Contradições na construção dos territórios camponeses no Centro-Sul paranaense**: territorialidades do agronegócio, subordinação e resistências. 2015. 391 f. Tese (Doutorado em Geografia). Faculdade de Ciências e Tecnologia da Universidade Estadual Paulista, Presidente Prudente, SP.

SANTOS, M. **A Natureza do Espaço**. São Paulo: Hucitec, 1996.

SHANIN, T. Lições Camponesas. *In*: PAULINO, E. T.; FABRINI, J. E. (orgs.) **Campesinato e territórios em disputa**. São Paulo, SP: Expressão Popular, 2008. p. 23-47.

Educação do/no Campo, um território em disputa: avanços e conquistas

Maria Isabel Farias

Universidade Federal do Paraná-UFPR Setor Litoral

mariaisabel.mif@gmail.com

Resumo

A Educação do Campo apresenta uma concepção de educação, de sociedade e de escola e está pautada em princípios que vêm ao encontro dos interesses da classe trabalhadora, que sempre teve o direito à educação negado ou precarizado. Por isso, está na contraposição de uma educação marcada pela negação. Muitas conquistas e avanços aconteceram nesses 20 anos; podemos afirmar que a Educação do Campo conquistou um território em constante disputa. Desde a década de 1990, período em que a Educação do Campo tem sua efervescência, consideramos alguns marcos importantes nesse processo: Movimento por Uma Educação do Campo e sua luta para abrir brechas no Estado, construção de propostas e escolas para o campo; elaboração de legislação; conquista de territórios institucionais, criação de Articulações e Comitês, produção de material pedagógico. Foi dessa forma que a Educação do Campo ocupou o espaço e territorializou-se.

Palavras-chave: Território; Educação do Campo; Escolas do Campo; Estado; Políticas Públicas.

Educación del/en el Campo, un territorio en disputa: logros y avances

Resumen

La Educación del Campo presenta una concepción de educación, de sociedad y de escuela y se guía por los principios que satisfacen los intereses de la clase trabajadora, que siempre se ha negado el derecho a la educación o precaria. Por lo que es está en contraste con una educación marcada por la negación. Muchos logros y avances ocurrieron en estos 20 años; podemos decir que la educación del campo ganó un territorio en disputa constante. Desde la década de 1990, período durante el cual la educación del campo tuvo su efervescencia,

consideramos algunos puntos importantes en este proceso: un movimiento para la educación del Campo y su lucha para abrir brechas en el Estado, la construcción de escuelas y propuestas para el campo; la redacción de la legislación; el logro de los territorios institucionales; la creación de Juntas y Comités; y la producción de material pedagógico. Fue así como la Educación del Campo ocupó espacio y se territorilizó.

Palabras-clave: Território; Educación del Campo; Escuelas del Campo; Estado; Políticas Públicas.

Education of the Countryside, a territory in dispute: progress and achievements

Abstract

Education of the countryside presents a conception of education, society and school and is guided by principles that corroborate with the interests of the working class, which has always been denied the right to education or had it precariously. So it is in contrast to an education marked by denial. Many achievements and advances happened in these 20 years; we can say that the Education of the Countryside earned a territory in constant dispute. Since the 1990s, during which the Education of the Countryside has its effervescence, some important facts in this process are considered: A Movement for Education of the Countryside and its struggle to open gaps in the state, building schools and establishing proposals for the field; drafting legislation; achievement of institutional territories, creating joints and committees and the production of teaching material as well. That's how the Education of the Countryside occupied and conquered its space.

Key-words: Territory; Rural Education; State; Public policy.

Apresentação

Este trabalho é resultado de um processo investigativo que há algum tempo nos traz inquietações a ponto de buscar compreender a dinâmica dos processos de territorialização da Educação do Campo e das Escolas do Campo. Identificamos movimentos nos quais percebemos períodos de avanços e conquistas, e outros de estagnação. Essa temática tem forjado um aprofundamento teórico e, ao mesmo tempo, desafia para entender o

engendramento dessas dinâmicas. Essa investigação mostrou a necessidade e a importância da pesquisa como educadora militante, para contribuir na luta pela Educação do Campo, qualificar as escritas, ter mais capacidade de análise e compreender melhor a dinâmica de disputas na qual a Educação do Campo está inserida. Essa discussão é um fragmento da minha dissertação de Mestrado, com a intencionalidade de mostrar que houve a territorialização, que esse território é disputado e que para mantê-lo é preciso de propriedade teórica, condições de debate, construção com resistência e luta por Políticas Públicas.

A Educação do Campo vem travando lutas e disputas para demarcar um território e que nessa condição encontra-se em permanente estágio de alerta, pois propõe uma educação que parte da realidade, que forja sujeitos capazes de compreender as relações estabelecidas na sociedade.

Quando tratamos da Territorialização da Educação do Campo, precisamos olhar para uma história recente, que é a década de 1990, na qual tem início o movimento por Uma Educação do Campo, frente ao fechamento de escolas, com políticas educacionais de precarização, de instrumentalização, fechamento de cursos, entre outros. Nesse sentido, a Educação do Campo foi forjada no estudo das políticas educacionais, na conquista do Pronera e seus inúmeros cursos de formação; nos espaços institucionais conquistados, entre eles coordenações, secretarias e universidades; nas escolas; na organização; e luta dos Movimentos Sociais.

No Paraná, a conquista de um espaço institucional em 2003, que cria na Secretaria de Estado da Educação um território institucional importante para a Educação do Campo no estado – a Coordenação Estadual da Educação do Campo (CEC) –, é parte desta investigação.

A territorialização foi forjada também na construção de legislação, como as Diretrizes Operacionais (2002) e as Diretrizes Curriculares para a Educação do Campo no Estado do Paraná, o Parecer 1011/2010, bem como resoluções, instruções e a Proposta Pedagógica para as Escolas Itinerantes no Paraná. Quanto às políticas nacionais, destacamos as Diretrizes Operacionais, as Diretrizes Complementares, o Decreto 4783/2010, entre outras. Identificamos que para a territorialização da Educação do Campo se faz necessário entender que estamos na disputa de concepções; de um lado a agricultura camponesa com a produção diversificada, com escola e gente no campo, e do outro o agronegócio, com a monocultura, com a tecnologia, os recursos e o Estado a seu favor. E é nessa contraposição que nos situamos.

O território da Educação do Campo

Compreender o que é território, segundo a luz de alguns importantes geógrafos que fizeram e têm feito essa abordagem, parece-nos ser fundamental. O território é uma categoria de análise, bastante usada pela geografia, e especialmente útil para entender nosso objeto. Segundo Raffestin, o território:

[...] se forma do espaço, é o resultado de uma ação conduzida por um ator sintagmático (aquele que realiza um programa) em qualquer nível. Ao se apropriar de um espaço, concreta ou abstratamente, o ator territorializa o espaço (RAFFESTIN, 1980, p. 128).

Raffestin (1980) também faz menção ao que Lucien Lefebvre define sobre os conceitos de espaço e território, ao mostrar que o território é um espaço onde se projetou um trabalho, seja energia e/ou informação, e que, por consequência, revela relações marcadas pelo poder. Para Lefebvre, produção transforma-se em território nacional, espaço físico, balizado, modificado, transforma um território por meio de rodovias, estradas de ferro, circuitos comerciais e bancários, rodovias, entre outras.

Santos (1999) define território da seguinte maneira:

O Território é o lugar em que desembocam todas as ações, todas as paixões, todos os poderes, todas as forças, todas as fraquezas, isto é, onde a história do homem plenamente se realiza a partir das manifestações da sua existência (SANTOS, 1999, p.08).

E diz mais:

O território não é apenas o conjunto dos sistemas naturais e de sistemas de coisas superpostas. O território tem que ser entendido como o *território usado*, não o território em si. O território usado é o chão mais a identidade. A identidade é o sentimento de pertencer àquilo que nos pertence. O território é o fundamento do trabalho, o lugar da residência, das trocas materiais e espirituais e do exercício da vida (SANTOS, 1999, p.08).

Para Fernandes (2005), temos territórios materiais e imateriais:

[...] os materiais são formados no espaço físico e os imateriais no espaço social, a partir das relações sociais por meio de pensamentos, conceitos, teorias e ideologias. Territórios materiais e imateriais são indissociáveis, porque um não existe sem o outro e estão vinculados pela intencionalidade. A construção do território material é resultado de uma relação de poder, que é sustentada pelo território imaterial como conhecimento, teoria e ou ideologia (FERNANDES, 2005).

Podemos, então, afirmar com base nos autores que nos ajudam neste texto que, para definirmos território, temos que considerar pelo menos: o espaço; as relações de poder; os sistemas naturais; a identidade; sentimento de pertença; o lugar da residência; o fundamento do trabalho; as trocas; as projeções; a ideologia; a construção social; as relações econômicas e culturais; e compreender que esse território está em constante disputa.

A partir dessas colocações, compreendemos que a Educação do Campo tem uma concepção de sociedade, de mundo e de escola, bem como compõe um território que agrega a identidade, a pertença, o trabalho e que resiste. Ou seja, organizada em um território de resistência e em disputa, e nisso a apropriação de um determinado território.

A Educação do Campo vem se territorializando ao forjar conquistas, muitas delas, por dentro “do Estado”, por meio de políticas públicas que, na sua grande maioria, são demandas sociais. Podemos citar em especial as licenciaturas em Educação do Campo com formação por área do Conhecimento, concursos específicos para docentes e técnicos, uma coordenação nacional, um fórum nacional com participação dos movimentos sociais, que estão desde a origem e compreendendo que, assim como garantir terra, é essencial, é preciso também garantir Educação no/do Campo. Por isso, a Educação do Campo vem disputando um território de relações de poder e se consolidando nas últimas duas décadas.

A ampliação das discussões em torno da Educação do Campo tem perpassado muitas universidades públicas, movimentos sociais e organizações, tomando para si a discussão que trata do direito à educação e, de preferência, próximo ao local de moradia, fortalecendo a luta pela Educação do Campo e, conseqüentemente, ampliando sua abrangência.

Vale observarmos aqui que não é a universidade como um todo, mas alguns grupos que estão nela e que compreenderam a importância dessa temática, portanto a estão levando para dentro das estruturas do Estado por meio de um de seus instrumentos, como ressalta Linera (2010) ao considerar o sistema de ensino como parte do Estado e, assim, delimitando territórios nessa disputa.

O Movimento por Uma Educação do Campo e as universidades que estão na luta pela permanência das escolas no/do campo têm que estar atentos para essa disputa de território, que é contínua.

Portanto, precisamos entender também que o Estado concentra relações de poder intrinsecamente estabelecidas e naturalizadas nas ações e encaminhamentos. Para Linera (2010), sempre que precisarmos escrever o Estado poderemos fazer pelas instituições, uma vez que não há Estado sem instituições. Dessa forma, o estado ganha forma material, mas é também todo um agrupamento de concepções, aprendizados, saberes, expectativas e conhecimentos que o caracteriza como imaterial, como afirma Fernandes (2005).

Nessa perspectiva, considerando que historicamente o Estado capitalista trabalha uma educação excludente, formando para o capital, e a escola acaba reproduzindo essa organização de forma natural, seguindo currículos que não condizem e tempos que não correspondem à realidade, é necessário pensar uma educação que supere a dicotomia campo/cidade e percebemos que tem sido em grande parte a luta na territorialização da Educação do Campo.

A Educação do Campo busca olhar os sujeitos e considerar as diferenças de acúmulos de cada um/uma e nisso consiste perceber que o campo necessita de uma educação que seja pensada olhando para suas especificidades, bem como que o currículo urbano não dá conta de contemplar, tornando-se incapaz de enxergar esse espaço com suas características e funções específicas e nem por isso menos importante, fazendo dele um apêndice do urbano, como se só existisse produção de conhecimento em um determinado lugar que, nesse caso, é na cidade.

O sistema educacional pensado e organizado por meio do currículo, dos tempos e do calendário escolar desconsidera as diferenças próprias de cada região, num movimento intencional de nivelar os saberes a serem trabalhados em processos formativos diferentes, em que são desconsideradas as condições sociais, econômicas e culturais. Essa escola é pensada para a classe trabalhadora e não com a classe trabalhadora.

Ao pensar, porém, no Brasil e nas diferenças de clima, solo, vegetação, cultura e costumes, verifica-se que não cabem num mesmo currículo e então, em contraposição, há a disputa que consiste em forjar um outro olhar e, assim, mostrar a necessidade de cada realidade, com produção de conhecimento.

Frente a essas questões, pensar no campo e qual escola se quer para esse campo tem aproximado muitas pessoas, instituições e movimentos sociais que buscam por meio de políticas públicas materializar ou tornar mais próximo da realidade uma Educação do Campo que se contraponha ao que já está posto. E uma das formas é consolidando políticas públicas, produzindo materiais, organizando escolas e pensando propostas pedagógicas que tornem mais palpável a educação que se quer para o campo. E é nessa concretude que se territorializa a Educação do Campo!

Conquistas e avanços no Paraná: ocupando um território institucional

No ano de 2003, o Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra, juntamente com a Articulação Paranaense por Uma Educação do Campo¹, que compreende movimentos sociais, universidades e organizações, instituem na Secretaria Estadual de Educação uma Coordenação Estadual da Educação do Campo – CEC, criada para ser “um espaço de articulação entre o poder público e a sociedade civil organizada” (PARANÁ, 2006, p. 21). A partir daí a Educação do Campo ocupa um território dentro do espaço institucional da Secretaria de Estado da Educação e vai construindo e ampliando um espaço que foi demandado pelos movimentos sociais.

Assim, foi a partir dos de 2003 que se abriram outras possibilidades de adentrar o Estado, sendo criadas coordenações nas secretarias estaduais e municipais, além de comitês, articulações e fóruns estaduais, bem como o Fórum Nacional – Fonec. Nas universidades organizam-se os cursos de Licenciatura em Educação do Campo a partir de 2008. Esses fatores contribuíram fortemente na territorialização da Educação do Campo. No ano de 2008 é publicada a Resolução CNE/CNB nº 2, de 28 de abril de 2008, que estabelece diretrizes complementares, normas e princípios para o desenvolvimento de políticas públicas de atendimento à Educação Básica do Campo, 7 anos após a publicação das Diretrizes Operacionais. Isso acontece depois de um forte tensionamento para acrescentar o que havia faltado no documento de 2002.

Esse território só foi organizado porque havia um debate nacional sobre a Educação do Campo e especificamente no Paraná, em 1998, com a Carta de Porto Barreiro e a criação da Articulação Estadual por uma Educação do Campo no ano de 2001, um marco histórico para a Educação do Campo no estado. Começava a ser cunhado um espaço/território para, institucionalmente, ter força para organizar e disseminar a concepção de Educação do Campo nas escolas.

A partir da ocupação do território institucional, citando Fernandes (2009, p. 202), que afirma: “os territórios são formados por diferentes relações sociais” é que tem início a estruturação desse espaço (inexistente até 2003), mas que com as novas brechas criadas no estado, essa organização se torna possível. A Coordenação Estadual chega com a intenção primeira de organizar as Escolas Itinerantes e, posteriormente, passa a pensar numa proposta de Educação do Campo para as Escolas do Campo tendo, porém, que lidar com as relações/reações/ações burocráticas e políticas que isso implicou. Assim, a ocupação se faz por dentro do Estado.

A Coordenação da Educação do Campo nasce colada à Superintendência de Educação que, para entendermos melhor, está na hierarquia de poder abaixo da diretoria

¹ A Articulação Paranaense foi criada no ano de 2001.

geral e do Secretário de Educação. Ao pensar em como se estruturou a CEC dentro da Secretaria Estadual da Educação, citamos Linera (2010) quando diz que o Estado é material e ideal, com escolas físicas, materiais didáticos, crenças, obediências, submissões e símbolos. É assim que visualizamos a Educação do Campo em meio à organização hierárquica: com as relações de poder e a burocratização do Estado, num processo contraditório², mas necessário para territorializar.

Ao ocupar esse espaço dentro do “território institucional”, a Educação do Campo demarcou concretamente um lugar e com isso, a possibilidade de ganhar força com a totalidade das Escolas do Campo, organizando um espaço que antes era inexistente na estrutura do Estado, mas agora é legitimado pelo próprio Estado. Essa conquista significou força política, permitindo o “iniciar de uma construção pedagógica” para as Escolas do Campo.

Pois bem, a territorialização da Educação do Campo já era fato. Agora, como era compreendida dentro da estrutura? Outra questão importante foi o caminho para chegar às escolas, por meio da Seed. O MST teve papel relevante nessa territorialização. As demandas pensadas para as escolas itinerantes acabavam sendo ponto de partida para pensar um conjunto de ações para a totalidade das escolas. Para exemplificar, citamos os critérios do Processo Seletivo Simplificado – PSS, e Instruções Normativas. Isso dava a dimensão de que era preciso organizar também as outras ações.

A CEC lidava cotidianamente com situações que a colocavam em embates e tensões, porque ao tratar da Educação do Campo afloravam os preconceitos e questionava-se a ideia de que é o Estado quem deve dizer qual é a Educação a ser trabalhada. Como a Educação do Campo tem outra concepção e entende que o Estado deve ser demandado sempre que eram apresentadas necessidades que não eram vistas e nem atendidas, porque ficam no campo da especificidade, da realidade que uma educação hegemônica não percebe, causava um estranhamento na Seed, e não poucas vezes a coordenação precisa justificar suas ações.

A Educação do Campo nasce para contrapor uma concepção de educação oferecida para o campo e como lembra Caldart (2004, p. 23-5), algumas questões /posições que já foram incorporadas no nosso ideário: a) a Educação do Campo é incompatível com o modelo de agricultura capitalista; b) tem vínculo de origem com as lutas sociais camponesas; c) defende a antinomia rural e urbana e da visão predominante de que o moderno e mais avançado é sempre o urbano; d) participa do debate sobre desenvolvimento, assumindo uma

² Neste caso ela também se fez presente no grupo que assume a coordenação, com indicações do MST e pela Articulação Paranaense tendo como primeira coordenadora Sonia Schwendler, com a tarefa inicial de coordenar de dentro da Seed a implantação das 10 Escolas Itinerantes nos acampamentos da Reforma Agrária no Paraná.

visão de totalidade, em contraposição à visão setorial e excludente que ainda predomina em nosso país.

Nessa perspectiva, entendemos perfeitamente o porquê de tantas dificuldades que a CEC enfrentou no Estado, já que a forma de conceber a educação pelo viés dos movimentos sociais é incompatível com a concepção de Estado.

A questão é que a exposição das contradições pelas quais a CEC vivenciou apenas reafirmam a posição do Estado. Podemos afirmar que sim, a Educação do Campo constituiu um território. A nosso ver, um frágil território! Mas que, diante de tantas questões pertinentes, o que moveu esse território foi a força dos movimentos sociais, também sujeitos que amparados, tiveram a ousadia de transgredir em muitos momentos.

Temos elementos para afirmar que a Coordenação da Educação do Campo foi realmente uma conquista importante na territorialização da Educação do Campo, mesmo que na estrutura geral não tivesse a força que necessitaria para pensar ou elaborar políticas públicas necessárias ou, então, faltou a ela autonomia para elaborar uma proposta de Educação do Campo e transformá-la em política pública compatível com a concepção pela qual está embasada e fazer com que isso fosse refletido nas escolas, nas propostas pedagógicas e, conseqüentemente, repensar as práticas escolares. Mesmo assim, teve o caráter de fazer a discussão chegar até as escolas por meio das formações e propostas.

Essa CEC marca um período histórico em que acontece a efervescência da Educação do Campo como proposta de educação e ao abrir uma brecha no Estado, ocupa uma instância institucional.

Contudo, os avanços da Educação do Campo na SEED sempre dependeram de pessoas e coletivos com pertencimento e que por lá passaram, e também pela atuação do MST, pois, foi assim que se deram os embates e enfrentamentos para fazer andar demandas, para elaborar documentos, para fazer com que o Estado assumisse tarefas demandas e pensadas pelos Movimentos Sociais.

Nesse emaranhado de situações, a coordenação fez bastante, mas não o “suficiente” para deixar a Educação do Campo amparada na proposta de educação para as Escolas do Campo, considerando as dificuldades vividas dentro da Seed. Temos que lembrar a natureza do Estado para entender o porquê é tão difícil lidar com as demandas da Educação do Campo.

Nesse conjunto é preciso compreender também que a Educação do Campo não pode ficar só na dependência de estruturas do Estado para avançar no jeito de pensar e fazer educação, mas é preciso reconhecer, por exemplo, que o Estado é importante quando se trata da construção de Políticas Públicas e elaboração da legislação que asseguram os direitos. Não podemos pensar Educação do Campo fora do Estado, e nem sem as escolas, contudo, ficar engessado nas burocracias do Estado fará com que a direção seja “do Estado” e isso

tem barrado um avanço maior da Educação do Campo no Paraná, uma vez que limita a possibilidade de chegar às escolas.

Mesmo assim, adentrar o estado foi importante, porque possibilitou vários avanços como: o atendimento às Escolas das Ilhas, aos Povos e Comunidades Tradicionais (quilombolas, faxinalenses, pescadores, ilhéus e ribeirinhos), Programa ProJovem Campo – Saberes da Terra, Programa Escola Ativa³, Escolas Itinerantes dos Acampamentos do Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra, Escolas das áreas de Assentamento da Reforma Agrária, Comitê Estadual da Educação do Campo⁴, elaboração (2006) e disseminação das Diretrizes Curriculares da Educação do Campo, Diagnóstico das Escolas do Campo (2008/2010) e Articulações Político-Pedagógico para o fortalecimento da Educação do/no Campo no Paraná. Essas realidades eram tratadas na universalidade. Evidente que a Educação do Campo vem delimitando um território nesse contexto, no qual aproximadamente um quarto das escolas estaduais estão no campo.

Na experiência vivenciada na Coordenação Estadual da Educação do Campo, sabe-se que é necessário muito mais que políticas hegemônicas para as Escolas do Campo, mas percebemos que as políticas educacionais na sua grande maioria são hegemônicas, o que caracteriza esse Estado. Linera (2010) enxerga que há necessidade de uma política que contemple essas diferenças, e que ao mesmo tempo dê condições de funcionamento às escolas do campo.

As políticas públicas e a territorialização da Educação do Campo

Essa temática (políticas públicas) tornou-se essencial para a Educação do Campo, uma vez que vem associada à luta pela garantia dos direitos dos trabalhadores. A efetivação/implementação de políticas públicas educacionais que garantam a educação para os sujeitos do campo está intrínseca à luta pela Educação do Campo. Para Molina (2012, p. 585), “não é possível debater as políticas públicas sem utilizar outros quatro conceitos fundamentais: direitos, Estado, movimentos sociais e democracia”.

Portanto, a luta por políticas públicas nada mais é que a luta por direitos, e nessa luta os movimentos sociais são protagonistas. O acesso à educação é um direito constitucional e mesmo nessa condição, não garante o acesso desse direito para todos. E é justamente a negação que faz com que os “sujeitos coletivos” cobrem do Estado políticas públicas.

³ Contraditórios, mas que em um determinado período tiveram sua importância.

⁴Extinto no dia 17 de setembro de 2013 pelo fato do Estado não permitir condições de trabalho.

A legislação criada para os sujeitos que estudam e trabalham no campo também constitui uma forma de delimitar e disputar território, que se concretiza, por exemplo, nas Diretrizes Operacionais para a Educação Básica das Escolas do Campo, instituídas pela resolução CNE/CEB nº 1, de 3 de abril de 2002, e Resolução nº 2, de 28 de abril de 2008, que trata das diretrizes complementares, com normas e princípios para o desenvolvimento de políticas públicas de atendimento à Educação Básica do Campo e que trouxe embasamento legal para as Escolas do Campo.

Isso porque, quando a Educação do Campo surge como proposta nos finais dos anos 1990, é criado o Pronera⁵ (1998) como política pública, e em 2002 a elaboração das Diretrizes Operacionais pela Resolução CNE/CEB nº 1/2002, que respeita a lei maior (LDB), que destaca:

Art. 2º - Estas Diretrizes, com base na legislação educacional, constituem um conjunto de princípios e de procedimentos que visam adequar o projeto institucional das escolas do campo às Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil, o Ensino Fundamental e Médio, a Educação de Jovens e Adultos, a Educação Especial, a Educação Indígena, a Educação Profissional de Nível Técnico e a Formação de Professores em Nível Médio na modalidade Normal (BRASIL, 2002, p. 37).

Essas são conquistas importantes no campo dos direitos. As contradições fazem com que a Educação do Campo ande a passos lentos, mas caminhando. É considerável o avanço conquistado até então, mas é preciso muito mais para dizermos que a Educação do Campo está atendendo aos princípios nos quais é construída, isso porque estamos na contraposição; percebemos que muitas escolas estão se fechando para a discussão da Educação do Campo, justamente em um momento que se retoma a entrada de empresas e suas propostas para dentro das escolas, quando educadores são atacados em praça pública e escolas do campo e da cidade voltam a ser fechadas em grande número.

Nesse mesmo viés, o agronegócio, a mineração e o hidronegócio avançando no campo com sua concepção de mundo e com objetivos explícitos de que sujeitos precisam para manter a lógica que está pautada. É nesse contexto que a Educação do Campo vem demonstrando a urgência de um território com gente e com educação. Um território de resistência frente ao exposto.

Territorializando com elaboração de legislação

⁵ Programa Nacional de Educação na Reforma Agrária (Pronera). Por meio desse programa, cursos como Especialização em Educação do Campo e Residência agrária têm sido realizados Brasil afora.

Todas as conquistas são fruto das lutas dos “sujeitos coletivos”, que diante da negação histórica demandou a criação de uma legislação para a Educação do Campo, colocando-a na roda da existência documental e não mais tratada na forma de universal.

O uso das diretrizes nacionais serviu para que o Paraná organizasse também documentos estaduais que embasaram a legalidade das ações. Entre elas estão: as diretrizes curriculares da Educação do Campo, cadernos pedagógicos, resoluções, instruções, percurso formativo para as escolas, grupos de estudos, programas e ações, e o Parecer 1011/2010. Cada um com sua importância e resultado, marcando o território institucional⁶. Esse parecer intencionou marcar um território legal, além de, simbolicamente, ter representado um passo importante, já que foi construído para dar sustentação às escolas municipais e estaduais do campo.

Logo que o Parecer (já mencionado) é aprovado, a então Secretária Estadual de Educação⁷ pública a Resolução nº 4783/2010 – GS/SEED, que reconhece a Educação do Campo como uma política pública de Estado, o que também havia sido pautado pela coordenação estadual. O referido documento pode ser considerado um marco importante para a Educação do Campo no Estado.

Em 2010, a Coordenação da Educação do Campo e o Comitê Estadual da Educação do Campo⁸, nascidos de demandas dos movimentos sociais e universidades públicas, conseguem fazer com que o Conselho Estadual de Educação aprovasse o Parecer 1011/2010. Este nasceu pela necessidade de existir uma legislação estadual que normatizasse as Escolas do Campo, buscando embasamento legal e político, e que atendesse às escolas. Compreendeu-se, então, que era preciso usar o que o Estado considera legal (resolução, parecer, portaria, instrução etc.), formalizando, dessa maneira, um aparato jurídico-normativo para atender às “legítimas” necessidades das Escolas do Campo visando à territorialização, já que isso daria mais tranquilidade de permanência e trabalho para as escolas.

Esse parecer foi fundamental, uma vez que em 2011 outra gestão estava assumindo a Secretaria de Educação, e isso significava a continuidade ou a descontinuidade das políticas educacionais elaboradas até então.

Ressalta-se que no Parecer 1011/2010 a Escola decide, em conjunto da comunidade escolar, sobre a sua identidade com a seguinte orientação:

⁶ Refiro-me ao espaço ocupado dentro da Secretaria Estadual de Educação: a criação da Coordenação Estadual da Educação do Campo.

⁷ Yvelise Freitas de Souza Arco-Verde.

⁸ Em 2009 iniciou-se a organização do referido Comitê e foi institucionalizado em 2012, de natureza consultivo e propositivo, como uma das principais funções acompanhar a Educação do Campo no Paraná. No ano de 2013 foi extinto justamente porque o Estado inviabilizou sua existência.

A identidade da escola do campo é definida pelo contexto sociocultural no qual está inserida, entendido este como trabalho com a terra, moradia e produção da vida cultural centralizada nas relações sociais vividas no campo. A identidade da escola do campo deverá ser definida pela comunidade escolar em conjunto com a comunidade local, devendo participar do momento de definição os gestores municipais e representantes estaduais (SEED, 2010, p.14).

Mas o parecer não trata somente da identidade das escolas; prevê também várias ações para as escolas do campo, dentre elas: criar e implementar políticas públicas que garantam a existência e a manutenção da Educação do Campo, com qualidade; constituir, ampliar e fortalecer equipes de coordenação específica para o desenvolvimento das políticas de Educação do Campo, bem como comitês estadual e municipais, objetivando o acompanhamento técnico e pedagógico; o acesso à Educação Infantil e Ensino Fundamental nas comunidades rurais; a garantia, por parte do Estado, quanto ao acesso ao Ensino Médio e à Educação Profissional Técnica de Nível Médio, apontando para a infraestrutura, transporte escolar, calendário, entre outros aspectos. Do mesmo modo prevê que o Projeto Político Pedagógico e o Regimento Escolar devem contemplar a caracterização socioeconômica, política, cultural e socioambiental.

O Parecer 1011/2010 ressalta que o estado e os municípios devem garantir a criação e a permanência do funcionamento das Escolas no Campo, viabilizando a adequação do número de alunos e matrículas por turma, atendendo às demandas locais e específicas existentes, o que, na prática, não tem ocorrido, já que as escolas estão enfrentando o fechamento de turmas, o que caracteriza o não cumprimento da legislação. O fato é que esse Parecer, considerado com um divisor nas ações da CEC, devido à intencionalidade do seu caráter objetiva dar sustentação legal para as Escolas do Campo estaduais e municipais.

É essa legislação que tem orientado as Escolas do Campo no Estado, tanto para solicitar a autorização de escolas e/ou turmas, como também para impedir que turmas e escolas tenham suas atividades cessadas, pois, legalmente, há uma legislação que reconhece a Educação do Campo como uma política pública do Estado.

Não podemos esquecer qual é o papel desse Estado que, ao mesmo tempo, “permite” que a legislação seja elaborada, como é o caso desse documento, mas não garante a sua efetivação, porque fazer cumprir, nesse caso, mexeria com a estrutura física e pedagógica das escolas.

A característica das Escolas do Campo é o que marca a sua territorialidade, considerando que ao ocupar um território que é material, mantém um conjunto de relações que a tornam específica: o seu cotidiano e a organização da vida, que não são somente pedagógicas. Determinada pelo modo de vida da região, a escola agrega esses valores no

seu dia a dia, pois é lá que as pessoas se encontram, estudam, planejam e conversam. Podemos dizer que a escola é um espaço que reflete esse modo de vida.

Dessa forma, a Educação do Campo propõe estabelecer outras relações com a escola e com as outras dimensões, com também destaca Caldart (2004, p. 23-25): a) a Educação do Campo combina com reforma agrária, com agricultura camponesa, com agroecologia; b) pensa a Educação do Campo dos sujeitos do campo desde o vínculo com a luta pelos direitos das mulheres camponesas, com a luta pela reforma agrária e por um projeto camponês de desenvolvimento do campo, com a luta pela democratização do acesso à água, com a luta das crianças pelo seu direito à infância; c) busca construir outro olhar para a relação campo e cidade, visto do princípio da igualdade social e da diversidade cultural; d) reforça a ideia de que é necessário e possível fazer do campo uma opção de vida, vida digna.

Nesse conjunto de contradições, de posições e de embates enfrentados pela Educação do Campo, trazemos aqui a elaboração de Clarice Santos (2009, p. 94) que definiu três ciclos pelos quais têm passado a Educação do Campo desde 1997. Ela assim os define: **O primeiro ciclo** (grifo nosso) como sendo o ciclo da emersão da questão da Educação do Campo para o país, um ciclo de afirmação e reconhecimento do direito e um reconhecimento do direito em novas bases, da base das lutas sociais. **O segundo ciclo** (grifo nosso) identificado como o ciclo dos avanços e das conquistas para dentro do estado, na sua iniciativa de instituir novas políticas públicas advindas do protagonismo inaugurado pelos camponeses, por meio de suas organizações, no primeiro ciclo. **E o terceiro ciclo** (grifo nosso) da Educação do Campo é um ciclo de resistência para assegurar aquilo que se conquistou nos ciclos anteriores.

Essa questão é tão presente que podemos destacar os três ciclos olhando para o Paraná. O **primeiro**, em 1998, com a Carta de Porto Barreiro dá-se o ponta pé inicial no que tange à Educação do Campo e é a partir desse momento que muitas ações são organizadas no estado: o diálogo com as escolas, com o Estado, com os movimentos sociais e com as universidades. Ainda em 2001, é criada a Articulação Paranaense por uma Educação do Campo, composta pelo coletivo de sujeitos citados. A Articulação teve/tem um papel muito importante que foi/é o de articular, de fazer chegar a discussão a todos os segmentos e, por não ser institucional, pôde fazer os enfrentamentos. O **segundo** momento, a criação da Coordenação Estadual, dos cursos nas universidades e a legislação elaborada para firmar a Educação do Campo como política pública. O **terceiro** momento da Educação do Campo no Paraná é exatamente a luta para, pelo menos, manter as conquistas de até então. Isso porque, em 2011, inicia-se um período histórico delicado; um período de desconstrução, de acirramento, da negação dos movimentos sociais como protagonistas.

Quando abordamos os processos de territorialização entendemos que este momento é crucial e de muita luta para manter territorializadas as conquistas de até então, que são: os cursos nas universidades, a legislação elaborada, a produção de material, as Diretrizes Curriculares da Educação do Campo, a Articulação Paranaense por uma Educação do Campo, as Escolas Itinerantes, a Proposta Pedagógica por Ciclos de Formação Humana, entre outras.

Foi com essas ações que a territorialização da Educação do Campo se “efetivou”, mas que ainda precisa de políticas públicas que garantam sua existência, com o cumprimento dos direitos e a qualidade necessária de escolas boas no campo, com propostas pedagógicas específicas e com educadores engajados. Não podemos pensar na imparcialidade. A Educação do Campo é uma proposta de educação que é pedagógica, mas que também é política e que vai além da universalidade. Precisamos pensar nos povos do campo e buscar as especificidades para garantir direitos!

Considerações finais

A territorialização, como destacamos, deu-se de várias formas e em vários aspectos: no Estado, nas escolas, nas universidades, na produção jurídico-teórica que derivou desse conjunto de ações e de “sujeitos coletivos”.

É preciso romper com a visão de que a escola vai dar conta sozinha da formação, na sua totalidade. A história⁹ nos mostra que não podemos esperar que grandes mudanças ocorram por meio da escola; **ela é parte, não o todo.**

Dessa forma, a Educação do Campo compreende a escola como um dos espaços de construção e formação, na perspectiva que o aprendizado acontece dentro e fora dela.

O fato das Escolas do Campo estarem presentes em todo o Estado, numa espacialidade organizada por relações de poder, ou seja, a existência de escolas “no campo” ou de terem se identificado como tal, não significa que necessariamente trabalhem a Educação “do Campo”, pois esta ainda é considerada uma **opção pedagógica**. É opção pedagógica porque não há encaminhamento para a reorganização do currículo e do planejamento para que se discutam e contemplem as especificidades de todas as Escolas do Campo, embora haja uma resolução que a reconheça como política pública de Estado e que, nesse caso, depende da escola estar, ou não, engajada com a concepção de Educação do

⁹ A Educação Rural no Brasil foi uma educação menor, na qual ao filho do camponês bastava as primeiras instruções para mantê-lo no trabalho pesado.

Campo, registrando a presença no trabalho na Proposta Pedagógica e no Regimento da escola.

Considerando os marcos que apontam para a territorialização da Educação do Campo no Paraná, destacamos os seguintes: **a)** a Coordenação Estadual nasce forjada pelo MST e Articulação, na qual fazem parte outros movimentos, IES(Instituição de Ensino Superior), sindicatos, entre outros; **b)** instituição das Escolas Itinerantes com proposta pedagógica específica; **c)** proposta pedagógica para as escolas das ilhas, quilombolas e itinerantes; **d)** produção de cadernos pedagógicos; **e)** composição das equipes indicadas pelos movimentos; **f)** produção de legislação; **g)** os diversos cursos criados e mantidos por universidades públicas.

Quanto às barreiras principais elencadas nessa territorialização, destacamos: vontade política; estrutura das escolas; formação continuada; currículo; os setores internos da Seed perpassados por relações de “poder”; burocracias; orçamento; dificuldade em apresentar a Educação do Campo como uma possibilidade de política pública efetiva; distância entre a dimensão conceitual e política; e a falta de dados sistematizados, entre outras.

Enfatizamos que o que sustenta a diferença, e ao mesmo tempo a relação indissociável dos conceitos no/do Campo, para o Movimento da Educação do Campo baseia-se na seguinte concepção: “Uma educação que seja no e do campo. No: o povo tem direito a ser educado no lugar onde vive; Do: o povo tem direito a uma educação pensada desde o lugar e com a participação, vinculada à sua cultura e às suas necessidades humanas e sociais” (CALDART, 2002, p. 18).

A Educação do Campo precisa ser assumida por todos aqueles (indivíduos e coletivos) que entendem que o campo é um lugar onde há vida, direitos, deveres, conhecimento, relações humanas e sociais.

Referências

BRASIL. **Diretrizes Operacionais para a Educação Básica das Escolas do Campo.** CNE/MEC, Brasília, 2002.

BRASIL. **LDB 9394/96.** Brasília, 1996.

BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade. **Referência para uma política nacional de educação do campo:** caderno de subsídios. 2. ed. Brasília: MEC/SECAD, 2005.

BRUCE, Glauco; HAESBAERT, Rogério. A desterritorialização na obra de Deleuze e Guattari. **Nome da revista,** Rio de Janeiro, vol. 4, 2002.

CALDART, R. S. (Org.) **Dicionário da Educação do Campo**. Rio de Janeiro, São Paulo: Escola Politécnica de Saúde Joaquim Venâncio; Expressão Popular, 2012.

FERNANDES, Bernardo Mançano. A questão agrária no Brasil hoje: subsídios para pensar a educação do campo. **Cadernos Temáticos - Educação do Campo**, v. 1, p.15-22, 2005.

KOLLING, E. J.; Cerioli, P. R.; Caldart, R. S. (Orgs.). **Educação do campo: identidade e políticas públicas**. Brasília: Articulação Nacional por uma Educação do Campo, 2002.

MOLINA, M. C. A Constitucionalidade e a Justiciabilidade do Direito à Educação dos povos do campo. In: SOBRENOME, NOME. **Campo, política pública e educação**. Brasília: Nead, 2008. (Coleção Por uma Educação do Campo)

MOLINA, Monica Castagna (Org.). **Por uma Educação do Campo: contribuições para a construção de um projeto de Educação do Campo**. Brasília: 2004.

PARANÁ. Secretaria do Estado de Educação. **Diretrizes Curriculares da Rede Pública de Educação Básica do Estado do Paraná**. Local: editora, 2006.

PARANÁ. Secretaria do Estado de Educação. Parecer 1011/2010. 2010

RAFFESTIN, Claude. **Por uma geografia do poder**. São Paulo: Ática, 1980.

SANTOS, Clarice Aparecida dos. **Educação do Campo e Políticas Públicas no Brasil**. Dissertação de Mestrado. Universidade de Brasília – UnB, Brasília, 2009.

SANTOS, Milton. **A natureza do espaço: técnica e tempo, razão e emoção**. São Paulo: Hucitec, 1999.

SAQUET, Marcos Aurélio (Org.). **Territórios e territorialidades: teorias, processos e conflitos**. São Paulo: Expressão Popular, 2009.

O Estudo do Lugar na Escola do Campo¹

Franciele Druzian

Mestranda do Programa de Pós-Graduação em Geografia, PPGGeo/UFSM, bolsista da Fundação de Amparo a Pesquisa Do Rio Grande do Sul e Professora da Rede Municipal de Ensino do Município de Santa Maria/RS
e-mail: francidruzian@gmail.com

Ane Carine Meurer

Professora Doutora do Departamento de Fundamentos da Educação do Centro de Educação/CE e do Programa de Pós-Graduação em Geografia e Geociências da Universidade Federal de Santa Maria – PPGGeo/UFSM.
e-mail: anemeurer@gmail.com

Angelita Zimmermann

Mestranda do Programa de Pós-Graduação em Geografia, PPGGeo/UFSM, Técnica em Assuntos Educacionais da Universidade Federal de Santa Maria/RS.
e-mail: angelitazd@gmail.com

Aline Freitas Dezotti

Pedagoga, professora na EMEF Major Tancredo Penna de Moraes, da Rede Municipal de Ensino de Santa Maria/RS, especialista em Educação Infantil.
e-mail: aline.d.f@hotmail.com

Resumo

O texto é um estudo inserido no Programa de Pós-graduação em Geografia da Universidade Federal de Santa Maria. Com a finalidade de investigar, nas esferas teórica e prática, sobre o lugar – do campo -, com o viés centrado na Educação Infantil, buscou-se fazer um estudo do lugar da Escola Municipal de Ensino Fundamental Major Tancredo Penna de Moraes, de Santa Maria, no Rio Grande do Sul. A investigação trata o lugar como uma categoria significativa para contextualização sócio-histórica do espaço. Para isso, utilizou-se da abordagem qualitativa, pesquisa bibliográfica, fundamentada em autores da Geografia e da Educação do Campo, com o objetivo de trazer à discussão aspectos importantes da relação lugar e escolas do meio rural e suas imbricações com o processo de ensino e de aprendizagem, em interface com os sujeitos dessa relação. Essa proposta pretende contribuir para o fortalecimento da ideia de que a concepção de lugar é uma ferramenta-chave para o conhecimento dentro da Educação Infantil no campo.

Palavras-chave: Lugar; educação do campo; escola do meio rural.

The study of Place on the School of the Countryside

Abstract

The text is inserted into the Graduate Program in Geography, Federal University of Santa Maria study. Aiming to analyze the place of Municipal Elementary School Major Tancredo

¹ Esta reflexão é parte da Pesquisa de Mestrado “Educação Infantil do/no Campo: Que Fundamentos Teórico-Práticos são apresentados nesse Lugar”, vinculada ao Programa de Pós-graduação em Geografia da Universidade Federal de Santa Maria/UFSM/RS, com apoio (bolsa) da Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado do Rio Grande do Sul/FAPERGS.

Penna de Moraes, of Santa Maria, research treats the place as a significant category for socio-historical context of the space. For this, we used the qualitative approach, literature search, based on the authors of Geography and Education of the Countryside with the goal of bringing important aspects of the discussion regarding place and schools in rural communities and their overlaps with the process of teaching and learning, interface with the subject of this relationship. This proposal aims to contribute to the strengthening of reflections on Education of the Countryside today.

Keywords: Place; Education of the Countryside; the rural school.

El estudio del lugar en el campo de la escuela

Resumen

El texto es un estudio en el programa de posgrado en geografía en la Universidad Federal de Santa María. Con el propósito de investigar, en los ámbitos teóricos y prácticos, sobre el lugar de campo, con el sesgo centrado en la educación temprana, trató de hacer un estudio del lugar de la Escuela Municipal de educación básica importante Tancredo Penna de Moraes, de Santa Maria, Rio Grande do Sul. La investigación trata el lugar como una categoría importante para el contexto socio-histórico del espacio. Para ello, el enfoque cualitativo fue utilizado, investigación bibliográfica, basado en autores de la geografía y la educación del campo, con el objetivo de traer a la discusión aspectos importantes de la lugar de relación y escuelas rurales y su impacto en la enseñanza y aprendizaje, interconectado con el tema de esta relación. Esta propuesta pretende contribuir al fortalecimiento de la idea de que el diseño de un sitio es una herramienta clave para el conocimiento en el ámbito de la educación temprana.

Palabras claves: Place; educación; escuela rural.

Introdução

Este artigo é um desdobramento de uma Dissertação de Mestrado, em andamento desde 2013, na linha de Pesquisa Produção do Espaço e Dinâmica Regional, do Programa de Pós-graduação em Geografia (PPGGEO) junto à UFSM. O propósito deste artigo é o de buscar uma apreensão teórica do lugar como um espaço vivido e de construção sócio espacial, analisando o lugar de uma escola do campo de Santa Maria, no Rio Grande do Sul, dos educadores e das crianças das classes de Educação Infantil dessa instituição.

Para alcançar tal objetivo, utilizar-se-á, como caminho metodológico, da pesquisa bibliográfica sobre a temática discutida e do estudo sobre a observação participante e a experiência docente vivida em classes de Educação Infantil na Escola Municipal de Ensino Fundamental Major Tancredo Penna de Moraes, situada no meio rural, no município de Santa Maria/RS.

Para isso, cabe a reflexão de que se vive em um mundo e em um tempo de profundas mudanças. Nesse processo de constantes transformações, modificam-se inclusive as expectativas. Não somente aquelas relacionadas ao lugar onde se vive, mas também as relacionadas ao mundo como um todo. Logo, aquilo que hoje está sendo

significativo, amanhã poderá não ser mais, pois as mudanças são dinâmicas e rápidas. Assim, entender as características, as possibilidades e os obstáculos que cada lugar apresenta torna-se uma premissa necessária. Sem o conhecimento do lugar onde se está vivendo não se conhece a história dos sujeitos, dos grupos que nele vivem, das formas como trabalham, como produzem e reproduzem seus saberes.

O conceito de lugar tem sido alvo das diversas interpretações ao longo do tempo e entre os mais variados campos do conhecimento. Hoje, na Geografia, o lugar é considerado um conceito fundamental. Nesse sentido, o estudo do lugar pode ser um bom exercício para se pensar na possibilidade de um ensino contextualizado, levando em conta a forma como a sociedade vem assimilando as transformações do mundo atual.

O estudo do lugar pode ser um bom exemplo para se pensar na possibilidade de um ensino contextualizado, levando em conta a forma como a sociedade vem assimilando as transformações do mundo atual. Ao construir os conceitos de espaço e de tempo, verificando a sua história de vida, vinculada com a história do lugar, o aluno começa a formular perguntas sobre como as paisagens foram criadas, que pessoas vivem ou viveram ali, como ocupam ou ocuparam aquele lugar, que atividades realizam ou realizaram. Por meio desse processo de descoberta, o educando começa a formular seus próprios conhecimentos, relacionando os seus saberes com o conhecimento fornecido pela escola.

Neste caso, o lugar é a categoria geográfica eleita como meio para se entender o espaço geográfico em questão. Logo, pretende-se, primeiramente, trazer à tona uma reflexão acerca do Lugar da Escola do Campo, considerando os diversos significados para o conceito de lugar, bem como refletir sobre a significação do lugar para os sujeitos, seus saberes e suas experiências na Escola do Campo⁴. Por fim, tratar-se-á da Educação Infantil, especificamente a que é desenvolvida no contexto das zonas rurais. No estudo, privilegiar-se-á a Educação Infantil da Escola do Campo EMEF Major Tancredo Penna de Moraes, localizada em Santa Maria, RS.

Diante disso, cabe salientar que os conceitos científicos são elaborações a partir da realidade vivida, mas também condicionam e criam mundos próprios. Logo, com as vivências desta pesquisa, percebe-se que o legado será a demonstração de fazer as teorias da Geografia dialogarem e interagirem com outras formas de conhecimento. Fazer um estudo baseado na categoria lugar relacionada às práticas docentes na Educação Infantil do Campo é o desafio lançado da pesquisa, visto que une as áreas da Geografia e da Educação. Essa interdisciplinaridade é o viés principal do trabalho, já que a investigação envolve a experiência de professores ligada ao lugar que eles atuam.

O Lugar e seus Significados

Na tentativa de fazer uma reflexão sobre as mudanças do mundo, a partir da leitura geográfica do espaço, faz-se necessário um esboço teórico que fundamente a análise. Para isso, categorias analíticas geográficas como, por exemplo, espaço, território, região, lugar e paisagem são utilizadas como meios para entender o objeto de estudo (GONÇALVES, 2007).

Devido à polissemia do termo, há várias definições para o conceito de lugar. Caso seja analisado do ponto de vista natural, o espaço pode ser considerado um lugar, ou seja, uma posição da face da Terra identificada por características próprias geomorfológicas, climatológicas etc., que reúne atributos, os quais constituem fatores para o estabelecimento humano. Dessa forma, pode-se dizer que o lugar é produzido de acordo com os modos de produção utilizados pelo homem ao longo da sua história (HOLZER, 1999).

O lugar, mais do que um conceito, “é considerado dentro da ciência geográfica uma categoria analítica sustentada por todo um campo de teorizações e investigações que a julgam imprescindível dentro de um arcabouço teórico e metodológico para entendimento do espaço” (GONÇALVES, 2007, p.522). Logo, estudá-lo torna-se fundamental, pois, ao mesmo tempo em que o mundo é global, o percurso da vida e as relações sociais concretizam-se em lugares específicos.

Destaca-se, ao revisar a literatura geográfica, a dificuldade que essa ciência enfrenta ao trabalhar com os conceitos relacionados ao espaço. Isso se justifica por que, ao longo do tempo, são apresentadas diversas interpretações nos mais variados campos do conhecimento, além de fazerem parte do senso comum, sendo muitas vezes utilizados de forma inadequada. Como explana Leite em seus estudos,

[...] uma das mais antigas definições de lugar, foi apresentada por Aristóteles, em sua obra intitulada “Física”, considerando o lugar como limite que circunda o corpo. Mais tarde, René Descartes afirma que além de delimitar o corpo, o lugar deveria ser também definido em relação à posição de outros corpos (LEITE, 1998, p.9).

Na Geografia Clássica, o lugar, concebido em seu sentido locacional, era utilizado para definir a Geografia. Nesse momento, o estudo e a confecção de mapas eram um dos fundamentos da disciplina. La Blache, em 1913, ao descrever sobre as características próprias da Geografia, afirma que “a Geografia é a ciência dos lugares e não dos homens”, perdurando a definição de lugar como “área” por cerca de cinquenta anos nas produções geográficas (LA BLACHE 1913 *apud* HOLZER, 1999, p. 67).

Como se constata durante esses cinquenta anos, relacionou-se o conceito de lugar à origem da própria disciplina. Porém, a busca crescente da objetividade praticamente inviabilizou qualquer consideração que extrapolasse o seu significado locacional. Sauer (1983) talvez tenha sido o primeiro a desvincular o lugar do sentido estritamente locacional.

Isso por que ele via a disciplina geográfica como algo que estava "além da ciência", ou seja, que não devia necessariamente trilhar os caminhos preconizados pelos positivistas (SAUER, 1983 *apud* HOLZER, 1999, p. 67).

As discussões teórico-metodológicas sobre o lugar nas ciências ocorrem em diferentes perspectivas, em destaque as correntes humanistas, crítica e pós-crítica, tendo em comum o objetivo de superar a ideia do lugar como simples localização espacial absoluta. Leite coloca que,

Na Geografia particularmente, a expressão *lugar* constitui-se em um dos seus conceitos-chave. Apesar das amplas reflexões já realizadas a cerca do seu significado, é possível afirmar que este é o conceito menos desenvolvido neste campo do saber. Porém é possível identificar duas acepções principais, sendo estas consideradas em dois de seus eixos epistemológicos: o da Geografia Humanística e o da Dialética Marxista. Embora ambas as correntes possuam fundamentações filosóficas diferenciadas, têm em comum o fato de terem surgido como reações ao positivismo então vigente o qual permite a descrição da natureza a partir de leis e teorias assim como a dissociação Homem-meio (LEITE, 1998, p.09).

Segundo a autora acima, constata-se que, no campo da Geografia Humanística, o conceito surge no âmbito da sua consolidação, no início da década de 1970. Assim, destaca-se, nessa corrente de pensamento, a valorização das relações de afetividade desenvolvidas pelos indivíduos em relação ao seu ambiente. Para tanto, houve um apelo às filosofias do significado – fenomenologia, existencialismo, idealismo e hermenêutica – que em essência encontram na subjetividade humana as interpretações para suas atitudes perante o mundo (MELLO, 1990). Dentre os grandes expoentes afins a essa acepção, destacam-se Edward Relph, Yi-Fu Tuan, Anne Buttimer e J. N. Entrikin.

Para Tuan (1983), o lugar é o espaço que se torna familiar ao indivíduo. Dessa forma, o autor expressa que:

Todos os lugares são pequenos mundos: o sentido do mundo, no entanto, pode ser encontrado explicitamente na arte mais do que na rede intangível das relações humanas. Lugares podem ser símbolos públicos ou campos de preocupação (*fields of care*), mas o poder dos símbolos para criar lugares depende, em última análise, das emoções humanas que vibram nos campos de preocupação (TUAN, 1983, p. 421).

Ainda conforme Tuan (1983), lugar é o sentido de pertencimento à identidade do homem com os elementos do seu espaço vivido. No lugar, cada objeto ou coisa tem uma história que se confunde com a história de seus habitantes, assim compreendido justamente por não terem a ambiência como uma relação de estrangeiro.

No entanto, essa relação de afetividade que os indivíduos desenvolvem com o lugar só ocorre se as pessoas voltarem-se para ele munidas de interesses predeterminados, ou melhor, dotados de uma intencionalidade. Como afirma Relph (1979), os lugares só

adquirem identidade e significado por meio da intenção humana e da relação existente entre aquelas intenções e atributos objetivos do lugar, ou seja, o cenário físico e as atividades ali desenvolvidas.

De uma forma ou de outra, os geógrafos humanistas admitem que o lugar permite focalizar o espaço em torno das intenções, ações e experiências humanas (desde as mais banais até aquelas eventuais ou extraordinárias) e que sua essência é ser um centro no qual são experimentados os eventos mais significativos de nossa existência: o viver e o habitar, o uso e o consumo, o trabalho e o lazer etc., sobretudo, porque "[...] toda consciência não é meramente consciência de algo, mas de algo em seu lugar" (RELPH citado por HOLZER, 1999, p.72).

Outro significado de lugar diz respeito a sua compreensão enquanto expressão geográfica da singularidade, descentrada, universalista, objetiva, associada ao positivismo ou ao Marxismo. Trata-se, na realidade, de uma visão na qual o lugar é considerado tanto como produto de uma dinâmica que é única, ou seja, resultante de características históricas e culturais intrínsecas ao seu processo de formação, quanto como uma expressão da globalidade. Nesse sentido, o lugar apresenta-se como “o ponto de articulação entre a mundialidade em constituição e o local, enquanto especificidade concreta e enquanto momento” (CARLOS, 1996, p. 16).

Para Carlos (1996, p. 26), o lugar é a “base da reprodução da vida”, podendo ser analisado pela tríade “habitante-identidade-lugar”. Essa concepção referida pelo autor busca fomentar uma discussão teórica sobre o conceito de lugar no período contemporâneo, marcado pela globalização e complexidade da relação local-global.

Então, pensar o lugar observando o cotidiano e suas interações e suas relações com outros espaços-tempos possibilita uma visão além de social e georeferenciada; além disso, abre espaço para uma perspectiva epistemológica que enxerga cotidiano com suas características de multiplicidade, dinamismo e imprevisibilidade. Ainda para Carlos,

O lugar é o produto das relações humanas entre homem e natureza, tecido por relações sociais que se realizam no plano do vivido, o que garante a construção de uma rede de significados e sentidos que são tecidos pela história e cultura civilizadora produzindo a identidade, posto que seja aí que o homem se reconhece porque é o lugar da vida. O sujeito pertence ao lugar como este a ele, pois a produção do lugar liga-se indissociavelmente à produção da vida (CARLOS, 2007, p.22).

Diante disso, verifica-se que, nessa articulação, são tecidas as identidades e as condições de existência que são delimitadas nas grandes linhas das pequenas escalas, quando se entende o cotidiano como condicionante do global.

Destaca-se que, na Geografia Crítica, a definição de lugar está ligada à globalização e modifica a relação espaço – homem. De acordo com Gonçalves (2007), o

lugar também faz parte do repertório analítico das correntes fundadas nos discursos da chamada Geografia Crítica que, no contexto da globalização, dispensam maior ênfase ao estudo do lugar. Muitos autores, entre eles não-geógrafos, como o filósofo francês Henri Lefebvre, dedicam-se aos estudos temáticos, notadamente os dedicados ao conhecimento das cidades. Nesse sentido, os geógrafos passam a entender o espaço a partir de uma articulação entre o local e o mundial, os quais são produto e condição para a reprodução das relações sociais. Sendo assim, o lugar é produzido de acordo com os modos de produção utilizados pelo homem ao longo de sua história.

Ao pensar como o homem organiza-se no espaço, percebe-se como o indivíduo ocupa os lugares, condição essa que irá depender de quais atividades ele desenvolve para atender suas necessidades e suas relações com os meios tecnológicos utilizados por ele. O lugar, sendo analisado de forma mais abrangente, constitui a dimensão da existência, manifestado, segundo Santos (1996), através de um dia a dia partilhado entre as mais diferentes pessoas, firmas, instituições-cooperação e conflitos, compondo a base da vida em comum.

Ainda sobre a relação dos lugares com o mundo global, Santos (2004) afirma:

(...) os lugares são condição e suporte de relações globais que, sem eles (lugares), não se realizariam, e o número é muito grande. As regiões se tornaram lugares funcionais do Todo, espaços de convivência. Agora, neste mundo globalizado, com a ampliação da divisão internacional do trabalho e o aumento exponencial do intercâmbio, dão-se, paralelamente, uma aceleração do movimento e mudanças mais repetidas, na forma e no conteúdo das regiões (SANTOS, 2004, p. 156).

A modernidade com seus avanços, sem dúvida, não destrói as especificidades e também não torna as culturas homogêneas, mesmo sendo o momento atual marcado por um processo dialético entre o local e o global. Assim, a permanência de rituais e de cerimônias - em que prevalecem códigos e símbolos originais ou recriados em função do contato com outras culturas - atua como baterias que guardam e recarregam o sentido da comunidade, as quais são dotadas de memórias coletivas, recheando os indivíduos de sentimentos de pertencimento (FEATHERSTONE, 1995).

Ferreira (2000) afirma que, a partir dessas duas acepções aparentemente conflitantes e irreconciliáveis (que vão de uma relação autêntica com o espaço, por um lado, à materialização da relação local-global, por outro), estudos recentes têm buscado um ponto de contato, ao enquadrar o lugar como um campo de articulação das questões cruciais para a compreensão da existência humana e sua relação com um ambiente cada vez mais fragmentado e globalizado.

Dentre os autores que buscam sintetizar aquelas diferentes acepções, sobressai Oakes (citado por FERREIRA, 2000), para quem o lugar é o sítio de identidades

significativas e atividade imediata, é uma consequência de ligações que o convertem mais em uma rede dinâmica do que uma localização ou sítio específico. Segundo esse autor, o lugar não deve ser compreendido como um contraponto conceitual a uma vaga modernidade "deslugarizada", pois o que acontece no lugar não é simplesmente uma resistência às tentativas de hegemonia histórica e espacial, mas uma luta para se colocar como sujeitos da história e da espacialidade.

Dessa forma, conhecer o lugar onde a escola do campo está inserida torna-se imprescindível ao educador, ao realizar sua atividade docente, bem como ao aluno que deste meio faz parte. Desse modo, ambos poderão perceber o significado, as vivências, a valorização da história, das raízes e da cultura desse lugar. Tuan (1983) destaca que o espaço somente passa a ser lugar no momento em que adquire uma definição, uma intimidade e uma significação pelo espaço. Do mesmo modo, o lugar, para Santos (1996), constitui-se na dimensão de existência e manifesta-se no cotidiano e nas relações sociais. Santos (2004, p. 56) ainda acrescenta: “É pelo lugar que revemos o mundo e ajustamos nossa interpretação, pois nele, o recôndito, o permanente, o real triunfa sobre o movimento, o passageiro, o imposto, o de fora. É a partir do lugar que nos identificamos no espaço e no mundo”.

O lugar passa a ser qualificado conforme sua história, cultura e relações do homem com a natureza. Segundo Santos (2004): “a cultura, forma de comunicação do indivíduo e do grupo com o universo, é uma herança, mas também um reaprendizado das relações profundas entre o homem e seu meio” (SANTOS, 2004, p. 326).

A escola do campo, hoje, representa um lugar onde se produzem e reproduzem dinâmicas mais próximas às ambiências urbanas, em função das vivências dos educadores, o que leva a educação desenvolvida nessas escolas ao confronto entre os anseios da instituição com o lugar. Nesse sentido, a escola do campo, dentro do contexto da educação nacional, tendo em vista suas peculiaridades e a dinâmica singular que a envolve, necessita, urgentemente, uma política educacional que contemple as necessidades da sociedade rural, fundamentada nos princípios da solidariedade, da cidadania e do direito de todos vivenciarem a democracia, a justiça social e o acesso aos meios de instrução e de formação do ser humano (LEITE, 1998).

Por meio da vivência do educador nas ambiências próximas à comunidade escolar, são construídos outros saberes, os quais são ligados à realidade do lugar no contexto da vida das pessoas, à forma de produção no espaço e ao tempo. Esses saberes estão ligados ao cotidiano da escola, marcado pela cultura e pelo imaginário da sociedade, o que, segundo Santos (1996), é a realização da história. Já Tuan (1983) trata o lugar como espaço vivido e classificado pela relação de pertencimento, ou seja, é o local onde as relações pessoais acontecem e onde o cotidiano processa-se.

Os Sujeitos², seus Saberes e Experiências na Escola do Campo

Ao abordar acerca dos sujeitos do campo, faz-se necessário salientar que os povos do campo possuem uma raiz cultural própria, um jeito de viver e de trabalhar diferente do mundo urbano. Além disso, é um contexto que inclui distintas maneiras de ver e se relacionar com o tempo, o espaço, o meio ambiente e de organizar a família, a comunidade, o trabalho e a educação (ARROYO, CALDART e MOLINA, 2011).

Nesse sentido, o conhecimento, o reconhecimento, o resgate, o respeito e a afirmação da diversidade sociocultural dos sujeitos do campo são fundamentais. O campo enquadra-se no entendimento de ter seu próprio modo de vida sociocultural, afirmando suas identidades, bem como suas lutas e seus anseios. Assim, a relação entre os sujeitos do campo está baseada nos saberes sociais edificados na vida cotidiana, construindo a história do lugar (PIRES, 2012).

A educação faz parte da vida, e a escola deve ser o espaço da socialização, integração entre os saberes científicos e os saberes do cotidiano da sociedade, formando sujeitos sociais. Risso (2006) expõe que:

Por entendermos que a educação está estritamente ligada à vida, e que a escola deve ser o espaço de socialização dos conhecimentos já construídos e espaço de construção de outros e novos conhecimentos necessários à vida, lutamos para que a escola a ser frequentada pelas crianças do campo seja no campo e construída por seus sujeitos, daí porque escola no e do campo (RISSO, 2006, p.135).

Concordando com o autor acima, percebe-se que compreender a identidade da escola do campo requer o reconhecimento da relação entre a cultura e escola. O saber social constitui os conhecimentos, habilidades e valores que são produzidos em uma classe social em um determinado período histórico. Nesse contexto, é necessária a discussão em torno dos saberes construídos no meio rural. Para Damasceno (1993),

O conceito de saber social, quanto a esse aspecto, aproxima-se da concepção de “saber cotidiano” de Agnes Heller (1987). Esse é entendido como o saber básico que os integrantes de um determinado grupo social necessitam para participar de seu ambiente, qualificando-se por ser prático (em termo técnico, político, religioso, etc.), mediante o qual o sujeito interfere na vida cotidiana. Portanto, o saber cotidiano refere-se a situações particulares, distinguindo-se do “saber metódico (Pinto, 1967) ou saber científico (...)” (DAMASCENO, 1993, p. 55).

A ideia que a autora apresenta é detalhada pelas marcas dos sujeitos do campo na prática produtiva e política, como também no conhecimento apropriado por eles nas

² Os sujeitos delimitados como objeto de pesquisa são os professores de Educação Infantil.

relações pedagógicas que efetua com os diferentes agentes educacionais que atuam no meio rural (professores, técnicos etc.). Isso significa dizer que os saberes e as experiências que esses agentes trazem traduz-se em saber social, quando apropriado e incorporado pelos sujeitos em função da sua prática social (DAMASCENO, 1993).

Desse modo, estudar o lugar, no contexto da escola do campo, significa compreender o lugar onde se vive além das condições humanas e naturais, buscando sua identidade com o espaço. Isso por que nenhum lugar surge do nada, ele é o resultado da história das pessoas que ali viveram, ou vivem, de como se estabeleceram, ou estabelecem suas relações de trabalho de produção, enfim de como se manter em sociedade. Portanto, é muito importante analisar os vínculos afetivos que ligam a determinados lugares, pois para a criança aquele é o lugar conhecido, é onde ela se sente segura muitas vezes.

Deve-se ter clareza que, para obter a maior compreensão no estudo do lugar, não se pode estudá-lo isoladamente no sentido de só se analisar os aspectos físicos e geográficos, deve-se sempre relacioná-lo com os aspectos históricos do lugar, pois é necessário entender a trajetória da construção do espaço, para posteriormente descrevê-lo e fundamentá-lo.

O professor, ao apresentar-se como sujeito ativo na construção de saberes que contribuem para o desenvolvimento integral de seus educandos, auxiliando, também, na educação dos demais membros da sociedade, ao integrar-se com o “lugar” onde se localiza a escola do campo, exerce papel fundamental na formação de todos os sujeitos. A formação de professores qualificados, que assumam um papel de mediadores, não somente em sala de aula, mas também na comunidade, é fundamental para o desenvolvimento de cidadãos conscientes e ativos na sociedade.

Para tanto, é imprescindível que o professor integre-se à realidade do lugar e se identifique como agente daquela comunidade, o que, segundo Cunha, “(...) é um processo que acontece no interior das condições históricas em que ele mesmo vive. Faz parte de uma realidade concreta determinada, que não é estática e definitiva, é uma realidade que se faz no cotidiano” (CUNHA, 1991, p. 169).

Assim, a reflexão constitui-se como um processo que acontece, principalmente, antes, durante e depois da ação pedagógica. Constitui-se, assim, uma relação dialética entre a teoria e a prática do professor, ou seja, uma relação dialética entre os saberes docentes (FREIRE, 1996).

É importante salientar que a noção de saber docente, em sentido amplo, “busca dar conta da complexidade e especificidade do saber constituído no (e para o) exercício da atividade docente e da profissão” (GAUTHIER, 1998, p. 130). Trata-se, portanto, das características técnicas e científicas subjacentes à formação e ao trabalho, ao tipo de

conhecimentos e de competências que os professores desenvolvem e mobilizam na prática pedagógica.

Os professores possuem saberes que servem de base para o ensino, os quais se articulam de maneira funcional na ação pedagógica em situações complexas do processo ensino-aprendizagem, mobilizando diferentes conhecimentos e competências profissionais. Faz-se necessário aos docentes possuir conhecimento dos conceitos e abrangências, os quais fundamentam o ensino do campo, a construção de diferentes habilidades e competências. Porém, ao ensinar os professores devem concretizar a prática pedagógica de forma a aproximar o espaço rural aos saberes científicos, à vivência social de seus alunos.

As experiências vividas em alguns contextos e tempos são trazidas como referenciais e diferenciais para a prática do educador, mas não existe um fim para a construção do repertório de docência. Há a possibilidade de um ensino contextualizado ao lugar se houver ação do professor, a qual está entrelaçada aos saberes docentes que se constituem em um processo contínuo e progressivo de construção, os quais são utilizados na prática pedagógica do professor, proporcionando o entendimento dos seus conceitos, objetivos e práticas educativas e de como é possível agregar os conteúdos de cada disciplina ao contexto do campo. Com isso, percebem-se os conhecimentos necessários ao professor, no sentido de compreender como ele organiza e programa a gestão da matéria e a gestão da classe (GAUTHIER, 1998). Ou seja, engloba-se a visão de currículo e como ele é articulado em relação aos conhecimentos do ensino rural; os conteúdos, os objetivos, o planejamento e a opção metodológica de ensino; os materiais/recursos; a relação entre professor e aluno; e como o processo avaliativo que dá suporte para (re) planejar e/ou redimensionar, a organização do processo educativo.

Nesse contexto, os educadores do campo, em suas práticas pedagógicas, não podem desconsiderar o lugar onde a escola pertence, bem como, os saberes, suas relações e experiências presentes. Esses devem ser trabalhados no cotidiano escolar, contextualizando-os com os saberes científicos, valorizando, assim, o educando do campo e sua história, suas raízes. Inclusive, Tuan (1983) enfatiza isso quando afirma que o “lugar” onde os sujeitos marcam sua história registra seus saberes, determinando em sua trajetória de vida as marcas na história do lugar.

Assim, mais uma vez, faz-se preciso, com todas as transformações no mundo atual, de uma educação que promova a autonomia e forme sujeitos históricos pensar no papel do professor que atua na escola do campo, o qual constrói na relação com o lugar a sua formação no cotidiano. Para Arroyo:

Formamo-nos como sujeitos sociais e culturais, colados a um lugar; a um espaço e num tempo, a práticas concretas. Toda a formação e

aprendizagem são culturalmente situadas. É atividade, é contexto, são recursos, forma e procedimentos que dão a mente a sua forma, que nos dão a forma. Nos formamos situados, em um lugar e em um tempo (ARROYO *apud* SILVA, 2006, p. 145).

Silva (2006) deixa claro o papel da escola na formação dos sujeitos do campo e suas relações com o lugar. Destaca, então, que ser educador do campo: “é um modo de vida, é um jeito de se relacionar, uma postura frente ao mundo ao processo de educação em que está inserido. Ser educador é estar comprometido, em qualquer espaço, com a formação das pessoas (...)” (p.146).

Logo, de acordo com Silva (2006), o processo de formação é dificultado pela presença de professores urbanos nas escolas localizadas no campo. Apesar dos esforços dos educadores, eles não têm domínio da realidade, ficando difícil a compreensão da proposta de educação dos camponeses, ocorrendo, assim, uma desvalorização da história do lugar e o não reconhecimento de saberes sociais, diferentes dos existentes nas ambiências urbanas. Para tanto, faz-se necessário pensar a escola como um instrumento de formação e não apenas de informação, resgatando a cultura, a história do lugar, o que pode servir de recurso para a compreensão da realidade pelo professor. Assim, o saber é construído em sala de aula, estabelecido pelo professor a partir do estudo do lugar em que está inserida a escola.

O estudo do lugar onde a escola está inserida perpassa também o conhecimento das questões socioeconômicas que englobam o campo e suas políticas públicas. Dessa forma, os professores devem visualizar o contexto e as relações sociais, culturais e principalmente econômicas que envolvem a comunidade escolar. Muitas vezes, são essas condições que vão definir o futuro dos sujeitos – no caso os alunos do campo – em sua continuidade dos estudos ou ainda de sua volta e/ou permanência no campo.

Educação Infantil

A educação é de fundamental importância para os seres humanos, uma vez que possibilita não só o acesso a várias informações, como também a construção de saberes, conduzindo a busca de novos caminhos para a compreensão das ações humanas na sociedade. Ela não é simplesmente uma oportunidade de descoberta, mas é um direito social do indivíduo garantido por lei e deve atender às peculiaridades de cada indivíduo, seja este do campo ou da cidade, seja adulto, jovem ou criança.

Nas décadas de 1980 e 1990, enfrentou-se um momento de transição da Educação Infantil, passando de uma perspectiva apoiada no paradigma da necessidade, no sentido da família de centros urbanos, para um paradigma do direito a criança, a criança sujeito de direitos, cidadã. Refere-se ao direito a processos de socialização complementares aos da

família, que ocorrem em ambientes em que são potencializados as interações entre crianças de diferentes e de mesma idade, sendo permitida a vivência de diferentes experiências nos processos de conhecimento do mundo, do seu entorno e si próprias. Essa passagem marca o reconhecimento da importância da creche/pré-escola para o processo de formação humana da criança, em ambiente coletivo.

Nesse sentido, a Educação Infantil é assegurada na Constituição de 1988, como um direito da criança, um dever do Estado (artigo 205; artigo 208, inciso IV). Seu oferecimento gratuito (artigo 206, inciso IV) é considerado um direito social dos trabalhadores rurais e urbanos, visando a melhoria de sua condição social (artigo 7º, inciso XXV). Ressalta-se ainda na Constituição que a criança tem direito à educação de qualidade (artigo 206, inciso VII) e em igualdade de condições para acesso e permanência (artigo 206, inciso I).

Definida pela Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDBEN/9.394/96) como “primeira etapa da Educação Básica” (artigo 29), à qual é delegada a finalidade de “desenvolvimento integral da criança até cinco anos de idade, em seus aspectos físico, psicológico, intelectual e social, complementando a ação da família e da comunidade” (Redação dada pela Lei nº 12.796, de 2013), é oferecida em creches e pré-escolas, integrando o sistema de educação, fortalecendo como um direito de toda criança, independente de suas vinculações com a cidade ou com o campo. (BRASIL, 1996).

Na observância às Diretrizes Curriculares Nacionais da Educação Infantil (DCNEI), instituídas em 1999, (Resolução CNE/CEB nº 1/1999), as creches e pré-escolas se “caracterizam como espaços institucionais não domésticos que constituem estabelecimentos educacionais públicos ou privados que educam e cuidam de crianças de 5 anos de idade, no período diurno, em jornada integral ou parcial, regulados e supervisionados por órgão competente do sistema de ensino e submetidos a controle social”.

Assim, baseada nas ideias de Bernard Charlot, pesquisador francês, a educação Infantil, constitui-se como um espaço-tempo de crescimento e de valorização humana, do cuidado e da educação do sujeito, de suas aprendizagens e de sua relação com o saber, possuindo um sentido para a vida das crianças. (CHARLOT, 2000).

Com a aprovação da Emenda Constitucional número 59, de 11 de novembro de 2009, entre outras disposições, a Constituição Federal ganhou nova redação (incisos I e VII do artigo 208), de forma a prever a obrigatoriedade de matrícula para crianças de quatro a cinco anos na Educação Infantil, o que vem a instituir novas dimensões para esta faixa etária com relação às questões do direito à creche/pré-escola, tendo os sistemas de ensino até 2016 para implantar progressivamente esta obrigatoriedade da matrícula.

Silva & Pasuch (2012) expõem que a oferta de Educação Infantil só começou a ganhar um pouco mais de consistência com DCNEI, uma vez que as mesmas orientam para

a superação dessa realidade e para a obrigatoriedade da Educação Infantil a partir dos quatro anos, o que desafia a ampliação da rede e qualidade de seu funcionamento, principalmente no campo.

No entanto, a questão de fundo que se coloca não é mais “por que” ofertar Educação Infantil, mas “como” garantir o direito à creche/pré-escola para todas as crianças. Na prática, ainda são tímidos os investimentos nesse sentido, especialmente no ensino público rural.

Nesse contexto, criar vagas na Educação Infantil em escolas do campo constitui-se em um grande desafio nacional, uma vez que, em muitos dos espaços rurais brasileiros, sequer existem escolas voltadas ao atendimento desse segmento da sociedade (SILVA; PASUCH, 2012). Por sua vez, se a oferta de vagas configura-se um desafio, a discussão que predominantemente circula em torno da Educação Infantil, não repercute a problemática do campo, ou seja, os debates em relação à infância não abordam a criança do campo concreta, seus modos de vida, suas brincadeiras, seus símbolos, seus interesses, sua participação social, enfim desconhecem o contexto do lugar onde está encontra-se inserida.

Apesar dos avanços no âmbito da Educação do Campo, na prática, existe ainda uma barreira muito forte entre a identidade cultural da escola do campo e sua vinculação com o contexto no qual está inserida. Esse fato decorre por que vivemos em uma sociedade urbanizada, industrializada, e as escolas do campo estão, constantemente, sofrendo imposições do modelo educativo desse meio. Entretanto, é oportuno salientar que campo e cidade não são faces dicotômicas de uma sociedade, ou seja, uma não exclui a outra. Para Vendramini (2008), a relação entre campo e cidade deve ser entendida no âmbito das diferenças, e não no da dualidade, é como se cada um fosse complementar ao outro, sem imposições e limitações diante dos acontecimentos.

O povo do campo possui uma identidade própria, um aspecto cultural construído e produzido no amplo movimento com a terra. Essa ideia é percebida na afirmação dos autores abaixo:

Esta visão do campo como um espaço que tem suas particularidades e que é ao mesmo tempo um campo de possibilidades da relação dos seres humanos com a produção das condições de sua existência social, confere à Educação do Campo o papel de fomentar reflexões sobre um novo projeto de desenvolvimento e o papel do campo neste projeto. Também o papel de fortalecer a identidade e a autonomia das populações do campo e ajudar o povo brasileiro a compreender que não há uma hierarquia, mas uma complementaridade: *cidade não vive sem campo que não vive sem cidade* (ARROYO; CALDART; MOLINA, 2011, p. 15).

Ao dialogar com os autores acima, percebe-se que a escola do campo vai além das primeiras letras, da palavra presa no caderno, da escola dos livros didáticos. A escola do campo articula-se por meio dos processos educativos que passam pelo conjunto de

experiências, de vivências que o ser humano tem ao longo de sua trajetória de vida. Nesse sentido, os fundamentos teórico-práticos desenvolvidos com as classes de educação infantil do campo precisam refletir sobre o geral e o específico, ou seja, necessitam debater os limites existentes entre aquilo que deve ser igual para todas as crianças e aquilo que deve respeitar as particularidades e as diversidades do lugar (SILVA; PASUCH; SILVA, 2012).

Constata-se, então, um importante fundamento da prática pedagógica, ou seja, os processos de ensino-aprendizagem não devem se desenvolver apartados da realidade de seus educandos, tornando-se um dos maiores desafios e, ao mesmo tempo, uma das maiores possibilidades da escola do campo: articular os conhecimentos que há o direito de acessar com os conhecimentos científicos a serem apreendidos em cada ciclo da vida e nas diferentes áreas do conhecimento.

No campo, existe uma vida própria, com conhecimentos específicos daquele povo, tornando-se necessária à investigação da identidade dos lugares e dos sujeitos a partir das pessoas que ali vivem, do reconhecimento de suas crenças, religiões, dificuldades, anseios de vida destas pessoas, enfim, da cultura daquele espaço.

Neste sentido, o lugar como categoria de análise geográfica merece destaque quando se trata da formação de sujeitos de Educação Infantil do e no Campo. Conhecer o lugar, bem como seu significado na história da sociedade, representa valorizar as origens culturais. Para Santos (1996), o lugar compõe-se de dimensão de existência e se manifesta no cotidiano, nas relações sociais, nas firmas e nas instituições.

Ainda em relação ao lugar, Yi-Fu Tuan (1983) comenta:

O que começa como espaço indiferenciado transforma-se em lugar a medida que o conhecemos melhor e o dotamos de valor[...]as ideias de espaço e lugar não podem ser definidas uma sem a outra. A partir da segurança e estabilidade do lugar estamos cientes da amplitude, da liberdade e da ameaça do espaço e vice-versa. Além disso, se pensarmos no espaço como algo que permite o movimento, então lugar é pausa; cada pausa no movimento torna possível que localização se transforme em lugar (TUAN, 1983, p. 6).

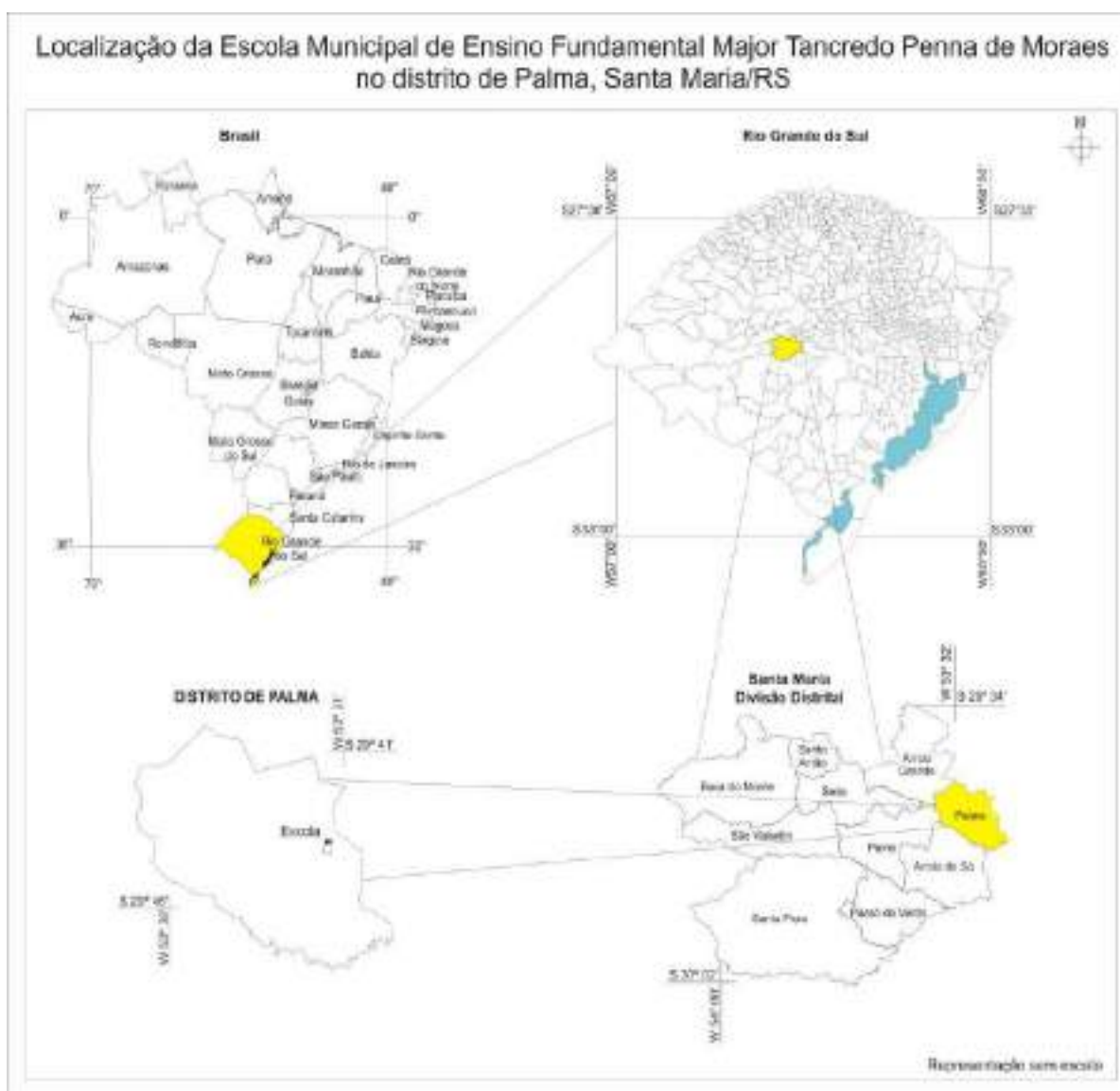
Essa visão busca delimitar que o espaço somente passa a ser lugar no momento em que adquire uma definição, uma intimidade e uma significação por este espaço. Assim, o papel do professor junto aos educandos é de ver e compreender a realidade para poder expressá-la e descobri-la, dando a esses sujeitos a oportunidade de realizar a sua análise crítica, e a ação sobre essa realidade.

Nesse processo, toda a informação fornecida pelo lugar e pelo grupo social nos quais a criança está inserida é importante, uma vez que instiga novas descobertas, que podem estar relacionadas à sua própria vida, sobre as relações entre as pessoas do lugar e questões específicas do meio ambiente onde residem.

Experiência Docente: Requisito para Discutir a Realidade da Educação Infantil no/do Campo

Com o propósito de tencionar questões acerca do ensino de Educação Infantil no campo, o estudo está focado em uma prospecção exploratória, bem como na própria experiência como docente de classe multietária em uma escola do campo do município de Santa Maria/RS. Nesse contexto, relata-se a experiência docente vivida na Escola Municipal de Ensino Fundamental Major Tancredo Penna de Moraes, situada na Rodovia RST 287, Km 23, no distrito de Palma, 8º Distrito de Santa Maria/RS.

Figura 01: Mapa da Localização da EMEF Major Tancredo Penna de Moraes no Distrito de Palma, Santa Maria, RS.



Fonte: Elaboração própria.

O município de Santa Maria situa-se no centro do estado do Rio Grande do Sul. É considerado o 5º mais populoso do estado, possuindo 261.031 habitantes, sendo 12.638 localizados no meio rural, dividido em 10 distritos, com exceção do 1º Distrito (Sede) (IBGE, 2010).

Nesse contexto, até o ano de 1989, Santa Maria possuía uma das maiores redes de escolas do Estado, contando com um total de 170 escolas, das quais 126 (74%) localizavam-se na zona rural do Município. As escolas, na sua maioria, eram de classes multisseriadas, atendidas por um só professor, que trabalhava com quatro níveis de ensino em uma só sala (1ª à 4ª série), enfrentando diversas dificuldades, tais como: grande repetência dos alunos; evasão escolar, principalmente, em época de colheita; falta de espaço físico; dificuldades de acesso às escolas tanto do aluno quanto do professor; e unidocência em classes multisseriadas (SPIRONELLO & BEZZI, 2001).

Com base na realidade exposta, a Prefeitura do Município de Santa Maria passou a elaborar um diagnóstico, com a finalidade de melhorar a qualidade de ensino no espaço do campo, ocorrendo, em algumas escolas, uma melhoria na infraestrutura e na ampliação dos prédios. Além disso, o sistema de transporte escolar foi reorganizado para atender essa população. Efetuou-se, também, a compra de equipamentos para o desenvolvimento tanto das atividades administrativas quanto das pedagógicas. Todas essas ações configuraram um projeto piloto que ficou conhecido como “Nuclearização de Escolas da Zona Rural” de Santa Maria (MOURA, 2009).

Assim, esse projeto constituiu-se em um processo gradativo de agrupamento de pequenas escolas com classes multisseriadas e unidocentes em uma Escola-Núcleo, apresentando, desse modo, características específicas de trabalho e organização com um plano pedagógico vinculado às necessidades da população que reside no espaço rural do Município. Diante desse quadro, as Escolas-Núcleo vieram com o intuito de modificar o ensino no meio rural, possibilitando aos jovens um ensino de melhor qualidade, oportunizando a conclusão do Ensino Fundamental e abrindo espaço para construção de um futuro mais sólido e aberto a novas perspectivas, como relata os autores abaixo:

No discurso de gestores públicos das várias esferas governamentais, esse aumento significativo do investimento no transporte escolar no período mais recente associado ao processo de nucleação das escolas, de forma recorrente, tem sido apresentado enquanto elemento estratégico de sua política educacional implementada e enquanto expressão do compromisso assumido para assegurar a todos os estudantes do meio rural o direito de acessar a Educação Básica (BARROS & HAGE, p. 12, 2011).

Segundo os dados do Educacenso de 2012, a rede municipal de Santa Maria atende aproximadamente 19.338 alunos, distribuídos em oitenta escolas de Educação Infantil, Ensino Fundamental, Educação de Jovens e Adultos (EJA) e Ensino

Profissionalizante (EMAI), contando com um quadro de 1558 professores. Nesse contexto, 71 escolas situam-se no 1º Distrito/sede que é considerado urbano, sendo 45 de Ensino Fundamental, e 9 escolas situam-se no campo, distribuídas nos demais distritos do município, conforme Tabela 1.

Tabela 1. Número de escolas de Ensino Fundamental, alunos e classes multietárias nas escolas do campo por Distrito de Santa Maria, em julho de 2013.

Distrito	EMEF ¹	Alunos	Classes Multietárias
2º/São Valentim	José Paim de Oliveira	147	1
3º/Pains	Bernardino Fernandes	119	--
	João da Maia Braga	387	--
	Pedro Kunz	63	--
4º/Arroio Grande	-		
5º/Arroio do Só	-		
6º/Passo do Verde	Irineo Antoline	33	--
7º/Boca do Monte	João Hundertmarck	244	--
8º/Palma	Major Tancredo Penna de Moraes	114	2
9º/Santa Flora	Santa Flora	157	1
10º/Santo Antônio	Intendente Manoel Ribas	97	1
Total	9	1361	5

¹ EMEF (Escola Municipal de Ensino Fundamental).

(-) Distrito sem escola Municipal.

(--) Escola sem Classes Multietárias.

Fonte: Dados não publicados, pesquisados pela Secretaria Municipal de Educação de Santa Maria/SMED-julho de 2013

A EMEF Major Tancredo Penna de Moraes resultou do processo de nucleação do ensino (1991 a 1994), no qual as escolas isoladas das comunidades vizinhas (Tabela 2) foram integradas. Portanto, a escola formou-se a partir do fechamento de oito pequenas outras escolas multisseriadas localizadas nas comunidades próximas. Com o processo de nucleação, o transporte escolar passou a percorrer pelas localidades, em aproximadamente, uma distância de 30 Km, trazendo os alunos para a escola núcleo.

A princípio, mais especificamente entre 1994 a 2009, as aulas aconteciam em horário alternado, ou seja, anos iniciais à tarde, e anos finais pela manhã. A partir de 2010,

em horários integral-alternado, ou seja, nas segundas, terças e quintas-feiras, os alunos que cursam as séries iniciais têm aula (Pré-escola, 1º, 2º, 3º, 4º e 5º anos); já nas segundas, quartas e sextas-feiras, os estudantes que cursam as séries finais (6º, 7º, 8º E 9º). Com o agrupamento das pequenas escolas, a EMEF Major Tancredo Penna de Moraes passou a ter um número significativo de alunos, em torno de 250, em 1995. Fator esse que a transformou em escola seriada.

Tabela 2. Escolas nucleadas que formaram a atual EMEF Major Tancredo Penna de Moraes em 1995 com as respectivas localidades.

Localidade	Escolas Multisseriadas
Faxinal da Palma	Escola Municipal Faxinal da Palma
Faxinal da Palma	Escola Municipal Benjamin Constant
Faxinal da Palma	Escola Municipal Pillon
Santa Terezinha	Escola Municipal Olavo Bilac
Linha Sete	Escola Municipal Santa Augusta
Vale dos Panos	Escola Municipal Vale dos Panos
Vila Fighera	Escola Municipal Santo Antônio
São Sebastião	Escola Municipal São Sebastião
Total	8

Fonte: Dados não publicados, pesquisados pela Secretaria Municipal de Educação de Santa Maria/SMED-julho de 2013.

A partir da realidade apresentada nas Tabelas 1 e 2, constata-se que o reduzido número de alunos veio a ocasionar a necessidade de classes multietárias na Educação Infantil e multisseriadas nos Anos Iniciais, enquanto que, nos Anos Finais, o ensino organiza-se a partir do modelo seriado, independente da quantia de alunos matriculados.

A EMEF Major Tancredo possui atualmente 23 profissionais, incluindo 20 professores, uma secretária, um funcionário de serviços gerais e uma merendeira. Na escola estão matriculados 122 alunos, divididos em dez turmas, que vão da pré-escola ao 9º ano, distribuídos da seguinte forma:

Tabela 3. Relação das Turmas com o Número de alunos e o Tipo de Organização das Classes da EMEF Major Tancredo Penna de Moraes em julho de 2014.

Turmas	Número de Alunos	Tipo de Organização	Observações
Educação Infantil			
Pré-escola*	16	Multietária (nível A e B)	Atendido por um Professor
Pré-escola	15	Nível A (4 anos)	Atendido por um Professor

Pré-escola	14	Nível B (5 anos)	Atendido por um Professor
Anos Iniciais			
1º Ano	10	Seriado	Atendido por um Professor
2º e 3º Ano	14	Multisseriada	Atendido por um Professor
4º e 5º Ano	18	Multisseriada	Atendido por um Professor
Anos Finais			
6º Ano	09	Seriado	Currículo por disciplina**
7º Ano	13	Seriado	Currículo por disciplina
8º Ano	08	Seriado	Currículo por disciplina
9º Ano	05	Seriado	Currículo por disciplina
Total	122		

Fonte: Dados não publicados, controle interno da Secretaria da EMEF Major Tancredo Penna de Moraes, julho de 2014.

*Funciona em anexo à Escola Estadual de Ensino Fundamental e Médio Princesa Isabel, no Distrito do Arroio do Só, Santa Maria/RS * Diversas Áreas do Conhecimento.

Dessa forma, a nucleação provoca efeitos particulares na Educação Infantil, uma vez que a dificuldade de acesso aumenta quanto menor for a idade da criança, devido às restrições quanto ao transporte de menores desta faixa etária. Isso faz com que se organize a Educação Infantil alocada a Escolas de Ensino Fundamental, como também classes funcionando em salas anexas à escola-sede (SILVA; PASUCH & SILVA, 2012).

Cabe ressaltar que não existe, entretanto, uma legislação específica no que diz respeito à organização no interior da Educação Infantil, ou melhor, o agrupamento de crianças em creches e pré-escolas. De maneira geral, a estruturação predominante de turmas na Educação Infantil no Brasil tem sido feita por idade, apoiada numa concepção de desenvolvimento infantil que o divide em etapas ao longo do ciclo vital, assim como por uma prática que centraliza a organização do trabalho pedagógico nas possibilidades do(a) professor(a). Essa forma de divisão por faixa etária, embora encontre base nos Parâmetros Nacionais e seja vista como facilitadora do trabalho educativo com crianças pequenas em espaços coletivos, a mesma não é rígida e pode sofrer alterações.

Considerações Finais

Nos últimos anos, há uma incessante busca por alternativas e políticas que modifiquem a realidade rural, mas o campo continua a ser um lugar marcado por desigualdades que fortalecem as diferenças sociais. Nessa perspectiva, a escola deve ser um espaço não apenas de construção de conhecimentos, mas de preparação para a vida propiciando a formação de sujeitos históricos.

Ao estudar o espaço local, permite-se não só constatar, mas inclusive tornar mais complexa a organização e valorizá-lo por ser um meio próximo no qual o aluno está inserido, sendo palpável e conhecido. O espaço geográfico, em interação permanente entre a natureza e as ações humanas no seu fazer social, torna concreta as diferentes escalas de análise, do local ao global.

O estudo do lugar pode ser uma possibilidade de se fazer a relação do local com o global, tornando-se um recurso de fundamental importância. A leitura do lugar é o recurso que permite uma série de capacidades como a observação, o registro, a produção, a análise, a compreensão e a representação. Com isso, o papel do professor nesse contexto é de planejar com atenção a leitura do lugar e sensibilizar o grupo para o exercício, permitindo aprofundar o trabalho realizado qualificando os resultados. O aluno deve ser orientado para fazer a leitura da paisagem, no sentido que consiga levantar suposições, hipóteses e pensar soluções ou alternativas diferenciadas ao que se verificou como problemática. Portanto, a leitura do lugar possibilita, através da interpretação dos conceitos e da discussão de valores e atitudes do grupo em relação a um lugar: o seu lugar de vida ou no mundo, o lugar das coisas.

Ao construir os conceitos de espaço e de tempo, verificando a sua história de vida, vinculada com a história do lugar, com os saberes e experiências, o aluno começa a formular perguntas sobre como as paisagens foram criadas, que pessoas vivem ou viveram ali, como ocupam ou ocuparam aquele lugar, que atividades realizam ou realizaram. Através disso, o aluno começa a formular seus próprios conhecimentos, relacionando os seus saberes com o conhecimento fornecido pela escola.

Sendo assim, a concepção de lugar vincula-se ao processo de conhecimento, tanto auto como dos demais. Por isso, refletiu-se, nas esferas teórica e prática, sobre o lugar – do campo -, com o viés centrado na Educação Infantil, para reafirmar a significação de conhecer onde se fez e faz história, onde se vive e onde se convive. Dessa forma, uma proposta que entenda o lugar como parte intrínseca dos sujeitos, certamente, é bem-vinda na Educação do Campo.

Referências

ARROYO, Miguel Gonzalez; CALDART, Roseli Salet; MOLINA, Mônica Castagna, (organizadores). **Por uma Educação do Campo**, Petrópolis, RJ: Vozes, 2011.

BARROS, Oscar Ferreira; HAGE, Salomão Mufarrej. **Panorama estatístico e aspectos legais das políticas de nucleação e transporte escolar**: Reflexões sobre a extinção das escolas multisseriadas e a sua permanência nas comunidades do campo. UFPB, João Pessoa/PB, jun/2011.

BERRY, Chris. Achievement effects of multigrade and monograde primary schools in the Turks and Caicos Islands. **International Journal of Educational Development**, v. 21, p. 537-552, 2001.

BRASIL. Constituição (1988). **Constituição da República Federativa do Brasil**: promulgada em 5 de outubro de 1988: atualizada até a Emenda Constitucional n. 20, de 15-12-1998. Brasília, 1988.

_____. Lei n. 9.394, de 20 de dezembro de 1996. **Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional**. Brasília, 1996. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/l9394.htm>. Acesso em: 10 jul. 2013.

_____. Conselho Nacional de Educação. Resolução CNE/CEB nº 1/1999. **Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil**. Brasília, DF: Diário Oficial da União, 13 abr/1999.

_____. Conselho Nacional de Educação. Resolução CNE/CEB nº 1, de 3 de abril de 2002. **Institui as Diretrizes Operacionais para a Educação Básica do Campo**. Diário Oficial da União, Brasília, DF, seção 1, p. 32, 9 abr. 2002.

_____. **Diretrizes complementares, normas e princípios para o desenvolvimento de políticas públicas de atendimento da Educação Básica do campo**. Brasília, DF: MEC, 2008.

_____. **Emenda Constitucional nº 59, de 11 de novembro de 2009**. Dá nova redação aos incisos I e VII do artigo 208, de forma a prever a obrigatoriedade do ensino de quatro a dezessete anos e ampliar a abrangência dos programas suplementares para todas as etapas da Educação Básica, entre outras providências. Diário Oficial da União, Brasília, DF, Seção 1, 12 nov. 2009a.

_____. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Básica. **Parâmetros nacionais de qualidade para a educação infantil**. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Básica: Brasília (DF), 2006 v.I; il.

CARLOS, Ana Fani Alessandri. **O lugar no/do mundo**. São Paulo: Hucitec, 1996.

_____. CARLOS, Ana Fani Alessandri. **O lugar no/do mundo**. São Paulo: Labor Edições, 2007, 85p. Disponível em: <<http://www.fflch.usp.br/dg/gesp>>. Acesso em Fevereiro de 2014.

CHARLOT, Bernard. **Da relação com o saber**. Tradução de Bruno Magne. Porto Alegre. Artes Médicas Sul, 2000.

CUNHA, M. Isabel da. **O bom professor e sua prática**. São Paulo. Papyrus, 1991.

DAMASCENO, Maria Nobre. **Educação e Escola no Campo**. Campinas. SP. Papyrus, 1993.

FEATHERSTONE, Mike. **Cultura de Consumo e pós-modernismo**. São Paulo: Nobel, 1995.

FERREIRA, Luis Felipe. Acepções recentes do conceito de lugar e sua importância para o mundo contemporâneo. In **Território**, Rio de Janeiro, n. 9, p.65-83, jul./dez. 2000 <disponível em http://www.revistaterritorio.com.br/pdf/09_5_ferreira.pdf>, acessado em 11/07/2013.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Autonomia: Saberes Necessários á Prática Educativa**. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

GAUTHIER, Clermont [et al.]. **Por uma teoria da pedagogia: pesquisas contemporâneas sobre o saber docente**. Trad. Francisco Pereira. RS. Ijuí: Ed. UNIJUÍ, 1998.

GONÇALVES, Amanda Regina. **Repensando o Lugar na Geografia: Espaços-tempos Cotidianos de Conhecimentos e práticas Sociais**. Artigo publicado revista Geografia, Rio Claro, v. 32, n. 3, p.521-537, set./dez. 2007.

HOLZER, Werther. Uma discussão fenomenológica sobre os conceitos de paisagem e lugar, território e meio ambiente. In: **Território**. Rio de Janeiro: Garamond – LAGET/UFRJ, 1999, n. 03, p. 77-85.

HOLZER, Werther. **O lugar na geografia humanística**. In: Revista Território. Rio de Janeiro: 1999, ano IV, nº 7. p. 67-78. jul./dez.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA – IBGE **Censo Demográfico 2008**. Disponível em: <<http://www.ibge.gov.br>>. Acesso em: 14 de dezembro de 2013.

LEITE, Adriana. Lugar: duas acepções geográficas. In: **Anuário do Instituto de Geociências**. Rio de Janeiro: UFRJ, 1998, v. 21. Disponível em: <http://www.anuario.igeo.ufrj.br/anuario_1998/vol21_09_20.pdf> acessado em 28/06/2013.

MELLO, João Baptista Ferreira de. **Geografia Humanística: a perspectiva da experiência vivida e uma crítica radical ao positivismo**. Revista Brasileira de Geografia, Rio de Janeiro, 52 (4) 91-115, out./dez.1990.

MOURA, Edinara Alves de. **Lugar, saber social e educação no campo: o caso da Escola Municipal de Ensino Fundamental José Paim de Oliveira - distrito de São Valentim**. 2009. 198 f. Dissertação (Mestrado em Geografia) – Universidade Federal de Santa Maria, Santa Maria, 2009.

MUNARIM, A. Trajetória do movimento nacional de educação do campo no Brasil. In: MEURER, A. C. (Org.) Dossiê: **Educação no Campo**. Revista do Centro de Educação. Santa Maria, UFSM, 2008. Vol. 33, nº1. Disponível em: <<http://coralx.ufsm.br/revce/>>. Acesso em 18 de novembro de 2013.

PIRES, Angela Monteiro. **Educação do Campo como Direito humano**. São Paulo: Cortez, 2012.

RELPH, E. C. **As bases Fenomenológicas da Geografia**. Revista de Geografia, vol.4/nº7, p. 62-78, AGETEO - Rio Claro, São Paulo, 1979.

RISSO, Edson. et al. A infância no campo In CALDART, Roseli, PALUDO, Conceição e DOLL Johannes (Orgs.). **Como se formam os sujeitos do campo?** Idosos, adultos, jovens, crianças e educadores. Brasília: PIONEIRA: NEAD, 2006.

SANTOS, Irene Fernandes dos. **Dissertação de Mestrado Escolas-núcleo como alternativa para a Educação Rural**. Santa Maria: UFSM/CE, 1993.

SANTOS, Milton. **A natureza do espaço: técnica e tempo, razão e emoção**. São Paulo: Hucitec, 1996.

_____. **A natureza do Espaço**. São Paulo: EDUSP, 2004.

SILVA, Alexandra Borba et al. Formação de educadores e educadoras do e no campo. IN: CALDART, Roseli, PALUDO, Conceição, DFOLI, Johannes (ORGS). **Como se formam os sujeitos do campo?** Idosos, adultos, jovens, crianças e educadores. Brasília: PIONEIRA: NEAD, 2006.

SILVA, Ana Paula Soares da; PASUCH, Jaqueline; SILVA, Juliana Bezzon da. **Educação Infantil do Campo**. 1º Ed. – São Paulo: Cortez, 2012.

SPIRONELLO, Rosângela; BEZZI, Meri Lourdes. **Adequação do ensino de Geografia a realidade rural**: um estudo junto as escolas-núcleo do município de Santa Maria - RS. Revista Geografia: Ensino & Pesquisa, Santa Maria, v.11, n.1, jul., p.51-56, 2001.

TUAN, Yi-Fu. **Espaço e Lugar: a perspectiva da experiência**. Tradução: Lívia de Oliveira. São Paulo: DIFEL, 1983.

VENDRAMINI, Célia Regina. **Educação e Trabalho**: reflexões em torno dos movimentos sociais do campo. Campinas: Cad. Cedes, vol. 27, n. 72, p. 121-135, maio/ago.2008.

Recebido para publicação em 26 de janeiro de 2015.

Devolvido para a revisão em 02 de dezembro de 2015.

Aceito para a publicação em 11 de janeiro de 2016.

COMPÊNDIO EDIÇÕES

FERNANDES, Bernardo Mançano. **A territorialização do MST – Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem-Terra - Brasil.** Ano 1, n. 1 p. 2 – 44, 1998.

RIBAS, Alexandre Domingues. **MST: reorganização político-territorial dos assentamentos e a consolidação do sistema cooperativista dos assentados.** Ano 1, n. 1 p. 45 – 58, 1998.

RAMALHO, Cristiane Barbosa. **Quem são os sem-terra? Uma questão relevante para a compreensão da luta pela terra no Brasil.** Ano 1, n. 1 p. 59 – 72, 1998.

Direção Nacional do MST - Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem-Terra. **As mentiras do governo FHC sobre reforma agrária.** Ano 1, n. 1 p. 72 – 75, 1998.

FERNANDES, Bernardo Mançano. **Questões teórico-metodológicas da pesquisa geográfica em assentamentos de Reforma agrária.** Ano 1, n. 2 p. 1 – 32, 1998.

PASQUETTI, Luis Antônio. **O MST como uma empresa social.** Ano 1, n. 2 p. 33 – 50, 1998.

MARCOS, Valéria de. **Da luta para entrar na terra à luta para permanecer na terra: a realidade dos assentamentos rurais paraibanos.** Ano 1, n. 2 p. 51 – 73, 1998.

ALENTEJANO, Paulo Roberto R. **O conceito de região e a problemática dos assentamentos rurais.** Ano 1, n. 2 p. 74 – 93, 1998

NERA - Núcleo de Estudos, Pesquisa e Projetos de Reforma Agrária. **DATALUTA – Banco de Dados da Luta pela Terra.** Ano 3, n. 3 p. 7 – 27, 2000.

PAVAN, Dulcinéia. **O caminho feminino para a reforma agrária.** Ano 3, n. 3 p. 28 – 44, 2000.

MOREIRA, Emília; TARGINO, Ivan; IENO NETO, Genaro. **Organização interna dos assentamentos rurais na Paraíba: caminhos e armadilhas das formas associativas.** Ano 3, n. 3 p. 45 – 57, 2000.

ALMEIDA, Rosemeire Aparecida de. **Análise preliminar da assistência técnica nos assentamentos de reforma agrária do Estado de Mato Grosso do Sul.** Ano 3, n. 3 p. 58 – 67, 2000.

FABRINI, João Edmilson; LUZ, Juan Artigas Souza; LACERDA, Celso Lisboa de. **A importância das culturas de milho e feijão para o desenvolvimento econômico de assentamentos de reforma agrária atendidos pelo projeto Lumiar – Paraná.** Ano 3, n. 3 p. 68 – 94, 2000.

GIL, Izabel Castanha. **Territorialidade e desenvolvimento contemporâneo.** Ano 7, n. 4 p. 5 – 19, 2004.

PONTE, Karina Furini da. **(Re) Pensando o Conceito do Rural.** Ano 7, n. 4 p. 20 – 28, 2004.

VIEIRA, Noemia Ramos. **O conhecimento geográfico veiculado pelos parâmetros curriculares nacionais de geografia e o espaço agrário brasileiro: reflexões para uma geografia crítica em sala de aula.** Ano 7, n. 4 p. 29 – 41, 2004.

SILVA, Silvio Simione da. **O espaço agrário acreano nas últimas décadas do século XX.** Ano 7, n. 4 p. 42 – 49, 2004.

SILVA, Tânia Paula da. **As redefinições do “rural”: breve abordagem.** Ano 7, n. 4 p. 50 – 55, 2004.

CANUTO, Antônio. **Agronegócio: a modernização conservadora que gera exclusão pela produtividade.** Ano 7, n. 5 p. 1 – 12, 2004.

ALBUQUERQUE, Gerson Rodrigues de. **Cultura, trabalho e lutas sociais entre trabalhadores agro-extrativistas do Rio Valparaíso na Amazônia acreana.** Ano 7, n. 5 p. 13 – 33, 2004.

NEVES, Achiles Lemos. **Dos movimentos sociais aos sócio-espaciais e socioterritoriais: uma tentativa de compreensão dos “movimentos” pela perspectiva geográfica.** Ano 7, n. 5 p. 35 – 42, 2004.

GONÇALVES, Renata. **Impactos da reorganização espacial dos novos modelos de assentamentos nas relações de gênero.** Ano 7, n. 5 p. 43 – 55, 2004.

ROMÃO, Lucília Maria Sousa. **Memória e atualização de sentidos em três atos do discurso jornalístico.** Ano 7, n. 5 p. 56 – 62, 2004.

BAGLI, Priscilla. **O camponês nas análises de Rousseau, Michelet e Marx: diferenças e semelhanças.** Ano 7, n. 5 p. 63 – 72, 2004.

NETO, Domingos José de Almeida. **O Método do discurso.** Ano 7, n. 5 p. 73 – 85, 2004.

PAULA, Elder Andrade de. **O movimento sindical dos trabalhadores rurais e a luta pela terra no Acre: conquistas e retrocessos.** Ano 7, n. 5 p. 86 – 101, 2004.

WELCH, Clifford Andrew. **Peasants and globalization in Latin America: a survey of recent literature.** Ano 7, n. 5 p. 102 – 112, 2004.

CARVALHO, Horácio Martins de. **Política compensatória de assentamentos rurais como negação da reforma agrária.** Ano 7, n. 5 p. 113 – 122, 2004.

KARRIEM, Abdurazack. **“Marching as to war”: a letter from Brazil to South Africa about landlessness, agrarian reform and social movement struggles against Neoliberalism.** Ano 8, n. 6 p. 1 – 13, 2005.

BEM, Anderson; FABRINI, João Edmilson. **A comercialização informal de leite como componente de resistência camponesa em Marechal Cândido Rondon - PR.** Ano 8, n. 6 p. 14 – 23, 2005.

FERNANDES, Bernardo Mançano. **Movimentos socioterritoriais e movimentos socioespaciais: contribuição teórica para uma leitura geográfica dos movimentos Sociais.** Ano 8, n. 6 p. 24 – 34, 2005.

WELCH, Clifford Andrew. **Estratégias de resistência do movimento camponês brasileiro em frente das novas táticas de controle do agronegócio transnacional.** Ano 8, n. 6 p. 35 – 45, 2005.

RAMOS FILHO, Eraldo da Silva. **A ofensiva do capital no campo brasileiro e a resistência do campesinato.** Ano 8, n. 6 p. 46 – 58, 2005.

ALENCAR, Francisco Amaro Gomes de. **Reflexões sobre a participação dos assentados nas eleições municipais.** Ano 8, n. 6 p. 59 – 74, 2005.

GIL, Izabel Castanha. FERNANDES, Bernardo Mançano. **Regiões contidas e desenvolvimento territorial: uma reflexão sobre o desenvolvimento contemporâneo da Nova Alta Paulista.** Ano 8, n. 6 p. 75 – 91, 2005.

PEREIRA, João Márcio Mendes. **A disputa política no Brasil em torno da implementação do modelo de reforma agrária de mercado do Banco Mundial (1997-2005).** Ano 8, n. 6 p. 92 – 117, 2005.

SHANIN, Teodor. **Definição de camponês: conceituações e desconceituações – o velho e o novo em uma discussão marxista.** Ano 8, n. 7 p. 1 – 21, 2005.

ALMEIDA, Antônio Alves de. **A mística na luta pela terra.** Ano 8, n. 7 p. 22 – 34, 2005.

PONTES, Beatriz Maria Soares. **A organização da unidade econômica camponesa: alguns aspectos do pensamento de Chayanov e de Marx.** Ano 8, n. 7 p. 35 – 47, 2005.

ESTEVES, Benedita Maria Gomes. **A hierarquização dos espaços agrários na Amazônia Sul-Occidental: os assentados em áreas de preservação e os não assentados.** Ano 8, n. 7 p. 48 – 67, 2005.

NEVES, Delma Pessanha. **Campesinato e reenquadramento sociais: os agricultores familiares em cena.** Ano 8, n. 7 p. 68 – 93, 2005.

WITTMAN, Hannah. **Agrarian reform and the production of locality: resettlement and community building in Mato Grosso, Brazil.** Ano 8, n. 7 p. 94 – 111, 2005.

FELÍCIO, Munir Jorge. **Ação pastoral e questão agrária no Pontal do Paranapanema.** Ano 8, n. 7 p. 112 – 124, 2005.

LERRER, Débora Franco. **Movimentos sociais, mídia e construção de um novo senso comum.** Ano 8, n. 7 p. 125 – 140, 2005.

GIARRACA, Norma. GÓMEZ, Jorge Ramón Montenegro. **Estrategias de vida, estrategias de lucha: apuntes de un trabajo de campo: el MST, São Paulo, Brasil (Reunión del GTDR – CLACSO, agosto/setiembre de 2005).** Ano 8, n. 7 p. 141 – 155, 2005.

HEREDIA, Beatriz Maria Alásia de. CINTRÃO, Rosângela Pezza. **Gênero e acesso a políticas públicas no meio rural brasileiro.** Ano 9, n. 8 p. 1 – 28, 2006.

ELIAS, Denise. **Ensaio sobre os espaços agrícolas de exclusão.** Ano 9, n. 8 p. 29 – 51, 2006.

PAULINO, Eliane Tomiasi. **Capitalismo rentista e luta pela terra: a fragilidade do parâmetro de renda monetária no estudo dos assentamentos rurais.** Ano 9, n. 8 p. 52 – 73, 2006.

SILVA, Maria Aparecida de Moraes. MARTINS, Rodrigo Constante. OCADA, Fábio Kazuo. GODOI, Stela. MELO, Beatriz Medeiros de. VETTORACCI, Andréia. BUENO, Juliana Dourado. RIBEIRO, Jadir Damião. **Do karoshi no Japão à birôla no Brasil: as faces do trabalho no capitalismo mundializado.** Ano 9, n. 8 p. 74 – 108, 2006.

CAVALCANTE, Matuzalem. FERNANDES, Bernardo Mançano. **Formação territorial, agronegócio e atuais mudanças na estrutura fundiária de Mato Grosso.** Ano 9, n. 8 p. 109 – 121, 2006.

TEUBAL, Miguel. **La renta de la tierra en la economía política clásica: David Ricardo.** Ano 9, n. 8 p. 122 – 132, 2006.

MENEZES, Sônia de Souza Mendonça. ALMEIDA, Maria Geralda de. **Um olhar sobre as redes de sociabilidade construídas do território das fabriquetas de queijo.** Ano 9, n. 8 p. 133 – 150, 2006.

MIRALHA, Wagner. **Questão agrária brasileira: origem, necessidade e perspectivas de reforma hoje.** Ano 9, n. 8 p. 151 – 172, 2006.

JÚNIOR, José Arbex. **Você tem fome do que?** Ano 9, n. 8 p. 173 – 185, 2006.

BARBAY, Claire. **Vers de nouvelles relations ville-campagne: les travailleurs ruraux et la création de nouveaux lieux.** Ano 9, n. 9 p. 1 – 27, 2006.

BRINGEL, Breno Marqués. **El lugar también importa. Las diferentes relaciones entre Lula y el MST.** Ano 9, n. 9 p. 28 – 48, 2006.

BRUMER, Anita. SANTOS, José Vicente Tavares dos. **Estudos agrários no Brasil: modernização, violência e lutas sociais (desenvolvimento e limites da Sociologia Rural no final do século XX).** Ano 9, n. 9 p. 49 - 73, 2006.

QUIJANO, María Adelaida Farah. CORREA, Edelmira Pérez. **Mujeres rurales y nueva ruralidad en Colombia.** Ano 9, n. 9 p. 73 – 88, 2006.

SANTOS, Maria Edilúzia Leopoldino. **A construção do caminho para a conquista da terra: um espaço de transformação do Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem-Terra.** Ano 9, n. 9 p. 89 – 112, 2006.

FILHO, José dos Reis Santos. **A instituição imaginária da Amazônia brasileira. Registros cognitivos e práticas sociais.** Ano 9, n. 9 p. 113 – 143, 2006.

LEITE, Sérgio. **Seis comentários sobre seis equívocos a respeito da reforma agrária no Brasil.** Ano 9, n. 9 p. 144 – 158, 2006.

WELCH, Clifford Andrew. **Movement histories: a preliminary historiography of the Brazil's landless laborers' movement (MST).** Ano 9, n. 9 p. 159 – 168, 2006.

BERNARDES, Júlia Adão. **Dimensões da ação e novas territorialidades no cerrado brasileiro: pistas para uma análise teórica.** Ano 10, n. 10 p. 1 – 10, 2007.

GALAFASSI, Guido. **Economía regional y emergencia de movimientos agrarios. La región Chaqueña de los años setenta.** Ano 10, n. 10 p. 11 – 36, 2007.

MACEDO, Giovanni Raimundo de; BINSZTOK, Jacob. **Associações dos agricultores familiares, cafeicultura orgânica e comércio justo na Amazônia: dilemas e perspectivas.** Ano 10, n. 10 p. 37 – 56, 2007.

MCMICHAEL, Philip. **Reframing development: global peasant movements and the new agrarian question.** Ano 10, n. 10 p. 57 – 71, 2007.

MOREIRA, Emilia; TARGINO, Ivan. **De território de exploração a território de esperança: organização agrária e resistência camponesa no semi-árido paraibano.** Ano 10, n. 10 p. 72 – 93, 2007.

RAMÍREZ, Milena Barrera. **Aproximación histórica al cooperativismo y su relación con la *praxis* desarrollada por el Movimiento de los Trabajadores Rurales Sin Tierra (MST).** Ano 10, n. 10 p. 94 – 114, 2007.

SHIMBO, Júlia Zanin; JIMÉNEZ-RUEDA, Jairo Roberto. **Zoneamento geoambiental como subsídio aos projetos de reforma agrária. Estudo de caso: assentamento rural Pirituba II.** Ano 10, n. 10 p. 115 – 133, 2007.

SUZUKI, Júlio César. **Campo e cidade no Brasil: transformações socioespaciais e dificuldades de conceituação.** Ano 10, n. 10 p. 134 – 150, 2007.

HOLT-GIMÉNEZ, Eric. **Biofuels: five myths of the agro-fuels transition.** Ano 10, n. 10 p. 151 – 164, 2007.

DESMARAIS, Annette Aurélie. **La Vía Campesina: Globalização e o poder dos camponeses.** Ano 10, n. 10 p. 165 – 173, 2007.

FABRINI, João Edmilson. **A resistência camponesa para além dos movimentos sociais.** Ano 10, n. 11 p. 8 – 32, 2007.

FARIAS, Marisa de Fátima Lomba de. **Lavouras e sonhos: as representações camponesas nos assentamentos de reforma agrária.** Ano 10, n. 11 p. 33 – 47, 2007.

FELICIANO, Carlos Alberto. **“Grilos” jurídicos no Pontal do Paranapanema: administrando os conflitos agrários.** Ano 10, n. 11 p. 48 – 60, 2007.

FERRANTE, Vera Lúcia Silveira Botta. **Assentamentos rurais no território da cana: controvérsias em cena.** Ano 10, n. 11 p. 61 – 80, 2007.

MARTÍN, Víctor O. Martín. **De cómo se evita hoy la aplicación de la reforma agraria en el Surde España.** Ano 10, n. 11 p. 81 – 108, 2007.

MENDES, Eduardo Roberto; ALMEIDA, Rosemeire Aparecida de. **Algumas considerações sobre o geógrafo anarquista Piotr Kropotkin e a comunidade rural Yuba em Mirandópolis (SP).** Ano 10, n. 11 p. 109 – 121, 2007.

SIMONETTI, Mirian Claudia Lourenção. **A Geografia dos Movimentos Sociais em tempos de Globalização: o MST e o Zapatismo.** Ano 10, n. 11 p. 122 – 130, 2007.

SAUER, Sérgio. TUBINO, Nilton Luis Godoy. **A sustentação financeira de organizações do patronato rural brasileiro.** Ano 10, n. 11 p. 131 – 148, 2007.

SILVA, Emerson Xavier da. **Entrevista a James Cockcroft.** Ano 10, n. 11 p. 149 – 169, 2007.

BRUMER, Anita. ANJOS, Gabriele dos. **Gênero e reprodução social na agricultura familiar.** Ano 11, n. 12 p. 6 – 17, 2008.

DROULERS, Martine. **Brésil: l'enjeu des biocarburants.** Ano 11, n. 12 p. 18 – 30, 2008.

GIL, Izabel Castanha. **Cooperação, competição e resistência nas associações de municípios: a AMNAP e o desenvolvimento regional da Nova Alta Paulista.** Ano 11, n. 12 p. 31 – 56, 2008.

MARQUES, Marta Inez Medeiros. **A atualidade do uso do conceito de camponês.** Ano 11, n. 12 p. 57 – 67, 2008.

MELLO, Neli Aparecida de. **E a política agrícola transforma-se em instrumento do desenvolvimento sustentável....** Ano 11, n. 12 p. 68 – 85, 2008.

PAULA, Elder Andrade de. SILVA, Silvio Simione da. **Floresta, para que te quero? Da territorialização camponesa a nova territorialidade do capital.** Ano 11, n. 12 p. 86 -97, 2008.

ROMÃO, Lucília Maria Sousa; PACÍFICO, Soraya Maria Romano. **Muito além de giz e lousa: análise do litígio discursivo em torno da questão agrária.** Ano 11, n. 12 p. 98 – 107, 2008.

SOARES, Jorge Luís Nascimento; ESPINDOLA, Carlos Roberto. **Geotecnologias no planejamento de assentamentos rurais: premissa para o desenvolvimento rural sustentável.** Ano 11, n. 12 p. 108 – 116, 2008.

OCADA, Fabio Kazuo; MELO, Beatriz Medeiros de. **Entrevista com Maria Aparecida de Moraes Silva.** Ano 11, n. 12 p. 117 – 136, 2008.

BENINI Edi Augusto; BENINI, Elcio Gustavo. **Reforma agrária no contexto da economia solidária.** Ano 11, n. 13 p. 6 – 15, 2008.

CAVALCANTE, Matuzalem; FERNANDES, Bernardo Mançano. **Territorialização do agronegócio e concentração fundiária.** Ano 11, n. 13 p. 16 – 25, 2008.

CHENG, T.J. **Overtime in China: law, practice and social exclusion.** Ano 11, n. 13 p. 26 – 46, 2008.

DA ROS, César Augusto. **A política fundiária do governo da Frente Popular no Rio Grande do Sul (1999-2002): diretrizes, luta política e resultados atingidos.** Ano 11, n. 13 p. 47 – 82, 2008.

EDUARDO, Márcio Freitas. **O conceito de território e o agroartesanato.** Ano 11, n. 13 p. 83 – 101, 2008.

PAULA, Elder Andrade de; SILVA, Silvio Simione da. **Movimentos sociais na Amazônia brasileira: vinte anos sem Chico Mendes.** Ano 11, n. 13 p. 102 – 117, 2008.

SAQUET, Marcos Aurélio; MONDARDO, Marcos Leandro. **A construção de territórios na migração por meio de redes de relações sociais.** Ano 11, n. 13 p. 118 – 127, 2008.

SEGRELLES, José Antonio. **La ecología y el desarrollo sostenible frente al capitalismo: una contradicción insuperable.** Ano 11, n. 13 p. 128 – 143, 2008.

SOARES, Jorge Luís Nascimento. **Assentamentos de reforma agrária na defesa e conservação do cerrado: o caso da região sul do Maranhão.** Ano 11, n. 13 p. 144 – 155, 2008.

BÔAS, Rafael Litvin Villas. **Terrorismo à brasileira: a retórica da vez da classe dominante contra o MST.** Ano 11, n. 13 p. 156 – 165, 2008.

SANTONJA, Jordi Tormo i. **Hacia uma Geografia útil: el papel de la Geografía en el siglo XXI en España.** Ano 12, n. 14 p. 7– 27, 2009.

NUNES, João Osvaldo Rodrigues; SERRANO, José Antonio Segrelles. **Análise agrária da multifuncionalidade da terra na província de Alicante-Espanha.** Ano 12, n. 14 p. 28 – 47, 2009.

REITER, Bernd. **A genealogy of Black organizing in Brazil.** Ano 12, n. 14 p. 48 – 62, 2009.

VANDEN, Harry E. **Novos movimentos sociais, globalização e democratização: a participação do MST.** Ano 12, n. 14 p. 63 – 71, 2009.

PICCIN, Marcos Botton et al. **Análise do processo de constituição e desestruturação da cooperativa de agricultores assentados Terra Vida – COOPERVIDA, RS.** Ano 12, n. 14 p. 72 – 96, 2009.

ROOS, Djoni. **Lutas camponesas e diferentes atividades associativas nos assentamentos de sem-terra.** Ano 12, n. 14 p. 97 – 111, 2009.

BEZERRA, Juscelino Eudâmidas. **Agronegócio e ideologia: contribuições teóricas.** Ano 12, n. 14 p. 112 – 124, 2009.

SILVA, Judson Jorge; ALENCAR, Francisco Amaro Gomes de. **Do sonho à devastação onde tudo se (RE)constrói: experiências e memórias nas lutas por terra da região do Cariri-CE.** Ano 12, n. 14 p. 125 – 141, 2009.

ACUÑA, Isaías Tobasura. **De campesinos a empresarios. La retórica neoliberal de la política agraria en Colombia.** Ano 12, n. 15 p. 07– 21, 2009.

CARRASCO, Salvador Ferradás. **Desarrollo Local, Promoción y Publicidad: Criterios de Calidad Medioambiental y Territorial para la mejora de Ciudades Turísticas.** Ano 12, n. 15 p. 22–33, 2009.

CORRÊA, Sérgio Roberto Moraes. **O Movimento dos Atingidos por Barragem na Amazônia: um movimento popular nascente de “vidas inundadas”.** Ano 12, n. 15 p. 34– 65, 2009.

OLIVEIRA, Gustavo de L. T. **Uma descrição agroecológica da crise atual.** Ano 12, n. 15 p. 66– 87, 2009.

ROSSETTO, Onélia Carmem. **Sustentabilidade Ambiental do Pantanal Mato-Grossense: Interfaces entre Cultura, Economia e Globalização.** Ano 12, n. 15 p. 88–105, 2009.

VIDAL, Déa de Lima; ALENCAR, João Vitor de Oliveira. **Diferenciação camponesa na Depressão Sertaneja Semi-Árida do Ceará.** Ano 12, n. 15 p. 106–135, 2009.

GÓMEZ, Sérgio. **Urbanização e Ruralidade. Os condomínios e os conselhos de desenvolvimento social.** Brasília: MDA, 2009 (resenha). Ano 12, n. 15 p. 136–138, 2009.

SILVA, José Graziano; GÓMEZ, Sergio; CASTAÑEDA, Rodrigo. **“Boom” agrícola e persistência da pobreza na América Latina: algumas considerações.** Ano 13, n. 16 p. 7- 21, 2010.

ALTIERI, Miguel A. **Agroecologia, agricultura camponesa e soberania alimentar.** Ano 13, n. 16 p. 22-32, 2010.

OLIVEIRA, Gustavo de L. T. **Prescrições agroecológicas para a crise atual.** Ano 13, n. 16 p. 33-47, 2010.

FIRMIANO, Frederico Daia. **O novo colonialismo transnacional e a experiência brasileira do agronegócio.** Ano 13, n. 16 p. 48-62, 2010.

ROSSI, Virginia. **La producción familiar en la cuestión agraria uruguaya.** Ano 13, n. 16 p. 63-80, 2010.

PATÍÑO, Luís Carlos Agudelo. **Campesinos sin tierra, tierra sin campesinos: territorio, conflicto y resistencia campesina en Colômbia.** Ano 13, n. 16 p. 81-95, 2010.

BASU, Pratyusha. **Scale, place and social movements: strategies of resistance along India's Narmada river.** Ano 13, n. 16 p. 96-113, 2010.

MOREIRA, Vagner José. **A criminalização dos movimentos sociais de luta pela terra: mundos dos trabalhadores, questão agrária e o “levante comunista” de 1949 em Fernandópolis-SP.** Ano 13, n. 16 p. 114-129, 2010.

THÉRY, Hervé et al. **Geografias do trabalho escravo contemporâneo no Brasil.** Ano 13, n. 17 p. 7-28, 2010.

VELTMEYER, Henry. **Dynamics of agrarian transformation and resistance.** Ano 13, n. 17 p. 29-49, 2010.

RINCÓN, Luis Felipe. **¡Hombres de maíz! Una mirada a la actualidad organizativa campesina en Guatemala.** Ano 13, n. 17 p. 49-64, 2010.

MACHADO, Antonio Maciel Botelho; CASALINHO, Helvio Debli. **Crítica à pluriatividade e suas relações com o campesinato e a reforma agrária.** Ano 13, n. 17 p. 65-80, 2010.

ESTRADA, María de. **Geografía de la frontera: mecanismos de territorialización del agronegocio en frontera agropecuaria de Santiago del Estero, Argentina.** Ano 13, n. 17 p. 81-93, 2010.

FARIAS, Cleilton Sampaio; FARIAS, Cleisson Sampaio de Farias. **Os fundamentos e a expressão da questão agrária no Acre.** Ano 13, n. 17 p. 94-111, 2010.

MONDARDO, Marcos Leandro. **A “territorialização” do agronegócio globalizado em Barreiras- BA: migração sulista, reestruturação produtiva e contradições sócio-territoriais.** Ano 13, n. 17 p. 112-130, 2010.

SOARES, Venozina de Oliveira; ROCHA, Luciana Oliveira. **A evolução da estrutura agrária do município de Barra do Choça-BA.** Ano 13, n. 17 p. 131-149, 2010.

OLIVEIRA, Nallígia Tavares de. **Entrevista com Valmir Ulisses Sebastião – Ocupações de terra: mudanças e perspectivas.** Ano 13, n. 17 p.150-156, 2010.

SPOSITO, Eliseu Savério. **Nota: a permanência na transformação e a transformação da permanência.** Ano 13, n. 17 p. 157-159, 2010.

JESUS, José Novaes. **A pedagogia da alternância e o debate da Educação do/no campo no estado de Goiás.** Ano 14, n. 18 p. 7-20, 2011.

SOUZA, Francilane Eulália de. **Os colégios rurais agrupados na Espanha: lugar de fortalecimento do campesinato?** Ano 14, n. 18 p. 21-36, 2011.

QUEIROZ, João Batista Pereira de. **A educação do campo no Brasil e a construção das escolas do campo.** Ano 14, n. 18 p. 37-46, 2011.

CAMACHO, Rodrigo Simão. **Conhecendo os camponeses-estudantes e o seus territórios no município de Paulicéia-SP: trabalho familiar, lazer e escola.** Ano 14, n. 18 p. 47-78, 2011.

CORRÊA, Sérgio Roberto Moraes; HAGE, Salomão Antônio Mufarrej. **Amazônia: a urgência e necessidade da construção de políticas e práticas educacionais inter/multiculturais.** Ano 14, n. 18 p. 79-105, 2011.

NASCIMENTO, Claudemiro Godoy do. **Educação do Campo na encruzilhada entre emancipação *versus* reino do capital: uma leitura filosófica.** Ano 14, n. 18 p. 106-124, 2011.

FERNANDES, Bernardo Mançano. **Educação do Campo e Desenvolvimento Territorial Rural.** Ano 14, n. 18 p. 125-135, 2011.

PERCÍNCULA, Analia; JORGE, Andrés; CALVO, Claudia; MARIOTTI, Daniela; DOMÍNGUEZ, Diego; ESTRADA, Maria de; CICOLELLA, Mariana; BARBETTA, Pablo; SABATINO, Pablo; ASTELARRA, Sofia. **La violencia rural en la Argentina de los agronegocios: crónicas invisibles del despojo.** Ano 14. n. 19 p. 08-23, 2011.

VELTMEYER, Henry. **El itinerario de desarrollo como un idea.** Ano 14. n. 19 p. 24-43, 2011.

FREITAS, Alair Ferreira de; BOTELHO, Maria Isabel Vieira. **“Campesinato como ordem moral”: (re)visitando clássicos e (re)pensando a economia camponesa.** Ano 14. n. 19 p. 44-58, 2011.

MELLO-THÉRY, Neli Aparecida de; VAN TILBEURGH, Veronique. **Da teologia da libertação ao desenvolvimento sustentável na Amazônia brasileira: os mecanismos políticos e sociais de sua interpretação.** Ano 14. n. 19 p. 59-72, 2011.

SILVA, Simone Rezende da. **A trajetória do negro no Brasil e a territorialização quilombola.** Ano 14. n. 19 p. 73-89, 2011.

VILLELA, Fábio Fernandes. **Práticas educativas comparadas em educação do campo e os desafios da formação omnilateral na América Latina.** Ano 14. n. 19 p. 90-103, 2011.

AQUINO, Maria Lúcia Santos; LIMA, Eduardo Rodrigues Viana de; SILVA, Zenobio Abel Gouvêa Perelli da Gama e. **Manejo madeireiro na floresta estadual do Antimary, estado do Acre, Brasil.** Ano 14. n. 19 p. 104-135, 2011.

SORZANO, Angelina Herrera; RAMOS FILHO, Eraldo da Silva. **O papel e os desafios da organização camponesa em Cuba: entrevista com o dirigente da Associação Nacional dos Agricultores Pequenos (ANAP), Mario La O Sosa.** Ano 14. n. 19 p. 136-151, 2011.

WANDSCHEER, Elvis Albert Robe; MACIEL, Carlos Alberto da Rosa; NEVES, Anderson Souto. **A influência dos processos contemporâneos na alimentação: uma proposta de reflexão.** Ano 14. n. 19 p. 152-161, 2011.

CARDOSO, Antonio Ismael; JOVCHELEVICH, Pedro; MOREIRA, Vladimir. **Produção de sementes e melhoramento de hortaliças para a agricultura familiar em manejo orgânico.** Ano 14. n. 19 p. 162-169, 2011.

ECHENIQUE, Sergio Gómez. **Reflexiones sobre la dinámica reciente del mercado de la tierra en América Latina y el Caribe.** Ano 15. n. 20 p. 08-57, 2012.

VIEIRA, Flávia Braga. **Lutas camponesas na escala internacional: um estudo sobre a Via Campesina.** Ano 15. n. 20 p. 58-82, 2012.

BARCELLOS, Sérgio Botton. **A interdependência entre estado e MST na constituição de um assentamento de reforma agrária.** Ano 15. n. 20 p. 83-98, 2012.

CUNHA, Paulo Roberto; MELLO-THÉRY, Neli Aparecida de. **A terra prometida ainda é promessa... desapropriação da fazenda Nova Alegria pelo descumprimento do Código Florestal: conflito, impunidade e imbróglgio jurídico.** Ano 15. n. 20 p. 99-130, 2012.

DA ROS, César Augusto; PICCIN, Marcos Botton. **Os serviços de assessoria técnica e social aos assentamentos de reforma agrária: uma análise qualitativa das ações do projeto Lumiar no estado do Rio de Janeiro.** Ano 15. n. 20 p. 131-155, 2012.

LARA JÚNIOR, Nadir. **Análise das principais influências ideológicas na constituição do MST.** Ano 15. n. 20 p. 156-174, 2012.

SANTOS, Anderson Luiz Machados dos; DE DAVID, Cesar. **Luta pela terra e disputas territoriais na região da campanha gaúcha: o processo de formação do assentamento Conquista do Caiboaté em São Gabriel – RS.** Ano 15. n. 20 p. 175-192, 2012.

CAPOANE, Viviane; SANTOS, Danilo Rheinheimer dos. **Análise qualitativa do uso e ocupação da terra no assentamento Alvorada, Júlio de Castilhos – Rio Grande do Sul.** Ano 15. n. 20 p. 193-205, 2012.

ORIGUÉLA, Camila Ferracini. **O partido da terra: como os políticos conquistam o território brasileiro.** Ano 15. n. 20 p. 206-207, 2012.

FERNANDES, Bernardo Mançano. **Movimentos socioterritoriais e movimentos socioespaciais: contribuição teórica para uma leitura geográfica dos movimentos Sociais.** Ano 15, Edição Especial, p. 09 – 20, 2012.

PAULINO, Eliane Tomiasi. **Capitalismo rentista e luta pela terra: a fragilidade do parâmetro de renda monetária no estudo dos assentamentos rurais.** Ano 15, Edição Especial, p. 21 – 42, 2012.

MARQUES, Marta Inez Medeiros. **A atualidade do uso do conceito de camponês.** Ano 15, Edição Especial, p. 43 – 54, 2012.

FABRINI, João Edmilson. **A resistência camponesa para além dos movimentos sociais.** Ano 15, Edição Especial, p. 55 – 78, 2012.

SILVA, José Graziano; GÓMEZ, Sergio; CASTAÑEDA, Rodrigo. **“Boom” agrícola e persistência da pobreza na América Latina: algumas considerações.** Ano 15, Edição Especial, p. 79 – 92, 2012.

ALTIERI, Miguel A. **Agroecologia, agricultura camponesa e soberania alimentar.** Ano 15, Edição Especial, p. 93 – 102, 2012.

ELIAS, Denise. **Ensaio sobre os espaços agrícolas de exclusão.** Ano 15, Edição Especial, p. 103 – 126, 2012.

HEREDIA, Beatriz Maria Alásia de. CINTRÃO, Rosângela Pezza. **Gênero e acesso a políticas públicas no meio rural brasileiro.** Ano 15, Edição Especial, p. 127 – 154, 2012.

MOREIRA, Emilia; TARGINO, Ivan. **De território de exploração a território de esperança: organização agrária e resistência camponesa no semi-árido paraibano.** Ano 15, Edição Especial, p. 155 – 176, 2012.

SILVA, Silvio Simione da. **O espaço agrário acreano nas últimas décadas do século XX.** Ano 15, Edição Especial, p. 177 – 184, 2012.

CLEMENTS, Elizabeth Alice. **Agrarian reform, food sovereignty and the MST: socio-environmental impacts of agrofuels production in the Pontal do Paranapanema region of São Paulo state, Brazil.** Ano 15. n. 21 p. 08-32, 2012.

FABRINI, João Edmilson; ROOS, Djoni; MARQUES, Erwin Becker; GONÇALVES, Leandro Daneluz. **Lutas e resistências no campo paranaense e o projeto Dataluta-PR.** Ano 15. n. 21 p. 33-49, 2012.

DAL POZZO, Clayton Ferreira. **Pelo espaço ou pelo território? Possibilidades de articulação para se compreender a territorialidade e a fragmentação socioespacial.** Ano 15. n. 21 p. 50-68, 2012.

PIEDRACUEVA, Maximiliano. **Aportes metodológicos de la teoría del desarrollo territorial.** Ano 15. n. 21 p. 69-78, 2012.

MORENO, Glaucia de Sousa; GUERRA, Gutemberg Armando Diniz. **O drama da instalação de famílias agricultoras na mesorregião sudeste paraense.** Ano 15. n. 21 p. 79-99, 2012.

PATRÍCIO, Patrícia Cartes; GOMES, João Carlos Costa. **Desenvolvimento rural sustentável, planejamento e participação.** Ano 15. n. 21 p. 100-113, 2012.

MOTA, Juliana Grasiéli Bueno. **Movimento étnico-socioterritorial Guarani e Kaiowa no estado de Mato Grosso do Sul: disputas territoriais nas retomadas pelo Tekoha-Tekohará.** Ano 15. n. 21 p. 114-134, 2012.

ROSSETTO, Onélia Carmem; GIRARDI, Eduardo Paulon. **Dinâmica agrária e sustentabilidade socioambiental no Pantanal brasileiro.** Ano 15. n. 21 p. 135-161, 2012.

OMENA, Maria Luiza Rodrigues de Albuquerque; SOUZA, Roberto Rodrigues de; SOARES, Maria José Nascimento. **Contradições do programa sergipano de biodiesel.** Ano 15. n. 21 p. 162-172, 2012.

GARRIDO, Hellen Charlot Cristancho. **Vivir bien ¿paradigma no capitalista?** Ano 15. n. 21 p. 173-180, 2012.

AVILA, Camilo Alejandro Bustos. **O componente social do Plano Colômbia e a territorialidade da comunidade camponesa-indígena Awá do departamento de Putumayo (Colômbia).** Ano 16. n. 22. p. 09-26.

BARRI, Juan. **Renta Agraria em contextos de alta productividad: las contradicciones emergentes en el actual régimen de producción agropecuaria argentino.** Ano 16. n. 22. p. 27-42.

LOBOS, Damian Andres. **Los territorios de la desposesión: los enclaves y la logística como territorialización del modelo extractivo sudamericano.** Ano 16. n. 22. p. 43-54.

BELLACOSA, Julia Marques. **Os desafios da produção camponesa frente à expansão dos agrocombustíveis, o assentamento Monte Alegre: Araraquara-SP.** Ano 16. n. 22. p. 55-81.

OYAHANTÇABAL, Gabriel. **Los tres campos em la cueston agraria en Uruguay.** Ano 16. n. 22. p. 82-95.

MACEDO, Magno Roberto Alves; DARNET, Laura Angélica Ferreira; THALÊS, Marcelo Cordeiro; POCCARD-CHAPUÍS, Rene. **Configuração espacial do desflorestamento em fronteira agrícola na Amazônia: um estudo de caso na região de São Félix do Xingu, estado do Pará.** Ano 16. n. 22. p. 96-110.

MACHADO, Maria Rita Ivo de Melo; ALBUQUERQUE, Mariana Zerbone Alves de. **Nova lógica na produção de cana-de-açúcar na Zona da Mata pernambucana: transformações fundiárias para a perpetuação das relações de poder.** Ano 16. n. 22. p. 111-126.

VARGAS, Daiane Loreto. **Trabalho dos extensionistas no contexto da ATES: o caso dos assentamentos de Candiota/RS.** Ano 16. n. 22. p. 127-137.

CARDONA, David Vásquez. **Disputas territoriales con el capital, las subordinaciones, paradigmas y modelos de desarrollo.** Ano 16. n. 23. p. 09-26.

VINHA, Janaina Francisca de Souza Campos. **Território (i)material e Geografia Agrária: Paradigmas em Questão.** Ano 16. n. 23. p. 27-42.

MITIDIERO JUNIOR, Marco Antônio. **Agricultura de beira de estrada ou agropecuária marginal ou, ainda, o campesinato espremido.** Ano 16. n. 23. p. 43-59.

CUBAS, Tiago Egídio Avanço. **Aspectos da formação da opinião pública paulista: um estudo baseado no Dataluta jornal de 1988 a 2010.** Ano 16. n. 23. p. 60-80.

CASTRO, Cloves Alexandre. **Movimento social e geografia: contribuição ao debate.** Ano 16. n. 23. p. 81-108.

MORALES, Selene. **La “sojización” y la tierra en disputa: desarrollo del capitalismo agrario en Uruguay.** Ano 16. n. 23. p. 109-130.

SILVA, Tanise Pedron da; COSTABEBER, José Antônio. **A (re)organização da produção: um estudo da segurança alimentar nos assentamentos de reforma agrária Santa Rita e Sepé Tiaraju, município de Capão do Cipó (RS).** Ano 16. n. 23. p. 131-149.

SILVA, Raimundo Pires. **As especificidades da nova ATER para agricultura familiar.** Ano 16. n. 23. p. 150-166.

RIBEIRO, Leandro Nieves. **A Via Campesina: a globalização e o poder do campesinato.** Ano 16. n. 23. p. 167-170.

ALMEIDA, Rosemeire Aparecida de; HÉRNANDEZ, David Gallar; COLADO, Ángel Calle. **A “nova” questão agrária em Andalucía: processos de recampesinização em tempos de impérios agroalimentares.** Ano 17. n. 24. p. 09-35.

CUTINELLA, César. **La cuestión agraria uruguaya en los manuales escolares de geografía: una aproximación a su evolución histórica.** Ano 17. n. 24. p. 36-50.

BATISTA, Ândrea Francine. **A formação e a organização política na territorialização contra-hegemônica: a experiência da Via Campesina sudamérica.** Ano 17. n. 24. p. 51-70.

BELO, Diego Carvalho; PEDLOWSKI, Marcos Antônio. **Acampamentos do MST e sua importância na formação da identidade do sem terra.** Ano 17. n. 24. p. 71-85.

JARA, Cristian Emanuel; SPERAT, Ramiro Rodríguez; RINCÓN, Luis Felipe. **La agricultura familiar en el desarrollo rural: continuidades y rupturas del paradigma neoliberal en argentina y Colombia.** Ano 17. n. 24. p. 86-106.

PASINI, Isabela Leão Ponce; FIÚZA, Ana Louise de Carvalho; SILVA, Douglas Mansur da. **Modernização nas comunidades negras rurais do Sapê do Norte: discursos e práticas de (des)envolvimento e meio ambiente.** Ano 17. n. 24. p. 107-121.

SILVA, Rafael Navas; SILVA, Ivone da; MARTINS, Cibele Chalita. **Formação de coletores de sementes nativas da mata atlântica.** Ano 17. n. 24. p. 122-132.

NORDER, Luis Antônio Cabello. **Controvérsias sobre a reforma agrária no Brasil (1934-1964).** Ano 17. n. 24. p. 133-145.

VASSALLO, Miguel; CHAVES, Ethel Ferreira. **Colonización y nuevas formas de acceso a la tierra de productores familiares: enseñanzas de la colonia Maestro Soler en Uruguay.** Ano 17. n. 24. p. 146-166.

COSCIONE, Marco; PINZÓN, Viviana García. **Paro nacional agrario en Colombia: TLCS y perspectivas del movimiento social y popular.** Ano 17. n. 24. p. 167-190.

ZIMERMAN, Artur. **Conhecendo a questão agrária por seus atores.** Ano 17. n. 24. p. 191-200.

BRUSCHI, Rita. **Manifestaciones de la cuestión agraria en Uruguay.** Ano 17. n. 25. p. 10-24.

PORTO, José Renato Sant'Anna. **O discurso do agronegócio: modernidade, poder e "verdade".** Ano 17. n. 25. p. 25-46.

NAHUN, João Santos; PAIXÃO JÚNIOR, Paulo Roberto Carneiro. **Encontros e desencontros: fronteira, agronegócio da soja e campesinato no Planalto Santareno (PA).** Ano 17. n. 25. p. 47-70.

COELHO, Douglas Cristian; FABRINI, João Edmilson. **Produção de subsistência e autoconsumo no contexto de expansão do agronegócio.** Ano 17. n. 25. p. 71-87.

SILVA, Mariele de Oliveira; ALMEIDA, Rosemeire Aparecida de. **Reforma agrária nos municípios de Cáceres/MT e Selvíria/MS: agronegócio, subordinação e emancipação camponesa.** Ano 17. n. 25. p. 8-101.

SANTOS, Rafael de Oliveira Coelho dos. **A expansão do agronegócio sobre os assentamentos da reforma agrária: o caso do PA Fazenda Primavera (Andradina-SP).** Ano 17. n. 25. p. 102-135.

LEITE, Vinícius Rocha; PEDLOWSKI, Marcos Antonio; HADDAD, Ludimila Neves. **Assentamentos de reforma agrária como agentes de recuperação da cobertura vegetal em paisagens degradadas de Mata Atlântica na região norte fluminense.** Ano 17. n. 25. p. 136-146.

NAVAS, Rafael; KANIKADAN, Andréa Yumi Sugishita; SANTOS, Kátia Maria Pacheco; GARAVELLO, Maria Elisa de Paula Eduardo. **Políticas públicas e comunidades tradicionais: uma análise dos projetos de desenvolvimento local sustentável na Mata Atlântica.** Ano 17. n. 25. p. 147-161.

SOARES, Simone Fernandes. **Um processo de capacitação de jovens e adultos remanescentes de quilombolas dos Caetanos de Capuan, Caucaia – Ceará.** Ano 17. n. 25. p. 162-181.

PEREIRA, Lorena Izá. **Políticas fundiárias no Brasil: uma análise geo-histórica da governança da terra no Brasil.** Roma: International Land Coalition (Resenha). Ano 17. n. 25. p. 182-185.

RIBEIRO, Leandro Nieves. **A dialética da agroecologia: contribuição para um mundo com alimentos sem veneno.** São Paulo: Expressão Popular (Resenha). Ano 17. n. 25. p. 186-191.

TRICHES, Rozana Maria; GRISA, Cátia. **Entre mudanças e conservadorismos: uma análise dos programas de aquisição de alimentos (PAA e PNAE) a partir da retórica da intransigência.** Ano 18. n. 26. p. 11-28.

CLEMENTS, Elizabeth Alice. **Addressing rural poverty and food insecurity through local food purchasing and school lunch programs: PAA Africa, PRONAE and the creation of institutional markets in Mozambique.** Ano 18. n. 26. p. 29-52.

CHRISTANCHO GARRIDO, Hellen Charlot. **Abordagem territorial da segurança alimentar: articulação do campo e da cidade no Programa de Aquisição de Alimentos (PAA): considerações sobre o caso colombiano.** Ano 18. n. 26. p. 53-71.

PEIXOTO, Angêla Maria; OLIVEIRA, Adriano Rodrigues. **Abordagem territorial nas políticas públicas de desenvolvimento rural: uma análise do PAA para a produção camponesa no município de Ipameri-GO.** Ano 18. n. 26. p. 72-94.

SILVA, Arthur Boscaroli; PEDRON, Nelson Rodrigo. **Reprodução do campesinato através de políticas públicas voltadas para a agricultura familiar: a dinâmica do Programa Nacional de Alimentação Escolar (PNAE) em Ourinhos-SP.** Ano 18. n. 26. p. 95-112.

TEIXEIRA, Carine Andrade; NORDER, Luís Antonio Cabello. **Participação indígena no Programa de Aquisição de Alimentos (PAA).** Ano 18. n. 26. p. 113-124.

CORADIN, Cristiane; SOUZA, Renato Santos. **Os quilombolas e o Programa de Aquisição de Alimentos (PAA) no Vale do Ribeira Paraná: diversidades culturais, enquadramentos burocráticos e ações dos mediadores técnicos e sociopolíticos.** Ano 18. n. 26. p. 125-148.

LEAL, Sidney Cássio Todescato. **O Programa de Aquisição de Alimentos (PAA) no Pontal do Paranapanema.** Ano 18. n. 26. p. 149-166.

COCA, Estevan Leopoldo de Freitas. **O Programa de Aquisição de Alimentos (PAA) como uma política pública emancipatória no território Cantuquiriguaçu-PR.** Ano 18. n. 26. p. 167-184.

VINHA, Janaína Francisca de Souza Campos; SCHIVINATTO, Mônica. **Soberania alimentar e territórios camponeses: uma análise do Programa de Aquisição de Alimentos (PAA).** Ano 18. n. 26. p. 185-205.

GOLDFARB, Yamila. **Consolidação da hegemonia das corporações, monopolização do território e acumulação por espoliação: o caso da Cargill no Brasil e na Argentina.** Ano

18. n. 27. p. 11-37.

VÁSQUEZ CARDONA, David. **La crisis cafetera: elementos para una discusión sobre los análisis de los sistemas alimentarios.** Ano 18. n. 27. p. 38-52.

MAGGI, Leonardo Bauer. **Itaipu e a formação do território do capital.** Ano 18. n. 27. p. 53-63.

SOBREIRO FILHO, José. **O(s) movimento(s) por trás das dissensões: rupturas, agregação, lideranças e poder nas dissidências do Pontal do Paranapanema.** Ano 18. n. 27. p. 64-95.

MORAES, Vitor de; WELCH, Clifford Andrew. **A disputa territorial e o controle das políticas no território Cantuquiriguaçu - estado do Paraná: a participação dos movimentos socioterritoriais e o papel do estado.** Ano 18. n. 27. p. 96-112.

ORIGUÉLA, Camila Ferracini. **Análise do processo de espacialização do MST no estado de São Paulo em diferentes contextos histórico-geográficos.** Ano 18. n. 27. p. 113-137.

NAVAS, Rafael; KANIKADAN; Andréa Yumi Sugishita; SANTOS, Kátia Maria Pacheco dos; GARAVELLO, Maria Elisa de Paula Eduardo. **Transição alimentar em comunidade quilombola no litoral sul de São Paulo/Brasil.** Ano 18. n. 27. p. 138-155.

NETO, João Augusto de Andrade. **A teoria e a prática do MST para a cooperação e a organização em assentamentos rurais.** Ano 18. n. 27. p. 156-182.

ROS, César Augusto Da; PICCIN, Marcos Botton. **A implantação do programa de assessoria técnica, social e ambiental aos assentamentos de reforma agrária no estado do Rio de Janeiro nos anos de 2002 a 2008: diretrizes, formatos institucionais e dinâmica de execução.** Ano 18. n. 27. p. 183-213.

SILVA, Edson Batista; CALAÇA, Manoel. **Disputas pela terra e na terra: possibilidades para produção agroecológica no assentamento Cunha, em Cidade Ocidental, GO.** Ano 18. n. 27. p. 214-239.

VASCONCELOS, Joana Salém. **Propriedade coletiva em debate: caminhos da revolução agrária em Cuba (1959-1964).** Ano 18. n. 27. p. 240-258.

PAZ, Raúl; LIPSHITZ, Héctor; ZERDA, Hugo Raúl; TIEDEMAN, José. **Estructura agraria, áreas de concentración de la agricultura familiar y procesos de expansión de la frontera agropecuaria en Santiago del Estero, Argentina.** Ano 18. n. 27. p. 259-279.

GALLAR HERNÁNDEZ, David; ALMEIDA, Rosemeire Aparecida de. **Revisitando la agroecología: entrevista a Eduardo Sevilla Guzmán.** Ano 18. n. 27. p. 280-295.

RIBEIRO, Edson Sabatini. **RESENHA: Dinâmicas de classe da mudança agrária.** Ano 18. n. 27. p. 296-300.

MANRIQUE, Luis Felipe Ricón. **(Neo)extrativismo e despojo no sul global: conflitos e resistências nos territórios.** Ano 18. n.28. p.09-18.

ARACH, Omar. **Problemática y febril. Una mirada a la expansión del biodiesel en argentina.** Ano 18. n. 28.p.19-31.

GOLDFARB, Yamila. **Expansão da soja e financeirização da agricultura como expressões recentes do regime alimentar corporativo no Brasil e na Argentina: o exemplo da Cargill.** Ano 18. n.28. p.32-67.

ACOSTA Claudia Yolima Devia. **Orinoquia colombiana, la influencia del agronegocio y la actividad petrolera: territorialidades en disputa.** Ano 18. n. 28. p.68-91.

BINSZTOK, Jacob; CARNEIRO, Mônica. **Integração nacional, desenvolvimento capitalista e projetos modernizantes na Amazônia: retrospectiva e perspectiva de despojos da mineração Rio do Norte – PA.** Ano 18. n.28. p.92-105.

MATO, Elmer Agostinho Carlos de; MEDEIROS, Rosa Maria Vieira. **Exploração do carvão mineral de Benga em Moçambique e a expropriação da terra dos nativos: alguns apontamentos referentes à acumulação por espoliação.** Ano 18. n.28. p.106-131.

RODRIGUEZ, Violeta R. Nuñez. **Minería en México en el marco de la acumulación por desposesión.** Ano 18. n.28. p. 132-148.

WAHREN, Juan ;SCHVARTZ, Agustina. **Disputas territoriales en el valle del intag en Ecuador: de la resistencia social contra la mega-minería a la creación de alternativas al desarrollo.** Ano 18. n.28. p.149-164.

RIEIRO, Anabel; POSADA, Valentina. **Megaminería en Uruguay:conflictos estructurantes de un nuevo campo en disputa.** Ano 18. n.28. p.165-185.

DRUMOND, Nathalie. **A guerra da água na Bolívia: a luta do movimento popular contra a privatização de um recurso natural.** Ano 18. n.28. p. 186-205.

MIGUEZ, Susana Edith Rapp; TORIZ, Rosalia Vázquez; CAPILA, Maristela Amaro; MENDOZA, Xóchilt Formacio. **La disputa por los territorios rurales frente a la nueva cara del extractivismo minero y los procesos de resistencia en Puebla, México.** Ano 18. n.28. p.206-222.

FALERO, Alfredo. **La potencialidad heurística del concepto de economía de enclave para repensar el territorio.** Ano 18. n.28. p.223-240.

GÓMEZ, Sergio. **Las directrices voluntarias sobre gobernanza responsable de la tenencia de los recursos naturales y su aplicación desde América Latina.** Ano 18. n.28. p. 241-264.

ZICARI, Julián. **Neoextractivismo en Sudamérica. El caso del litio.** Ano. 18. n. 29.p.10-47

PEREIRA, Lorena Izá. **Governança da posse e estrangeirização de terras: apontamentos e perspectivas.** Ano. 18. n. 29.p. 48- 69.

FACCO, Vinicius Antonio Banzano. **Alternativas aos impérios agroalimentares a partir do campesinato agroecológico: as experiências do acampamento agroflorestal José Lutzenberger (MST-Antonina/PR).** Ano. 18. n. 29.p.70- 100.

BATISTA, Edimar Eder. **Complexidade das relações entre campo e cidade: perspectivas teóricas.** Ano. 18. n. 29.p.101-132.

DETTMER, Carlos Alberto; SILVA, Nardel Luiz Soares da. **Agricultura familiar – estudo de caso no assentamento Teijin, município de Nova Andradina, MS.** Ano. 18. n. 29.p.133-150.

MOREIRA, Fabiano Greter; SCHILINDWEIN, Madalena Maria. **Sucessão da gestão na agricultura familiar: um estudo de caso no assentamento Santa Olga no município de Nova Andradina em Mato Grosso do Sul.** Ano. 18. n. 29.p. 151-173.

CANDIOTTO, Luciano Zanetti Pessôa; GRISA, Felipe Fontoura; SCHIMITZ, Luiz Antonio. **Considerações sobre a experiência de construção de cisternas em Unidades de Produção e Vida Familiares (UPVFs) do município de Francisco Beltrão – Paraná.** Ano. 18. n. 29.p.174- 193.

VENTURA, Cláudio Barbosa. **Formação continuada de professores das escolas do campo no município de Governador Valadares – MG.** Ano. 18. n. 29.p.220 -232.

COMPÊNDIO EDIÇÕES

FERNANDES, Bernardo Mançano. **A territorialização do MST – Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem-Terra - Brasil.** Ano 1, n. 1 p. 2 – 44, 1998.

RIBAS, Alexandre Domingues. **MST: reorganização político-territorial dos assentamentos e a consolidação do sistema cooperativista dos assentados.** Ano 1, n. 1 p. 45 – 58, 1998.

RAMALHO, Cristiane Barbosa. **Quem são os sem-terra? Uma questão relevante para a compreensão da luta pela terra no Brasil.** Ano 1, n. 1 p. 59 – 72, 1998.

Direção Nacional do MST - Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem-Terra. **As mentiras do governo FHC sobre reforma agrária.** Ano 1, n. 1 p. 72 – 75, 1998.

FERNANDES, Bernardo Mançano. **Questões teórico-metodológicas da pesquisa geográfica em assentamentos de Reforma agrária.** Ano 1, n. 2 p. 1 – 32, 1998.

PASQUETTI, Luis Antônio. **O MST como uma empresa social.** Ano 1, n. 2 p. 33 – 50, 1998.

MARCOS, Valéria de. **Da luta para entrar na terra à luta para permanecer na terra: a realidade dos assentamentos rurais paraibanos.** Ano 1, n. 2 p. 51 – 73, 1998.

ALENTEJANO, Paulo Roberto R. **O conceito de região e a problemática dos assentamentos rurais.** Ano 1, n. 2 p. 74 – 93, 1998

NERA - Núcleo de Estudos, Pesquisa e Projetos de Reforma Agrária. **DATALUTA – Banco de Dados da Luta pela Terra.** Ano 3, n. 3 p. 7 – 27, 2000.

PAVAN, Dulcinéia. **O caminho feminino para a reforma agrária.** Ano 3, n. 3 p. 28 – 44, 2000.

MOREIRA, Emília; TARGINO, Ivan; IENO NETO, Genaro. **Organização interna dos assentamentos rurais na Paraíba: caminhos e armadilhas das formas associativas.** Ano 3, n. 3 p. 45 – 57, 2000.

ALMEIDA, Rosemeire Aparecida de. **Análise preliminar da assistência técnica nos assentamentos de reforma agrária do Estado de Mato Grosso do Sul.** Ano 3, n. 3 p. 58 – 67, 2000.

FABRINI, João Edmilson; LUZ, Juan Artigas Souza; LACERDA, Celso Lisboa de. **A importância das culturas de milho e feijão para o desenvolvimento econômico de assentamentos de reforma agrária atendidos pelo projeto Lumiar – Paraná.** Ano 3, n. 3 p. 68 – 94, 2000.

GIL, Izabel Castanha. **Territorialidade e desenvolvimento contemporâneo.** Ano 7, n. 4 p. 5 – 19, 2004.

PONTE, Karina Furini da. **(Re) Pensando o Conceito do Rural.** Ano 7, n. 4 p. 20 – 28, 2004.

VIEIRA, Noemia Ramos. **O conhecimento geográfico veiculado pelos parâmetros curriculares nacionais de geografia e o espaço agrário brasileiro: reflexões para uma geografia crítica em sala de aula.** Ano 7, n. 4 p. 29 – 41, 2004.

SILVA, Silvio Simione da. **O espaço agrário acreano nas últimas décadas do século XX.** Ano 7, n. 4 p. 42 – 49, 2004.

SILVA, Tânia Paula da. **As redefinições do “rural”: breve abordagem.** Ano 7, n. 4 p. 50 – 55, 2004.

CANUTO, Antônio. **Agronegócio: a modernização conservadora que gera exclusão pela produtividade.** Ano 7, n. 5 p. 1 – 12, 2004.

ALBUQUERQUE, Gerson Rodrigues de. **Cultura, trabalho e lutas sociais entre trabalhadores agro-extrativistas do Rio Valparaíso na Amazônia acreana.** Ano 7, n. 5 p. 13 – 33, 2004.

NEVES, Achilles Lemos. **Dos movimentos sociais aos sócio-espaciais e socioterritoriais: uma tentativa de compreensão dos “movimentos” pela perspectiva geográfica.** Ano 7, n. 5 p. 35 – 42, 2004.

GONÇALVES, Renata. **Impactos da reorganização espacial dos novos modelos de assentamentos nas relações de gênero.** Ano 7, n. 5 p. 43 – 55, 2004.

ROMÃO, Lucília Maria Sousa. **Memória e atualização de sentidos em três atos do discurso jornalístico.** Ano 7, n. 5 p. 56 – 62, 2004.

BAGLI, Priscilla. **O camponês nas análises de Rousseau, Michelet e Marx: diferenças e semelhanças.** Ano 7, n. 5 p. 63 – 72, 2004.

NETO, Domingos José de Almeida. **O Método do discurso.** Ano 7, n. 5 p. 73 – 85, 2004.

PAULA, Elder Andrade de. **O movimento sindical dos trabalhadores rurais e a luta pela terra no Acre: conquistas e retrocessos.** Ano 7, n. 5 p. 86 – 101, 2004.

WELCH, Clifford Andrew. **Peasants and globalization in Latin America: a survey of recent literature.** Ano 7, n. 5 p. 102 – 112, 2004.

CARVALHO, Horácio Martins de. **Política compensatória de assentamentos rurais como negação da reforma agrária.** Ano 7, n. 5 p. 113 – 122, 2004.

KARRIEM, Abdurazack. **“Marching as to war”: a letter from Brazil to South Africa about landlessness, agrarian reform and social movement struggles against Neoliberalism.** Ano 8, n. 6 p. 1 – 13, 2005.

BEM, Anderson; FABRINI, João Edmilson. **A comercialização informal de leite como componente de resistência camponesa em Marechal Cândido Rondon - PR.** Ano 8, n. 6 p. 14 – 23, 2005.

FERNANDES, Bernardo Mançano. **Movimentos socioterritoriais e movimentos socioespaciais: contribuição teórica para uma leitura geográfica dos movimentos Sociais.** Ano 8, n. 6 p. 24 – 34, 2005.

WELCH, Clifford Andrew. **Estratégias de resistência do movimento camponês brasileiro em frente das novas táticas de controle do agronegócio transnacional.** Ano 8, n. 6 p. 35 – 45, 2005.

RAMOS FILHO, Eraldo da Silva. **A ofensiva do capital no campo brasileiro e a resistência do campesinato.** Ano 8, n. 6 p. 46 – 58, 2005.

ALENCAR, Francisco Amaro Gomes de. **Reflexões sobre a participação dos assentados nas eleições municipais.** Ano 8, n. 6 p. 59 – 74, 2005.

GIL, Izabel Castanha. FERNANDES, Bernardo Mançano. **Regiões contidas e desenvolvimento territorial: uma reflexão sobre o desenvolvimento contemporâneo da Nova Alta Paulista.** Ano 8, n. 6 p. 75 – 91, 2005.

PEREIRA, João Márcio Mendes. **A disputa política no Brasil em torno da implementação do modelo de reforma agrária de mercado do Banco Mundial (1997-2005).** Ano 8, n. 6 p. 92 – 117, 2005.

SHANIN, Teodor. **Definição de camponês: conceituações e desconceituações – o velho e o novo em uma discussão marxista.** Ano 8, n. 7 p. 1 – 21, 2005.

ALMEIDA, Antônio Alves de. **A mística na luta pela terra.** Ano 8, n. 7 p. 22 – 34, 2005.

PONTES, Beatriz Maria Soares. **A organização da unidade econômica camponesa: alguns aspectos do pensamento de Chayanov e de Marx.** Ano 8, n. 7 p. 35 – 47, 2005.

ESTEVES, Benedita Maria Gomes. **A hierarquização dos espaços agrários na Amazônia Sul-Occidental: os assentados em áreas de preservação e os não assentados.** Ano 8, n. 7 p. 48 – 67, 2005.

NEVES, Delma Pessanha. **Campesinato e reenquadramento sociais: os agricultores familiares em cena.** Ano 8, n. 7 p. 68 – 93, 2005.

WITTMAN, Hannah. **Agrarian reform and the production of locality: resettlement and community building in Mato Grosso, Brazil.** Ano 8, n. 7 p. 94 – 111, 2005.

FELÍCIO, Munir Jorge. **Ação pastoral e questão agrária no Pontal do Paranapanema.** Ano 8, n. 7 p. 112 – 124, 2005.

LERRER, Débora Franco. **Movimentos sociais, mídia e construção de um novo senso comum.** Ano 8, n. 7 p. 125 – 140, 2005.

GIARRACA, Norma. GÓMEZ, Jorge Ramón Montenegro. **Estrategias de vida, estrategias de lucha: apuntes de un trabajo de campo: el MST, São Paulo, Brasil (Reunión del GTDR – CLACSO, agosto/setiembre de 2005).** Ano 8, n. 7 p. 141 – 155, 2005.

HEREDIA, Beatriz Maria Alásia de. CINTRÃO, Rosângela Pezza. **Gênero e acesso a políticas públicas no meio rural brasileiro.** Ano 9, n. 8 p. 1 – 28, 2006.

ELIAS, Denise. **Ensaio sobre os espaços agrícolas de exclusão.** Ano 9, n. 8 p. 29 – 51, 2006.

PAULINO, Eliane Tomiasi. **Capitalismo rentista e luta pela terra: a fragilidade do parâmetro de renda monetária no estudo dos assentamentos rurais.** Ano 9, n. 8 p. 52 – 73, 2006.

SILVA, Maria Aparecida de Moraes. MARTINS, Rodrigo Constante. OCADA, Fábio Kazuo. GODOI, Stela. MELO, Beatriz Medeiros de. VETTORACCI, Andréia. BUENO, Juliana Dourado. RIBEIRO, Jadir Damião. **Do karoshi no Japão à birôla no Brasil: as faces do trabalho no capitalismo mundializado.** Ano 9, n. 8 p. 74 – 108, 2006.

CAVALCANTE, Matuzalem. FERNANDES, Bernardo Mançano. **Formação territorial, agronegócio e atuais mudanças na estrutura fundiária de Mato Grosso.** Ano 9, n. 8 p. 109 – 121, 2006.

TEUBAL, Miguel. **La renta de la tierra en la economía política clásica: David Ricardo.** Ano 9, n. 8 p. 122 – 132, 2006.

MENEZES, Sônia de Souza Mendonça. ALMEIDA, Maria Geralda de. **Um olhar sobre as redes de sociabilidade construídas do território das fabriquetas de queijo.** Ano 9, n. 8 p. 133 – 150, 2006.

MIRALHA, Wagner. **Questão agrária brasileira: origem, necessidade e perspectivas de reforma hoje.** Ano 9, n. 8 p. 151 – 172, 2006.

JÚNIOR, José Arbex. **Você tem fome do que?** Ano 9, n. 8 p. 173 – 185, 2006.

BARBAY, Claire. **Vers de nouvelles relations ville-campagne: les travailleurs ruraux et la création de nouveaux lieux.** Ano 9, n. 9 p. 1 – 27, 2006.

BRINGEL, Breno Marqués. **El lugar también importa. Las diferentes relaciones entre Lula y el MST.** Ano 9, n. 9 p. 28 – 48, 2006.

BRUMER, Anita. SANTOS, José Vicente Tavares dos. **Estudos agrários no Brasil: modernização, violência e lutas sociais (desenvolvimento e limites da Sociologia Rural no final do século XX).** Ano 9, n. 9 p. 49 - 73, 2006.

QUIJANO, María Adelaida Farah. CORREA, Edelmira Pérez. **Mujeres rurales y nueva ruralidad en Colombia.** Ano 9, n. 9 p. 73 – 88, 2006.

SANTOS, Maria Edilúzia Leopoldino. **A construção do caminho para a conquista da terra: um espaço de transformação do Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem-Terra.** Ano 9, n. 9 p. 89 – 112, 2006.

FILHO, José dos Reis Santos. **A instituição imaginária da Amazônia brasileira. Registros cognitivos e práticas sociais.** Ano 9, n. 9 p. 113 – 143, 2006.

LEITE, Sérgio. **Seis comentários sobre seis equívocos a respeito da reforma agrária no Brasil.** Ano 9, n. 9 p. 144 – 158, 2006.

WELCH, Clifford Andrew. **Movement histories: a preliminary historiography of the Brazil's landless laborers' movement (MST).** Ano 9, n. 9 p. 159 – 168, 2006.

BERNARDES, Júlia Adão. **Dimensões da ação e novas territorialidades no cerrado brasileiro: pistas para uma análise teórica.** Ano 10, n. 10 p. 1 – 10, 2007.

GALAFASSI, Guido. **Economía regional y emergencia de movimientos agrarios. La región Chaqueña de los años setenta.** Ano 10, n. 10 p. 11 – 36, 2007.

MACEDO, Giovanni Raimundo de; BINSZTOK, Jacob. **Associações dos agricultores familiares, cafeicultura orgânica e comércio justo na Amazônia: dilemas e perspectivas.** Ano 10, n. 10 p. 37 – 56, 2007.

MCMICHAEL, Philip. **Reframing development: global peasant movements and the new agrarian question.** Ano 10, n. 10 p. 57 – 71, 2007.

MOREIRA, Emilia; TARGINO, Ivan. **De território de exploração a território de esperança: organização agrária e resistência camponesa no semi-árido paraibano.** Ano 10, n. 10 p. 72 – 93, 2007.

RAMÍREZ, Milena Barrera. **Aproximación histórica al cooperativismo y su relación con la *praxis* desarrollada por el Movimiento de los Trabajadores Rurales Sin Tierra (MST).** Ano 10, n. 10 p. 94 – 114, 2007.

SHIMBO, Júlia Zanin; JIMÉNEZ-RUEDA, Jairo Roberto. **Zoneamento geoambiental como subsídio aos projetos de reforma agrária. Estudo de caso: assentamento rural Pirituba II.** Ano 10, n. 10 p. 115 – 133, 2007.

SUZUKI, Júlio César. **Campo e cidade no Brasil: transformações socioespaciais e dificuldades de conceituação.** Ano 10, n. 10 p. 134 – 150, 2007.

HOLT-GIMÉNEZ, Eric. **Biofuels: five myths of the agro-fuels transition.** Ano 10, n. 10 p. 151 – 164, 2007.

DESMARAIS, Annette Aurélie. **La Vía Campesina: Globalização e o poder dos camponeses.** Ano 10, n. 10 p. 165 – 173, 2007.

FABRINI, João Edmilson. **A resistência camponesa para além dos movimentos sociais.** Ano 10, n. 11 p. 8 – 32, 2007.

FARIAS, Marisa de Fátima Lomba de. **Lavouras e sonhos: as representações camponesas nos assentamentos de reforma agrária.** Ano 10, n. 11 p. 33 – 47, 2007.

FELICIANO, Carlos Alberto. **“Grilos” jurídicos no Pontal do Paranapanema: administrando os conflitos agrários.** Ano 10, n. 11 p. 48 – 60, 2007.

FERRANTE, Vera Lúcia Silveira Botta. **Assentamentos rurais no território da cana: controvérsias em cena.** Ano 10, n. 11 p. 61 – 80, 2007.

MARTÍN, Víctor O. Martín. **De cómo se evita hoy la aplicación de la reforma agraria en el Surde España.** Ano 10, n. 11 p. 81 – 108, 2007.

MENDES, Eduardo Roberto; ALMEIDA, Rosemeire Aparecida de. **Algumas considerações sobre o geógrafo anarquista Piotr Kropotkin e a comunidade rural Yuba em Mirandópolis (SP).** Ano 10, n. 11 p. 109 – 121, 2007.

SIMONETTI, Mirian Claudia Lourenção. **A Geografia dos Movimentos Sociais em tempos de Globalização: o MST e o Zapatismo.** Ano 10, n. 11 p. 122 – 130, 2007.

SAUER, Sérgio. TUBINO, Nilton Luis Godoy. **A sustentação financeira de organizações do patronato rural brasileiro.** Ano 10, n. 11 p. 131 – 148, 2007.

SILVA, Emerson Xavier da. **Entrevista a James Cockcroft.** Ano 10, n. 11 p. 149 – 169, 2007.

BRUMER, Anita. ANJOS, Gabriele dos. **Gênero e reprodução social na agricultura familiar.** Ano 11, n. 12 p. 6 – 17, 2008.

DROULERS, Martine. **Brésil: l'enjeu des biocarburants.** Ano 11, n. 12 p. 18 – 30, 2008.

GIL, Izabel Castanha. **Cooperação, competição e resistência nas associações de municípios: a AMNAP e o desenvolvimento regional da Nova Alta Paulista.** Ano 11, n. 12 p. 31 – 56, 2008.

MARQUES, Marta Inez Medeiros. **A atualidade do uso do conceito de camponês.** Ano 11, n. 12 p. 57 – 67, 2008.

MELLO, Neli Aparecida de. **E a política agrícola transforma-se em instrumento do desenvolvimento sustentável....** Ano 11, n. 12 p. 68 – 85, 2008.

PAULA, Elder Andrade de. SILVA, Silvio Simione da. **Floresta, para que te quero? Da territorialização camponesa a nova territorialidade do capital.** Ano 11, n. 12 p. 86 -97, 2008.

ROMÃO, Lucília Maria Sousa; PACÍFICO, Soraya Maria Romano. **Muito além de giz e lousa: análise do litígio discursivo em torno da questão agrária.** Ano 11, n. 12 p. 98 – 107, 2008.

SOARES, Jorge Luís Nascimento; ESPINDOLA, Carlos Roberto. **Geotecnologias no planejamento de assentamentos rurais: premissa para o desenvolvimento rural sustentável.** Ano 11, n. 12 p. 108 – 116, 2008.

OCADA, Fabio Kazuo; MELO, Beatriz Medeiros de. **Entrevista com Maria Aparecida de Moraes Silva.** Ano 11, n. 12 p. 117 – 136, 2008.

BENINI Edi Augusto; BENINI, Elcio Gustavo. **Reforma agrária no contexto da economia solidária.** Ano 11, n. 13 p. 6 – 15, 2008.

CAVALCANTE, Matuzalem; FERNANDES, Bernardo Mançano. **Territorialização do agronegócio e concentração fundiária.** Ano 11, n. 13 p. 16 – 25, 2008.

CHENG, T.J. **Overtime in China: law, practice and social exclusion.** Ano 11, n. 13 p. 26 – 46, 2008.

DA ROS, César Augusto. **A política fundiária do governo da Frente Popular no Rio Grande do Sul (1999-2002): diretrizes, luta política e resultados atingidos.** Ano 11, n. 13 p. 47 – 82, 2008.

EDUARDO, Márcio Freitas. **O conceito de território e o agroartesanato.** Ano 11, n. 13 p. 83 – 101, 2008.

PAULA, Elder Andrade de; SILVA, Silvio Simione da. **Movimentos sociais na Amazônia brasileira: vinte anos sem Chico Mendes.** Ano 11, n. 13 p. 102 – 117, 2008.

SAQUET, Marcos Aurélio; MONDARDO, Marcos Leandro. **A construção de territórios na migração por meio de redes de relações sociais.** Ano 11, n. 13 p. 118 – 127, 2008.

SEGRELLES, José Antonio. **La ecología y el desarrollo sostenible frente al capitalismo: una contradicción insuperable.** Ano 11, n. 13 p. 128 – 143, 2008.

SOARES, Jorge Luís Nascimento. **Assentamentos de reforma agrária na defesa e conservação do cerrado: o caso da região sul do Maranhão.** Ano 11, n. 13 p. 144 – 155, 2008.

BÔAS, Rafael Litvin Villas. **Terrorismo à brasileira: a retórica da vez da classe dominante contra o MST.** Ano 11, n. 13 p. 156 – 165, 2008.

- SANTONJA, Jordi Tormo i. **Hacia una Geografía útil: el papel de la Geografía en el siglo XXI en España.** Ano 12, n. 14 p. 7– 27, 2009.
- NUNES, João Osvaldo Rodrigues; SERRANO, José Antonio Segrelles. **Análise agrária da multifuncionalidade da terra na província de Alicante-Espanha.** Ano 12, n. 14 p. 28 – 47, 2009.
- REITER, Bernd. **A genealogy of Black organizing in Brazil.** Ano 12, n. 14 p. 48 – 62, 2009.
- VANDEN, Harry E. **Novos movimentos sociais, globalização e democratização: a participação do MST.** Ano 12, n. 14 p. 63 – 71, 2009.
- PICCIN, Marcos Botton et al. **Análise do processo de constituição e desestruturação da cooperativa de agricultores assentados Terra Vida – COOPERVIDA, RS.** Ano 12, n. 14 p. 72 – 96, 2009.
- ROOS, Djeni. **Lutas camponesas e diferentes atividades associativas nos assentamentos de sem-terra.** Ano 12, n. 14 p. 97 – 111, 2009.
- BEZERRA, Juscelino Eudâmidas. **Agronegócio e ideologia: contribuições teóricas.** Ano 12, n. 14 p. 112 – 124, 2009.
- SILVA, Judson Jorge; ALENCAR, Francisco Amaro Gomes de. **Do sonho à devastação onde tudo se (RE)constrói: experiências e memórias nas lutas por terra da região do Cariri-CE.** Ano 12, n. 14 p. 125 – 141, 2009.
- ACUÑA, Isaías Tobasura. **De campesinos a empresarios. La retórica neoliberal de la política agraria en Colombia.** Ano 12, n. 15 p. 07– 21, 2009.
- CARRASCO, Salvador Ferradás. **Desarrollo Local, Promoción y Publicidad: Criterios de Calidad Medioambiental y Territorial para la mejora de Ciudades Turísticas.** Ano 12, n. 15 p. 22–33, 2009.
- CORRÊA, Sérgio Roberto Moraes. **O Movimento dos Atingidos por Barragem na Amazônia: um movimento popular nascente de “vidas inundadas”.** Ano 12, n. 15 p. 34– 65, 2009.
- OLIVEIRA, Gustavo de L. T. **Uma descrição agroecológica da crise atual.** Ano 12, n. 15 p. 66– 87, 2009.
- ROSSETTO, Onélia Carmem. **Sustentabilidade Ambiental do Pantanal Mato-Grossense: Interfaces entre Cultura, Economia e Globalização.** Ano 12, n. 15 p. 88–105, 2009.
- VIDAL, Déa de Lima; ALENCAR, João Vitor de Oliveira. **Diferenciação camponesa na Depressão Sertaneja Semi-Árida do Ceará.** Ano 12, n. 15 p. 106–135, 2009.
- GÓMEZ, Sérgio. **Urbanização e Ruralidade. Os condomínios e os conselhos de desenvolvimento social.** Brasília: MDA, 2009 (resenha). Ano 12, n. 15 p. 136–138, 2009.
- SILVA, José Graziano; GÓMEZ, Sergio; CASTAÑEDA, Rodrigo. **“Boom” agrícola e persistência da pobreza na América Latina: algumas considerações.** Ano 13, n. 16 p. 7- 21, 2010.
- ALTIERI, Miguel A. **Agroecologia, agricultura camponesa e soberania alimentar.** Ano 13, n. 16 p. 22-32, 2010.

OLIVEIRA, Gustavo de L. T. **Prescrições agroecológicas para a crise atual.** Ano 13, n. 16 p. 33-47, 2010.

FIRMIANO, Frederico Daia. **O novo colonialismo transnacional e a experiência brasileira do agronegócio.** Ano 13, n. 16 p. 48-62, 2010.

ROSSI, Virginia. **La producción familiar en la cuestión agraria uruguaya.** Ano 13, n. 16 p. 63-80, 2010.

PATÍÑO, Luís Carlos Agudelo. **Campesinos sin tierra, tierra sin campesinos: territorio, conflicto y resistencia campesina en Colômbia.** Ano 13, n. 16 p. 81-95, 2010.

BASU, Pratyusha. **Scale, place and social movements: strategies of resistance along India's Narmada river.** Ano 13, n. 16 p. 96-113, 2010.

MOREIRA, Vagner José. **A criminalização dos movimentos sociais de luta pela terra: mundos dos trabalhadores, questão agrária e o “levante comunista” de 1949 em Fernandópolis-SP.** Ano 13, n. 16 p. 114-129, 2010.

THÉRY, Hervé et al. **Geografias do trabalho escravo contemporâneo no Brasil.** Ano 13, n. 17 p. 7-28, 2010.

VELTMEYER, Henry. **Dynamics of agrarian transformation and resistance.** Ano 13, n. 17 p. 29-49, 2010.

RINCÓN, Luis Felipe. **¡Hombres de maíz! Una mirada a la actualidad organizativa campesina en Guatemala.** Ano 13, n. 17 p. 49-64, 2010.

MACHADO, Antonio Maciel Botelho; CASALINHO, Helvio Debli. **Crítica à pluriatividade e suas relações com o campesinato e a reforma agrária.** Ano 13, n. 17 p. 65-80, 2010.

ESTRADA, María de. **Geografía de la frontera: mecanismos de territorialización del agronegocio en frontera agropecuaria de Santiago del Estero, Argentina.** Ano 13, n. 17 p. 81-93, 2010.

FARIAS, Cleilton Sampaio; FARIAS, Cleisson Sampaio de Farias. **Os fundamentos e a expressão da questão agrária no Acre.** Ano 13, n. 17 p. 94-111, 2010.

MONDARDO, Marcos Leandro. **A “territorialização” do agronegócio globalizado em Barreiras- BA: migração sulista, reestruturação produtiva e contradições sócio-territoriais.** Ano 13, n. 17 p. 112-130, 2010.

SOARES, Venozina de Oliveira; ROCHA, Luciana Oliveira. **A evolução da estrutura agrária do município de Barra do Choça-BA.** Ano 13, n. 17 p. 131-149, 2010.

OLIVEIRA, Nallígia Tavares de. **Entrevista com Valmir Ulisses Sebastião – Ocupações de terra: mudanças e perspectivas.** Ano 13, n. 17 p.150-156, 2010.

SPOSITO, Eliseu Savério. **Nota: a permanência na transformação e a transformação da permanência.** Ano 13, n. 17 p. 157-159, 2010.

JESUS, José Novaes. **A pedagogia da alternância e o debate da Educação do/no campo no estado de Goiás.** Ano 14, n. 18 p. 7-20, 2011.

SOUZA, Francilane Eulália de. **Os colégios rurais agrupados na Espanha: lugar de fortalecimento do campesinato?** Ano 14, n. 18 p. 21-36, 2011.

QUEIROZ, João Batista Pereira de. **A educação do campo no Brasil e a construção das escolas do campo.** Ano 14, n. 18 p. 37-46, 2011.

CAMACHO, Rodrigo Simão. **Conhecendo os camponeses-estudantes e o seus territórios no município de Paulicéia-SP: trabalho familiar, lazer e escola.** Ano 14, n. 18 p. 47-78, 2011.

CORRÊA, Sérgio Roberto Moraes; HAGE, Salomão Antônio Mufarrej. **Amazônia: a urgência e necessidade da construção de políticas e práticas educacionais inter/multiculturais.** Ano 14, n. 18 p. 79-105, 2011.

NASCIMENTO, Claudemiro Godoy do. **Educação do Campo na encruzilhada entre emancipação *versus* reino do capital: uma leitura filosófica.** Ano 14, n. 18 p. 106-124, 2011.

FERNANDES, Bernardo Mançano. **Educação do Campo e Desenvolvimento Territorial Rural.** Ano 14, n. 18 p. 125-135, 2011.

PERCÍNCULA, Analia; JORGE, Andrés; CALVO, Claudia; MARIOTTI, Daniela; DOMÍNGUEZ, Diego; ESTRADA, Maria de; CICOLELLA, Mariana; BARBETTA, Pablo; SABATINO, Pablo; ASTELARRA, Sofia. **La violencia rural en la Argentina de los agronegocios: crónicas invisibles del despojo.** Ano 14. n. 19 p. 08-23, 2011.

VELTMEYER, Henry. **El itinerario de desarrollo como un idea.** Ano 14. n. 19 p. 24-43, 2011.

FREITAS, Alair Ferreira de; BOTELHO, Maria Isabel Vieira. **“Campesinato como ordem moral”: (re)visitando clássicos e (re)pensando a economia camponesa.** Ano 14. n. 19 p. 44-58, 2011.

MELLO-THÉRY, Neli Aparecida de; VAN TILBEURGH, Veronique. **Da teologia da libertação ao desenvolvimento sustentável na Amazônia brasileira: os mecanismos políticos e sociais de sua interpretação.** Ano 14. n. 19 p. 59-72, 2011.

SILVA, Simone Rezende da. **A trajetória do negro no Brasil e a territorialização quilombola.** Ano 14. n. 19 p. 73-89, 2011.

VILLELA, Fábio Fernandes. **Práticas educativas comparadas em educação do campo e os desafios da formação omnilateral na América Latina.** Ano 14. n. 19 p. 90-103, 2011.

AQUINO, Maria Lúcia Santos; LIMA, Eduardo Rodrigues Viana de; SILVA, Zenobio Abel Gouvêa Perelli da Gama e. **Manejo madeireiro na floresta estadual do Antimary, estado do Acre, Brasil.** Ano 14. n. 19 p. 104-135, 2011.

SORZANO, Angelina Herrera; RAMOS FILHO, Eraldo da Silva. **O papel e os desafios da organização camponesa em Cuba: entrevista com o dirigente da Associação Nacional dos Agricultores Pequenos (ANAP), Mario La O Sosa.** Ano 14. n. 19 p. 136-151, 2011.

WANDSCHEER, Elvis Albert Robe; MACIEL, Carlos Alberto da Rosa; NEVES, Anderson Souto. **A influência dos processos contemporâneos na alimentação: uma proposta de reflexão.** Ano 14. n. 19 p. 152-161, 2011.

CARDOSO, Antonio Ismael; JOVCHELEVICH, Pedro; MOREIRA, Vladimir. **Produção de sementes e melhoramento de hortaliças para a agricultura familiar em manejo orgânico.** Ano 14. n. 19 p. 162-169, 2011.

ECHENIQUE, Sergio Gómez. **Reflexiones sobre la dinámica reciente del mercado de la tierra en América Latina y el Caribe.** Ano 15. n. 20 p. 08-57, 2012.

VIEIRA, Flávia Braga. **Lutas camponesas na escala internacional: um estudo sobre a Via Campesina.** Ano 15. n. 20 p. 58-82, 2012.

BARCELLOS, Sérgio Botton. **A interdependência entre estado e MST na constituição de um assentamento de reforma agrária.** Ano 15. n. 20 p. 83-98, 2012.

CUNHA, Paulo Roberto; MELLO-THÉRY, Neli Aparecida de. **A terra prometida ainda é promessa... desapropriação da fazenda Nova Alegria pelo descumprimento do Código Florestal: conflito, impunidade e imbróglio jurídico.** Ano 15. n. 20 p. 99-130, 2012.

DA ROS, César Augusto; PICCIN, Marcos Botton. **Os serviços de assessoria técnica e social aos assentamentos de reforma agrária: uma análise qualitativa das ações do projeto Lumiar no estado do Rio de Janeiro.** Ano 15. n. 20 p. 131-155, 2012.

LARA JÚNIOR, Nadir. **Análise das principais influências ideológicas na constituição do MST.** Ano 15. n. 20 p. 156-174, 2012.

SANTOS, Anderson Luiz Machados dos; DE DAVID, Cesar. **Luta pela terra e disputas territoriais na região da campanha gaúcha: o processo de formação do assentamento Conquista do Caiboaté em São Gabriel – RS.** Ano 15. n. 20 p. 175-192, 2012.

CAPOANE, Viviane; SANTOS, Danilo Rheinheimer dos. **Análise qualitativa do uso e ocupação da terra no assentamento Alvorada, Júlio de Castilhos – Rio Grande do Sul.** Ano 15. n. 20 p. 193-205, 2012.

ORIGUÉLA, Camila Ferracini. **O partido da terra: como os políticos conquistam o território brasileiro.** Ano 15. n. 20 p. 206-207, 2012.

FERNANDES, Bernardo Mançano. **Movimentos socioterritoriais e movimentos socioespaciais: contribuição teórica para uma leitura geográfica dos movimentos Sociais.** Ano 15, Edição Especial, p. 09 – 20, 2012.

PAULINO, Eliane Tomiasi. **Capitalismo rentista e luta pela terra: a fragilidade do parâmetro de renda monetária no estudo dos assentamentos rurais.** Ano 15, Edição Especial, p. 21 – 42, 2012.

MARQUES, Marta Inez Medeiros. **A atualidade do uso do conceito de camponês.** Ano 15, Edição Especial, p. 43 – 54, 2012.

FABRINI, João Edmilson. **A resistência camponesa para além dos movimentos sociais.** Ano 15, Edição Especial, p. 55 – 78, 2012.

SILVA, José Graziano; GÓMEZ, Sergio; CASTAÑEDA, Rodrigo. **“Boom” agrícola e persistência da pobreza na América Latina: algumas considerações.** Ano 15, Edição Especial, p. 79 – 92, 2012.

ALTIERI, Miguel A. **Agroecologia, agricultura camponesa e soberania alimentar.** Ano 15, Edição Especial, p. 93 – 102, 2012.

ELIAS, Denise. **Ensaio sobre os espaços agrícolas de exclusão.** Ano 15, Edição Especial, p. 103 – 126, 2012.

HEREDIA, Beatriz Maria Alásia de. CINTRÃO, Rosângela Pezza. **Gênero e acesso a políticas públicas no meio rural brasileiro.** Ano 15, Edição Especial, p. 127 – 154, 2012.

MOREIRA, Emilia; TARGINO, Ivan. **De território de exploração a território de esperança: organização agrária e resistência camponesa no semi-árido paraibano.** Ano 15, Edição Especial, p. 155 – 176, 2012.

SILVA, Silvio Simione da. **O espaço agrário acreano nas últimas décadas do século XX.** Ano 15, Edição Especial, p. 177 – 184, 2012.

CLEMENTS, Elizabeth Alice. **Agrarian reform, food sovereignty and the MST: socio-environmental impacts of agrofuels production in the Pontal do Paranapanema region of São Paulo state, Brazil.** Ano 15. n. 21 p. 08-32, 2012.

FABRINI, João Edmilson; ROOS, Djoni; MARQUES, Erwin Becker; GONÇALVES, Leandro Daneluz. **Lutas e resistências no campo paranaense e o projeto Dataluta-PR.** Ano 15. n. 21 p. 33-49, 2012.

DAL POZZO, Clayton Ferreira. **Pelo espaço ou pelo território? Possibilidades de articulação para se compreender a territorialidade e a fragmentação socioespacial.** Ano 15. n. 21 p. 50-68, 2012.

PIEDRACUEVA, Maximiliano. **Aportes metodológicos de la teoría del desarrollo territorial.** Ano 15. n. 21 p. 69-78, 2012.

MORENO, Glaucia de Sousa; GUERRA, Gutemberg Armando Diniz. **O drama da instalação de famílias agricultoras na mesorregião sudeste paraense.** Ano 15. n. 21 p. 79-99, 2012.

PATRÍCIO, Patrícia Cartes; GOMES, João Carlos Costa. **Desenvolvimento rural sustentável, planejamento e participação.** Ano 15. n. 21 p. 100-113, 2012.

MOTA, Juliana Grasiéli Bueno. **Movimento étnico-socioterritorial Guarani e Kaiowa no estado de Mato Grosso do Sul: disputas territoriais nas retomadas pelo Tekoha-Tekohará.** Ano 15. n. 21 p. 114-134, 2012.

ROSSETTO, Onélia Carmem; GIRARDI, Eduardo Paulon. **Dinâmica agrária e sustentabilidade socioambiental no Pantanal brasileiro.** Ano 15. n. 21 p. 135-161, 2012.

OMENA, Maria Luiza Rodrigues de Albuquerque; SOUZA, Roberto Rodrigues de; SOARES, Maria José Nascimento. **Contradições do programa sergipano de biodiesel.** Ano 15. n. 21 p. 162-172, 2012.

GARRIDO, Hellen Charlot Cristancho. **Vivir bien ¿paradigma no capitalista?** Ano 15. n. 21 p. 173-180, 2012.

AVILA, Camilo Alejandro Bustos. **O componente social do Plano Colômbia e a territorialidade da comunidade camponesa-indígena Awá do departamento de Putumayo (Colômbia).** Ano 16. n. 22. p. 09-26.

BARRI, Juan. **Renta Agraria em contextos de alta productividad: las contradicciones emergentes en el actual régimen de producción agropecuaria argentino.** Ano 16. n. 22. p. 27-42.

LOBOS, Damian Andres. **Los territorios de la desposesión: los enclaves y la logística como territorialización del modelo extractivo sudamericano.** Ano 16. n. 22. p. 43-54.

BELLACOSA, Julia Marques. **Os desafios da produção camponesa frente à expansão dos agrocombustíveis, o assentamento Monte Alegre: Araraquara-SP.** Ano 16. n. 22. p. 55-81.

OYAHANTÇABAL, Gabriel. **Los tres campos em la cueston agraria en Uruguay.** Ano 16. n. 22. p. 82-95.

MACEDO, Magno Roberto Alves; DARNET, Laura Angélica Ferreira; THALÊS, Marcelo Cordeiro; POCCARD-CHAPUÍS, Rene. **Configuração espacial do desflorestamento em fronteira agrícola na Amazônia: um estudo de caso na região de São Félix do Xingu, estado do Pará.** Ano 16. n. 22. p. 96-110.

MACHADO, Maria Rita Ivo de Melo; ALBUQUERQUE, Mariana Zerbone Alves de. **Nova lógica na produção de cana-de-açúcar na Zona da Mata pernambucana: transformações fundiárias para a perpetuação das relações de poder.** Ano 16. n. 22. p. 111-126.

VARGAS, Daiane Loreto. **Trabalho dos extensionistas no contexto da ATES: o caso dos assentamentos de Candiota/RS.** Ano 16. n. 22. p. 127-137.

CARDONA, David Vásquez. **Disputas territoriales con el capital, las subordinaciones, paradigmas y modelos de desarrollo.** Ano 16. n. 23. p. 09-26.

VINHA, Janaina Francisca de Souza Campos. **Território (i)material e Geografia Agrária: Paradigmas em Questão.** Ano 16. n. 23. p. 27-42.

MITIDIERO JUNIOR, Marco Antônio. **Agricultura de beira de estrada ou agropecuária marginal ou, ainda, o campesinato espremido.** Ano 16. n. 23. p. 43-59.

CUBAS, Tiago Egídio Avanço. **Aspectos da formação da opinião pública paulista: um estudo baseado no Dataluta jornal de 1988 a 2010.** Ano 16. n. 23. p. 60-80.

CASTRO, Cloves Alexandre. **Movimento social e geografia: contribuição ao debate.** Ano 16. n. 23. p. 81-108.

MORALES, Selene. **La “sojización” y la tierra en disputa: desarrollo del capitalismo agrario en Uruguay.** Ano 16. n. 23. p. 109-130.

SILVA, Tanise Pedron da; COSTABEBER, José Antônio. **A (re)organização da produção: um estudo da segurança alimentar nos assentamentos de reforma agrária Santa Rita e Sepé Tiaraju, município de Capão do Cipó (RS).** Ano 16. n. 23. p. 131-149.

SILVA, Raimundo Pires. **As especificidades da nova ATER para agricultura familiar.** Ano 16. n. 23. p. 150-166.

RIBEIRO, Leandro Nieves. **A Via Campesina: a globalização e o poder do campesinato.** Ano 16. n. 23. p. 167-170.

ALMEIDA, Rosemeire Aparecida de; HÉRNANDEZ, David Gallar; COLADO, Ángel Calle. **A “nova” questão agrária em Andalúcia: processos de recampesinização em tempos de impérios agroalimentares.** Ano 17. n. 24. p. 09-35.

CUTINELLA, César. **La cuestión agraria uruguaya en los manuales escolares de geografía: una aproximación a su evolución histórica.** Ano 17. n. 24. p. 36-50.

BATISTA, Ândrea Francine. **A formação e a organização política na territorialização contra-hegemônica: a experiência da Via Campesina sudamérica.** Ano 17. n. 24. p. 51-70.

BELO, Diego Carvalho; PEDLOWSKI, Marcos Antônio. **Acampamentos do MST e sua importância na formação da identidade do sem terra.** Ano 17. n. 24. p. 71-85.

JARA, Cristian Emanuel; SPERAT, Ramiro Rodríguez; RINCÓN, Luis Felipe. **La agricultura familiar en el desarrollo rural: continuidades y rupturas del paradigma neoliberal en argentina y Colombia.** Ano 17. n. 24. p. 86-106.

PASINI, Isabela Leão Ponce; FIÚZA, Ana Louise de Carvalho; SILVA, Douglas Mansur da. **Modernização nas comunidades negras rurais do Sapê do Norte: discursos e práticas de (des)envolvimento e meio ambiente.** Ano 17. n. 24. p. 107-121.

SILVA, Rafael Navas; SILVA, Ivone da; MARTINS, Cibele Chalita. **Formação de coletores de sementes nativas da mata atlântica.** Ano 17. n. 24. p. 122-132.

NORDER, Luis Antônio Cabello. **Controvérsias sobre a reforma agrária no Brasil (1934-1964).** Ano 17. n. 24. p. 133-145.

VASSALLO, Miguel; CHAVES, Ethel Ferreira. **Colonización y nuevas formas de acceso a la tierra de productores familiares: enseñanzas de la colonia Maestro Soler en Uruguay.** Ano 17. n. 24. p. 146-166.

COSCIONE, Marco; PINZÓN, Viviana García. **Paro nacional agrario en Colombia: TLCS y perspectivas del movimiento social y popular.** Ano 17. n. 24. p. 167-190.

ZIMERMAN, Artur. **Conhecendo a questão agrária por seus atores.** Ano 17. n. 24. p. 191-200.

BRUSCHI, Rita. **Manifestaciones de la cuestión agraria en Uruguay.** Ano 17. n. 25. p. 10-24.

PORTO, José Renato Sant'Anna. **O discurso do agronegócio: modernidade, poder e "verdade".** Ano 17. n. 25. p. 25-46.

NAHUN, João Santos; PAIXÃO JÚNIOR, Paulo Roberto Carneiro. **Encontros e desencontros: fronteira, agronegócio da soja e campesinato no Planalto Santareno (PA).** Ano 17. n. 25. p. 47-70.

COELHO, Douglas Cristian; FABRINI, João Edmilson. **Produção de subsistência e autoconsumo no contexto de expansão do agronegócio.** Ano 17. n. 25. p. 71-87.

SILVA, Mariele de Oliveira; ALMEIDA, Rosemeire Aparecida de. **Reforma agrária nos municípios de Cáceres/MT e Selvíria/MS: agronegócio, subordinação e emancipação camponesa.** Ano 17. n. 25. p. 8-101.

SANTOS, Rafael de Oliveira Coelho dos. **A expansão do agronegócio sobre os assentamentos da reforma agrária: o caso do PA Fazenda Primavera (Andradina-SP).** Ano 17. n. 25. p. 102-135.

LEITE, Vinícius Rocha; PEDLOWSKI, Marcos Antonio; HADDAD, Ludimila Neves. **Assentamentos de reforma agrária como agentes de recuperação da cobertura vegetal em paisagens degradadas de Mata Atlântica na região norte fluminense.** Ano 17. n. 25. p. 136-146.

NAVAS, Rafael; KANIKADAN, Andréa Yumi Sugishita; SANTOS, Kátia Maria Pacheco; GARAVELLO, Maria Elisa de Paula Eduardo. **Políticas públicas e comunidades tradicionais: uma análise dos projetos de desenvolvimento local sustentável na Mata Atlântica.** Ano 17. n. 25. p. 147-161.

SOARES, Simone Fernandes. **Um processo de capacitação de jovens e adultos remanescentes de quilombolas dos Caetanos de Capuan, Caucaia – Ceará.** Ano 17. n. 25. p. 162-181.

PEREIRA, Lorena Izá. **Políticas fundiárias no Brasil: uma análise geo-histórica da governança da terra no Brasil.** Roma: International Land Coalition (Resenha). Ano 17. n. 25. p. 182-185.

RIBEIRO, Leandro Nieves. **A dialética da agroecologia: contribuição para um mundo com alimentos sem veneno.** São Paulo: Expressão Popular (Resenha). Ano 17. n. 25. p. 186-191.

TRICHES, Rozana Maria; GRISA, Cátia. **Entre mudanças e conservadorismos: uma análise dos programas de aquisição de alimentos (PAA e PNAE) a partir da retórica da intransigência.** Ano 18. n. 26. p. 11-28.

CLEMENTS, Elizabeth Alice. **Addressing rural poverty and food insecurity through local food purchasing and school lunch programs: PAA Africa, PRONAE and the creation of institutional markets in Mozambique.** Ano 18. n. 26. p. 29-52.

CHRISTANCHO GARRIDO, Hellen Charlot. **Abordagem territorial da segurança alimentar: articulação do campo e da cidade no Programa de Aquisição de Alimentos (PAA): considerações sobre o caso colombiano.** Ano 18. n. 26. p. 53-71.

PEIXOTO, Angêla Maria; OLIVEIRA, Adriano Rodrigues. **Abordagem territorial nas políticas públicas de desenvolvimento rural: uma análise do PAA para a produção camponesa no município de Ipameri-GO.** Ano 18. n. 26. p. 72-94.

SILVA, Arthur Boscaroli; PEDRON, Nelson Rodrigo. **Reprodução do campesinato através de políticas públicas voltadas para a agricultura familiar: a dinâmica do Programa Nacional de Alimentação Escolar (PNAE) em Ourinhos-SP.** Ano 18. n. 26. p. 95-112.

TEIXEIRA, Carine Andrade; NORDER, Luís Antonio Cabello. **Participação indígena no Programa de Aquisição de Alimentos (PAA).** Ano 18. n. 26. p. 113-124.

CORADIN, Cristiane; SOUZA, Renato Santos. **Os quilombolas e o Programa de Aquisição de Alimentos (PAA) no Vale do Ribeira Paraná: diversidades culturais, enquadramentos burocráticos e ações dos mediadores técnicos e sociopolíticos.** Ano 18. n. 26. p. 125-148.

LEAL, Sidney Cássio Todescato. **O Programa de Aquisição de Alimentos (PAA) no Pontal do Paranapanema.** Ano 18. n. 26. p. 149-166.

COCA, Estevan Leopoldo de Freitas. **O Programa de Aquisição de Alimentos (PAA) como uma política pública emancipatória no território Cantuquiriguaçu-PR.** Ano 18. n. 26. p. 167-184.

VINHA, Janaína Francisca de Souza Campos; SCHIVINATTO, Mônica. **Soberania alimentar e territórios camponeses: uma análise do Programa de Aquisição de Alimentos (PAA).** Ano 18. n. 26. p. 185-205.

GOLDFARB, Yamila. **Consolidação da hegemonia das corporações, monopolização do território e acumulação por espoliação: o caso da Cargill no Brasil e na Argentina.** Ano

18. n. 27. p. 11-37.

VÁSQUEZ CARDONA, David. **La crisis cafetera: elementos para una discusión sobre los análisis de los sistemas alimentarios.** Ano 18. n. 27. p. 38-52.

MAGGI, Leonardo Bauer. **Itaipu e a formação do território do capital.** Ano 18. n. 27. p. 53-63.

SOBREIRO FILHO, José. **O(s) movimento(s) por trás das dissensões: rupturas, agregação, lideranças e poder nas dissidências do Pontal do Paranapanema.** Ano 18. n. 27. p. 64-95.

MORAES, Vitor de; WELCH, Clifford Andrew. **A disputa territorial e o controle das políticas no território Cantuquiriguaçu - estado do Paraná: a participação dos movimentos socioterritoriais e o papel do estado.** Ano 18. n. 27. p. 96-112.

ORIGUÉLA, Camila Ferracini. **Análise do processo de espacialização do MST no estado de São Paulo em diferentes contextos histórico-geográficos.** Ano 18. n. 27. p. 113-137.

NAVAS, Rafael; KANIKADAN; Andréa Yumi Sugishita; SANTOS, Kátia Maria Pacheco dos; GARAVELLO, Maria Elisa de Paula Eduardo. **Transição alimentar em comunidade quilombola no litoral sul de São Paulo/Brasil.** Ano 18. n. 27. p. 138-155.

NETO, João Augusto de Andrade. **A teoria e a prática do MST para a cooperação e a organização em assentamentos rurais.** Ano 18. n. 27. p. 156-182.

ROS, César Augusto Da; PICCIN, Marcos Botton. **A implantação do programa de assessoria técnica, social e ambiental aos assentamentos de reforma agrária no estado do Rio de Janeiro nos anos de 2002 a 2008: diretrizes, formatos institucionais e dinâmica de execução.** Ano 18. n. 27. p. 183-213.

SILVA, Edson Batista; CALAÇA, Manoel. **Disputas pela terra e na terra: possibilidades para produção agroecológica no assentamento Cunha, em Cidade Ocidental, GO.** Ano 18. n. 27. p. 214-239.

VASCONCELOS, Joana Salém. **Propriedade coletiva em debate: caminhos da revolução agrária em Cuba (1959-1964).** Ano 18. n. 27. p. 240-258.

PAZ, Raúl; LIPSHITZ, Héctor; ZERDA, Hugo Raúl; TIEDEMAN, José. **Estructura agraria, áreas de concentración de la agricultura familiar y procesos de expansión de la frontera agropecuaria en Santiago del Estero, Argentina.** Ano 18. n. 27. p. 259-279.

GALLAR HERNÁNDEZ, David; ALMEIDA, Rosemeire Aparecida de. **Revisitando la agroecología: entrevista a Eduardo Sevilla Guzmán.** Ano 18. n. 27. p. 280-295.

RIBEIRO, Edson Sabatini. **RESENHA: Dinâmicas de classe da mudança agrária.** Ano 18. n. 27. p. 296-300.

MANRIQUE, Luis Felipe Ricón. **(Neo)extrativismo e despojo no sul global: conflitos e resistências nos territórios.** Ano 18. n.28. p.09-18.

ARACH, Omar. **Problemática y febril. Una mirada a la expansión del biodiesel en argentina.** Ano 18. n. 28.p.19-31.

GOLDFARB, Yamila. **Expansão da soja e financeirização da agricultura como expressões recentes do regime alimentar corporativo no Brasil e na Argentina: o exemplo da Cargill.** Ano 18. n.28. p.32-67.

ACOSTA Claudia Yolima Devia. **Orinoquia colombiana, la influencia del agronegocio y la actividad petrolera: territorialidades en disputa.** Ano 18. n. 28. p.68-91.

BINSZTOK, Jacob; CARNEIRO, Mônica. **Integração nacional, desenvolvimento capitalista e projetos modernizantes na Amazônia: retrospectiva e perspectiva de despojos da mineração Rio do Norte – PA.** Ano 18. n.28. p.92-105.

MATO, Elmer Agostinho Carlos de; MEDEIROS, Rosa Maria Vieira. **Exploração do carvão mineral de Benga em Moçambique e a expropriação da terra dos nativos: alguns apontamentos referentes à acumulação por espoliação.** Ano 18. n.28. p.106-131.

RODRIGUEZ, Violeta R. Nuñez. **Minería en México en el marco de la acumulación por desposesión.** Ano 18. n.28. p. 132-148.

WAHREN, Juan ;SCHVARTZ, Agustina. **Disputas territoriales en el valle del intag en Ecuador: de la resistencia social contra la mega-minería a la creación de alternativas al desarrollo.** Ano 18. n.28. p.149-164.

RIEIRO, Anabel; POSADA, Valentina. **Megaminería en Uruguay:conflictos estructurantes de un nuevo campo en disputa.** Ano 18. n.28. p.165-185.

DRUMOND, Nathalie. **A guerra da água na Bolívia: a luta do movimento popular contra a privatização de um recurso natural.** Ano 18. n.28. p. 186-205.

MIGUEZ, Susana Edith Rapp; TORIZ, Rosalia Vázquez; CAPILA, Maristela Amaro; MENDOZA, Xóchilt Formacio. **La disputa por los territorios rurales frente a la nueva cara del extractivismo minero y los procesos de resistencia en Puebla, México.** Ano 18. n.28. p.206-222.

FALERO, Alfredo. **La potencialidad heurística del concepto de economía de enclave para repensar el territorio.** Ano 18. n.28. p.223-240.

GÓMEZ, Sergio. **Las directrices voluntarias sobre gobernanza responsable de la tenencia de los recursos naturales y su aplicación desde América Latina.** Ano 18. n.28. p. 241-264.

ZICARI, Julián. **Neoextractivismo en Sudamérica. El caso del litio.** Ano. 18. n. 29.p.10-47

PEREIRA, Lorena Izá. **Governança da posse e estrangeirização de terras: apontamentos e perspectivas.** Ano. 18. n. 29.p. 48- 69.

FACCO, Vinicius Antonio Banzano. **Alternativas aos impérios agroalimentares a partir do campesinato agroecológico: as experiências do acampamento agroflorestal José Lutzenberger (MST-Antonina/PR).** Ano. 18. n. 29.p.70- 100.

BATISTA, Edimar Eder. **Complexidade das relações entre campo e cidade: perspectivas teóricas.** Ano. 18. n. 29.p.101-132.

DETTMER, Carlos Alberto; SILVA, Nardel Luiz Soares da. **Agricultura familiar – estudo de caso no assentamento Teijin, município de Nova Andradina, MS.** Ano. 18. n. 29.p.133-150.

MOREIRA, Fabiano Greter; SCHILINDWEIN, Madalena Maria. **Sucessão da gestão na agricultura familiar: um estudo de caso no assentamento Santa Olga no município de Nova Andradina em Mato Grosso do Sul.** Ano. 18. n. 29.p. 151-173.

CANDIOTTO, Luciano Zanetti Pessôa; GRISA, Felipe Fontoura; SCHIMITZ, Luiz Antonio. **Considerações sobre a experiência de construção de cisternas em Unidades de Produção e Vida Familiares (UPVFs) do município de Francisco Beltrão – Paraná.** Ano. 18. n. 29.p.174- 193.

VENTURA, Cláudio Barbosa. **Formação continuada de professores das escolas do campo no município de Governador Valadares – MG.** Ano. 18. n. 29.p.220 -232.